

**Você Ainda Chora  
Quando Ouve Música?**

Luis Gonzaga Vieira

## ÍNDICE

Você Ainda Chora Quando Ouve Música?	1
Artigo do Dia: Coração,	8
Bar'dos,	9
Elegia,	19
Um Homen da Minha Idade,	23
Contracanto,	34
Outono,	39
Big Close Up,	44
Sala de Concertos,	45
O Quadragésimo Quarto Ano de Nossa Vida,	55
Lixo,	56
Number Nine,	64
Pour Elise,	70
Linha 121, Copacabana,	76
Senão Vejamos,	85
Estritamente Familiar,	9
Mãe de Misericórdia,	102
E Como os Homens Felizes Não Têm História...,	111
Trouxinhas de Maconha,	119
Câmara-Olho,	129
Túnel,	138
Música Contemporânea,	142
Tango Argentino,	158
Nostalgia,	164
Álbum,	166
Cidade,	171
A Situação Em Que Nos Encontramos,	175
Rapsódia Interrompida,	199
Últimas Notícias,	209

a loucura de Nietzsche, a surdez de Beethoven, o corpo deformado do Aleijadinho, a pobreza de Schubert, a tuberculose de Chopin, a loucura final de Schuman, as torturas e neuroses de Tchaikovsky, a deformidade de Toulouse-Lautrec, a cegueira de Milton, o suicídio de Stefan Zweig, a pederastia católica de Lúcio Cardoso, a tuberculose de Kafka, a cegueira de Joyce, o suicídio de Arthur Koestler, a morte suspeita de Hemingway, o suicídio da poeta americana Sylvia Plath aos 30 anos de idade, o alcoolismo de Faulkner e Scott Fitzgerald, o mau caráter de Wagner, a viuvez e morte de Simone de Beauvoir, a esquizofrenia de Clarice Lispector e Maura Lopes Cançado, a cicuta de Sócrates, o assassinato de John Lennon, o cárcere de Graciliano Ramos, o machismo de Henry Miller, o desemprego crônico de Marx, as angústias metafísicas de Dostoiévski, o isolamento de Rosário Fusco, a tuberculose de Keats, o suicídio por afogamento de Virgínia Woolf, o câncer de Freud, o suicídio ou assassinato de frei Tito, a loucura de Ernesto Nazaré, a pederastia do ladrão Genet, a vesguice e morte de Sartre, a negritude de Abdias do Nascimento, as alucinações e o suicídio de Van Gogh, o provável suicídio da pagã e anarquista Florbela Espanca, o suicídio de Antero de Quental, o homossexualismo de Oscar Wilde, a raça e a loucura e o alcoolismo de Lima Barreto, o suicídio de Raimundo de Oliveira, a cirrose de Buñuel, as "insanidades" de Qorpo Santo, as neurastenias e tuberculose de Augusto dos Anjos, o suicídio de Ana Cristina César aos 31 anos de idade, o suicídio do pintor paranaense Miguel Bakun que morreu pobre e esquecido, a sífilis e a gonorreia e o alcoolismo de Tolstói, a vida miserável do poeta negro Cruz e Souza, o suicídio de Pedro Nava, a misantropia e epilepsia de Byron, os 60 anos de Luis Gonzaga Vieira.

## VOCÊ AINDA CHORA QUANDO OUVI MÚSICA?

Parece que todo mundo tá fim de falar de si mesmo, contando os próprios casos, mostrando o que pensa a respeito das coisas. Chego lá no buteco e o fulano começa a me falar dele, o que ele faz, como vive, o tempo todo falando de si mesmo e nem de longe desconfiando que eu também tenho minhas coisas pra dizer. No buteco há pessoas que não são nem mesmo assalariadas mínimas, gente que mal tem roupa pra vestir, que vende bebida na praia e biscateia por aí com todo tipo de bugigangas, sempre procurando tapear os turistas de outros estados e principalmente de outros países. Eles enrolam os gringos do modo que podem. Há caras que não têm qualquer estudo, mas que falam seu inglês aprendido no contato diário com os gringos. Eles então chegam e ficam o tempo todo me contando a vida deles, contando vantagens, me chamando de doutor, professor, falando de filhos e parentes, todos com aquela necessidade (ou sei lá o quê) de mostrar que têm dinheiro e certo status, e que também são importantes, justamente eles que não têm nada disso, não são nada disso. Praticamente não têm dinheiro nem pra cachaça, mesmo assim fazem questão de me pagar uma cerveja, não apenas por amizade e simpatia, mas para mostrar que também têm dinheiro, pô! Têm pouco mas têm, pra gastar com os amigos. O cara vende bebida na praia, depois vem me explicar que não precisa daquilo, que lá na casa dele, em Jacarepaguá, tem fartura, tem tudo, tem televisão preto e branco e a cores, o que os filhos pedem ele dá, não precisa daquele trabalho ali na praia não, que isso! O cara fala durante meia hora sem parar, sempre dando a impressão de que vai embora mas voltando sempre ao mesmo assunto. Não deixa a gente falar o desgraçado, diz que já mexeu com "comunicação". Comunicação pra ele é TV Globo e Chacrinha. O sr. é doutor em quê? É advogado? Sr. sabe onde o Chacrinha morava? Eu sei! Conheço o caso todo da Vanderléia com o filho dele, não esqueço nada. Eu já mexi com "comunicação", faz tempo. Isso de ficar filmando os outros com a máquina igual aquele gringo ali isso eu já fiz com esses braços aqui, é. Ele falava a palavra

"comunicação" com a boca cheia, como se estivesse me revelando uma coisa da maior importância. E eu lá ouvindo, pensando como é que esse povo teria consciência política se praticamente só pensam e falam neles mesmos, o tempo todo expondo os próprios problemas, sem nunca passar pela cabeça deles que eu também tenho meus problemas, que estou com salário atrasado três meses e a cabeça razoavelmente fundida. Não, eles não dão tempo da gente falar porque ficam o tempo todo falando deles mesmos, sempre procurando a companhia de amigos e conhecidos pra se distrair, pra não ficar sozinho, pra levar um papo ou qualquer outra coisa. Com a voz cantante de nordestino Severino me dizia que quando fecharem o buteco pra reforma ele vai ver os parentes dele no nordeste. Severino tem só 20 anos, e já vai usar dentadura. Trabalha ali faz tempo. Me chama de Botafogo e eu chamo ele de Flamengo. Chego e ele já vai pondo uma cervejinha pra mim. Engraçado também é ver como ficam com espécie de ciúmes e rivalidade um do outro quando conversam comigo. Por exemplo: Mineiro estava conversando comigo no buteco, naturalmente falando da vida dele, da final do campeonato entre Flamengo e Vasco, me exibindo alguns conhecimentos que ele tinha e rindo muito, ele sempre ri muito, não está tão assim por fora das coisas não, ele saca bem certas coisas, embora sem aprofundar muito, é lógico, ele é inteligente, gosta de ler esses livrinhos que o Sandro vende ali na banca, o Sandro empresta pra ele. Chega o Capitão, que vende bebida na praia, e também entra na conversa. Capitão estava bêbado e ele fica chato pra burro quando bebe, abraça a gente, diz que é grande amigo da gente, que é uma grande satisfação ele ser amigo da gente. É assim: Mineiro fala alguma coisa, Capitão vem e fica na minha frente, de costas pro Mineiro, me afastando do Mineiro, me dizendo baixinho pra eu tomar cuidado com ele, que ele não é boa gente, não é amizade que sirva pra mim. Capitão diz que vai me contar quem é boa gente aqui no Leme, Mineiro não era. Mineiro não ligava, continuava rindo e falando, ele ria e falava o tempo todo. Aliás, todo mundo ali falava bastante, tinham sempre muitos casos pra contar. Eu mesmo costumava falar alguma coisinha, quando conseguia fazer com que ficassem calados pelo menos alguns

segundos. Se bem que a pessoa não estava prestando atenção em mim, estava era esperando que eu parasse de falar pra que ela então começasse a falar de si mesma. Dentro do balcão o dono do buteco implicava com Mineiro e Capitão, pedindo pra eles me deixarem sossegado. Olhaí, cara, o freguês quer ficar sozinho. Era assim, o tempo todo falando de si mesmos, contando que a filha estava na faculdade, que ele era sacio de um clube bacana bem lá no fim do Leblon, sabe onde? Clube só de gente fina, de família, não tem essa negrada aí não. O português dono do buteco gostava de menosprezar a turminha, ou gostava de se colocar numa posição superior, de cara que sempre foi patrão de si mesmo, sempre, teve carro, de mostrar que estava acima daqueles fregueses todos. Ele dizia tudo isso e dava uma risadinha de satisfação. Mais uma, patrão?

E ria. Então o dono do buteco falava naquela gatinha, na criolada do morro, na maconha que rolava solta por ali, no samba que ficavam batucando logo no outro buteco da esquina, dançando e enchendo o esqueleto, horas e horas se rebolando, podia estar o maior calor que ficavam ali horas e horas se rebolando. Ele menosprezava aqueles caras todos e se colocava numa posição superior, moral elevada, essa coisa toda, anel no dedo junto com a aliança, o carro azul dele parado logo ali mesmo na frente. Como aquele neguinho bacana, pedreiro e pintor de parede, que conversava comigo porque, segundo ele, queria melhorar de nível, queria ficar perto de alguém mais inteligente como o doutor aqui, não queria se misturar no meio de qualquer um. Porque no buteco eles se sentiam importantes pelo fato de eu ter saco suficiente pra ouvir tudo o que diziam, e embora eu ali nunca falasse em coisas "importantes" como literatura e jornal e ninguém soubesse qual minha profissão, qual, meu nome ou apelido, em que rua do Leme eu morava. Mas e que minha cara e mesmo de intelectual, de doutor, de professor, como esse pessoal me chamando. Cheguei ali no outro buteco da Gustavo Sampaio, era de manhã, eu ia apenas tomar um cafezinho, e lá estava um fulano esfarrapado bebendo sua cervejinha, já estava razoavelmente bêbado. Não sabia quem era, mas ele me falou alô e eu respondi alô, tudo bem? E continuei

tomando meu cafezinho. Aí o fulano ficou falando que eu era homem de gabinete, intelectual. Mas minha cara é assim mesmo, a de intelectual brasileiro pequeno burguês, careca, óculos, metido a sério, cinquentão. Mas não eram só eles no buteco, certos amigos escritores também falavam o tempo todo e não deixavam ninguém mais falar, a não ser que uma fala atropelasse a outra. O escritor chega e começa a me falar dos problemas dele, da falta de dinheiro, da vida fodida que a gente arrasta, de tudo o que tem pra receber na justiça do trabalho e que não recebeu até hoje. Ele fala bastante em dinheiro, gasta o menos que pode, subloca o apartamento, o capeta. E certa vez me telefonou dizendo que tinha uma notícia muito importante pra me dar, coisa do meu interesse. Fui lá na casa dele em Copacabana e a notícia importante era o próximo livro que ele ia editar. Quer dizer: pensei que ele tivesse me arrumado um editor, eu estava pensando em mim, mas era o livro dele que estava sendo editado. Ele é bom escritor, gosto dos livros dele. Mas quando uma pessoa fala de coisa do interesse da gente, a gente não vai pensar na pessoa mas na gente mesmo. E foi o que pensei. Eu pensei que ele podia, de vez em quando pelo menos, perguntar como é, que iam os livros que eu estava escrevendo, como é que eu estava de editor, como é que eu tinha conseguido sobreviver, essa coisa toda. Mas não, ele só falava nas coisas dele, no dinheiro, nos livros editados, na briga com os editores, nas dificuldades. Num daqueles bares perto da Siqueira Campos a gente encontrou uns amigos, que saíram logo e deixaram a bebida paga. Então a gente pegou no copo e puxou o pratinho de queijo que haviam deixado pra nós. Eu então pensei que o amigo não era pão duro não, era controlado, econômico, lutava muito, dava um duro desgraçado. Com a maior tranquilidade ele disse que tinha 41 anos, mas que eu tinha muito mais do que isso! Com a maior tranquilidade eu não disse nada, pois deixei a frase perdida na fumaça do bar. Na verdade, eu acho mesmo é que, diante da turma do buteco e diante de certos amigos e colegas, eu pareço aquele personagem da TV, porque os caras falam tanto que de certo modo é como se estivessem me dizendo pra eu calar a boca. Cala a boca, Batista! Depois então a gente bebeu a saideira, ele foi pra casa

dele e eu vim aqui pro Leme pela Avenida Atlântica, no calçadão, vim andando bem devagar porque estava bem triste, enterrado em mim mesmo, olhando os prédios iluminados e pensando na inutilidade de todo socialismo bem intencionado, já que as pessoas (e eu) estão muito interessadas nelas mesmas pra pensar em outra coisa. Então cheguei em casa e tive muita vontade de chorar, tive vontade de lamentar tudo, o dinheiro e o emprego, minha descomunal insegurança, e essa coisa tremenda de eu me sentir sempre tão desprotegido, tão vulnerável, tão exposto. Minha mulher disse que eu podia chorar, mas nem chorar eu pude. Não quis nem mesmo jantar, tinha bebido mais do que queria, justamente numa segunda feira, dia em que nunca bebo, porque só bebo nos fins de semana e feriados. Depois também, com esse calor e essa claridade toda de verão, realmente não dá pra chorar, mesmo se a pessoa sabe que está condenada a viver, ainda bem que por pouco tempo. Pra dizer a verdade, eu não me importava muito com o cara ficar o tempo todo falando de si mesmo, só que às vezes meu saco implodia. É que eu queria ficar sozinho, pensando comigo mesmo, vendo a paisagem e as pessoas dentro da paisagem, sentindo profundamente tudo. Como aquele amigo que tem necessidade de falar o tempo todo, se não falar ele se sente mal, tem que falar, tem que mostrar pra gente as músicas que está compondo, perguntar o que a gente está achando da coluna dele no jornal, assim, sempre apressado. Ele mostrou o dedo e riu: olha aqui, estou noivo. No buteco o cara dizia que a mulher dele tava com a moral toda e que ele era o cara mais bem visto pelo patrão porque trabalhava bem: é assim, qualquer coisa que eu pego eu faço bem e dá certo, eu trabalho bem. E quero muito respeito com a minha nêga também, tá? É isso, eles gostavam de falar em respeito, de impor respeito, mesmo que estivessem abraçados numa piranha, pois também exigiam que respeitassem que sem a piranha que estava na companhia deles ali. A verdade é que cada um era, sem qualquer dúvida, o próprio herói, e era como herói de si mesmos que falavam. Diziam: eu sou mais eu, comigo e assim mesmo, não tem papo! Diziam: que nem eu, só eu mesmo! Nos casos que contavam eles eram sempre vencedores, eram os personagens principais, os mocinhos do filme, estavam sempre com a



razão, sempre em vantagem, eram perfeitos, não erravam, não sabiam errar. Ele veio, pediu uma cachaça, bateu aquela mãozona em cima do balcão e disse: Roberto Carlos é o maior cantor do Brasil, e tá acabado, não adianta falar porque é mesmo. E realmente não adiantava, pois todos tinham toda razão e não ouviam direito a opinião do próximo, apesar de reconhecerem que uns tinham mais ideia que os outros. Eu, por exemplo, sou doutor pra eles. Minha mulher tem muita cabeça, dizia ele batendo o dedo na testa, ela tem entendimento das coisas, tem raciocínio. Eu não estudei não, mas meus filhos eu faço questão de pôr eles na escola. Não pode é estudar muito senão fica bobo, é sim, já vi nego andando aí na rua que nem bobo, estudou demais, deu nisso. Fui garageiro 13 anos, agora não dá mais, é muita responsa, quero continuar porteiro de edifício mesmo. Eu então vim andando assim pela Atlântica, pensando em tudo o que os outros me falavam, naquele modo de um querer impor a própria ideia ao outro e de mostrar, cada um, sua "filosofia de vida", pensando também na minha situação de escritor fodido e jornalista mal pago. Não. Eu não estava triste. Ou por outra: a tristeza em mim virou melancolia, não como a melancolia das melodias elegíacas de Grieg, mas como aquela funda melancolia de Sibelius em O Cisne de Tuonela. Me lembro que Macaé, por exemplo, não ficava enchendo muito o saco da gente, ele falava embrulhado, falava e xingava sozinho, pedia uma cachaça e fazia um sinal pra mim: olha lá, o doutor vai pagar. E ria, gargalhava lá do jeito dele. De vez em quando cantava música caipira. Raramente pedia dinheiro emprestado. Também contava casos e casos de quando estava no exército e de como havia enquadrado um tenente, é, enquadrei ele, eu tava ali de sentinela e falei quem vem lá, ninguém falou nada então eu meti fogo, aí o tenente gritou. Eu vinha assim andando pela Atlântica e pensando que, diante, desse modo como as pessoas se comportam, como é que a gente poderia pensar em socialismo, companheirismo, coletividade? Porque socialismo não pode ser coisa só de livro, de laboratório, mas de gente na rua. Naquela hora o hotel Meridien estava todo iluminado: deve-se gastar um dinheiro violento ali dentro, não? Eu passava, era apenas alguém que passava por ali, e que esperava a hora da

morte. É isso mesmo, depois dos 50 anos você tá fodido! Chegando em casa, pensei que minha mulher fosse me receber com a cara amarrada, pois costumo chegar lá pelas 20 ou 21 horas, e estava chegando às 23. Mas não. Ela me recebeu rindo, e eu já entrei falando no dinheiro que ainda não recebi, no papo que tive com o amigo, nessas pessoas que não me deixam beber sossegado no buteco, nas cervejas contrariadas que bebi. Foi quando sentei na cama e tive muita vontade de chorar. Mas nem chorar eu pude. Minha mulher perguntou se eu tinha comido alguma coisa, se eu queria jantar, eu disse que não queria nada. Disse que as pessoas ficavam o tempo todo falando nelas mesmas e já começavam a me incomodar, aquele negócio de todo mundo querer contar tudo da vida deles, compreende? confessar tudo, pouco importando se o próximo está ou não com o saco cheio. É sempre assim, as pessoas não desconfiam de nada, ou não podem desconfiar. Por isso mesmo é que falam que sou um bom papo, quer dizer: ficam o tempo todo falando, e eu fico o tempo todo escutando o caso pessoal deles. Pra dizer a verdade, nem sei mesmo como é que deitei na cama pra dormir. Só sei que cheguei em casa e tive muita vontade de chorar, mas muita mesmo, chorar como que soluça bem fundo e sentido. Minha mulher me consolou dizendo que podia, que não tinha importância. E começou então a me afagar, desse modo como se afaga um cachorrinho.

## ARTIGO DO DIA: CORAÇÃO

(ao fundo, Minas Gerais, música de Novelli e Ronaldo Bastos, na voz de Milton Nascimento)

Alguma vez você já viu matar porco? É impressionante, cara! Parece que o bicho desconfia que chegou a hora dele, então é uma tremenda dificuldade pra gente pegar. Normalmente já é difícil, porque o bichinho é arisco toda vida. Agora, você já pensou quando ele percebe que vai morrer? Porque ele sabe, ele percebe a coisa toda, é uma espécie assim de premonição, coisa parecida. E depois que a gente consegue pegar o bicho de jeito, é uma gritaria e uma esperneação que não o tem tamanho. Até que a gente consegue enfiar a faca bem no coração do garoto, com jeito, pra costela não atrapalhar, sentindo o prazer de ver a faca entrando aos poucos, o sangue esguichando. Aí a gente aproveita e estupra a namoradinha do garoto. Depois então ela também entra na faca.

## BAR'DOS

Há coisas que acontecem na vida da pessoa que ela nem sabe direito como é que aguenta. Depois também, parece que há pessoas que nasceram pra sofrer e levar porrada da vida. Você, por exemplo. Você tem uma família difícil de suportar, principalmente porque é de uma mentalidade diferente. Sua família é quadradíssima, católica, burguesa. É incrível, mas é verdade: seu pai e sua mãe vivem discutindo e brigando o tempo todo, 24 horas por dia rosnando um pro outro. E os dois discutem e brigam com todo mundo, com você e sua irmã, vivem pregando moral, dando lições de bons costumes, falando em Deus e família, e casamento na igreja com véu e grinalda, aquela cerimônia toda. Os dois só pensam numa boa situação financeira, estabilidade, velhice tranquila.

E querem que as filhas também se casem como eles e tenham filhos fortes e sadios. A grande preocupação de seu pai é com filhos sadios, porque ele teve uma filha que ficou paralítica desde pequena, todo mundo caçoava dela, então chegou um dia ela ficou tão triste e abatida que se suicidou. Seu pai nunca falou nela, era como se ela nem tivesse existido. Ele acha que mulher é pra isso mesmo, é pra casar e ter filhos, é isso que Deus quer, e o que toda mulher decente tem que fazer, mulher tem que ser submissa, saber sofrer e sacrificar-se. E seu pai não quer nem saber de filha dele andando à toa na rua, principalmente de noite. Pra ele, mulher não devia nem trabalhar, devia era ficar cuidando da casa enquanto o marido arruma dinheiro. Mas você trabalha, você é professora muito dedicada, apesar de ganhar um salário baixo, você dá aula o dia inteiro pra crianças excepcionais. De noite você sai pra rua à procura de amigos, conhecidos ou desconhecidos que costumam frequentar certos bares da zona sul da cidade, esses bares que sempre vivem cheios, com homens caçando mulheres e mulheres caçando homens, todo mundo procurando qualquer tipo de companhia e nenhum compromisso. Porque de noite você é outra pessoa, de noite você como que se liberta de tudo e sai à procura

de sensações, principalmente sexo. Como você sofreu muito com doenças graves quando era garota e adolescente, então agora você não quer absolutamente saber de filhos nem de casamento, e só vai pra cama com esses caras que encontra nos bares. Você até já mexeu nas trompas, não pode ter filhos, ainda bem. Você tem lá a casa de seus pais mas, como eles enchem demais o teu saco, você alugou um pequeno apartamento mobiliado de sala e quarto no Leme, que é um bairro pequeno e ainda tranquilo. Se seu pai começava a berrar com você, você simplesmente dava as costas e ia pro seu apartamento. Aliás, na casa de seu pai você já não tem mesmo quase nada de seu, alguma coisinha que sua irmã fica tomando conta. A verdade é que você realmente não liga nem poderia ligar para as ideias caseiras e doentias de seu pai nem se importa com o que ele pensa de você, não se importa nem mesmo que ele te chamado de vagabunda, já que ele é uma besta. Afinal, tem homem por aí que te chama de vaca e você nem liga, você até ri, você superou tudo isso, você até tem pena deles. Seu pai gosta mesmo é de sua irmã, ele acha sua irmã a mulher mais honesta do mundo. Por isso é que sua irmã queria falar com você, ela só confiava em você, você era a única pessoa que sabia ajudar e compreender os outros, você não era de dar conselhos ou de pregar moral, você não perguntava nada, você apenas agradava as pessoas, e ajudava principalmente sua irmã, que confiava cegamente em você. Ela estava chorando no quarto porque seu pai acreditava muito nela, achava que ela era uma santa, mas ela nunca foi santa, por isso precisava desabafar com alguém. Como iria contar tudo para o pai? E como ele reagiria? Vocês se abraçaram e ela chorando contou que estava grávida. Pior é que ela não sabia de quem estava grávida, pois era amante de um industrial em São Paulo e de um banqueiro em Minas, ela não sabia de quem seria o filho. Não, ela não podia ter aquele filho, ela ia abortar, ela conhecia um médico que fazia aborto. Então ela mentiu pro seu pai que precisava viajar, e vocês duas apenas se abraçaram como grandes amigas, e você voltou pra sua escola porque, de noite, teria que encontrar um rapaz meio doido que frequentava o Bar'dos e por quem você se sentia atraída no momento, ele deve ser muito bom na cama, você queria sentir aquele doido dentro de você.

Você não cobra nada, pois não é nenhuma piranha, é apenas uma moça um tanto neurótica e ninfomaníaca que gosta tremendamente de sentir um homem tocando e mexendo em todas as partes de seu corpo. Vinha um, depois outro, depois outro, cada hora um homem diferente, uma sensação nova. E você não pesa em futuro, não teve tempo ainda de pensar nisso, não gosta de pensar nesse tipo de coisa. Ganha pouco na escola, e verdade, mas agora a irmã até já se casou com um paulista milionário e não deixa que nada falte a você. Aliás, nunca faltou nada pra você, sempre teve dinheiro, de um jeito ou de outro. Seu pai, é lógico, não gostou que sua irmã se casasse assim de repente e já viesse trazendo o marido pra conhecer a família. Seu cunhado trouxe presentes pra todo mundo e depois sua irmã e ele foram morar numa mansão que ele comprou na Gávea. Ela agora levava uma vida de muito rica, tinha amigos novos, bebia muito, tomava bolinha de vez em quando, fumava maconha, essa jogada toda. Você chegou e viu todos eles ali no quarto, assistindo esses filminhos de sacanagem que seu cunhado comprou não sabia onde. Rico sempre compra o que quer. Todo mundo pelado ali na cama e no chão. Você chegou, abriu a porta, viu que estavam todos entretidos no filminho de sacanagem e saiu pra rua; você nunca foi muito amiga de sexo em grupo, preferia mesmo era sexo e sacanagem a dois, de verdade e não em filme. Foi o que o rapaz doido fez. Você vai tirando a roupa e ele ficando cada vez mais doidão. Então, sem mais nem menos, ele começa a te lamber e te morder toda, te machuca os seios e você geme, sente prazer e geme de dor, e seu amigo doido ganindo como um possesso, forte que ele é. Até que ele te penetra fundo, com aquele sexo enorme de cavalo, duro como um osso, e você quase que perde a respiração com aquilo. Ele levanta bruscamente e te deixa pasmada ali na cama. Limpa o suor do rosto, veste a roupa e se prepara pra sair. Você pergunta: que isso? Ele não responde. Não gosta de mim? Detesto mulher depois que meto nela, ele diz, são umas cadelas. Você então começa a jogar contra ele tudo o que estava ao alcance de sua mão, então ele veio e te deu o maior soco na cara, você até desmaia. No entanto, você queria apenas ter muito prazer, dar muito prazer, experimentar essas sensações todas que todo mundo vivia proibindo

e castigando. Você queria sentir tudo isso e, depois, queria que seu companheiro acariciasse você, te beijasse, passasse de leve a mão em seu rosto e dissesse alguma coisa delicada pra você, uma gentileza, um carinho, todo mundo gosta disso. Mas não. Esses homens todos querem apenas gozar e pronto, fodem e depois ficam inúteis. O rapaz doido ficara puto da vida com você. Quer dizer: não sei se ele ficou puto com você ou com ele mesmo. Ele gritou assim: vocês são umas vacas, ficam aí com a perna arreganhada e a gente é que tem de dar um duro em cima! Mas como é que ele podia falar desse jeito com você se, afinal, você não fez nada contra ele, pelo contrário, estava ali dando pra ele na base do amor e da amizade? Os homens são engraçados mesmo, eles acham que mandam nas mulheres, como se fossem donos das mulheres. E não admitem que as mulheres se revoltem. Mas você não aceita isso, você não, você fica com o homem que quiser, o tempo que quiser. Ninguém vai mandar em você, ninguém vai fazer de você uma dona de casa e mãe de família, isso nunca. Então os homens não entendem. E se você ama um deles, ele acha que tem o direito e o dever de dominar você, acha que mulher precisa mesmo é ser domada como égua de raça. Um dia, um rapaz até bem novo estava sentado sozinho no balcão do Bar'dos olhando pra lugar nenhum, um copo vazio na frente dele. Você chegou, perguntou a hora e convidou pra ele contar as mágoas dele lá no seu apartamento. Ele estava carrancudo, mas acabou rindo com o convite. Você disse que era professora, então ele perguntou como é que professora pode dar uma assim de vagabunda durante a noite. Você riu, e deitou na cama com as coxas de fora e falou pra ele vir, que de noite você não era professora não. Ele veio, disse em voz alta que era macho mas que muita gente confundia ele com bicha, não sabia por que. Porque ele gostava mesmo era de mulher, não podia passar um dia sem mulher. Então vem, você disse, puxando o garotão pra cima de você. Foi aquela luta livre desgraçada, ele te mordendo e te batendo, você protegendo o rosto com os braços e gritando. E o pau dele não subia de jeito nenhum. Então ele parou de bater em você e sentou suado na cama, a cabeça baixa, fungando. E gritou: eu sou muito macho sim, senhora! Você não aguentou e começou a rir, vestiu-se

de novo e pediu a ele que fosse embora, que voltasse outro dia, isso acontece com todo mundo, é normal, tem dia que não dá. Então ele se levantou da cama e vestiu rapidamente a roupa. Então avançou contra você pra valer, te quebrou todinha, não sei como e que você não morreu. Você ficou uns tempos no hospital, inventou todo tipo de desculpas e passou um mês sem ir à escola. Sua irmã é que te ajudou muito, e justamente na hora em que ela estava mais precisando de ajuda, pois separara do marido e estava doente, fraca, puta com a vida. Sua irmã parara com tudo, não bebia mais nada, e agora ia cuidar muito bem de si mesma, tinha ajuntado um bom dinheiro dos amantes dela e do marido. Seu pai sempre gostou tanto de sua irmã que, até mesmo agora, ele recebeu a filha como se não tivesse acontecido nada. Para seu pai, a filha dele está sempre intacta e pura como quando garotinha. No entanto, pra você ele mostrava uma cara de puto, sofredor, um chefe de família que dava conselhos mas a filha nem ligava, queria ser independente, dona do próprio nariz, não deixar ninguém se intrometer na vida dela, ninguém. Porque, realmente, você não deixa mesmo que ninguém se intrometa em sua vida, e você também nunca se intrometeu na vida de ninguém. Cada um que viva a própria vida, não é isso? Você gosta de olhar todo esse movimento justamente pra sentir as pessoas vivendo a própria vida, fazendo compras, entrando e saindo de lojas, essa agitação toda como na Nossa Senhora de Copacabana, por exemplo, ou lá na Rio Branco em dias de semana, uma loucura maravilhosa! No natal, então, quando as lojas ficam abertas até mais tarde, você gosta de sentir a noite cheia de gente e de bares e depois ir pra cama acompanhada de um bom macho. A noite parece que tem cheiro de festa, parece que todo mundo tá feliz. Nessas horas você esquece tudo, é a felicidade completa: você com um homem na cama, e as pessoas na rua se preparando para o natal, compra do presentes, todo mundo rindo e gozando, esquecendo todos os problemas, como se tudo estivesse bem e só existisse aquele momento. Você gosta de movimento, sempre gostou. Por isso gosta desses bares infernizados da zona sul, que é o teu ambiente, você entra, tem aquela multidão ali se comprimindo e se mexendo, dançando mais com eles mesmos do que com alguém, tudo enfumaçado,



e com o som alto como numa discoteca. Você senta ali mesmo no balcão, você nunca consegue ficar muito tempo ali pois sempre aparece alguém pra ir pra cama com você ou pra deitar abraçado com você e brincar de cenas amorosas, um examinando cada parte do corpo do outro. Isso, quando não aparece nenhum doido que quer te bater, essas bichas enrustidas! O dono do Bar'dos te conhece, você vai muito ali, vai chegando e o dono já coloca o copo no balcão, tudo bem descontraído, conforme você gosta, homens e mulheres se agarrando sem qualquer preocupação, pouco ligando para o bar cheio, ninguém prestando atenção em ninguém, só você é que olhava, embora rapidamente, distraidamente, com aquele teu sorriso de sempre. Você preferia mesmo era pegar seu copo e beber bem devagarinho, aos poucos, os lábios umedecidos, como se você estivesse provando o corpo de um homem aos goles. Você olha fixo para o dono do Bar'dos e pensa: como será esse cara na cama? E passa a língua nos lábios, chupando a saliva e o líquido vermelho, uma fatia de limão no fundo do copo. Alguma coisa? Não, você não queria nada, estava apenas olhando pra ele, o único trabalhador de quem você nunca teve raiva. Porque você detesta esse tipo de trabalho que as pessoas fazem, e nem sabe mesmo porque é que você trabalha de dia como professora, talvez uma neurose qualquer, sublimação, sentimento de culpa, pressão, sei lá! Você nunca foi de ficar analisando muito as coisas, você simplesmente faz aquilo que tem vontade de fazer e pronto. Chegam as pessoas e começam a contar problemas pra você, como se você pudesse solucionar alguma coisa. E a verdade é que você não tem ninguém, quer dizer, você vive exclusivamente por você mesma, não pode contar com ninguém. Não é que ninguém te queira ajudar, é que ninguém tem tempo de te ajudar em alguma coisa, pois as pessoas estão sempre muito entretidas com os próprios problemas para pensar nos problemas alheios. Depois também, você é sempre compreensiva com todo tipo de gente, e a única coisa que você deseja é que as pessoas te tratem com carinho, já que você não exige nada delas, você quer apenas que as pessoas sintam prazer, que sejam amigas. Tua irmã tem até a mania de te chamar de minha fortaleza, se lembra? É porque ela sabe que sempre pode contar com você, em qualquer

circunstância. Você não pede explicação de nada, você simplesmente ajuda as pessoas, você gosta das pessoas, do corpo delas, do calor do corpo, da amizade que se pode ter por uma pessoa, por um corpo. Amor não, você não quer amor, você quer é amizade, aquele tipo de amizade que teu colega professor te negou: ele era casado, mas ficou algumas vezes com você, depois foi embora, acabou. Esses homens casados sempre estão pensando mesmo é em voltar pra mulher, como se estivessem à procura da mãe. Mas, primeiro, querem te explorar, te sugar toda. Você também lembra aquela vez na favela da Rocinha quando foi visitar uma aluna sua que morava lá com a mãe e os sete irmãos, não lembra? Faz pouco tempo. A mãe discutia o preço do barraco, estava com raiva, falando alto, por isso nem percebeu você direito. Aí o filho dela de 18 anos falou: é a professora, mãe. Aí a mãe conversou rapidamente com você: é aquele pilantra ali, ele é proprietário de uma porção de barracos aqui na Rocinha, tá querendo aumentar o preço do meu barraco, não pode, agora pelo menos não dá, senhora vê que estou atrasada até com o pagamento da escola. O proprietário era um rapaz novo ainda, jeito meio de sueco, desses que chegam no Rio e ficam logo vermelhos por causa da praia, cor vermelho-turista. Viu você conversando, veio todo delicado e te ofereceu carona, vocês dois foram pra cidade discutindo o problema lá dos favelados, das crianças, das professoras, uma porção de coisas. Mas ele acabou ficando muito amigo seu, e até seu pai chegou a gostar dele, era o primeiro cara estranho que seu pai tratava bem. Mas também pudera, o cara era quadrado igual teu pai, queria casar e ter filhos, e falava em felicidade humana o tempo todo, te dava conselhos, pedia pra você mudar de vida. A única coisa que você queria era ir pra cama com ele, só isso, assim, na base da amizade, só pra experimentar. Mas ele não achava isso direito. Mas, mesmo não achando isso direito, foi pra cama com você. Pior é que o cara, além de quadrado e casamenteiro, também estava cheio de complicações o desgraçado. Estavam os dois ali, um trepando no outro, suando e ofegando, e de repente ele para sem mais nem menos, pede desculpas pra você. Mas quê que deu nesses homens, gente? Quê que foi? Fiz alguma coisa errada? Você tem mania de pensar que está fazendo alguma coisa

errada, mas não, você simplesmente quer gozar e sentir muitas sensações com o sexo, por isso frequenta bares onde pode encontrar homens de qualquer idade pra ir com você pra cama. Não sei o que pode haver de errado nisso. Você se vestiu devagar e começou acariciar o cara que estava de costas pra você e chorando baixo. Ele contou que sempre tinha problemas quando ia pra cama com uma mulher. É que, quando ele era pequeno, viu o pai trepar na mãe e viu também que o pau do pai não crescia, então a mãe dele ficava rindo toda vida, com as pernas abertas e chamando o pai pra cima dela. E o pai não conseguia nada, humilhado e xingado pela própria mulher. Então o pai pegou o martelo no armário e arreventou a cabeça da mulher com uma porrada na testa, nunca mais ela haveria de rir dele, nunca. Você ficou chocada e disse: desculpa, outra vez você volta e a gente conversa mais sossegado. O cara não falou nada, apenas pegou as roupas dele e foi embora de cabeça baixa. O mais chato mesmo, no entanto, aconteceu dias depois, quando você encontrou o cara no Bar'dos: ele te levou quase que à força para o seu apartamento e depois de te dar umas três violadas na frente e atrás, começou a rir feito doido. Você ficou quieta, não sabia mais o que pensar daquele casamenteiro neurótico e depravado. Do quê que ele estava rindo? É tudo mentira aquela estória da minha mãe e do meu pai, eu nunca conheci os dois, fui educado na casa de meus tios, que me tratavam como filho. Você pensou: essa não! E, furiosa, investiu contra ele: cai fora daqui, seu bastardo! E o bastardo caiu fora, rindo muito da estória que havia inventado. Quando chegou o natal encontrou-se de novo com você na entrada do edifício, e com a cara mais lavada desse mundo te deu um presente e te desejou feliz natal. Vê se pode! Você estava completamente sozinha, sem família, sem a irmã, sem nada. Então não teve outro remédio senão aceitar a companhia do cara: vocês foram jantar fora e ele falou seriamente em casamento com você. Acho que ele quer realmente se casar comigo esse doido. Mas se havia coisa que te irritava era justamente o cara ficar olhando pra você como se fosse possível você se transformar numa simples dona de casa e mãe de não sei quantos filhos. Ele era quadrado, e queria enquadrar você, cada vez mais inventando gentilezas pra te cativar. Mas o

mundo dele era bem outro, era um mundo parecido com sua família, e você detestava sua família. Você preferia ir pra cama com ele quantas vezes ele quisesse, você esqueceria tudo que ele fez, mas que ele não falasse em família nem em casamento, você não era disso, não era dessa espécie de gente, você não se prendia a ninguém nem a nada, era dona de si mesma, não admitia que ninguém interferisse no seu mundo, ninguém. Os homens ficam furiosos quando as mulheres falam desse modo, com essa convicção, eles ainda não estão acostumados a enfrentar esse tipo de mulher, eles não acreditam em mulher, têm medo de mulher, preferem gastar seu tempo batendo papo com os amigos. No entanto, você estava sozinha e, mesmo assim, largou o cara no restaurante e foi pra casa de seus pais. Sua irmã arrumou outro milionário paulista, sujeito mais sério, simpático, só que 30 anos mais velho do que ela, sua irmã era doida com milionários paulistas, os dois iam a uma festa de natal na casa de uma dessas madames da sociedade carioca, sei lá, não conheço. Seu pai e sua mãe também saíram. E você fica sozinha ali na casa, nenhum barulho, nada, apenas você ali dentro, e todo mundo lá fora comemorando uma coisa qualquer, o natal talvez, gente rindo e brincando, se agredindo sem saber exatamente por quê, estavam todos se divertindo muito. E você sozinha num dia de festa como esse. Não, eu não. Vou lá no Bar'dos beber alguma coisa e cumprimentar os amigos de buteco. Posso encontrar um bom macho que queira passar a noite comigo e festejar o natal, a gente. compra as coisas e leva lá pro apartamento. Até que é uma boa. Aquele lá, por exemplo. Parece bom. Rapaz novo ainda, bonito, rosto triste, sozinho. Distraído ali com o copo de bebida na mão, olhando pra lugar nenhum, a língua molhando constantemente os lábios, devagar, sensual, o dedo batendo nervoso no balcão. Você fica contemplando aquela figura e então vai até ele e fica perto. Vocês se olham, você sorri pra ele e ele também acaba sorrindo. Você diz: estou sozinha em casa. Ele diz: eu também. Então vamos? O apartamento estava um pouco desarrumado, verdade, mas ele disse que não ligava, ele queria apenas montar em você igual numa égua, foi assim mesmo que ele disse, fungando, arrancando e rasgando sua roupa, machucando teu corpo com as unhas, não deu nem tempo de

fechar a porta direito. Você nem sabe se corresponde ou se protege teu corpo, pois o rapaz é violento, não sei por que, não fiz nada, não falei nada, estou cooperando. Então ele monta em cima de você vestido como estava, e fica te socando com o corpo, ele muito pesado, está te machucando, e você grita com ele. Mas ele faz que não ouve e, ainda por cima, te acerta um soco no olho e no nariz, você grita mais, ele te dá outro soco na boca, sai sangue, você agora briga com ele, arranha o rapaz, procura sair ali debaixo dele, e ele te bate no peito, na barriga, no rosto, furioso, possesso. Não adianta resistir que ele é mais forte, mas você resiste com o pouco de força que te sobra, você morde, cospe sangue, e ele te bate na testa como se a mão dele fosse um martelo, te deixa zozza. Depois então é que você sente o canivete te rasgando inteira, tua barriga, teus seios, tua garganta. Você quer falar e gritar, quer reagir, mas não pode. Você apenas arregala os olhos sem compreender nada, espantada, a respiração cada vez mais difícil, aquele sangue todo, a boca escancarada, você se sentindo fraca e abatida, e o corpo doendo muito, mas muito mesmo, doendo tanto que nem se aguenta. Então você vai fechando os olhos devagarinho, bem devagarinho. E já não sente mais nada.

## ELEGIA

tá saindo fumaça da minha perna. vocês põem muita coberta em cima de mim. pode me deixar sozinha que seu pai fica comigo (o marido da tia já havia morrido anos atrás). perguntou pra benedita: você é ambrósia? benedita era a mãe de renato e irmã de izabel: você não casou ainda, benedita? precisa casar! eu queria ir no banheiro, mas o banheiro fica tão longe. na hora que eu acordo, eu esqueço que tou doente, vou levantar da cama então lembro que não posso, não consigo fazer nada sozinha, choro tanto que molho o travesseiro todo. podia pôr minha perna ali na cadeira? ontem não tinha ninguém aqui comigo. às vezes parece que tou caindo da cama, parece que a cama tá afundando comigo. não viram o estalo que deu agorinha mesmo na minha cabeça? foi a cadeira, mãe. eu gosto de ler, mas não tenho força pra segurar o livro, minha vista tá muito cansada também, vocês escondem meus óculos, onde vocês puseram meus óculos? tá na cara da senhora, mãe. vocês fazem muito barulho, vai ver que é carnaval na rua. o carnaval já passou, tia, agora nós estamos na semana santa. então por que essa barulheira no meu ouvido? tá tudo zumbindo eu custo pra respirar, o coração pesa demais. quem que é ela? sua neta caçula. mas eu não tenho neta. tem sim, dona izabel, é a filha do joão. que joão? seu filho. meu filho tá viajando. quem tá viajando é o paulo. sou eu. vovó. você não vai na casa de sua tia? então eu já vou indo. que hora que o padre vai celebrar a missa? tem missa não, mãe. e por que esses sinos estão batendo então? não tá batendo sino nenhum. ela vai ficar muito tempo no hospital? A beinha sabe tomar conta dela. você precisa ver o jeito que a beinha tem pra cuidar da mãe. o ruim de ficar velha é que a gente não pode fazer mais nada, os outros têm que cuidar da gente. 90 anos é muita coisa, os amigos estão mortos e só resta a gente. se pudessem fazer o coração ficar jovem, aí sim, porque só operação plástica não serve. a gente fica velha, chega um ponto que a gente não pode nem pensar direito, vira criança de novo. você precisava ver as costas dela, coitada! toda machucada de tanto ficar deitada

na mesma posição. eu não sabia que tinha um sobrinho tão importante! ela dizia. ela sempre gostou de ler o que você escreve. por que as filhas dela não casaram? lucinha tá sempre rindo, parece alegre, mas a gente nunca sabe o que está acontecendo com uma pessoa. a telma já fez as pazes com o paulo? eu nem sabia que eles tavam brigados! os meninos tão todos na escola. sabe quem tá aqui, mãe? ah eu me lembro muito bem quando você morava em jacutinga e mexia com o armazém do papai. mas o vovô nunca teve armazém. como não tinha? ele tinha era fazenda, não tá lembrada? senhora lembra sim, até eu lembro. tem razão, era fazenda mesmo, papai até vigiava os trabalhadores sentado naquela cadeira de balanço dele, não é isso? não, mãe, a cadeira de balanço foi só quando ele ficou doente, perdeu a fazenda com a geada, arteriosclerose, tudo. é isso que eu tenho, não é? senhora tem é diabete, descansa. tempos atrás ela estava com o rosto redondo, agora ela está muito magrinha. ela chora muito, principalmente de manhã, quando pensa que vai levantar da cama e depois vê que não pode. o corpo todo tá duro, só pode mexer as mãos. ela fazia até coleção das coisas que você escrevia. não pode deitar em cima do braço não, dói muito. tem artrite também. tá emagrecendo cada vez mais, coitada! deve ser duro ter certeza de que a vida não tem mais conserto, ninguém pode fazer nada, não pode contar com ninguém, completamente sozinha. será por que a gente tem que sofrer? não, ela já voltou do hospital, ficou lá só pra fazer uns exames. não chegou a quebrar a bacia, ainda bem. a lucinha me telefonou falando que ela tá sentindo minha falta. depois que ela voltou do hospital, eu ainda não fui na casa dela. é triste. por que será que as pessoas mais velhas gostam de falar em doença? ainda bem que ela tem as filhas pra cuidar dela, as filhas são muito pacientes. a anézia não conta, claro, porque a anézia tem uma doença que deixou ela igual criança. e agora ela vai ficar assim o resto da vida. você não acha que isso deprime a gente? desde que a pessoa nasce, ela começa morrer. Óbvio, não é? mas as coisas deixam de doer por causa disso? a gente fica avacalhado porque sabe que pode ficar do mesmo jeito. ela tem melhorado? infelizmente não. o médico falou pra não esperar muita

coisa. o máximo que se pode fazer é diminuir a dor física, porque a dor moral não tem jeito. ela confunde as coisas e as pessoas, tá emagrecendo cada vez mais. não, as filhas estão conformadas. não se pode fazer muita coisa, não é verdade? a televisão da izabel tá com a imagem melhor do que aqui em casa. ela melhorou? a imagem? não, tia izabel. tá do mesmo jeito, coitada! ela tem um remédio pra perna perna, pra passar a dor. o problema dela agora é passar a dor, adiar a morte. o bom sentimento dos outros não faz ninguém eterno. é o caso. agora ela só anda em cadeira de rodas. continua muito esquecida, alheia às coisas, confunde tudo, não conhece as pessoas direito. ela ganhou uma cadeira de rodas muito bacana, pode até dormir na cadeira. a alice agora não vai poder sair mais de casa enquanto a mãe não morrer, tem que cuidar da mãe. ela sempre reclama da perna, que pesa muito. a doença atacou as pernas dela, e as pernas dela pesam feito chumbo. mas agora parece que ela tá com rosto mais gordo, não sei. depois que voltou do hospital, ela melhorou. não, não foi da arteriosclerose. ela ficou menos pior, é isso. no dia das mães ela se aprontou toda, ficou bonitinha, arrumadinha, você precisava ver. mas ela nunca mais vai poder sair da cama ou da cadeira de rodas, entende? ela chora muito, coitada! sabe que não pode mais fazer uma porção de coisas. ainda está consciente. a cabeça branquinha branquinha. acabando aos poucos. a beinha gosta muito de passear, tirou licença do banco para descansar e cuidar da mãe. ela é uns 20 anos mais velha do que eu, a sua tia. as coisas que você escreve eu li tudo lá na casa dela, ela faz coleção das coisas que você escreve. você precisa aparecer pra bater um papo com sua tia, ela gosta muito de você. quando ela morrer, as meninas vão ter que tomar conta da anézia, porque a anézia não pode ficar sozinha. uma vida de trabalho e dureza essa! você não quer mesmo ver sua tia? ela está morrendo devagarinho, a arteriosclerose tá matando ela aos poucos. vamos lá? não custa nada! cada vez que vou visitar sua tia, fico mais triste, ela está acabando. a arteriosclerose já atacou a garganta, mas ela pensa que está com gripe. às vezes ela grita comigo. não posso passar uma semana sem ir lá na casa dela, fico preocupada. vocês não gostam de ir lá. quando vocês forem, não



encontrarão mais ela viva. dia 18 agora é aniversário dela, coitada! você bem que podia ir lá levar pelo menos uma flor pra ela, ela ia gostar. sozinha a enfermeira não aguenta o peso dela, o corpo vai caindo devagar até o chão. a enfermeira é uma pretona muito limpa, de avental branco. sua tia me falou que a alice fez ela cair num buraco muito fundo e escuro, e ela sentiu que nunca mais ia sair daquele buraco. como é que a própria filha fez uma coisa dessa com ela? engraçado é que, apesar da doença, sua tia gosta de televisão e ainda entende os programas. o programa que ela mais gosta é aquele túnel do tempo, conhece? anézia não pode ficar sozinha porque é doente também, e um dia ela tomou o remédio que era pra mãe, ficou excitada. agora os remédios ficam guardados com a enfermeira. e suas primas agora só compram o estritamente necessário, porque o salário delas é todo pra cuidar da mãe. é uma luta, você nem calcula! por que vocês não aparecem lá nem que seja só um dia? até hoje ela continua lendo o que você escreve no jornal e no suplemento. deram um pedacinho de chocolate pra ela e, pronto, o estômago dela ficou ruim. ela agora só pode tomar líquidos. hoje eu vou lá, não quer vir comigo? sua tia ia ficar contente toda vida, ela gosta muito de você. ela passou muito mal esses últimos dias, até pensei que ela não fosse aguentar, que já estivesse na hora dela morrer, coitada!

O garoto berra sons inarticulados lá do prédio, depois cansa e sai da janela. Outro garoto, de outro prédio, coloca um som bem alto que toca ritmo americano, repetido ao infinito. Não chega a tocar muito, aumenta e diminui o som toda hora, olha pela janela e sai, olha e sai, depois também cansa e desce pra rua, que está tranquila por ser quinta feira santa e porque o tempo está feio. Mesmo em dia calmo, de tempos e tempos passa um carro buzinando forte, chamando alguém no apartamento ou xingando o outro carro da frente que não anda nem pode dar passagem porque a rua é estreita e, além de mais, tem estacionamento dos dois lados. A garotinha grita Eva, a amiguinha dela também grita, as duas gritam juntas, mas Eva não aparece e elas desistem de gritar e vão para o calçadão na Atlântica depois de rirem muito. Quando a patrulhinha da polícia aparece na esquina, os bicheiros gritam e a turma esconde o jogo até a polícia passar. A polícia faz que não sabe de nada e tudo fica por isso mesmo. Se bem que, de vez em quando, prendem alguém, mas soltam logo. A piranha moreninha e miúda, de corpo magro, mas bunda saliente na calça jeans apertada, diz que é muito doce e olha pro morador de apartamento 401 cuja mulher é marronzinha. A filha da piranha é de bicheiro. Todos os dias, com sol ou com chuva, os bicheiros fazem o jogo e conversam e riem bastante, e também discutem muito, como que ameaçando brigar. Empregadinhas e biscateiros vem conferir o bicho, a lista fica pregada no poste. A radiopatrulha e o corpo de bombeiros aparecem muitas vezes, o som estridente pedindo passagem. Por causa do som estridente seu Luiz não queria que chamassem os bombeiros para tirar seu colega do elevador, que parou por falta de luz. Também não acha direito chamar os bombeiros pra pegar o papagaio da madame que voa de um prédio pro outro, a rua interditada atrapalhando o trânsito, todo mundo na rua e nas janelas assistindo a operação. O assunto que nunca se esgota é mulher e futebol, brigam e discutem bastante por causa disso. Mas também falam sobre cachorros, trabalho e salário. Ou se desentendem por

causa de qualquer coisinha, principalmente quando bêbados. O baixinho de terno, gravata e óculos passa gritando América com os pulmões escancarados. Logo no outro passeio o cambista anuncia toda hora que vai dar cachorro, ninguém acredita nem compra, mas ele continua anunciando. O malandro diz alto: deu cobra na cabeça. Vozes e berros de crianças brincando vem de um lugar que parece pátio de colégio. Há o pátio do colégio perto da igreja. De vez em quando o disco toca Simone, mas quem toca mais é música americana. Música enlatada, explica o dono de buteco. Os carros que passam devagar parece que andam em tapetes de tão macios. As motos procuram fazer mais barulho que os carros, a turma jovem gosta de barulho, o país tolera. Às seis da tarde o rádio todo dia toca o Angelus de Gounod. Depois todas as televisões se ligam nas novelas. Quando Flamengo faz gol, o garoto sai na janela com a camisa preta e vermelha e grita gol e Mengo. O gaiato comenta que a rubronegrada tá invocada com o time, já mandou até o técnico embora, vai mudar a comissão técnica toda. O motorista de táxi encosta o carro dele na vaga, toma cafezinho no buteco e ri das piadas que conta e das piadas que ouve, passa o dia inteiro rindo e tomando café. O amolador de faca faz um barulho desgraçado pra avisar ao bairro que chegou e que amola barato. Yvone não gosta de faca muito amolada porque tem medo de cortar o dedo. Não vale xingar a mãe, diz o porteiro do edifício que joga palitinho com o limpador de carros, que costuma fingir de bicha mas que é um crioulo musculoso toda vida. A criança no apartamento conjugado canta dona-chicaca-dimirou-se-se, dá uns pinotes e cai deitada em cima da poltrona e das almofadas, enquanto o pai ouve noticiário da TV e a mãe toma um copo de cerveja, a blusa levantada deixando ver a barriga branca. Uma vez por semana o microfone na kombi para na rua e pede pra todos comprarem as balas que os paraplégicos vendem na calçada: a mercadoria não é das melhores, e o som do microfone é estridente. O garoto mudo solta uns grunhidos quando briga com o irmão dele e aponta alguma coisa na rua, vem a mãe e tira os dois da janela, mas antes de saírem eles abanam a mão pro pai que está dirigindo o carro que faz barulho metálico e chato, além de ser um carro pequeno e feio. Depois das cinco da tarde a

garotada se reúne na esquina perto da padaria e faz uma boa algazarra, uma gritaria danada. Velhos e aposentados andam devagar pelo passeio ou chegam até a praia. Como não tem lugar decente pra sentar, a turma senta em cima dos carros estacionados ou faz batucada no capô. Pegam a cerveja e os copos e transforma os carros em mesas de buteco, ou então colocam a cerveja no chão mesmo. Vem a polícia, vai lá no fundo do buteco e pede um quente, toma, agradece e sai. Os mais variados estrondos arrebetam de todos os lados. O apito do guarda a gente não vê mas ouve. O apito do adolescente a gente também só ouve. Arrebetam bombinhas como em tempo de são João. Cai alguma coisa do último andar, o estrondo de saco plástico cheio d'água. O coroa todo dia buzina três vezes quando está chegando pra avisar que está chegando e que precisa de uma vaga no passeio ou precisa do porteiro pra colocar o carro na garagem. A balzaquiana boazuda olha pela janela, sempre de short ou de biquíni, ótimas coxas, televisão ligada, cortinas quase fechadas, ar condicionado. As televisões também ficam ligadas alto, todo mundo antenado em novelas, filmes e shows. Os dois velhinhos olham no balcão e pedem carne seca com farofa, dizem que acharam bom, vão voltar mais vezes. Devem voltar, pois comem com disposição e fazem boca muito boa. Devem ter uns 80 anos, e andam sempre juntos, bem enrugados mas ainda espertos. O porteiro, de calça azul escura e camisa azul clara, fica na frente do prédio conversando com os amigos e companheiros: tem apartamento garantido no último andar, mulher e três filhos, faz muito tempo que porteiro. Precisa de óculos, mas tem vergonha de usar, acha que agora não dá mais pra acostumar, se acha muito velho pra isso, embora só tenha 50 anos. O filho de 17 anos corre 15km na praia quase todos os dias. O jipe sem capô fica cheio de crianças, o dono do jipe é um fotógrafo que deixa a criançada brincar: ele tem jipe e moto, deve estar bem de vida, ou então quer mostrar que está bem. Eu não! Diz garota de 14 anos. Obrigado, diz o careca do 4º andar para a mocinha que segura a porta do elevador pra ele. Vai uma geladinha? Pergunta Cícero. Traz um copo bem lavado, abre a garrafa e põe a cerveja devagar, pois o freguês não gosta de espuma. Antes de sair o freguês deixa a gorjeta na caixinha. Olha

a caixinha gorda! diz Cícero. E joga a moeda na caixinha. Se o tempo abre, passa todo mundo para a praia, cada um carregando mais coisas que o outro, com exceção dos jovens, que não gostam de carregar bagulhos. A boazuda desce e vai comprar um litro de guaraná, olha pra cima e vê o careca na janela. Mô-ni-ca! chama o rapaz. Mônica não atende. O coroa passa na rua assoviando Favela Oi Favela. O gordo tem barriga grande, está sempre com um boné de Fórmula-1 na cabeça pra esconder a careca, a bolsa embaixo do braço, branco como leite, toma uma cerveja no bar, depois vai pra outro e pra outro. Fica sozinho num canto, não é de papo, apenas cumprimenta e continua em silêncio lendo jornal ou revista. Enquanto bebe, vai beliscando salgadinhos. Muito cuidado com os seios, diz a velhinha para a garota que segurou a porta de elevador pro careca do 4º andar. A garota joga vôlei na escola, não é das melhores mas joga. Mora com o pai, não tem mãe. O pai acha que o Leme é o melhor lugar do mundo pra se morar. No 5º andar é onde mora o cantor de ópera no Municipal, gordo, grande voz. Não colocam carros no passeio porque não tem mais espaço, o estacionamento avança na calçada. A Rua Anchieta termina no nº 29, começa na Atlântica, o mundo passa sempre por ali, cem pessoas de várias nacionalidades por causa dos hotéis da redondeza e dos turistas. As árvores já estão bem grandes, as pequenas foram plantadas há pouco tempo mas já tem muitas folhas, dá até pra fazer sombra. Fazendo manobra pra sair com o carro, a moça deixa ver a coxa toda que, à primeira vista, parece boa. Depois da manobra, não se vê mais nada. Quando é copa do mundo, a rua fica paralisada. Não se percebe o que as vozes em conjunto estão dizendo porque são várias ao mesmo tempo e em distâncias diferentes. O rádio do carro toca tão alto que nem se ouve o carro andando, só a música estridente, música americana. A moto também dispara com estridência, o rapaz e a moça sem capacetes, a moça bem agarrada no rapaz, todos os dois de calça jeans, os cabelos da moça voando. Sai daí já já, diz a tia. Não saio, responde a sobrinha. Deu um tapa na bunda da garotinha só de brinquedo, mesmo assim a garotinha chorou, ficou magoada, não queria sair de cima da poltrona, estava sujando a poltrona com as sandálias. O ônibus

de turismo tenta entrar na General Ribeiro da Costa mas não consegue, o ônibus grande e a rua pequena, tem que voltar. O rádio no apartamento comenta os jogos de futebol que devem começar às 17 horas. Maré mansa né? O alto falante no carro berra que está vendendo pamonha a preços baixíssimos, pamonha caseira, fresquinha e saborosa, é ir chegando, conferindo e levando. O céu muito azul e o vento fraco que toca as folhas das árvores. Não faz calor, é outono e logo será inverno, como sempre. O telefone chama durante vários minutos, ninguém atende, o telefone desiste. Tomara que não seja nada grave. Olhando da janela, o homem vê só aquele instante, nem vazio, nem cheio, nem nada, apenas um instantâneo. Não sente coisa alguma. Olha. Fecha a janela e desce pro buteco beber cerveja. Antes precisa comprar frango assado, a mulher viaja e ele prepara a janta: arroz, alface e cebola com azeite, e frango, talvez compre dois pães pra reforçar a janta. Quatro moças e duas senhoras conversam na sala do vizinho, não se ouve direito sobre o que conversam, apenas a senhora ajeita o cabelo da moça com carinho e a moça ri e beija a senhora. A garotada corre atrás do criolinho espantado, acusado de rato de praia: pega, é ele, pega. A polícia chega primeiro e a garotada não consegue linchar o criolinho, que vai preso. Zé Medeo canta um samba alto e toca pandeiro com a mão esquerda, a voz forte, preto retinto, magro, cicatriz no rosto. Cala a boca, Melodia! Ele cala. Não vem tocar esse pandeiro aqui no bar não hem, faz muito barulho. Ele não toca. Bebe um quente e sai, vai tocar pandeiro e cantar samba-enredo lá no meio da rua, vai indo pro lado da Ladeira Ary Barroso, subindo o morro. Carolina! Oi! Desce aqui! Carolina não desce. A feira e no fim da Gustavo Sampaio, prefere fazer as compras lá pelas 11 horas, leva uma lista que a mulher prepara, vai comprando e anotando os preços, põe tudo no carrinho e vem embora. Em tempo de chuva, espera a chuva passar. Os feirantes vão empurrando a mercadoria, não querem voltar com elas, é , preferível vender mais barato. Correndo muito? Quando cai fina e insistente, a chuva dá sonolência, nostalgia e certa tristeza, como quando se lembra de onde nasceu, brincando na chuva, todo molhado, a mãe brava. Por quê? Pra quê? De que adianta? Ah, você

também é intelectual! observa o garoto que se diz artista frustrado mas que está mais ou menos de vida, vende carros, dá pra viver, separou da mulher, está morando no Posto 4. De repente faz um silêncio muito grande, e tudo parece paralisado. Mas é só por instantes, porque logo o carro passa e buzina, o cara grita na rua, o martelo bate na madeira, garrafas fazem barulho quando os entregadores chegam no buteco, assovio no ar, apito de guarda, trânsito engarrafado na Princesa Isabel, jatos vindo do aeroporto internacional, helicópteros rondando o morro e a favela. Ajoelhou, tem que rezar, diz rindo o empregado do buteco. Serve o limãozinho pro freguês enquanto discute como foi a morte da cantora. É isso mesmo, deram choque nela, o choque foi muito violento e ela não aguentou, tem um nome pra isso. O dono do buteco fecha a cara, não gosta de gente que fica contando vantagem, mostrando conhecimento. Sou formado em contabilidade, diz o crioulo pro careca de óculos que bebe uma cervejinha. Não gosto de beber sozinho, vou aceitar um copo seu. O caminhão para no meio da pista e os carros buzina irritados. Tereza! grita a garota. Tereza não atende, ou faz que não ouve. O careca gosta de beber sozinho e só bebe uma cerveja e um quente, assim mesmo só sábado e domingo. Eu sou formado em contabilidade, repete o crioulo, quase grudando a boca no ouvido do freguês. Cara mais chato! diz o dono do buteco quando o crioulo vai embora encontrar o colega dele. O tempo continua nublado. Como é, tudo bem? Na luta! Joga na loteria esportiva e fica torcendo, não ganha nada. Faz uma fezinha no bicho, e também nada. De vez em quando a mulher compra bilhete da federal. Ou rifa de carro. O telefone toca e o amigo diz que infelizmente a situação tá preta, no momento não tem nada mesmo pra ele, mais tarde talvez, quem sabe. Ele não reclama, faz de conta que não há problema, olha cada pessoa andando na rua, cada uma de um jeito, de uma cor, lutando. É assim meso. Tá bem assim. O mudinho tem neurose de guerra, bebe café, fuma e anda o dia inteiro, as mãos sempre trêmulas. A garotinha grita. A mãe empurra o filho no carrinho enquanto conversa com a amiga. O gaiato imita Caubi Peixoto: Chorei Chorei. Bira telefona da Cinelândia, diz que vai ficar dois meses no Rio, quer se encontrar com o careca e sua mulher no sábado ou no

domingo, porque de segunda a sexta está fazendo um curso. Pode sim, a gente se encontra, bate um bom papo e bebe uma cervejinha. Yvone viaja dia 22, por isso é bom vir neste sábado, te telefono antes. É isso aí, diz o bicheiro. Isso aí o cacete, resmunga o outro. As persianas estão descidas por causa do sol. A balzaquiana coloca milho na janela, vêm os pombos e comem o milho, um voando por cima do outro. A senhora idosa agua a samambaia chorona, depois olha um pouco pra rua, sem maior interesse. Aparece o garoto que só anda de calção, cabelos compridos e lisos, tem moto, carro e dois cachorros. A velha é avó dele. Tempo nem quente nem frio, média de 25°, outono. O martelo bate no prego com insistência. Se falta luz, todas as máquinas param, e o silêncio cresce. A criança chora, faz birra, bate com os pés no chão, mas a mãe continua puxando a criança pelo braço. As crianças que saem da escola vêm uma atrás da outra, uma com as mãos nos ombros da outra, a professora na frente guiando os alunos no passeio. A moça já tem quase 30 anos, mas do passeio ela grita com a maior tranquilidade: maiê! Mas a mãe não aparece na janela. Que droga! es- braveja a moça. Tem que subir de elevador. A mulher diz que o cunhado vive as custas da mãe, e o marido vive às custas da mulher pois está desempregado, ou trabalhando na base de biscate, não ganha nem salário mínimo. O marido aguenta a humilhação calado. Toda vez que ela chega do serviço ele abre a porta e ela diz: oi, bem! Na segunda feira está todo mundo de ressaca. O cachorro enfia o cacete na cadela que fica com ar de felicidade no focinho, pessoas de todas as idades e de todos os sexos ficam olhando e comentando a foda do cachorro bem ali na areia, Vem embora, Renatinho! Renatinho prefere não ir. Todo dia o garoto liga o som bem alto e fica olhando pela janela. A boazuda também toca o som alto, de escola de samba, e rebola sozinha no apartamento enquanto arruma a casa. O tempo e cada vez mais urgente, pensa ele, mesmo assim não há nada a fazer senão continuar o jogo até o fim, que é assim mesmo que se faz. A mulher dramática faz pose de artista e diz: deixar-se viver! Se segura, companheiro, que tem mais! diz o gaiato que fica o dia todo encostado no buteco, filando cigarro e cachaça. Tudo bem, tudo bem. Tudo bem? Vai-é-tomar-no-seu-cu! diz



o bicheiro com a maior tranquilidade para o pintor que não resolve se joga no macaco ou cerca o viado. O crioulo quer partir pra briga porque o outro falou viado. Vacilou, dançou! E lá vai porrada. A turma do deixa-disso aparta a briga e o jogo continua. De agora em diante a portaria fica fechada, anuncia o porteiro. E se acabasse com tudo? O passarinho fica cantando na gaiola que o freguês do buteco coloca no tronco da árvore: enquanto ele canta, eu encho os córneos! Tenho 50 anos, estou desempregado, briguei com a mulher e tou duro. Franze a testa e faz cara de triste, senta no canto do passeio e toma cachaça pelo gargalo, vai ficando cada vez mais mole e parado, sem falar nada, só bebendo. O ventinho entra pela janela e esfria as costas do escritor inédito, ele não se importa, mas de vez em quando pega resfriado ou gripe. A mulher sai às cinco da manhã, ele continua dormindo até as oito. De tarde vai ao jornal mas o chefe de redação diz que prefere gente moça, pessoal que está saindo há pouco da faculdade. O editor diz que o livro dele real mente é bom mas que não pode editar porque a empresa faz contenção de despesa e a situação não está nada boa. Tudo bem! O serrote vai aos poucos cortando a madeira, o marceneiro enxuga o suor da testa. Hoje você vai ao banco, depois pega volante da loteria esportiva, vai na lavanderia, compra manteiga no Nunes, agua as plantas e telefone pra cooperativa pra saber o valor da poupança complementar de abril. Tu não faz nada mesmo, pode pelo menos providenciar essas coisinhas. A senhora idosa coloca flores na janela e toma cuidado pra que o vaso não caia na rua e quebre a cabeça de alguém. A moça grita Ro-sân-ge-la! Outra moça responde que Rosângela saiu. Ele olha o mar, e a vista se perde. A vida é um amontoado de circunstâncias que deixa tonto. É. Intelectual tem mania de construir frases, é tudo doido, tá todo mundo dando. Os jogadores da seleção estão hospedados no Leme Palace, garotos ficam na portaria do hotel caçando autógrafos, gritando, na maior farra. O cachorrinho late da janela do prédio para o outro cachorrinho que late da janela do outro prédio. Nem tudo está perdido, diz o poeta. Ainda não! diz o ficcionista. Mas a gente chega lá, diz o cinquentão careca que olha com insistência a garotinha ótima de 15 anos. Pensa fazer sacanagem com a garotinha,

mas também pensa que a garotinha tem idade pra ser até neta dele. Fazer o quê! Às vezes chove vários dias, ou o tempo fica feio e nublado. Às vezes sente que viver já não tem mais tanta importância, assim: é bom viver, e não tem importância morrer. O amigo diz que ele realmente tem cara de filósofo: carrancudo, magro, careca, óculos, gosta muito de ler todo tipo de assunto, e só não bebe mais porque passa mal, e também não gosta de praia nem é de praticar esportes, tem vida sedentária, por enquanto ainda não sente nada de mais grave, prefere ficar ruminando dentro do quarto. Vascô;! grita o gaiato na rua. Mengô! responde o outro. Fogô! Mineiro veste a camisa do Flamengo, Zé das Galinhas está com a camisa do Vasco. Didi assovia Uma Vez Flamengo Sempre Flamengo. E ri. O Universo é infinito, diz o cientista. Os caras do buteco olham de lado e comentam: esse cara é bicha! A garotinha buzina o carro, enche a paciência de todo mundo. E se fosse lá e torcesse o pescocinho dela hem? Não sei e tenho raiva de quem sabe. Passa o caminhão do lixo, depois passa a carrocinha do lixo, duas horas depois a rua está novamente suja de lixo, a turma é porca. A pianista ensaia a Polonaise-Fantasia de Chopin. A mãe sempre diz que ele ainda é muito moço, ele então acha engraçado: a mãe tem 80 anos, ele tem 50, não sabe o que pode acontecer daqui pra frente, não sabe o que vai fazer. Tudo bem. Ele e a mulher vão ao cinema, então acha engraçado quando o artista, bancando bêbado, fica repetindo toda hora: tu é babaca. Enche o saco dos outros e repete: tu é babaca. Todo mundo ali no bar é babaca. O mundo inteiro é babaca. Babaca. O martelo bate na madeira, e a madeira estala com o choque. Flamengo joga com Atlético do Paraná, Santos joga com Atlético mineiro, quem ganhar decide o primeiro e segundo lugar do campeonato nacional. A buzina do carro chama Solange várias vezes, mas não tem ninguém no apartamento de Solange, então o carro se arranca. O antenista vem, troca a antena externa, recebe o cheque e vai embora, ele é preto e tem bom papo. Até aproxima, diz ele brincando. Não quero te ver nunca, responde rindo a mulher do careca do 4º andar. A garotinha tem 15 anos no máximo, e já é ótima, biquíni reduzidíssimo, homens de todas as idades olhando pra garotinha mas ninguém falando nada, os coroas

querem mostrar que estão excitados, olham tudo a que têm direito, gulosos e com certo sentimento de culpa. Os amiguinhos da garotinha não dão a mínima pros coroas. O dia inteiro a dona fica ali papeando com os bicheiros, sempre acompanhada de uma cadela buldogue, que tem aquela cara de poucos amigos mas não perturba ninguém. Os lixeiros uniformizados passam a vassoura no asfalto e colocam a sujeira na carrocinha. Ele têm medo de ficar louco de repente, de alguma coisa na cabeça parar de funcionar, ou não funcionar direito. Segura o elevador e a mãe diz pra criança: agradece o moço. Brigado, diz a criança. De nada, diz o moço. São 11 horas, o sol está quente. Mas o calor de outono é diferente do calor de verão, suporta-se melhor. A lavadeira não veio hoje, deve vir amanhã. Abaixa as persianas por causa do sol, olha a claridade na rua, mas tudo sem maiores emoções. A mulher diz: se eu receber o dinheiro extra na segunda, a gente faz exame de vista e compra óculos novos, paga em quatro vezes, o resto a gente coloca na poupança, precisa guardar muito dinheiro pra quando a gente se mudar pra Jacarepaguá, no ano que vem. Tu é babaca mesmo hem? O mundo inteiro é babaca. Tu tá a fim é de viver às custas de tua mulher, dando uma de gigolô, se encostando nela. Com essa desculpa de timidez, tu não quer é nada com trabalho. Alguma coisa poderia explodir a qualquer momento, e tudo estaria resolvido. Vai à luta, meu, vai à luta! Como bons comerciantes, Avelino e Laurentino reclamam sempre das dificuldades, do custo de vida, do pouco lucro. Há 20 anos que estão no Leme e nunca a situação ficou tão ruim. O transeunte passa assoviando Besame Mucho. O que há de interessante na morte é que só ela resolve todos os problemas, absolutamente todos. Prefiro viver com problemas, retruca o gaiato. A turma ri. Saber que, por mais que fale e explique, ninguém jamais desconfia o que se passa no íntimo dele, lá onde ninguém chega, lá onde ele está irremediavelmente só. O rádio anuncia: Serenata Para Cordas, de Tchaikovsky, regência de Herbert von Karajan. Ele então soluça, como quem atinge um limite. Cabral Cabral! chama o biscateiro. Mas Cabral nem se liga, ou finge que não ouve, continua andando no seu passinho miúdo e rápido. O moleque fica o tempo todo com apito na boca, a turma fala pra ele

enfiar o apito naquele lugar. E tua mãe, como é que vai? A velha parece que está de óculos escuros, mas não está, as olheiras dela é que são muito acentuadas. O céu fica muito azul, depois escurece. Às 10h 30 pega o ônibus e vai pro serviço, volta às cinco. Quando tem tempo, lê e escreve. De vez em quando pensa ser célebre, logo depois esquece. Acha incômodo o desemprego, e mais incômodo ainda é ter emprego e não receber o salário em dia ou receber muito atrasado. A chuva cai durante 15 dias, os dias frios ou menos quentes. A mulher viaja para o sul de Minas e ele fica sozinho no apartamento conjugado. Porque o dia está escuro, tem que acender a luz do quarto. Se é sábado ou domingo, o silêncio fica maior. Olha para o céu e só vê nuvens chovendo, parece que tudo fica mais triste e irremediável. Pensa assim: filho-da-puta, como quem ergue a mão fechada e esmurra o nada. Mais para melancólico ouve a Lírica Nº 1 de Egberto Gismonti enquanto vê a Mulher Chorando de Picasso. Como sempre, o motor de carro faz barulho estridente: quanto mais impotente é o motorista, mais envenena o carro. A moça grita Olga, ninguém responde, não há ninguém com aquele nome ali. A polícia civil também passa fazendo barulho, a sirene ligada. Te vira, malandro! E os dois criolos dão socos e pontapés um no outro, rindo, de brincadeira. O carro buzina forte, a moça aparece na janela, mas o carro está chamando é a loirona do 6º andar, mas a janela do 6º andar está fechada. A televisão do vizinho faz plim plim. Vai no barraco do Didi hoje? Tem um arrasta-pé hoje lá. A vassoura do gari varre a sujeira e põe na carrocinha. Na praia, os garis tiram a areia do passeio. O mundo inteiro é babaca. É competente, experiente, trabalhador, tá com boa saúde: só porque é aposentado, não quer dizer que seja inútil. Pé-na-cova é a mamãezinha, tá bom? Quem é que hoje em dia não tem ameaça de enfarte? Têm garotos aí de 30 anos que estão morrendo de coração, e eu ainda estou aqui vivinho, inteiro, corro na praia, de vez em quando até faço amor. Quando está morrendo, Beethoven compõe Pour Elise. Babaca! Ter 50 ou 60 anos não é nenhum motivo de orgulho. É isso mesmo. Tu é babaca. O mundo inteiro é babaca. Um homem da minha idade, como é que pode?

## CONTRACANTO

- Nome completo, por favor.

- R P B

Toda quarta e todo sábado. 184/304. ZC-01. Rio de Janeiro.

Já faz um mês, amor.

As coisas comuns que se encontram num bom apartamento da zona sul depois do túnel da Barata Ribeiro.

na praia amanhã

então, não tenha dúvida, estamos diante de um escritor.

foi quando a pia começou a se movimentar e veio vindo pro meu lado, e eu não conseguia me afastar por mais que me esforçasse, com um medo desgraçado que fiquei

voltando no dia 03 de junho vindouro para dar quitação ao que V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> fizer jus, em conformidade com o que estabelece a legislação trabalhista vigente

O homem segundo Hobbes.

- Renato.

Pai morto, mãe aposentada. 38 anos. Profissão: jornalista. Ocupação principal: escritor. Situação atual: desempregado.

Renato era por causa do santo. Paiva Bueno por causa da família. Tinha Vieira no nome, mas ficava muito comprido, Renato de Paiva Bueno Vieira, então tirou o Vieira, ficou melhor o ritmo.

A sinceridade é muito preciosa e devemos ser aquilo que somos, não é mesmo?

Data de saída: 30 de maio de 1996. Aviso prévio: 30. de abril de 1996. Volte dia 19, por favor, pra liquidar tudo. Assina aqui embaixo.

Foi isso, caríssimo amigo, o que pude ver e saber em três dias de trabalho e após 10 meses de afastamento, a Cláudia me explicou tudo.

Vencimento: 3/6/96.

Coração, pressão, hora da morte.

lennon mccartney harrison ringo

Às seis horas da tarde ou numa hora dessas parecida é que havia muitos sons incômodos penetrando no escritório enquanto sentia tudo isso mas não podia fazer nada nem mesmo gritar então pensava nessa idade besta da infância e adolescência pois eram justamente os sons incômodos dessa infância e adolescência que ele estava ouvindo pra não falar na desgraçada daquela mãe berrando mais alto que os dois filhos ou chamando a filha pelo nome e todo o prédio ouvindo. Na janela vizinha o casal se abraça e se beija antes da refeição.

Ela foi a São Paulo dia 31 de maio visitar a irmã casada e o irmão que agora anda trabalhando por lá. No dia 13 de junho dará um pulo em casa. Em julho virá ao Rio comprar alguma coisa. Antes de vir ao Rio ela se comunicará com Renato por carta ou telegrama.

Lucinha está com o apartamento em ordem, ficou muito bonito. Maria Alice encomendou bebê: Lamartine e ela estão contentes. Os outros vão bem, na mesma vida de sempre.

Haviam dado cheque sem fundo, ainda bem que foi no sonho de ontem. Quando acordou, viu escrito no telegrama: em virtude banco ter adiado liberação verba pagamento sua indenização será feita dia 21 sexta feira queira comparecer nesta data.

Então, graças ao insurgitamento sanguíneo de alvéolos elásticos, meu pênis subiu e atingiu o dobro de seu tamanho normal. Um pouco mais tarde a cor purpúrea da glândula e o aumento de volume mostram a intensidade da vasocongestão genital. Enquanto isso, dá-se uma lubrificação na vagina de Mônica porque ela é sexualmente estimulada por Renato que lhe acaricia o mamilo e toca a mão e os lábios em seus órgãos genitais. Filtrando-se ao nível das paredes vaginais e partindo dos vasos sanguíneos dilatados, pequenas gotas escorrem igual suor na testa, fundindo-se então numa espécie de umidade lubrificante. Alguns minutos depois, a glândula e a haste do clitóris aumentam de volume: o estímulo direto do Monte de Vênus é particularmente eficaz. Dilatam-se as glândulas mamárias a ponto da auréola mamária ocultar, pela sua turgescência, a ereção do próprio mamilo, que é uma testemunha privilegiada da aptidão sexual de Mônica. Os grandes e os pequenos

lábios distendem-se e entreabrem-se. Pouco depois, a congestão vascular afeta todo o organismo de Mônica, o pulso acelera-se, a pressão sanguínea eleva-se, surgem manchas avermelhadas na zona do abdome e que vão até a região dos seios e do tórax superior. Quanto ao meu orgasmo, é a ejaculação espermática que resume tudo: depois das contrações rítmicas, expulso meu sêmen para o interior de Mônica, enquanto ela goza seu orgasmo com uma série de contrações ao nível do terço inferior da vagina.

Dia 21, sexta-feira, sem falta, não se esqueça.

Isoladas e machucadas pela vida, as pessoas buscam companhia para relacionamento sexual e afetivo, e também para um simples passeio, para um cinema, ou para tomarem juntos uma cervejinha sem se sentirem abandonados, sós e inúteis.

- Renato!

- Mônica!

anônimo e isolado nas grandes cidades.

não é verdade?

Um modo de não trabalhar mas tendo dinheiro e mulher: é o que ele chamava de ócio criativo, um nome muito bonito por sinal.

Portanto, tem o direito de exigir que toda noite você chupe o pau dele.

Com predominância de linhas verticais. Quase 1,80m de altura, 72kg. Membros longos, pescoço comprido, cabelo dos lados e careca em cima, temperamento esquizotímico, introversão moderada e sem perder contato com a realidade.

sexta-feira, sem falta.

Essa personalidade lunar e de imaginação exaltada estará disposta a tudo se sentir confiança e segurança e se você souber acalmar sua hiperemotividade. Ele gosta de carícias e meiguice, até mesmo maternais. Se quiser vê-lo com prazer, desfaça com carinho as tensões que ele acumula ao nível de seu plexo solar. Faça massagens nele com movimentos rotativos, aumentando progressivamente o círculo de carícias até o peito e o estômago, que é muito sensível. Lembre-se de que ele é de câncer.

só depois do dia 15.

O irmão havia separado definitivamente da mulher e estava com

a mãe há uns cinco dias. A firma onde trabalhava vai mandar o dinheiro que está devendo pra ele. E você, continua na Rua da Amargura?

Dois milhões. Na agência Posto Cinco. Dia 4 de julho.

A primeira vez foi em 1957, com os cabelos curtos. Agora, ela está com 35 anos, convidando todo mundo para um pequeno sonho. Estive apaixonado por Jean Seberg durante muito tempo, quando eu morava numa toca, em Minas.

Ele, o homem, mais um macho do que um ser humano. E ela, mulher, mais sonhando do que fazendo sexo.

o que não põem a prova somente as partes genitais externas como também provocam a atividade de todo o aparelho genital. Os órgãos da bacia são pela primeira vez excitados, o útero contrai-se durante o orgasmo. E os ovários, sob o poderoso influxo da excitação erótica, lançam no sangue enormes quantidades de hormônio sexual que age sobre os demais órgãos, especialmente sobre o cérebro e as glândulas de secreção interna, colocando-os em estado inteiramente novo de tensão. As excitações representam um esforço excessivo para o sistema nervoso, e há um grande consumo de energia. Daí a grande sobrecarga corporal e psíquica provocada pelas agitações e trabalhos anteriores às primeiras noites de Mônica e Renato.

Você vem quarta feira de manhã lá pelas 10 horas, é melhor, aí você pode conversar direito com o Maurício.

Na época ele estava com 21 anos e a casa ficava logo depois do viaduto. A moça cantava uma música de sucesso na época, Diana, sentia-se bem quando cantava Diana de novo.

Pode deixar que eu vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Qualquer coisa, te aviso. Deixo recado com Jesús.

Ele chegou muito abatido e nervoso, mas agora está mais calmo e alimentando-se bem. Deixou sua casa de uma vez e também a firma onde trabalhava, agora está podendo pensar melhor. Talvez vá a São Paulo pôr em ordem o pagamento do apartamento. Maria do Rosário foi passar as férias em Ervália com os filhos e o marido. Lucinha e as duas meninas foram a São João na casa da Maria Alice, no fim de semana



vão ficar em Lafaiete. Benedita, Maria Benvinda e Elsa continuam com a vidinha de sempre.

de uma forma ou de outra. mas você fica sempre em contato com a gente, a primeira vaga é sua. pode ou não dar certo, depende.

Na maioria dos casos é o macho que alimenta a fêmea, mas há uma situação em que os papéis se invertem.

Quais as possibilidades concretas que você vê? Principalmente quando estamos certos de nossa capacidade e às vezes dependemos de algum incapaz.

- Por que você quer saber meu sobrenome? Achei interessante.

Às vezes pode dar certo em outro lugar - tem que dar certo em algum lugar. Tudo o que estiver ao meu alcance, é lógico! Pode ficar tranquilo. Você pode até ficar rico duas vezes por semana, oito por mês ou 96 por ano.

este espaço mineiro que está presente nas obras de Márcio e Madu.

Me telefona urgente, tá?

A moça de coração ruivo foi embora pra Minas. Naquela altura dos acontecimentos já era 6 de agosto, terça feira.

- Tem certeza

- Segunda feira você começa.

- Tá.

quinta-feira, dia 15, às 22 horas, na rodoviária.

Você é responsável por um analfabeto. Mas se você lê livros sobre a sopa, não adianta nada, é melhor provar a sopa.

Mônica:

- Você é um canalha, Renato!

(Eu sou um canalha. "E admiro também o fato de uma pessoa se levar muito a sério.")

## OUTONO

Completara 50 anos no último domingo de março. Estava sozinho, como acontecia sempre em seu aniversário, desde que há cinco anos a mulher o deixara por um homem mais moço, mais atraente e mais rico. Não se queixava. Os filhos (um casal) ficam com os avós maternos que, por sorte, sempre gostaram muito dos garotos. O apartamento ficou com ele, a mulher não quis, disse que não precisava e que não queria levar nada que a fizesse lembrar de seu casamento de 15 anos. Ela dizia assim, pausadamente, como se estivesse condenando o marido à morte: 15 anos da minha vida completamente perdidos. E repetia: completamente perdidos. Ele não dizia nada. Dizer o quê? Ela já não gostava dele mesmo.

Era cético e masoquista. Acreditava na vida, gostava da vida, mas não esperava nada, apenas se aproveitava de tudo o que havia por aí. Sempre teve dinheiro suficiente e, afinal, mulher também nunca faltou, nunca falta. Não que ele fosse irresistível, em absoluto, apenas sabia das coisas. Podia não haver amor nem mesmo amizade, está certo, mas sempre havia mulher, sempre havia uma boa companhia, ou um bom papo, essa transação toda. As ruas e os bares estavam sempre cheios, era só escolher. E não havia compromissos.

Tudo o que queria na vida ele fez, teve tudo o que queria, muito embora o divórcio realmente nunca estivesse em seus planos, pois gostava da mulher apesar de tudo, ela não era má pessoa, apenas um tanto agitada. Talvez fosse a diferença de idade. Mas ele era apenas 12 anos mais velho do que ela, ela estava com 18 anos quando se casaram, tiveram que casar forçados para evitar maiores problemas e comentários, mas um gostava muito do outro. Pra ele, pelo menos, foram 15 anos tranquilos, a mulher sabia manter as aparências, não fazia escândalos. Tanto que, quando ela disse que não estava mais interessada em continuar com o casamento, ele ficou surpreso, pois realmente não esperava por essa, pensava que ia morrer casado, com netos enchendo a casa. E foi só aí que a mulher começou também a xingar, como se tivesse guardado grandes mágoas dele durante muito tempo e só agora

explodisse. Sorte é que ela já estava mesmo de saída, a explosão da mulher não ia afetá-lo mais. Ela marcou um dia para o divórcio amigável, depois passou uns tempos morando com os pais e então foi morar com outro homem, mas sem se casar, pois estava decepcionada com casamento. E ainda bem que não estava decepcionada com os homens, já que fora viver com outro. Tanto faz: com ou sem casamento a convivência é a mesma, a decepção também. Não tenho nada que reclamar, pensava ele. Enquanto durou, foi bom. Agora é partir pra outra, ou ficar esperando alguém que se interesse pelo meu dinheiro. Ou será que ainda vou me interessar por alguém?

Não era cômodo ficar sozinho em casa, nunca foi amigo disso, tinha até medo de ficar sozinho. Comprou outro apartamento, ficou com dois, mesmo assim tudo continuava vazio, sem nenhuma pessoa mais íntima. Ainda bem que havia o trabalho para encher o tempo. Os amigos ou estavam casados ou comprometidos, ou eram mais novos, ou nem eram mais amigos. E ele não queria compromissos nem mulheres muito fáceis, apenas algum divertimento. Quando se aposentasse, como é que seria? Quando estava casado, sempre convidava pessoas amigas para um almoço ou um uísque em casa. Agora não convidava ninguém, e ninguém aparecia. De vez em quando encontrava alguns velhos conhecidos na rua ou em algum restaurante, se cumprimentavam e ficava por isso mesmo.

Ele não estava mudado, apenas ficou mais quieto, mais retraído, o que nem chega a ser mudança. Chegava em casa e não tinha ninguém com quem conversar, ninguém pra cuidar das coisas dele, então ligava a televisão pra se divertir com qualquer programa, em qualquer canal.

Às vezes dormia no sofá com a televisão ligada. Era um sujeito que ouvia os outros, não porque soubesse ouvir, mas porque não tinha lá muita coisa pra falar. Ele sabia que 50 anos ainda não era velhice, mas sabia também que a juventude ficou longe, ele sentia isso no corpo, como se já tivesse mais de 60 anos. A cabeça estava muito mais cansada que o resto do corpo.

Sempre foi sedentário por causa da profissão. Executivo, nome estranho. "Alto padrão de vida." Comia muito e pesava bastante: para uma pessoa de 1,55m, 88kg é muito. Os cabelos já estavam

bastante ralos e brancos, o rosto cheio de rugas, os olhos morteiros, testa preocupada. Olhava a própria barriga, passava a mão e dizia que precisava emagrecer. Havia um mês que não conseguia arranjar outra empregada, ninguém queria trabalhar em apartamento de "solteiro", mesmo ganhando bem. Apartamento grande, quatro quartos (uma suíte), três banheiros (dois sociais), copa-cozinha, jardim de inverno, salão, dependências, quarto de empregada, duas vagas na garage, tudo fino, bem conservado, na Vieira Souto. E a mulher e os filhos simplesmente foram embora. Uma vez por semana dava uma olhada nos filhos, que pareciam não sentir falta de nada. A ex-mulher, ele nunca mais viu, nem estava interessado. Parecia que um evitava o outro, para não provocar atritos. Mas sabia que ela estava bem, continuava "casada". O outro apartamento menor, também na Vieira Souto, era pras piranhas, e era onde ele ficava mais tempo.

Nunca foi infeliz nem nunca sofreu muito, mas também nunca teve lá grande aptidão para felicidade, sentimento que só agora o surpreendia. E não era para menos. Como quem diz: fiz o que queria, e daí? Daí ele se sentia agora vazio, como nunca se sentira, a consciência maior de frustração e desencanto, justamente numa idade e numa situação nada recomendáveis. Ele se consolava dizendo pra si mesmo: esse negócio de idade massacra a gente, mas nem tudo está perdido. E ameaçava rir, como quem não acredita naquilo que diz. A verdade, no entanto, é que pela primeira vez na vida ele se sentia perdido, embora sem nenhum desespero. Era um sujeito morno. Não sabia mais o que fazer, pra onde ir, sabia apenas trabalhar e ganhar dinheiro, e aplicar alguma coisa em terrenos e imóveis. (Deixou um apartamento e um terreno pra cada filho.)

E se começasse tudo de novo? Há tanta gente que começa tudo depois de velho. Não precisava ser casamento, apenas um contrato. E também não precisava ser garotinha, mas mulher madura, de seus 30 anos no máximo. A parte financeira ele garantia, lógico! Mas que a mulher fosse sincera. Olhou no espelho e se perguntou: na minha idade, posso exigir sinceridade de alguém? Como começar a vida de novo, se ela está acabando? O problema dele era simples:

precisava encher o tempo, de tal modo que não precisasse mais nem pensar. Mas encher o tempo como?

Toda semana ele convidaria uma turminha, mistura de velhos e novos, pra fazer uma festa no apartamento dele: boa comida, boa bebida, boas mulheres, todo mundo muito à vontade. Uma festa pra varar a noite. Cada semana uma turma diferente. Mas só gente que não fosse louca nem viciada, não queria complicações. Têm caras por aí que podem fazer isso, alugam pessoas bem intencionadas que querem apenas se divertir, principalmente pessoas maduras e realizadas na vida, mais a turma jovem pra contrabalançar. E todo dia, depois do trabalho, ele poderia ir ali no Bar'dos, onde conheceu uma professora doida mas simpática que vivia caçando homens sem cobrar nada, queria apenas companhia e sexo. Boa pessoa. Foi morta a facadas por um tarado, segundo contou o dono do Bar'dos, que conhecia bem a fulaninha. Cada dia poderia frequentar um bar, e na sexta à noite seria a festa na casa dele. Descansava no sábado, e domingo iria à praia, de preferência acompanhado.

Tudo isso pode encher o tempo, mas não encheria também a paciência? Enquanto não resolvia nada, continuava na rotina de sempre: ganhando um bom dinheiro, comprando o amor de boas mulheres e vivendo seus últimos anos com muito prazer, embora ultimamente se sentindo cada vez mais sozinho. Mais do que nunca, ele vê que não pode fazer nada contra o tempo e contra a idade, era só se olhar no espelho. Estava acabado e envelhecido. Impressionante!

Gostaria de se encontrar mais vezes com os filhos, sentir o crescimento deles, mas era como se os filhos não mais lhe pertencessem, nunca telefonavam, nunca o procuravam por nada. E ele ia aceitando essa situação toda, como se fosse fatalidade. Fazer o quê? A vida não é isso mesmo? Estava abatido, sem vontade, embora soubesse fingir diante dos outros, manter as aparências. Morrer com dignidade, conforme ele vira num filme americano. Não que pensasse em morrer, em absoluto, estava apenas "sentindo o peso da idade", a desilusão de tudo, a falta de sentido. Engraçado! Tinha sido abandonado pela mulher e pelos filhos, é

verdade, mas isso era um problema que também acontecera com muita gente, o que o consolava um pouco. E, afinal, ele tinha tudo, podia fazer o que quisesse, comprar o que quisesse, podia até organizar de novo a própria vida, não podia? Era isso, nem tudo estava perdido.

EXECUTIVO

ASSASSINADO

NA VIEIRA SOUTO

Quatro homens armados invadiram, ontem à noite, a casa do executivo Eduardo Cenna, na Avenida Vieira Souto, 1730, cobertura, quando ele chegava com seu Mercedes RJ MV 9650. Os bandidos renderam Eduardo e sua secretária, Virgínia Maya, obrigando o casal a entregar objetos de valor, inclusive dinheiro e dois aparelhos de televisão. Depois acertaram o casal com dois tiros no coração, levando também o Mercedes de Eduardo. A polícia foi avisada, mas não há pista dos assassinos.

## BIG CLOSE UP

Ela veio correndo pra mim em câmera lenta e grave, e sem esse movimento comum de pessoa que corre para alguém. O rosto dela me sorria, os braços prontos para abraçar e o corpo como que pairando, pois eu via a menina num instantâneo e não como no movimento de quem corre. Não muito compridos nem muito curtos, os cabelos pretos balançavam no vento frio, da cor da neve. Ela usava calça comprida escura e um capote grosso fechado só por um botão. Havia um cachecol marrom em volta do pescoço, e o cachecol balançava no vento junto com os cabelos pretos da menina. Usava botas que tapavam a calça comprida até os joelhos. E ela veio correndo assim, em câmara lenta, o sorriso na boca aberta e nos olhos brilhando, o sinal dos pés na neve. Eu estava admirado de ver como ela parecia não sentir nenhum frio, enquanto que eu estava paralisado, sem coragem e sem vontade de sair dali e, ao mesmo tempo, querendo sair logo daquela neve que me cernia os pés e me fazia chorar, mesmo estando eu exageradamente agasalhado, como convinha a um estrangeiro. Se eu soluçasse ou gritasse, o soluço e o grito se congelariam e, além do mais, ninguém ali podia distinguir entre uma lágrima e um pedacinho de neve no canto dos olhos. E eu era uma estátua dura e rígida, hipnotizado pela menina que vinha correndo em câmara lenta. Meu ponto de apoio e de referência era a menina. E eu queria apenas que ela chegasse logo e me abraçasse, me livrasse da posição rígida em que me encontrava. Creio que isso não é pedir muito. Pois eu queria só isso, eu só queria que a menina me abraçasse em câmara lenta e me degelasse. E a menina veio correndo, passou perto de mim mas nem chegou a roçar no gelo que feria meu rosto. Só então que consegui caminhar para o lado da menina que corria em câmara lenta, os braços prontos para abraçar, confundindo-se agora com a neve muito branca, e nem mesmo deixando sinais de pé naquele bloco de algodão que afundava maciamente.

## SALA DE CONCERTOS

Era um cara impressionado com o preço das coisas, obcecado mesmo. Todo mundo sabe que a vida está cara, mas ele exagerava, não gostava de gastar dinheiro. A própria aparência dele demonstrava isso. Tudo o que ele vestia era bem simples e barato. E também dizia que a filhinha pequena não gostava de presentes caros e se divertia bastante com presentinhos baratos. Quer dizer: ela não gostava ou ele é que detestava gastar dinheiro? E o engraçado é que ele sempre procurava defender as coisas baratas e justificar esse seu comportamento. Por sinal que ele justificava tudo o que fazia, dando a entender que o certo era do modo como ele se comportava, do modo como pensava. E bom pra ele era sinônimo de barato, não tinha conversa. Até a comida que pagava no escritório ele dizia que era boa mas que, se não precisasse pagar, seria muito melhor. Tudo o que é bom é barato, repetia ele. Tudo o que é barato é bom. Definitivamente, ele não gostava de gastar dinheiro, sofria com isso, lamentava profundamente todo o dinheiro que gastava. E não era mineiro, era baiano de Salvador, morava no Rio havia muito tempo.

Quando ia receber o salário, que por sinal vinha sempre atrasado e na base de vales, pensava exclusivamente no dinheiro dele, nem sequer lhe passando pela cabeça se seus quatro colegas de sala também haviam recebido ou estavam com salário atrasado. Era assim: ele só se preocupava com o dinheiro dele, os outros que se virassem, cada um que defenda o seu. Ele não defendia o dele? Toda hora ia reclamar pro chefe do pagamento atrasado e voltava pra sala puto da vida por causa dos atrasos e por causa das promessas do chefe de que logo iria regularizar a situação de todo mundo. E ele sempre tinha esperança de que o chefe realmente estava empenhado em resolver a situação. Por isso mesmo é que os colegas até riam dele, já que a firma era pequena e sempre pagava atrasado. Então, quando acontecia, uma vez ou outra, dele receber o salário todo, ficava agitado de tão contente, quer dizer: a felicidade dele era tão grande que começava a falar mais do que de



costume, como criança que tivesse recebido um presente e ficasse toda tagarela.

Falava muito e, como costuma acontecer com os que falam muito, atropelava a fala dos outros, queria que os outros o ouvissem mas ouvia pouco os outros, não prestava atenção nos outros. Às vezes ficava tão entusiasmado com a própria voz e os próprios argumentos que levantava da cadeira e falava de pé, no meio da sala, todo exclamativo, como se fosse carioca. Ficava ali no meio da sala como se estivesse discursando ou dando aula, comentava notícias do jornal, falava da filhinha, da mulher professora, da dificuldade de pagar o aluguel do apartamento, dos cheques sem fundo, da televisão preto e branco (ele não gastaria dinheiro com televisão a cores nunca, preto e branco estava muito bom, melhor ainda porque era emprestada), falava sobre tudo, e seus quatro colegas de sala até que sabiam ouvi-lo e de vez em quando até conseguiam interrompê-lo. Porque, se não interrompessem, tudo ficaria só no monólogo.

Também não gostava de ser contestado, reagia mais com impaciência do que com raiva. Não acreditava nos outros a ponto de prestar atenção no que diziam. Julgava-se inteligente, bem informado e com bom nível cultural, e realmente era tudo isso. Mas costumava ser taxativo, chegando às vezes até o ridículo. Quando dizia alguma coisa, era preferível que os colegas concordassem com ele. Era como se ele fosse a última palavra ali na sala. Falou, tava falado. Eram três mulheres e dois homens, os cinco trabalhavam de tarde. Mas mesmo falando muito, ele ainda dava certa chance das pessoas se manifestarem. Afinal, ele se dizia a favor do diálogo. O careca, pelo menos, sempre era mais de elogiar o cara, citar o que ele havia dito, consultar sobre uma porção de assuntos, dar a entender que respeitava a inteligência dele. Entenda-se: o careca era mineiro, não gostava de provocar discussões e brigas, preferia camaradagem, mesmo que postiça. Desse modo: quanto mais se elogia a pessoa, mais ela se mostra camarada. O negócio é que o careca também gostava de ficar observando o comportamento dos outros, falava coisas só para ver a reação das pessoas.

Era egoísta, como todo mundo. Mas era mais egoísta que o comum das pessoas egoístas. Felicidade pra ele, por exemplo, era assunto puramente pessoal. Ele então se considerava feliz porque não tinha maiores problemas nem com a mulher, que era professora, nem com a filha pequena de quatro anos. Ele dizia mesmo que não podia ficar pensando do nas desgraças e miséria dos outros, isso não o afetava, não podia fazer nada, não podia se foder por causa disso. Ele pensava exclusivamente era na vidinha dele de assalariado, na mulher, na filha, o resto não tinha maior importância, maior peso. Ele simplesmente defendia o que era dele, que os outros fizessem o mesmo. Ia levando a vida assim, nessa base, não podia ficar pensando nos outros. Aliás, é o que a maioria absoluta faz, não? O que realmente afeta uma pessoa é o que está perto dela, não é isso?

Também não gostava que falassem em idade, pois ele estava com 42 anos, ficava incomodado se tocassem nesse assunto. Por isso mesmo ficou muito satisfeito quando o careca veio trabalhar ali na sala, pois o careca era mais velho, 50 anos, depois vinham as duas colegas com 32 anos e a garota estagiária de 20 - as duas colegas, por coincidência, parentes de portugueses e a garota estagiária bem carioca mesmo, tipo estudante de faculdade. Mas não é que ele ficasse puto da vida se falassem em idade, ficava era aborrecido, realmente incomodado. Como o careca, que também ficava incomodado quando falavam em careca. Mas o careca até que não ligava muito, levava a coisa na brincadeira, como se tivesse muito bom humor. A recepcionista, por exemplo, sempre o chamava de carequinha, na base da gozação, e o careca não ligava, a fulaninha era boa gente. Mas se falassem em idade, o companheiro ficava sem jeito.

Uma coisa engraçada também é que esse colega do careca (não se sabia se realmente só tinha 42 anos) ficava de fato sem jeito quando se falava em idade - o negócio ficava realmente engraçado, tal a encabulação do cara. Como foi dito há pouco, era um sujeito que justificava tudo (ou quase tudo) a seu favor. Como era inteligente, dava a entender que as justificativas eram bem boladas, muito bem sacadas, pois ele sabia inventar muita coisa na hora. A verdade, no entanto, é que essas justificativas eram até

simplistas, simplórias - não todas, evidentemente. Chegava muitas vezes atrasado no serviço, bufando como se tivesse vindo correndo, então dizia que o banco estava cheio, ou que o cheque não tinha fundo, ou que a empregada não apareceu, ou que a filhinha ficou doente, ou que o pai estava passando mal, ou que o trânsito engarrafou, uma porção de coisas assim. Todas as vezes que saiu de férias, nunca voltou no dia certo, e sempre arrumava uma desculpa.

Como era coroa e tinha filha pequena, achava que assim era bem melhor, era mais fácil ter paciência com a filha, ficar mais em casa, o que não deveria acontecer com pessoas casadas que ainda eram jovens e sem paciência. Era isso: ele tinha a vida dele, e justificava cada procedimento, tinha até certa raiva de quem achava que uma pessoa de 40 ou 50 anos não devia ter filho. Como não deve? Cada um tem filho quando quiser, frisava ele. Não há nenhuma novidade nisso, pois as pessoas costumam proceder desse jeito mesmo, como quem diz que o certo é do modo como faço e procedo. De qualquer maneira, eram pitorescas essas justificativas todas, como se o cara estivesse defendendo uma tese - a tese era ele mesmo.

Era uma pessoa vivamente interessada no irmão cinco anos mais novo do que ela. O irmão era casado, duas filhas já grandinhas. Ela falava constantemente no irmão dela, era obcecada com o irmão, sempre arrumava um pretexto pra falar no irmão, assim como o careca falava na mulher e o colega dele baiano falava na filhinha. Afinal, nunca se separaram, sempre juntos, cresceram juntos, perto dos pais, sempre em Realengo, longe do centro da cidade. Ela era solteira, e procedia como solteira, e julgava-se antiquada, e achava certo ser antiquada, quadrada, aprovava isso. Morava junto com os pais.

Ela se dava bem com uma das colegas ali da sala, mas achava ruim da outra mais nova. Porque uma das coisas constantes nela é que nunca perdoava as mulheres, principalmente as colegas dela que tinham uma vontade assim mais forte e que se impunham ou tentavam se impor, ela como que entrava em choque com essas mulheres que

podiam disputar com ela sentimental e profissionalmente. E ela gostava bastante de menosprezar ou diminuir o valor de uma mulher. Mais ou menos desse jeito: se na sala estivessem falando bem de uma cantora, por exemplo, ela retrucava que a cantora já era bem velha, ou coroa, ou lésbica, qualquer coisa nesse sentido, sempre menosprezando as mulheres, diminuindo qualquer valor delas. Estavam falando na sala sobre a beleza e o tremendo corpo da manequim, então ela desviava o assunto, dizendo que a manequim era totalmente burra, quase analfabeta. Estavam falando que o Quarteto cantava bem, então ela começava a falar na idade das quatro cantoras, acentuando que eram bem velhas. O careca até ficava pensando, lá com os bagos dele, que realmente o pior inimigo da mulher é a própria mulher. Como se arrasavam! Como uma procurava diminuir a outra deste ou daquele modo!

Ela até chegou a dizer que preferia cuidar da casa do que trabalhar ali na sala. Lavando roupa no tanque, dizia ela rindo. De qualquer modo, era realmente mais pra quadrada, bem comportada, matrona, pernas grossas de tanto andar a pé, dizia ela. E católica, apesar de censurar padres e papas. A quadradice dela era como a da turma toda ali na sala, por sinal. Com exceção do careca, que poderia até não ser assim tão evoluído, mas que se julgava bem mais avançado e arejado que os colegas ali, não só mais avançado como também o mais velho, 50 anos, logo depois vinha o colega de 42 anos. É lógico que o careca não deixava transparecer que se considerava mais evoluído e arejado, achariam ruim, no mínimo o chamariam de antipático e convencido. Ou presunçoso, que era como gostavam de insultar. E, afinal, não era nada tático proceder desse modo. E mineiro sempre procura proceder de modo tático, velado, dissimulado. Seja como for, várias vezes o careca chegava a ficar impressionado com a quadradice da turma. Não era aquele exagero do chefe e do amigo do chefe, que já estavam na base dos 75 anos, mas era uma quadradice de coroas que tiveram pouco contato com outras salas e outras ideias, todos condenando isso mais aquilo, criticando o comportamento diferente dos outros, cochichando a respeito de pretos e bichas, por exemplo.

Profissionalmente não se podia dizer nada contra ela, ou seja, todos ali na sala se equivaliam, com exceção da garota mais nova, e com exceção também do careca, que tinha mais experiência na profissão, trabalhou em muitas outras salas - o careca sempre se julgava mais experiente e também acreditava ser um bom escritor de muitos livros, embora ainda não tivesse publicado nenhum. (Gostava de olhar a própria cara no espelho e pensar que era inédito.) Pra ser mais preciso, todos haviam trabalhado apenas ali na sala, só o careca havia trabalhado em muitos outros lugares, teve mais contatos com diversos tipos de pessoas, com outras mentalidades.

Ela se dava muito bem com a filha do chefe, tinha muito mais contato com ela do que com o chefe. Frequentemente dava a entender que desprezava certas ideias da filha do chefe, cochichava coisas criticando profissionalmente a filha do chefe mas, quando ficava sozinha junto com a filha do chefe, as duas se tratavam muito bem e se entendiam magnificamente, cada uma rindo mais que a outra, mas um riso que às vezes era nervoso e que parecia de irritação e não de contentamento. Era como se ela estivesse apenas fazendo pose, procedendo de um modo diante dos colegas e procedendo diferente diante da filha do chefe. Até certo modo de falar e de interrogar era parecido com o modo como o chefe e a filha do chefe falavam e interrogavam. Pelo menos, o careca via desse jeito, e não sabia se era apenas impressão dele ou se era verdade mesmo. Mas a verdade é que ela cochichava bastante e, quando ria, a boca fazia um chiado como se estivesse soprando vento pelos dentes. O cochicho era tão baixinho que nem dava pro careca entender do que estavam falando. Mas o careca procurava prestar atenção em tudo, as antenas ligadas.

Era uma pessoa simpática e amável e que, como toda boa carioca, estava sempre pronta para lançar exclamações diante de qualquer notícia diferente ou mesmo, diante de uma notícia corriqueira. Era realmente uma pessoa exclamativa. Sempre com calça jeans, nunca usava saia, gostava muito de comentar o que acontecia ali na casa com outras pessoas de outros setores. O

comentário (a fofoca) era sempre feito em voz baixa, na base do cochicho. Fazia lá o trabalho dela tranquilamente e era a que saía mais cedo da sala. Era eficiente e sabia ser risonha. Curioso nela é que nunca falava no pai, só na mãe, às vezes da irmã mais nova, e a turma não sabia se o pai morreria ou separara da mãe. Curioso também é que, apesar de vários anos trabalhando ali juntos, ninguém perguntara a ela sobre o pai. Era até engraçado: uma só falava na mãe, a outra só falava no irmão, outro só reclamava de ter que gastar dinheiro, o careca observando tudo de longe, como bom mineiro, e a garota estagiária falando sobre problemas de família, garota nova ainda e já consultando psicanalista, morando sozinha porque não estava a fim de ser mandada pela mãe, preferia o pai que, além de amigo, dava uma mesada razoável pra ela.

O careca ficava numa mesa, com a máquina de escrever, e a colega simpática e amável ficava logo na frente dele, mesa e máquina de escrever. Ela chegava e deixava o relóginho dela em cima da mesa, às vezes esquecia o relóginho quando ia embora, mas o careca sempre avisava. Dava-se bem com todo mundo e era dessa que também não gostava de reclamar do pagamento atrasado e na base de vales, preferia esperar que resolvessem pagar. De qualquer modo, a situação dela era mais ou menos cômoda porque morava com a mãe em apartamento próprio e não precisava ajudar muito em casa porque o dinheiro da mãe era suficiente. Tinha, portanto, uma vida tranquila, em que pesem esses probleminhas existenciais que todo mundo carrega.

Apesar de tudo, o careca tinha ligeira impressão (realmente era ligeira impressão) de que a colega simpática era pão dura, não gostava de gastar dinheiro e, acima de tudo, não gostava de falar em dinheiro. Aliás, com exceção do careca e da garota estagiária, todos ali não eram de soltar dinheiro assim facilmente, cada um procurava segurar bem o seu. Pelo menos, ela não gastava dinheiro em roupas, que eram sempre as mais simples. Diferente da colega, que podia até não gostar de soltar dinheiro, mas que nem por isso deixava de comprar roupas (ela vinha sempre bem vestida, variando sempre, bem produzida, como ela mesmo dizia). E nunca deixava de viajar pelo Brasil todas as vezes que saía de férias.

Era ainda bem nova e, como estudante, um tanto deslumbrada, achando que já tinha experiência suficiente pra lidar com o trabalho e fazer como lhe parecia certo. Mas era boa gente, assim como se pode chamar qualquer garota de 20 anos de boa gente. Tão nova e, no entanto, já fazia análise duas vezes por semana. Gostava de conversar com o careca, pois o careca não era de criticar principiantes assim na cara, preferia fazer média, como bom mineiro, corrigir os outros mas através do papo, nunca do grito ou do esporro. Às vezes, tinha gente que pensava que o careca fazia média com intenção de acabar comendo a garota. Ela era comestível, apesar de magra. Se bem que, quando vinha de saia, o careca podia perceber que ela não era assim tão esquelética, tinha carne principalmente nas coxas. Mas como toda analisanda, complicava bem as coisas. De qualquer modo, o careca nunca foi de comer ninguém, quer dizer, nunca foi de dar em cima de ninguém, só comia a própria mulher, embora não acreditassem que ele era fiel. O careca então se precavia, pois mulher complicada gostava de desabafar com ele.

Como todos ali, a garota também logo percebeu (ou pelo menos ouviu) que o chefe não era uma pessoa respeitável, não se podia acreditar no que ele dizia, ele não tinha convicções próprias, só pensava mesmo em faturar, ganhar dinheiro, embora nem isso soubesse fazer, mesmo aparentando riqueza e status, chofer particular, amizades importantes no meio político, tudo isso. A garota às vezes ficava até espantada vendo como falavam tão mal do chefe e como criticavam o cara, um sujeito assim de seus 75 anos, cabelos todos brancos, gorducho e bochechudo, óculos de aros pretos, sempre de terno e gravata e suspensórios, gostava de falar em mulheres boas e bonitas como se fosse um adolescente tarado. O chefe tinha sua sala própria, a filha dele também tinha a sala dela de diretora, era ela realmente quem decidia tudo, às vezes vinha ajudar em alguma coisa ali na sala, cruzava as pernas que podiam ser devidamente apreciadas.

Mas o chefe era inescrupuloso, sem qualquer moral, no que

todos ali na sala concordavam entre risos e deboches: desse que durante a ditadura militar ficou comportadinho no seu canto, namorando e bajulando os militares, e que quando acabou a ditadura começou a dar lições de democracia e liberdade, falando mal da ditadura que, por sinal, ele só chamava de "período de autoritarismo". Era um cara de direita, que ainda acreditava que comunista come criancinha. Na verdade, apesar de ter até um bom papo (gostava que à turminha ali da sala o ouvisse atentamente), era um sujeito que só se interessava mesmo por dinheiro, faturamento. Católico praticante, não perdia missa aos domingos. Quanto aos seus empregados, pagava mal, pagava sempre atrasado e só pagava na base de vales. E uma coisa que ele nunca soube foi escrever, apesar de passar a vida inteira tentando: mantinha uma coluna diária num jornaleco desses especializados em economia e mercado financeiro, mas seus artigos precisavam ser reescritos pela turma ali da sala, e era difícil decifrar o que ele queria dizer com aquele palavrorio todo.

A garota ouvia tudo a respeito do chefe e ficava rindo, sem jeito, sem saber se apoiava ou não os colegas. De qualquer modo, preferia apoiar os colegas, mesmo não conhecendo o chefe direito. Ela também era bem risonha, gostava de contar certas coisas que aconteceram com ela, o que ela achava de sua turma e o duro que precisava dar para ter algum dinheirinho. Gostava de trabalhar ali, apesar de tudo. Era bem agitadinha. Estava numa idade quente. A certa altura começou até a gostar daquele modo como debochavam do chefe, que era um cara autodidata e que tinha uma cultura de almanaque. Através do que ouvia dos colegas, a garota ficou sabendo que o chefe defendia mesmo era os banqueiros e empresários, essa gente de poder, o negócio dele era defender os poderosos pois, afinal, quem tem dinheiro são eles. Era até racista, achando que os pretos não tinham assim tanta capacidade intelectual e empresarial quanto os brancos. O chefe era branco, mas nordestino, embora não tivesse aquele jeito baixinho e cabeça chata de nordestino. O engraçado é que não há brasileiro mais misturado de negro do que nordestino, por isso o racismo do chefe ficava até gozativo. Como o colega e amigo dele, baiano, quase da



mesma idade, que também não tinha jeito de nordestino: era racista, mas tinha cabelo tipo pixaim. Não podia nem ouvir falar em comunista que ameaçava ter ataque. Era um reacionário risonho - ria muito, arrasava os adversários com o maior sorriso na cara. Ele não falava comunista, falava comuna, com a intenção de xingar a pessoa. Mas o racismo dessas duas figuras é assim mesmo, entenda-se. Afinal, há negros racistas (negro menosprezando negro), como também há judeus racistas e elitistas. De qualquer modo, o chefe era de fato um tremendo reacionário, ele e seu amigo baiano. Também era desses que têm horizonte de ameiba ou a profundidade de um pires, nesse nível.

A garota ria cada vez mais, estava gostando daquela malhação em cima do chefe, perguntava, queria saber mais, ficava excitada. E à medida que se animava, a voz ia se alterando e aumentando, chegando a esganiçada. Um dia chegou perto do careca e disse que não ia trabalhar mais ali não, arranjou lugar melhor. E também havia gente ali na sala que não a tratava direito. O careca então ficou pensando: era isso mesmo ou ela é que estava vendo coisas demais? Ela conversou bastante com o careca depois do serviço, no ponto do ônibus. De um lado a garota se lamentando, de outro o careca dando uma de coroa compreensivo e pronto para ouvir. Então a garota falava e desabafava. Era complicada realmente. Gente boa, mas complicada.

## O QUADRAGÉSIMO QUARTO ANO DE NOSSA VIDA

O quadragésimo quarto ano de nossa vida começou dia 13 de julho de 1980. Caiu num domingo. E não houve festa nem nada. É que, por uma coincidência muito grande, nós (minha mulher e eu) nunca tivemos dinheiro sobrando nessa época do ano.

## LIXO

(staccato)

- Já jogou o lixo fora? Esquece não, tá?

- Esqueço não.

A mulher sempre lembrava qual era a hora de jogar o lixo na lixeira e ele pensava que, naturalmente, todos os maridos eram os encarregados de jogar o lixo da casa fora, afinal marido não faz praticamente nada dentro de casa, tem que ajudar em alguma coisa, e nada melhor do que cuidar do lixo, que é coisa porca, própria mesmo pra esses maridos de hoje. Porque marido não é de ajudar muito em casa, prefere ficar lendo e escrevendo.

- Sou escritor, intelectual, lido com coisas importantes não vou ficar lavando pratos, perdendo meu tempo com futilidades.

Era o que o marido pensava de vez em quando, quando caía em tentação. A mulher então achava ruim, e com razão.

- Você é um inútil, não faz nada, não ajuda a gente aqui em casa, só quer ler e escrever, e ter uma babá aqui pra cuidar de você, um marmanjão desse tamanho, cinquentão, todo dia gemendo, reclamando que está cansado. Você não pode ficar cuidando só do lixo não, precisa me ajudar em outras coisas também.

- Outras coisas?

- Lógico! Você pensa o quê? Acha que só eu é que tenho a obrigação de lavar pratos todo dia? Não sou só eu que sujo! Afinal, sou o que: sua mulher ou sua empregada?

Ele não tratava a mulher como empregada, mas também deixava tudo pra ela fazer, e só fazia aquilo que a mulher mandava, depois dela resmungar muito. Não achava ruim de homem ajudar a mulher, mas é que não estava acostumado com aquilo, nem queria acostumar, já estava com 50 anos de machismo na cara. Não foram as mulheres que me educaram, pô?

Não acho ruim fazer comida, até gosto, mas detesto limpar a casa e lavar pratos, dizia a mulher. Me deixa nervosa. E também não ganho nada pra ser dona de casa!

- Você não vai estender a cama pra mim não?

Não era um casal infeliz, em absoluto, apenas tinham seus atritos, sem maiores consequências. Todos os dois mineiros, do sul de Minas. A mulher, por exemplo, queria ter filhos, mas ele não queria ter. Ela insistiu, ele desconversou.

-Então você que se vire, porque eu vou para de tomar pílulas.

Então o marido falou em vasectomia, ela ficou espantada, não queria nada assim tão definitivo.

- Mas eu não quero filhos, pô!

Ficaram um dia de cara feia. Mais tarde, ela disse que ia mesmo parar de tomar pilulas, mas que foi ao médico e o médico disse que ela podia usar DIU, ela ia usar. Tudo bem, o marido aceitou. Se pílula faz mal, "vamos" usar outra coisa. Porque a mulher já estava com 35 anos e tinha que resolver logo: ou vai ter filho ou não vai. O marido falou: não vai. Embora contrariada, a mulher aceitou essa "castração". Diga-se, a bem da verdade, que a mulher sempre soube o que o marido pensava, ele nunca escondeu nada.

- Você é uma pessoa que se preocupa muito com você mesmo e com seus probleminhas, dizia a mulher. Eu, por exemplo, sempre fui com você ao médico, ao dentista, cuido de você quando você fica doente. No entanto, nunca sequer passou pela sua cabeça que eu também gostaria que você fosse comigo ao médico. Você tá muito absorvido com sua cuca, não presta atenção em mais nada. Quando coloquei DIU, tinha várias mulheres lá esperando o médico, e todas elas estavam com o marido, só e estava desacompanhada.

O pior é que realmente eu nunca pensei mesmo em acompanhar minha mulher ao médico, embora ela sempre quisesse ir comigo, mesmo que não precisasse. Eu realmente pensava muito em mim mesmo e nos meus problemas, não me fixava nos outros, estava muito dentro de mim mesmo. Sempre pensava nos outros mas em teoria, me aporrrinhava por causa deles, não queria ver ninguém sofrendo, mas nunca fazia nada de concreto para ajudá-los, continuava sofrendo solitário dentro do meu mundinho. Preferia sofrer com as ditaduras do mundo inteiro do que pagar 13° pra minha empregada, que aparecia duas vezes por semana e que, quando pedia aumento de ordenado, não recebia resposta. Apesar de gostar muito de minha

mulher, também pensava mais em mim do que nela, e sempre quis continuar desse jeito parasita que sou, protegido por outros e sem precisar corresponder. E me achava bom marido, pois nunca bati nela nem nunca pensei em matá-la. Queria que as pessoas me entendessem, mas quase nada fazia para entendê-las.

- Até já desisti, dizia a mulher. Queria modificar certas coisas em você, mas não deu. Só consegui fazer com que você se vestisse melhor, se preocupasse mais com sua aparência, com sua saúde. Você antigamente parecia caveirinha.

Aquele dia ele ficou triste. Foi despedido do emprego, então ela não disse nada, apenas comentou como o mercado de trabalho estava difícil. O rosto dela ficou preocupado, ela então falava as coisas de modo mais formal, sem aquela intimidade costumeira entre marido e mulher. Também acredito que ela procedia desse modo porque eu não dava nenhuma impressão de estar preocupado com o novo desemprego. Como sempre, eu sentia certa apreensão, mas não chegava a ficar preocupado, pois sempre costumava aparecer alguma coisa, os amigos sempre me acudiam, mais cedo ou mais tarde. Seja como for, eu sentia toda aquela formalidade de minha mulher, e isso me feria. Na verdade, eu queria apenas que ela me consolasse com palavras, que me animasse, me desse força e apoio, que me ajudasse mais essa vez, até eu encontrar outro emprego. Mas ela ficava calada e formal, sem qualquer brincadeira, dessas que acontecem entre marido e mulher. Certamente devia estar preocupada, coitada! Mas não sei se essa preocupação poderia impedir dela me consolar com palavras, já que eu faria o mesmo se ela estivesse em situação semelhante. O silêncio e a formalidade dela me feriam, em que pese eu ser uma pessoa doentia de tão vulnerável. E ela não falava mais no meu desemprego, apenas perguntava que hora eu queria almoçar, se eu ia comer primeiro pra depois beber, coisas assim. Então, como numa hora dessas eu não podia contar nem mesmo com minha mulher, então eu ficava ferido lá por dentro e sofria calado, masoquista, procurando manter aparência de gente superior que acredita em si mesmo e que não se abala. E deixava um dia correr por cima do outro, já que não havia outro modo.

- E o quê que você queria que eu falasse? Só ganho dois mil. Sozinha não dou conta mesmo. Só de aluguel desse apartamentinho conjugado vai mais de 500. E a conta do telefone? E a luz? E essas taxas todas que a gente tem de pagar? Só de aluguel e comida a gente já gasta quase tudo o que ganha. Acho até que você precisa beber menos, gastar menos nessa bebedeira toda. E parar também com essa mania de gorjeta: onde se viu dar cinco de gorjeta?

A "bebedeira" do marido era só sábado e domingo. De segunda a sexta ele não bebia nada. Por isso ficava puto da vida quando a mulher falava em bebedeira. Porra! Bebedeira era antigamente, que eu bebia todo dia, cachaça e cerveja, cachaça e cerveja, cachaça e cerveja, era foda. Mas hoje. Bebedeira! Será que não posso beber sossegado nem nos fins de semana? Porra! Chamar isso de bebedeira! Cara que nem eu, que só bebe fim de semana! É chato, porra!

A mulher também não tinha assim total segurança no marido. Gostava dele, os dois formavam um casal comum, com essas briguinhas que acontecem com todo casal mas que duravam pouco, a julgar pelo que acontece com muita gente por aí. De um modo ou de outro, viviam bem, sentiam necessidade um do outro, um apoiava o outro quando podia e, seja como for, não queriam viver separados. E tocavam a vida pra frente, fazer o quê! A mulher achava o marido um cara encucado, sujeito que pensava mais do que devia, pelo menos para o gosto dela. Ela gostava de pessoa inteligente e que sabia das coisas, mas não precisava exagerar, né? E o marido também era estoico, sabe como? Duas vezes a mulher ameaçou sair de casa por causa de discussões, e o marido não falou absolutamente nada, apenas ficou olhando pra mulher de modo triste mas sem fazer um único gesto para impedir a mulher de ir mesmo embora. Era como se ela estivesse torcendo pra que acontecesse alguma desgraça e ele não precisasse pensar mais nisso. Mais tarde, quando a mulher perguntou por que o marido não reagia, ele disse: você é livre, não posso te impedir de fazer nada, mesmo que me magoe. A mulher ficava puta com essa racionalização toda, essa frieza, esse tom de "gente superior". Então ia sempre na casa dos pais dela, no sul de Minas, mais ou menos de dois em dois meses. Ela se sentia segura

junto com a família e com os pais e tinha medo que o marido pudesse lhe faltar de uma hora pra outra. Podia contar sempre com a família, mas tinha medo de, de repente, não poder contar mais com o marido.

- Afinal, defeito todo mundo tem, né? E, apesar de tudo, a gente se ama.

Pior é que não posso falar muita coisa contra minha mulher não, ela quase sempre tem razão. Então fico arranjando desculpas pra me justificar: nasci torto, se forem consertar me quebro todo! Mas sem sacanagem: a gente alimenta certos cacoetes e depois é difícil se corrigir. Mas, se consegui parar de fumar, por que não posso conseguir outras coisas?

Outra coisa que a mulher achava chato no marido era que ele raramente tomava iniciativa em questão de sexo, a mulher é que tinha de provocá-lo, ficar se esfregando nele pra ele desconfiar o que ela estava querendo. A média dos dois era duas vezes por semana. Se não fosse o trabalho, talvez pudessem meter mais, quem sabe! É que, quando iam pra cama, já estavam cansados e tinham que acordar cedo. O marido havia sugerido: e se a gente marcasse certos dias da semana pra meter? A gente podia trepar mais vezes, não? A verdade é que o marido se deixou apanhar pela mulher quando eram "noivos", deixou que ela fosse tomando todas as iniciativas. Quando percebeu, já estava vivendo com ela. E gostava de viver com ela, gostou de ter sido "apanhado". O marido era tímido e desajeitado, a mulher que o ajudou a ficar mais descontraído. Ela e a cidade. Porque a cidade era bem mais descontraída que Minas. Antigamente, o marido pensava que mulher alguma poderia modificá-lo, achava até ingenuidade as mulheres pensarem desse jeito. Atualmente, o marido já acredita que mulher pode modificar o homem em muita coisa, pode ajudá-lo a ficar menos estúpido. Ele, pelo menos, sofreu (gozou) a influência da mulher. E, apesar de suas neuroses machistas, estava satisfeito com as modificações.

Marido e mulher não eram casados no civil nem no religioso, não tinham religião. Se encontraram como estudantes na faculdade, se gostaram e foram viver juntos. A mulher usava aliança, o marido não. Como bom escritor, o marido pensava muito em sacanagens com

garotinhas, só tinha preconceito contra velhas de 60 anos pra cima. Mas se comportava "decentemente", já que era mineiro. Falava tudo com a mulher e gostaria de fazer muitas sacanagens com ela, experimentar tudo. Mas os dois já estavam numa idade assim em que vão se acomodando em vez de partir logo pra ignorância. Então o marido olhava inquieto as mulheres na praia e na rua como se estivesse saboreando filé com fritas, aquelas posições todas. Apesar de toda essa onda, no entanto, o marido era fiel, por comodismo ou por qualquer outro motivo. E tinha medo de virar corno manso. A mulher também era fiel, pelo menos o marido não era de pensar nesse tipo de assunto. Não sabia até quando continuaria a ser fiel, a pessoa nunca sabe. Simplesmente, deixava o barco correr. E quando os outros não acreditavam na fidelidade dele, ele fazia uma cara sacana de infiel e deixava que os amigos continuassem na dúvida ou na certeza. Simplesmente não insistia na conversa. Afinal, é comprometedor sair por aí proclamando que é fiel. O marido até ama a própria mulher, mas isso não é coisa que se proclame.

Como se chamasse a atenção do marido para ele não esquecer, a mulher sempre lembrava, num tom assim provocativo:

- A gente, que é dona de casa, tem duas profissões: lá fora e aqui dentro. E aqui dentro a gente trabalha de graça. E você ainda reclama que tenho três meses de férias por ano e posso faltar três vezes por mês porque sou professora. Mas por que você não pensa que trabalho o ano inteiro em horário integral, pois tenho que cuidar de você também? Será que homem sempre tem que ter uma mulher pra cuidar dele? Será que não sabe fazer nada sem mulher?

Na verdade, o marido não reclamava, apenas brincava com a mulher. Também concordava que mulher tinha trabalho dobrado e o homem só trabalhava fora. Mas, diabo, tenho culpa se a sociedade é machista? Tenho culpa se as mulheres me educaram no machismo? E nessa altura dos acontecimentos, o que pode fazer um macho viciado como eu? Ou eu estaria apenas me justificando? Não sou contra mulher, nunca fui, só não quero que me encham o saco com esse negócio de feminismo. Não quero ninguém contra ninguém, quero todo mundo junto, em paz. Mulher também não pode ser porca



chauvinista, porra?

- Mas quem toma conta da casa é a mamãe aqui, né?

Antes de viver comigo você sabia disso, mas só agora é que resolveu reclamar, como se eu fosse culpado. Enquanto solteira, não fala nada. É só casar e investe contra a gente.

- Não estou dizendo que você é culpado, meu querido, quero apenas que me ajude mais em casa, não precisa engrossar essa voz.

- Lembra aquele dia que eu cheguei de viagem e vi que você não tinha arrumado a cozinha nem estendido a cama? Fiquei furiosa mesmo! Só porque bebeu suas cervejas, esqueceu de limpar a casa? Desculpa mais besta!

- Pra mim, homem que não divide todo tipo de serviço em casa é machista, não interessam as teorias a favor da mulher. De quê que adiantam suas teorias?

Como escritor, o marido teria tempo de dividir todo serviço de casa com a mulher? E se a mulher fosse escritora, ela teria tempo de dividir todo serviço de casa com o marido?

As discussões eram constantes: em tempo de calor era pior. Mas a verdade é que realmente um precisava do outro, e o marido sentia segurança na mulher, que era mais decidida, mais prática, mais objetiva. O marido sonhava demais, ficava desligado, como um inútil.

- Pra você ver como são as coisas. Você enche a cara, vem pra casa com aquele cheiro de cachaça e cerveja, e eu tenho que aguentar. Quando não bebe, come cebola feito doido, e é duro aturar um homem cebolento na cama da gente. Pior é que não escova dente direito, parece criança.

O que o marido poderia fazer para evitar brigas e discussões? Parar de comer cebola? Parar de beber? Escovar os dentes três vezes ao dia? Nunca mais peidar?

Porra! Um homem tem direito de se divertir, de beber sua cervejinha com os amigos no buteco, se descontrair um pouco. Essa mulher às vezes não dá pra entender, às vezes é difícil viver com ela. Não sou um cara perfeito, nunca fui, mas também não sou um besta qualquer. Há coisas nela que realmente não entendo. Um dia, ela pegou o álbum de retrato e falou que achava engraçada essa

ideia de fazer álbum, já que não ia ficar pra ninguém, pois a gente não tinha filho. Ela perguntou: quê que adianta fazer álbum se não vai ficar pra ninguém? É o tipo da coisa que não entendo, por isso fiquei quieto, me mortificando por dentro. Outro dia perguntei se ela era professora do 1º e 2º graus, ela ficou puta da vida comigo, disse que já havia explicado isso pra mim não sei quantas vezes e eu não lembrava, que eu não me interessava pela profissão dela.

Ela também não aceitava esse tipo de pessoa que não pergunta nada sobre a gente, não se interessa pelo que a gente faz, pelo que a gente é. A gente conversa com a pessoa e a pessoa nem quer saber da vida da gente, só fala de si, não admito isso, não mesmo.

- E vê se não esquece de jogar o lixo fora, tá? Detesto casa suja!

- Esqueço não.

## NUMBER NINE

NUMBER NINE NUMBER NINE NUMBER Nine NUMBER Nine NUMBER nine  
NUMBER nine NUMBER nine NUMBER nine NUMBER nine Number nine number  
nine

"Literatura? Mas, minha querida senhora, a literatura não existe. O que há é a vida, de que a política e a arte participam. E eu sou um homem que vive. É tudo. Um homem que vive a sua vida, nada mais." (Balzac, citado por Henry Miller)

number nine number nine number nine

Lembro que, quando eu era pequeno, minha mãe me mandava visitar os parentes ricos na hora do almoço, porque lá em casa nunca havia comida que desse pra todos. number nine number nine

Era bonito aquilo, ver as pessoas coloridas, simplesmente alguém erguendo os olhos para o céu de noite e vendo estrelas, vendo azul escuro e o escuro protegendo os olhos. Então, depois que ficaram noivos,

number nine number nine number nine

- Olha o cafezinho!

- Não foi nada.

Estalou o dedo e disse:

- Sei! Agora sim.

E NINGUÉM APARECEU

Sônia ouvia, pensava, torcendo pra que tudo acabasse logo e que a tristeza não magoasse tanto. number nine

Ana guinchava

O pai veio de família tradicional, a mãe também.

- Você não é elefante não, bobo!

number nine number nine number nine

Obrigado porra nenhuma! Obrigado. Obrigado do quê?

Depois Henrique foi embora pra casa, disse que ia aguardar o jardim da casa dele.

Pensava assim: tal coisa aconteceu comigo, ou seja, eu fiquei parado ali na esquina e as pessoas e as coisas aconteceram ao redor do meu corpo e principalmente ao redor dos meus olhos.

number nine Era uma casa grande pra duas pessoas, várias vezes eles dormiam ali. Os olhos buscavam, assim, lá no sul havia montanhas demais, embora o mato, o campo e as árvores fossem mais verdes, então olhava, o irmão não se interessando por essas coisas da vista, e ficava sozinho no meio daquilo tudo.

Mas a lembrança de uma pessoa não é a pessoa, é só a lembrança, e a lembrança de uma pessoa é a outra pessoa, não é a primeira pessoa do singular.

Suponho que a mocinha, que estava com Irene, seja amiga de la. A mocinha é preta, mas tem os cabelos escorridos e caindo nos ombros number nine

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO Belo Horizonte 1961/1969 Rio 1996

Zaga nasceu numa cidade de interior. Uma cidade de interior igualzinha às outras, com ruas calçadas e morros. Morava numa casa grande e bonita e tinha seis irmãos.

Jacutinha, no sul de Minas, é uma pequena cidade de interior. Sou eu, Reinaldo.

Os pobres, de terno e gravata, caminhavam na rua e no passeio, convencidos de que estavam cumprindo missão ignorada mas muito importante. O modo de andar, de vestir, de falar com os outros, acusava a condenação deles. As roupas limpas, e as mulheres mais limpas e mais adornadas.

Ele não gostava de ninguém. Quando pensava em amor pensava desse jeito: je n'aime personne, dizendo isso não por esnobismo mas porque Mônica veio dizer que a Stela mandou um abraço bem apertado pra você.

Ela de cabelos compridos soltos, meias pretas e blusa preta e saia escura e blusa de manga comprida e de costas viradas para Renato que vinha para os dois namorados, Felizardo e Maria Tereza.

- Tudo bem?

Pensei:

- Por que você não desabafa com sua mulherzinha?

Ele disse:

- Não sei nada do que tá lá dentro, só vi uma luz pequena piscando o tempo todo e me chamando number nine number nine number nine

Liga a televisão, vó. Tá estragada, meu bem. Você ouviu o jogo no rádio? Vi. A Esmeralda chegou lá, olha! vão jogar palavra cruzada? Não tá no quarto do tio? Sai do banheiro que eu vou tomar banho.

Em minha casa há uma privada à minha disposição - para quando eu estiver com dor de barriga. Quando digo que não quero nada com ninguém, estou dizendo que quero tudo com tudo e com todo mundo.

B E A T L E S, um dos maiores acontecimentos do século 20. John Lennon number nine Paul McCartney number nine George Harrison number nine Ringo Star nine

Dei um beijo no maço de cigarro como se beijasse uma fêmea.

"O significado e a finalidade da dança é dançar." (Alan W. Watts)

Viu esse cara? Foi amante da minha mãe! Tenho nada com isso. Tou fazendo um trabalho com ele, vão ver se dá algum dinheiro.

Humberto, Valdir e Renato conversavam sobre a situação da poesia e do conto na literatura brasileira, com implicações na vida do sujeito. Mauro se mandou pra São Paulo e Humberto ficou no lugar dele lá no Suplemento.

- O fundamental na mulher é simpatia.

- Não, retrucou a outra, isso de simpatia é muito duvidoso. Eles chegam e dizem: você é muito sim-pá-ti-ca, como se estivessem insultando.

Geralmente Renato chegava em casa, jantava e ia direto pro quarto, a sagrada família ficava ouvindo televisão e novelas. A cara no espelho dava piedade e sono. A barba não muito crescida e o rosto chupado. Aquela cara no espelho era a cara dele, troço meio gozado. Lábios rachados, toda hora mordendo os lábios, tirando pedacinhos da pele.

- Puta merda! Se eu não fosse casado, vou te contar. Vi uma menina na rua mas boooa toda vida.

grito eu e engasgo com a saliva

A mesa ficava encostada na parede, havia cadeira para quatro pessoas. Lúcio, Renato, Sérgio e Roberto acomodaram-se na mesa e procuraram o garçom com os olhos. O portão era de ferro, dissimulando a ferrugem que, com o tempo, mostrava uma cor azeitonada e áspera. Qualquer nome provocava uma sensação esquisita dentro dele, uma sensação de esmagamento, desalento, de entrega. Estava sentado no quarto desde a época dos primatas e muito antes deles, e continuava sentado no quarto depois das viagens espaciais e muito além delas.

- Casamento é uma bosta! dizia a irmã.

Renato riu.

Esses dias lá perto de casa, a mulher de um vizinho meu tava dando banho na filhinha dela de seis meses, quando ouviu um grito. Por mais que eu olhasse pessoas e coisas, minha impressão era a de que só eu existia realmente, só eu era o único exemplar de homem no mundo, e os outros eram uma coisa que eu não podia compreender, porque a compreensão estava toda dentro de mim e era como que impossível haver com compreensão fora de mim. Quando ouvi tocar a campainha da porta, pensei comigo que poderia ser meu amigo que vinha trazer dinheiro pelo serviço que fiz. Toda noite o galo canta aqui dentro do meu quarto de estimação. Estou cansado, mortalmente cansado, como dizem os vivos. Tomara que fique muito tempo por lá. Quanto mais tempo, melhor.

Sob certo aspecto, a literatura não seria um fato, mas uma "fatalidade".

- Que você acha desse meu vestido?

- Bacana! Muito bacana!

- Fica com as costas de fora mas tá bem tapadinho na frente. Com o sapato branco fica espetacular. só não sei se o Lamartine vai achar ruim. (Lamartine era o namorado da Maria Lize.)

- Bacana!

Aviões supersônicos, infravermelhos, laser, raios X, radar, micro-ondas, radiotelescópio, televisão submarina, fotografia,

computadores, cintilômetros. O planeta, o sistema solar, as galáxias. O tempo. O espaço. A idade do ter e a idade do ser. TV, rádio, telefone. A incompreensão humana. O anacronismo. A fome e o abastecimento, o subdesenvolvimento, a poluição. Perturbações nervosas e psíquicas. Q ba ton d hu. B to. T...

"Vê a cidade lá embaixo? Ruas, pessoas empilhadas morrendo, copulando, fugindo, nascendo, matando, comprando, roubando, vendendo, sonhando." (Rubem Fonseca)

A cabeça molhada com água suja, o corpo esticado no passeio, saia erguida mostrando a calcinha branca e as coxas gordas. Toda ela era gorda, o rosto gordo, os olhos dormindo ou, pelo menos, fechados, dopados. A polícia tocava nela com um pedaço de pau, como se estivesse tocando numa coisa.

O menino tinha medo de tudo mas queria mostrar que não tinha medo de nada, porque os amigos podiam caçoar dele e ele não gostava que os amigos caçoassem. A boca seca, o gosto amargo da saliva dando tristeza na garganta.

- Você está com câncer?

É proibido falar contra o governo. Porra! Você vai pra cadeia. Teje preso! Caralho! Rancaram os dentes do preso, e sem anestesia. Puta-que-pariu!

- Não adianta fazer nada.

Então é preferível apodrecer? ele perguntou mais para si mesmo do que para o amigo.

number nine

O homem olhava os prédios e as pessoas caminhando entre os prédios, cada pessoa com a mancha esquisita no canto dos olhos.

- Você me ama?

- Sim, eu te amo.

- Só eu?

- Só você.

- O que está te incomodando?

Lá dentro, que tanto pode ser o estômago, o peito ou a garganta, sinto a físgada costumeira. Renato olhou o próprio rosto e não achou graça, ninguém acreditaria que ele não achou graça.

- Quando fico desse jeito, só mesmo tomando bolinha pra

melhorar. sine qua non

Caso 1. O rapaz não aguentou a tentação e comeu a irmã.

Não tenho a mínima noção do que vai sair, se é que vai sair alguma coisa. É que ele se colocava diante das coisas, como um vazio diante de outro vazio. morituri te salutant nine nine nine literatura? depois disse era uma casa e tinha seis irmãos sou eu à minha disposição o fundamental grito eu sob certo aspecto fica com as costas de fora o corpo esticado no passeio morituri desse jeito te salutant

#### GOOD NIGHT

Ela, Beatriz. Eu, Reinaldo. Apenas bons amigos, como costumavam dizer sempre que nos viam juntos, com aquela risadinha de gozação. No entanto, Beatriz e eu éramos realmente grandes amigos, e isso havia muito tempo, desde quando nossos amigos aqui do Rio ainda não nos conheciam, pois morávamos em Belo Horizonte, onde ficamos durante 15 anos. Beatriz e eu nos conhecemos em Ouro Fino, uma cidade do interior, no sul de Minas, ela e eu nascemos lá quase no mesmo dia e na mesma hora. Nasci dia 13 de julho, às 2 horas. Ela nasceu dia 12 de julho, às 3 horas. Nascemos na Rua Treze de Maio, ela no nº 214, eu no nº 210. E nunca nos separamos desde que nos vimos pela primeira vez, aos dois anos de idade. Posso até dizer que se trata de vidas paralelas, sempre juntas, esperando encontrar-se no infinito. De modo que não havia assim aquele amor entre Beatriz e eu, apenas uma grande afetividade, uma grande amizade, como se fôssemos dois irmãos muito queridos, tão queridos que até hoje nem ela nem eu conseguimos namorar ninguém por muito tempo, pois nenhum namorado suporta essa nossa amizade, que, para eles é profunda demais para ser apenas amizade.



## POUR ELISE

Sempre brinquei com você, dizendo que sua maior qualidade era ter gostado de mim e me amado muito. Você ria, já sabia que era brincadeira de minha parte. Porque, afinal, também acho que uma de minhas maiores qualidades é ter gostado de você, te amado, assim como quem ama a si mesmo. E demorou pra que a gente chegasse a esse ponto, assim, de tentar viver juntos, até quando durasse a eternidade. A gente faz força pra que dure sempre, não é isso? Mesmo que a eternidade seja apenas uma fração de segundo, o instante preciso de um relâmpago que cega a gente com aquela claridade toda. Verdadeiro espetáculo, sem dúvida!

Você não é assim bonita como a Vera Cher, artista que você também admira como padrão de beleza. E eu também não sou bonito como o Mário Segom, com quem você se encontrou uma vez no elevador e ficou muito admirada, você estava comigo. Mas acho que nós dois somos suficientemente bonitos porque temos qualquer coisa de especial conosco, não apenas o corpo, mas essa aura que toma conta do nosso corpo e me garante que você me ama e que eu te amo e que nós nos amamos. Além do mais, as pessoas sempre me dizem que tenho charme, como quem dissesse: você é feio, mas muito inteligente! Careca, mas sabe das coisas! E quando digo pra você que realmente acredito no meu charme (que não é assim tão irresistível como eu pensava), então você ri muito e me pergunta: quem é essa pilantra que te acha charmoso? E você brinca desse jeito: eu furo o olho dela, hem!

Você ri não porque não me ache charmoso e lindo (você só vê qualidades em mim, mesmo reconhecendo meus defeitos), mas porque não quer repartir meu charme com ninguém. E, afinal, também não quero repartir você com ninguém, quero que continue gostando tanto de mim que seu pensamento não tenha tempo de se fixar em outro (que pode perfeitamente ser muito melhor do que eu, não nego). Mas você me ama, não é isso? Então estou garantido, você me garante. E você também está garantida porque te amo.

Prefiro você usando os cabelos desse jeito, alisados no cabeleireiro, depois você enrola e ajeita direitinho, ele fica bonito, seu cabelo fica macio. Você disse que só pode alisar o cabelo mais ou menos de três em três meses, para não forçar muito, senão prejudica. Se bem que gosto de seus cabelos curtos também, tipo afro, você fica com o rosto mais jovial. Unhas dos pés e das mãos de quanto em quanto tempo você acha que precisa cuidar? O esmalte na unha sai logo, não? Também, você mexe na cozinha, lavando pratos, enxugando, fazendo comida, então o esmalte sai logo. Eu ajudo na cozinha, principalmente sábados e domingos, mas quem faz quase tudo mesmo é você, você toma conta de tudo. E tomar conta de tudo cansa e irrita, né? Ainda bem que o apartamento é conjugado, não demora pra limpar nem suja muito, pelo menos em relação a apartamentos de dois ou três quartos, lógico! Afinal, somos só nós dois aqui em casa, não? E, além do serviço da casa, você ainda dá aula de manhã na Ilha. E no ano que vem vai dar aula também em Niterói e numa escola particular, na Tijuca.

Quando a gente comprar apartamento, a gente vai ter empregada também, se der, porque não gosto de ver você se matando na cozinha, nervosa. Você gosta é de ler, de lidar com artesanato, então a gente vai ver se você pode fazer isso, enquanto também fico lendo meus livros, escrevendo, estudando, que é o que gosto de fazer. A gente consegue, você vai ver, a gente sempre acaba conseguindo, mais cedo ou mais tarde. Ou então, a gente pode sempre viver em função desse pensamento positivo, já que o negativo não leva a nada mesmo, né?

A gente pode comprar um bom apartamento aqui mesmo no Leme, sabe? Não sei quando nem como, mas pode. Um apartamento com telefone, você gosta de telefone, acha que telefone é uma coisa útil, também acho. Você disse que, com telefone em casa, posso avisar pra você quando é que vou chegar atrasado, se vou ficar bebendo um pouco com os amigos ou não.

A propósito, você até me perguntou aquele dia se acredito mesmo que ele é meu amigo, se posso realmente contar com ele. Eu disse que sim, que acredito, que ele é meu colega, embora não seja muito de fazer favores para os outros, mas o cara é aluado mesmo.

Mas acredito nele, ou quero acreditar, é bom acreditar nos colegas e amigos da gente, não?

O apartamento a gente compra através do banco, não? Não, banco não, não vamos passar a vida inteira pagando apartamento. Você é professora e pode levantar algum dinheiro. Sou jornalista e arrumo mais algum. A gente já está com mais de 10 mil na poupança. A gente dá um jeito. Se a gente pudesse, comprava logo esse conjugado aqui em que a gente tá morando, deve valer ai uns 60 mil, depois então a gente vendia esse e dava entrada pra um melhor. Porque comprar apartamento por esses sistemas aí é uma perda total de tempo e dinheiro.

Você se lembra bem daquele cara que comprou um apartamento para pagar em 15 anos? Passados os 15 anos ele foi informado de que havia ainda um saldo devedor que ele tinha de pagar, a dívida seria paga em 25 anos, com juros e tudo. Quer dizer: não queremos cair numa dessa de jeito nenhum! Mas será que há outro jeito?

A gente vive bem aqui, dentro do possível. O dono do apartamento não explora nem amola. A gente ganha um salário que tem dado até pra diversões, afinal somos só nós dois aqui no apartamento. A Cida, mulher do Tião, até fica admirada de ver como é que cabe tanta coisa nesse apartamento pequeno. Não chega a ser quitinete, mas é pequeno. Pequeno, mas bem arrumado. Não é pra menos, você e eu somos organizados e então a gente arruma as coisas direitinho, dentro do pouco espaço disponível. Tenho minha escrivaninha, minha estante. Você também tem sua estante, com discos, CDs, fitas e livros, radiola e televisão portátil, tudo direitinho. As flores ficam aqui perto da janela pra elas aproveitarem a luz do sol. Samambaia chorona sua mãe disse que depois dá uma pra gente, não foi? Porque a samambaia que a gente tem aqui não é chorona e até hoje não resolveu crescer ainda. Mas cresce, com o tempo ela cresce, a gente gosta dela. Samambaia chorona é mais cara, não? O Sérgio tem umas plantas bonitas lá no apartamento dele, viu? Você disse que a grande vantagem do apartamento do Sérgio é que ele é todo iluminado, e ali em Laranjeiras é silencioso, o único problema é ser assaltado de noite. Aqui no Leme acredito que é mais difícil ser assaltado,

será? Lá na Glória, onde moram o Tião e a Cida, acho que também deve ser difícil ser assaltado. Não sei, é só o que acho.

Essa penca de dinheiro também não vai pra frente hem! Não é penca de dinheiro não, meu bem, é dinheiro em penca. Essa planta ela acompanha a vida das pessoas, se a pessoa tiver dinheiro ela cresce. Então aqui em casa ela vai demorar pra crescer! As que mais resistem são as jiboias. Planta é bonito, tem que tomar cuidado. Diz o Sérgio que ele mesmo cuida das plantas lá da casa dele. Aqui em casa você e eu cuidamos, duas ou três vezes por semana mais ou menos, dependendo se é inverno ou verão. Às vezes você reclama que elas morrem, não crescem, ficam com as folhas secas ou comidas por bichos. Mas a gente tem que cuidar sempre pra que elas resistam. Não é assim com todo mundo? Sua mãe dizia que planta boa mesmo pra apartamento são as que não prestam, quer dizer, são essas que não precisam de muito cuidado, é só botar no vaso e elas crescem.

Por falar em sua mãe, no fim do ano, quando a gente for passar o ano novo na casa de seus pais lá no sul de Minas, vou pedir pro seu pai me fazer mais duas ou três calças. A gente agora compra também mais camisa, tem que se preparar pro verão. E mais três cuecas. Acho que dá. Sua saia você já mandou a costureira fazer? Tem que comprar biquíni novo também, tá? E não esquecer das bijuterias que você ainda precisa. Até o fim do ano vamos ver se a gente consegue comprar um relóginho pra você, daqueles que têm algarismos romanos, que você gosta.

Lembra? Você sempre chega e pergunta se gosto de você, ou então pergunta se você gosta mesmo de mim, por quê. Então cada um fica explicando uma porção de coisas pro outro ali na cama, você diz que gosta de pessoas que sabem das coisas, então digo que gosto de ser assim protegido e cuidado por uma pessoa como você. Então a gente fica se beijando, se abraçando, se tocando, assim como costumam fazer as pessoas que acreditam que se amam de verdade, apesar de tudo. Eu, pelo menos, me sinto bem quando estou com as mãos em suas coxas, gosto de sentir o calor e o volume de suas coxas, gosto de ficar deitado no seu colo, você sabe disso. Gosto dos teus seios que, para mim, têm o tamanho exato do meu

desejo. (Parece poesia, porra!) E beijo também suas costas, você gosta que eu beije suas costas, você acha que costas são uma parte bonita do ser humano. E gosto do seu umbigo, enigmático. Gosto daquela tua abertura entre as pernas, ela é bonitinha.

Então a gente se gosta e fica se tocando como se estivesse se queimando - tuas mãos em mim, me segurando, me apalpando, me fazendo crescer e respirar. Então você põe suas pernas sobre meus ombros, e nós nos penetramos. Depois ainda vêm dizer que o animal fica triste depois. Não acredito. Nem você acredita. Como é que pode ficar triste quando está fazendo uma coisa gostosa com uma pessoa que gosta da gente e a gente dela? Tanto é que depois a gente fica mais relaxado e dorme melhor. Você diz: boa noite, bem. E eu digo: boa noite. E logo estamos roncando.

Você levanta cedo, às cinco horas, tem que dar aula. Então aproveito, me levanto logo depois, vou à praia fazer ginástica e dar uma corridinha, volto, tomo meu banho, leio o jornal e fico estudando até meio dia, quando você chega e me prepara o almoço. Trabalho de tarde. Você me leva até o ponto do ônibus e vou pro jornal. Você faz uma porção de coisas, providencia tudo, os pagamentos, as compras, tudo. Às vezes deixa pra fazer algumas compras no sábado, que é quando posso ir com você. Aí a gente compra livros e discos, e de tarde vai ao supermercado fazer as compras da semana ou do mês. De noite a gente vai logo ali no Cinema I assistir Se Segura, Malandro, do Hugo Carvana, você gosta de comédia, sente muita falta em comédia, nós gostamos muito do Woody Allen. Tem um filme dele, não sei qual, que você até chorou de tanto rir, acho que foi aquele que ele faz papel de espermatozoide. Você ainda não conhece mas, quando passar aqui os filmes do Jacques Tati, nós vamos, o cara é muito bom, você vai gostar dele.

Agora, é só a gente esperar que não deve demorar muito. Com o dinheiro que você e eu estamos ganhando este ano é quase certo que podemos dar entrada para aquele apartamento que vimos na semana passada aqui na Ribeiro da Cesta. Uma loteriazinha também ajuda, né?

Você ria muito, lembra? Quis contar pra todo mundo,

principalmente pra sua família. Finalmente a gente ia morar num apartamento decente, viver mais folgados. Você fazia planos, pulava de alegria, toda hora me chamando de bem. Foi quando te acordei muito a contra gosto e disse que não adiantava sonhar tão alto, que era preferível continuar com nosso amor de sempre, nossa fraçãozinha de segundo, tudo isso. Era pouco, mas estava garantido. Perecíveis, é verdade, mas eternos. Melhor do que ficar sonhando.

## LINHA 121, COPACABANA

Machado de Assis costumava passear por esses lados, sempre vestido a rigor, como era costume naquela época. Mas isso foi há muito tempo, antes do começo do século 19. Hoje Machado de Assis no passeia mais por aqui nem se veste mais a rigor. Em compensação eu venho todo dia por esses lugares que chamam de Gamboa, Santo Cristo, Saúde, sei lá, um nome desses (ou todos eles), não porque eu queira recordar os tempos em que Machado de Assis vivia por aqui, mas é que o lugar onde trabalho fica aqui mesmo na Rua do Livramento 189, 8º andar. (Sou jornalista. Sou escritor também. Sou jornalista porque a profissão mais parecida com escritor é jornalista. Pelo menos desse modo que penso agora.) O Ônibus passa em frente do jornal, por isso que pego esse ônibus que passa em frente do jornal. Pego o ônibus na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Linha 121. Moro ali na Rua Sá Ferreira, sabe onde? Logo depois do túnel da Barata Ribeiro sobe à direita, um meio termo entre Copacabana e Ipanema, por isso que dizem Copanema. Aliás estou escrevendo um livro de contos e vou colocar esse título, de Copanema.

As casas da Livramento são de construção do tipo antigo, de quando Machado de Assis passeava pelo cais do porto à procura de Capitu, que costumava se esconder nos lugares mais estranhos. Naquele tempo o cais do porto era importante e bem frequentado, hoje não, hoje é suspeito, escuro, poucas luzes para acentuar a escuridão. Fica ali perto da estação rodoviária Novo Rio, às vezes eu pego o 127 (quando levo alguém à rodoviária) e vou até Copacabana onde moro, não posso reclamar, sou bem servido de ônibus e táxis. Se reclamo, mais por um problema de esnobação, talvez porque sou escritor. De noite é difícil pegar táxi porque eles não passam pela Rua do Livramento, tenho que ir a pé até a Rio Branco pra conseguir alguma coisa. Geralmente tem algum amigo que me leva de carro até em casa ou até certo ponto. O principal é tirar a gente daquela região não muito convidativa e com cara de poucos amigos, apesar de iluminada. Mas até agora eu tive sorte,

nunca fui assaltado nem assaltei ninguém, mas não deixo de prestar atenção em coisas e pessoas quando ando por ruas desse tipo isolado.

Sônia:

- Você nunca falou nada a meu respeito?

Costumo entrar de tarde pro jornal, às quatro horas mais ou menos, almoço entre três e cinco horas ali no Bar do Professor, casado com Donana. (Ela era Dona Ana, mas acabaram chamando ela de Donana, fica mais fácil.) De manhã vou na praia, de preferência no Posto 6, é mais calmo. Uso óleo, é bom, não deixa descascar, a gente fica curtido, a Neuza mulher do Décio é que falou pra eu usar esse óleo, é produto macrobiótico, comprei no Lido, na Frigete. Depois do banho passo óleo na careca, no nariz e um pouquinho no rosto. O calção é preto, comprei dois da mesma cor, o saco e a bunda ficam mais salientes. Uma vez perdi as chaves do apartamento que vão comigo na praia, então comprei alfinete e agora prendo a chave no alfinete e espeto na camisa, não tem perigo de perder. Não costumo levar toalha na praia nem em lugar nenhum, alfinete você compra aquele de pressão pra não escapar, conhece? É que uma vez eu passei o domingo todo na praia com o Veiga e o Paulão, e a gente ficou bêbado, então não sei o quê que aconteceu, só sei que cheguei em casa depois das seis da tarde e tive que pedir pro zelador do prédio pra ele pular da janela do apartamento vizinho pra janela do meu apartamento. O zelador pegou outra chave que estava no meu escritório e abriu a porta pelo lado de dentro, depois eu mandei fazer mais duas chaves, é sempre bom ter chaves de reserva, também porque Sônia e Solange podem precisar delas pra alguma coisa.

- Você nunca falou nada a meu respeito.

É difícil não ter lugar no ônibus quando pego, o ponto final é logo perto de casa, e eu sempre vou sentado, geralmente posso até escolher o lugar: se vou de tarde (quase sempre vou de tarde), fico na janelinha do lado direito; se vou antes do meio dia (coisa que quase nunca acontece), fico na janelinha do lado esquerdo, não gosto de ficar no lado do corredor, as pessoas ficam esfregando na gente como se estivessem com sarna, mulher até que passa, mas tem



uns caras que ficam roçando na gente, e se o espaço é pequeno porra então que se encolham como eu faço, eu nunca me esfrego em homem caralho! É por causa do sol: ficando desse jeito o sol não me pega, fico menos quente. Se quisesse, poderia pegar outros ônibus que passam por perto da Livramento, mas é que o 121 passa na rua em frente do jornal. Parece também que me acostumei com a cor do ônibus, com o número e com os lugares por onde ele passa. Até a cor das poltronas me faz bem, ou não me faz mal. Pago 50 centavos por viagem, é barato. Pago, passo na roleta e sento no meu lugar. Ou sento num lugar antes da roleta. Então fico olhando da janelinha, comendo a paisagem com os olhos e portanto com o cérebro, pensando uma porção de coisas que a paisagem vai me provocando, embora essa paisagem já me seja familiar. Meus óculos são escuros, troquei de óculos que comprei à prestação na Óticas Lisbra, agora uso óculos escuros só na praia, por causa do sol violento, como é fácil de se ver. Naturalmente tudo acontece na zona sul, a única zona que conheço - só conheço a zona norte de passagem - também conheço a zona norte quando os caras de lá vêm na praia de Copacabana: saem cedo de casa e ficam até tarde na praia, depois pegam o 121 ou um ônibus qualquer que passe perto da Estrada de Ferro, então pegam o trem pro subúrbio, depois trabalham a semana inteira e, se não chover, voltam na praia no próximo domingo. Não precisa nem ser adivinho, entra todo mundo no ônibus com aquela cara marrom de subúrbio e são despejados logo ali em frente da Estrada de Ferro, o ônibus fica vazio, o ponto final (ou o começo) é ali perto do Hospital dos Servidores. No sábado à tarde isso também acontece, principalmente com as empregadinhas trabalhadoras da zona sul que vão descansar o domingo em casa.

Eu tenho sorte, mesmo sem ter ganhado na loteria, ou por isso mesmo. Sou burguês, tamanho médio, ganho 1.500 por mês, não preciso fazer muito esforço pra ir à praia que é aqui pertinho de casa, tenho praticamente tudo e, agora, tenho toda uma cidade à minha disposição, a cidade está sozinha e eu também fico sozinho olhando pra ela.

- Você nunca falou nada!

Você precisa ver, ela trabalha feito uma doida no hospital, está no quarto ano de medicina, não quer mexer com esses problemas de parto não, ela quer se especializar em outra coisa, é muito duro ali, gente pobre, sem recurso, não, isso que ela pretende fazer. A Solange. É minha amiga. Quando é que você vai na praia com a gente? Você costuma ficar onde? Em Ipanema você vai também? Costumo ficar no Flamengo porque é mais perto de casa, no Botafogo não dá. É aquela de óculos que veio sábado comigo no jornal, tinha operado a garganta, lembra?

Às vezes as pessoas perguntavam se não era enjoado andar todo dia de ônibus e sempre pelo mesmo caminho, a paisagem ficava conhecida demais. Realmente a paisagem ficava conhecida, mas do mesmo modo como quando uma pessoa se olha no espelho durante muitos anos e começa perceber transformações no rosto e em todo o corpo. Além do mais, não era apenas essa paisagem externa que contava, mas aquilo que estava dentro da pessoa, de certo modo eu é que fazia a paisagem, eu é que transformava tudo. Até as antenas da televisão. Nunca prestei atenção em antenas externas de televisão mas, quando começaram trocar a antena do prédio onde moro, aí então percebi como havia muitas antenas em cima dos prédios, no começo fiquei até incomodado, porque aquilo deixava os prédios feios. Então o ônibus demorava mais ou menos de 30 a 40 minutos para chegar até o jornal e, nesse tempo todo, eu ficava não apenas curtindo a paisagem como também curtindo a mim mesmo, quer dizer, conversando comigo mesmo, dialogando com dois ou mais eus que havia dentro de mim ou, mesmo, dormindo: costumava fechar os olhos quando o ônibus entrava no Aterro e só abria os olhos quando o ônibus parava naquele ponto da Franklin Roosevelt, quase esquina da Antônio Carlos. As variações mínimas entre uma paisagem e outra apenas aconteciam quando eu mudava de lado: no lado direito via uma coisa, no lado esquerdo via outra. E apesar de pouco tempo morando no Rio (porque sempre será por pouco tempo), eu ainda não ficara enjoado da paisagem, gostava de tudo o que via, principalmente da familiaridade que ia sentindo, quase uma espécie de afinidade, a gente se entendendo melhor, apesar de tudo o que brutalizava os sentimentos.

- Ela te achou muito bacana, a Solange.

Em janeiro costumava chover, então o calor não era assim tão forte, ou por outra, a chuva refrescava o calor e entupia as ruas, pelo menos foi o que aconteceu na Copa do Mundo e em outras copas, todo ano a mesma coisa. Não sei bem porquê, mas eu gostava de entrar no ônibus quando estava chovendo. Não gostava de me molhar, mas gostava era de quando eu já estava dentro do ônibus, sem guarda chuva, e podia ver a chuva caindo lá fora, as pessoas apressadas, atrapalhadas com a chuva, e o trânsito engarrafado, a enxurrada entrando dentro das lojas. E eu olhando tudo aquilo, me distraíndo com aquela confusão toda. Então pensava: por que o trânsito fica engarrafado quando chove?

No tempo de natal engarrafava porque era tempo de natal, mas por que engarrafava quando chovia? Era preciso cuidado? Mas cuidado era assunto em que nenhum motorista pensava, o negócio era correr e fazer determinado número de viagens, tudo controlado pelos donos da empresa: em certos pontos do trajeto havia um fiscal controlando as viagens. Às vezes nem chegava a olhar fora da janelinha e apenas ficava olhando para alguma pessoa dentro do ônibus, olhando um pedaço de coxa ou de rosto, tentando descobrir uma ameaça de seios à vista, a bunda bem apertada na calça, e com a cara nem risonha nem carrancuda, apenas olhando, sem maiores comentários, ou simplesmente namorando o vazio, deixando que o vazio fosse criando alguma coisa. Costumava também respirar fundo pra ficar mais tranquilo. Todo dia era assim, mas eu procurava não pensar muito nisso, não sei o que poderia acontecer se ficasse pensando muito. Depois também há uma porção de coisinhas acontecendo em cada minuto do dia, cada uma com um sabor (ou dissabor) diferente. E o mais interessante era que sempre estava acontecendo alguma coisa, mesmo que não estivesse acontecendo nada.

- Você nunca falou.

Sempre saía de casa maquinalmente, embora sentisse as coisas e o asfalto. Passava todos os dias pelos mesmos lugares, menos nos domingos e feriados, saía de casa, descia a Sá Ferreira e atravessava o túnel - esperava a hora em que pudesse atravessar

sem interromper os carros e os ônibus que procuravam sair depressa daquele túnel ali da Barata Ribeiro onde, imediatamente depois, começa a Raul Pompeia, que é uma continuação da Barata Ribeiro. Havia sempre uma porrada de coisas da prefeitura ali por perto na subida pra favela, uma tal de Limpeza Urbana: era proibido jogar lixo ali, só a prefeitura é ,que podia sujar. Então eu descia a rua vendo aquilo tudo, mesmo que não estivesse percebendo coisa alguma. É que eu estava ruminando as coisas, fermentando coisas e pessoas enquanto coisas e pessoas me fermentavam, exatamente assim. Chegando na Nossa Senhora de Copacabana virava à esquerda e pegava o ônibus logo no segundo quarteirão, no passeio do lado direito de quem desce pra cidade, pro centro. Geralmente o 121 demorava um pouco, pelo menos demorava mais do que os outros, talvez porque eu estivesse esperando - o 127 passava mais regularmente ou eu achava desse modo.

É minha amiga, eu vou passar uns dias com ela numa cidadezinha da Bahia, só nós duas, conhece a Bahia? Aquele dia eu não pude ir à praia com a minha amiga conforme eu tinha prometido pra você, é que aconteceu um negócio lá em casa e eu não pude ir junto com a minha amiga, a Solange, fica pra outra vez. Quando eu voltar da Bahia com a Solange você me empresta aquele livro, tá? Vou ler o Goethe enquanto descanso lá na Bahia. A Leda tá querendo ler a Clarice Lispector lá no seu apartamento, pode? Pode, uai! Eu empresto uma chave do apartamento pra você. Você já dormiu uma vez lá em casa, não dormiu? É minha amiga, a Solange, tá no quarto ano de medicina. Mas se fico com o saco cheio até comigo mesmo, fico mais cheio ainda com os outros, sei lá.

Estavam arrumando os relógios da Estrada de Ferro, pintando tudo também. Depois é que vem aquele túnel, não sei nem o nome da rua que dá pro túnel, acho que é Bento Teixeira, parece rua de puteiro, aquela mulherama se expondo o dia todo ali na redondeza, o ônibus entrava correndo dentro do túnel como se estivesse mergulhando numa buceta pública, bem barata. No fim desse túnel velho e sujo o ônibus virava à direita e finalmente entrava na Rua do Livramento, onde fica o prédio do jornal em que trabalho.

Tem a Rua da Gamboa, não tem? Pois logo a outra rua, aquela

ali perto do posto de gasolina, sabe como é que chama aquela rua? Chama Rua do Propósito. Achei o nome pitoresco, sabe como? Rua do Propósito! Ali perto do posto de gasolina.

- Nada a meu respeito.

Sônia:

- Já conhece minha amiga, a Solange?

Usava óculos pra miopia e calça comprida. Quando ria, apareciam duas covinhas no rosto. A voz um pouco grossa, talvez por causa da operação que fez na garganta. Os gestos bem mais calculados que os de Sônia, ou então Sônia é que não calculava direito os próprios gestos. Parecia senhora de si, a Solange, pelo menos apresentava todos os gestos encontráveis numa senhora de si. Sabia manter as devidas distâncias, coisa contra a qual Sônia ainda pecava, embora venialmente. A amizade das duas era que uma preenchia os vazios da outra, e elas se davam bem, Solange de modo mais natural, e Sônia afetada pelos problemas existenciais, quer dizer, ela frequentava psicanalista, Solange não. Solange podia ser considerada bonita, de uma beleza ou simpatia que não agredia, que deixava tranquilo, à vontade. Sônia tinha gestos ríspidos, inquieta, tipo de índia, turbante colorido na cabeça acentuando o ar de índia que ela trazia. As duas eram amigas, a Solange e a Sônia, andavam sempre juntas, programas com os amigos no Bar do Bigode, festinha em casa, cinema, e televisão de vez em quando, quando não se tinha nada pra fazer e havia um programa menos prostituído.

A parte mais bonita era o Aterro, podia ficar olhando a paisagem durante o tempo todo, sempre acabava descobrindo alguma novidade naquela paisagem repetida todos os dias. E tudo estava bem cuidado, e pregados da prefeitura cuidando do verde, apenas as luzes de noite não funcionavam direito, nunca funcionaram. No natal, por exemplo. No natal o trânsito engarrafava principalmente na Nossa Senhora de Copacabana, o mundo todo comprando presentes nas lojas abertas até 22 horas. Eram 40 minutos só pra sair da avenida, mas era bom sentir aquela confusão toda, como quem sente o sangue esguichando das veias. Em outros lugares e em certos horários a coisa dava a impressão de melhorar. Enquanto isso, uma

voz enjoada de criança cantava um verso desse modo: neste natal, lembre-se de mim. E todos compravam presentes, se atropelavam, riam, xingavam os ônibus e os carros, e à meia noite comiam peru e bebiam uísque pra lembrar que Cristo havia nascido, conforme acontecia todos os anos.

- Nunca. Realmente. Você nunca foi de me dizer nada.

No carnaval a festa aconteceu na Avenida Antônio Carlos, deu pra fazer alguma coisa nos feriados. Na Rua São José os pombos coçam piolhos e se misturam no meio do povo que não tem tempo de perceber nada, a não ser quando esse mesmo povo está sentado num dos bancos da rua. Um Tiradentes enorme de costas para a Câmara dos Deputados, solene, escuro, a cabeça suja com bosta de pombo. Logo depois da Primeiro de Março vira a Visconde de Inhaúma e acaba na Estrada de Ferro, lá onde descem todos os passageiros com cara marrom de subúrbio. Alguns ainda estão dormindo, por isso são acordados com o berro do cobrador ou com a cotovelada de um desconhecido. O caminho é o mesmo e, a essa altura, já nem vejo as imagens nitidamente, vejo música, de preferência melancólica. Desse modo me encontro com os colegas, almoço, trabalho, bebo e, se algum amigo não me leva de carro pra casa, pego novamente o 121 ou, quem sabe, o 123 ali na Praça Mauá ou o 127, todos me levam de onde eu saí, numa engrenagem perfeita.

-Você nunca falou nada a meu respeito. Mesmo assim ela te achou muito bacana, a Solange, lembra?

A última vez foi quando saíram juntos pra beber alguma coisa e bater um papo entre amigos. Como sempre, Sônia estava rindo, ficando séria logo depois. Solange se equilibrava perfeitamente com um copo de batida de limão e alguns salgadinhos. Lauro tinha carro e foi por isso que demos um pulo até a Tijuca, num daqueles lugares que só o Lauro encontrava quando bem acompanhado do Lima e do Castelo. Não era preciso preocupar-se com a conversa porque todos conversavam e também porque Lauro gostava de falar e nós sabíamos ouvir. Havia chovido um pouco e então, depois de comer quibe no Beco da Fome, me vi de novo ali na Nossa Senhora de Copacabana, perto de onde moro. Sei que cheguei em casa porque no outro dia tudo estava arrumado, no lugar, apenas a cabeça doía

muito, muito mesmo, parecendo estourar.

- Mas você não calcula como isso me magoa, Renato. Me magoa muito. Tou sentida com você, muito sentida.

## SENÃO VEJAMOS

1 dólar por dia. New York. Caribe. Portais da América. Oriente (se oriente). Depois do índio Pavuna as coisas perdem um pouco o sentido. Sendo que as fontes das contradições internas são apenas duas, isto é,

- É isso mesmo. Não pertencço a nenhum grupo, nenhum ismo, nada.

O acidente ocorreu quando faltavam 45 dias para as eleições, o tempo estava fechado e o avião explodiu depois do choque comigo lá dentro. Algo mais. Nordestinos. Mineiros. Cariocas. Tudo isso. Nesse sentido: esse mistério chamado Minas, essa revelação chamada Rio.

É hora de comprar o melhor papel do mercado.

Primeiro, é preciso que o Brasil fale, que todos os setores da vida nacional A impunidade então Miami, Caribe, Bahia, Flórida. um homem relativamente incapaz

- Eu mesmo já disse coisa pior. Então por que não me processam? dizia Marcílio com o dedo no nariz do colega mais próximo.

É isso mesmo: por que não processam o Marcílio?

Grande festival do carro usado. Recursos, microcomputadores, pós graduação, programação, nutrição. Dólar falso? Ganhe um bom dinheiro.

- Vergonha na cara!

E então, já mandou a carta?

- Claro!

E há um princípio natural de que

Nós, os pequenos burgueses

- Não é brincado a pressão que os países desenvolvidos fazem. E a bagunça nacional, entende como? A ditadura, a democracia.

Essas coisas na vida da gente um dia, tu sabe.

Seguinte; como sair do impasse atual? O que fazer? Preço especial. Abaixo do custo. Povão. Confere você mesmo, pô! E, por



acaso, com eleição direta ou indireta, o Brasil automaticamente entraria na democracia? Os termos da carta são os seguintes:

"Companheiros,

Sorte das cidades pequenas, que sofrem menos, ou gritam menos, não sei, dói menos, talvez.

- Estou achando melhor, a gente pode falar mais, e menos vigiado pela polícia.

Carrão tranco, sujo de barro. 10 funcionários com salários de 7 mil, 30 trabalhadores braçais que ganham salário mínimo. Tiro aí uma média de 9 mil e tou chiando. Pra não dizer que não falei de flores. As rosas não falam. Aquela terrível sensação de abatimento e de impotência, entende como? Uma tremenda duma alegria. A gente querendo fazer

Os inconformados. Rebeldes. A travessia perigosa tinha até ambulância de plantão.

- Só sei que o carro veio na disparada e me pegou direitinho, morte instantânea, como dizem os vivos. Só senti o baque e, pronto, não vi mais nada.

Os pedestres Temos que parar a inflação Quando diz que os soviéticos e americanos continuam a fazer guerra de nervos Suas próximas férias no motel poderão ser muito diferentes Uma sucessão como as outras Porque

A polícia veio e mostrou os mapas dos 70 maiores pontos de drogas da cidade: os lugares preferidos são morros, favelas, bares e conjuntos habitacionais.

- Pô, meu, mas esse país é uma droga!

Riu do trocadilho do fulaninho só mesmo pra não perder o papo. Miriam, coitada, agora é obrigada a viver escondida com o filho. Sônia também vive escondida, com medo. Emenda pior. Confere você mesmo, a prazo ou à vista ou qualquer merda desse tipo, mas confere. Carro, casa, televisão, geladeira, som. Bonsucesso.

- É só ver no caderno dos classificados!

- E a natureza que se dane!

Pior é que quem mais assalta ônibus aqui no Rio são menores.

O máximo que podia ter era uns 13 anos: não fumava cigarro, só maconha. Dormia num canto do passeio. Só comia quando tinha

dinheiro. Tava todo por dentro da malandragem, parecia já ter 50 anos de malandragem o sacana, aquela onda toda.

Água mesmo que é bom só em carros de bois ou caminhão fica a turma toda ali na estrada mulheres e crianças pedindo esmola pra quem passa de carro.

- Meu Santo das Chagas de Jesus, já chega de seca. Meus filho tão morrendo de fome. Por piedade, meu São Francisco, faz chover de novo, já paguemos nossos pecado.

No Rio chovia desde agosto, todo mundo puto da vida, querendo sol e praia. Helena resmungava: sem sol eu não sou nada! Bom gosto, qualidade e descontos de até 25%. Melhor aplicar em apart-hotel. Ninguém aguenta.

- Também concordo. Não pode ter filho assim sem mais nem menos não.

- Aborto? Nem pensar! Sou crente.

Sol com n voa, vento e água fria. Mesmo assim, começa a melhorar. Aparecem os turistas, mais dinheiro, altas transas, muitas gatas.

Carro estacionado no calçadão da Atlântica: se Deus não perdoar os ladrões, ficará sozinho no céu.

Paga-se à vista.

- Logo hoje que cheguei e já começou esse arrocho aqui no aeroporto?

É. Tão vistoriando tudo, não perdoam ninguém.

Os horrores de todas as guerras, as armas nucleares, milhões fazendo passeatas contra armamento, mísseis na Ásia, as metralhadoras da morte, afinal

então pergunto pra mim: e você, o que que faz?

Irã-Iraque, China, dissuasão, economize até 5.319, por que não? E a Nicarágua, rapaz? Você precisa se ver num carrão. A CIA hem? Proporções imprevisíveis. Lá fora, milhares protestavam contra a falta de verbas para a educação. O FMI hem? Pacto militar anticomunista. Os Estados Unidos, por outro lado, parecem estar pressionando

- Mas o que os Estados Unidos mais fazem é pressionar! Não

vejo por que esse espanto todo a essa altura!

- E quem disse que eu falei que eu tou espantado?

O franquismo está morto, mas os reacionários continuam. O Japão, que é o Japão, aderiu ao casamento por computador, por que o Ceará também não pode?

É só coisa ruim por aí, não se pode viver sossegado, a cervejinha no buteco, a mão da gente na dela. Maria Luiza dizia: nossas colegas, as galinhas. Que tenho eu a ver com Argentina, índios, sequestros, campos de concentração (Lucila estava grávida e o casal vivia com outra filha pequena que estava em casa, nunca soubemos qual o seu destino, mas tanto Carlos como Lucila e a filha pequena devem ter sido massacrados, é que antes todos recebiam injeções de drogas ou soníferos)

A fortuna que o cara fez com corrupção. Esses mexicanos também não brincam quando mexem com contrabando de drogas. Mistura mexicano com boliviano é aquele estouro. Pra não falar no Brasil, claro! Vê se pode: só porque o cara pichou o muro, mandaram o cara embora do país. A verdade é que Kennedy havia perdido todo o controle sobre o Vietnã, que nem hoje no Oriente (se oriente).

Pânico, polícia, assalto, processo, puta merda! Sua mãe e filhas agradecem sensibilizadas. A Lua: minguante (até 5/10), nova (6/10), crescente (13/10), cheia (21/10). 10,04% no mês: é assim que seu dinheiro fica forte. Mas quê que adianta se o conceito de renda per capita é uma abstração? a gente passa fome do mesmo jeito, a gente aí morrendo de fome e os caras discutindo dólar, ações, ouro, poupança, correção monetária. Mas hem? O nome dessa água é Anilité, conhece? Transava com Anjourillo. Inegavelmente.

Fórmula 1, Fórmula 3, Fórmula Indy, pô! é o máximo! A briga da Célia e da Jaqueline, pô! é o máximo! O Emerson de novo hem, pô? Eta, Brasil! Vamo lá moçada! Satisfação garantida até no preço. Eu não disse? Pô!

- Foi o melhor jogador da partida. Tocou a bola com perfeição. Dibrou com facilidade. Quase fez um gol de placa.

Quem mesmo? Não, não conheço. Nunca vi.

- A vida toda é um emocionante Fla-Flu!

- Tu tá é dando, meu!

Dou pra quem quiser, tá bom? E não tem pra ti não, tá?

Cruzeiro e Atlético, que beleza! (Sou Cruzeiro. Sou camisa azul, preto-e-branco, vermelho, branco.)

Alternativamente, marginalmente, ou talvez meio de lado, curvado para a esquerda, meio corcunda (escoliose) mas com balanço e emoção. Televisão, show, teatro, música (principalmente música), rádio. Novamente com vocês: Apocalypse Now. Agora muito mais perto de vocês: na América Central. Mas se ela gosta de praguejar em inglês, o problema é dela

A humanidade inteira vivendo sob regimes ditatoriais, submetida à vigilância eletrônica e em estado de guerra permanente: 1984, de Orwell. 2000

Bem. Não tenho nada com isso, não fui eu que disse. O negócio é a gente agarrar o que resta de liberdade e lutar por ela. Coroa, é verdade. Mas também sou coroa, né? Boa de corpo, não tenho que reclamar. Marronzinha. Faz física na Academia da Célia e musculação com o Hanz, aqui mesmo no Leme. Ganha o suficiente pra não morrer de fome. Também ajudo, claro! Aos domingos a gente vai na primeira sessão de cinema assistir Flashdance, gostei, amante adora filmes de dança.

- Então o carro veio assim na disparada e me pegou direitinho, morte instantânea, como dizem os vivos. Só senti o baque e, pronto, não vi mais nada.

nunca se sabe

## ESTRITAMENTE FAMILIAR

A cidade ficava no sul de Minas e tinha 30 mil habitantes. Cidade típica do interior, tranquila e limpa e já com sinais de progresso como: asfalto nas estradas de acesso, rodoviária, postes de luz fluorescente, paralelepípedos em todo o perímetro urbano e uma faculdade de letras. Ficava num morro, e a igreja matriz se sobressaía no alto, com o Cristo de braços abertos abençoando a cidade, conforme se dizia. Porque a cidade precisava mesmo ser abençoada, já que era tida como pecaminosa, apesar de todos os seus habitantes serem católicos, com raríssimas exceções.

Na frente da igreja havia um jardim bem cuidado mas que pouca gente frequentava, pois ali era morro e não dava pra ficar passeando, só dava mesmo pra namorar nos bancos de cimento ou pra apreciar a paisagem de cima do coreto, que ficava no meio do jardim. Por ser pouco frequentado, era tido como suspeito, principalmente à noite. Em geral, depois da missa das 9 e das 10 no domingo, todo mundo descia pra rua principal, onde ficavam fazendo hora até ir pra casa almoçar, ninguém ficava no jardim, que era mais um lugar de passagem apenas.

Na rua principal, passeavam toda noite em dois quarteirões, onde havia o cinema, vários barzinhos e uma espécie de boate. O movimento maior era sábado e domingo, antes da sessão única de cinema, às 20 horas. Quando terminava o cinema, a rua ficava praticamente vazia e só mesmo os malandros e os desocupados continuavam papeando dentro dos bares: em tempo de frio, papeavam com a porta fechada, pois a temperatura abaixava bastante.

Os rapazes continuavam saindo da cidade pra capital à procura de melhor sorte, então as garotas sentiam muita falta de homem, e era natural que sentissem: já pensou uma cidade com 70% de mulheres e só 30% de homens? Se houvesse só 30% de mulheres, os homens também ficariam inquietos. Então as garotas paqueravam bastante os homens, principalmente os visitantes, topavam mesmo qualquer coisa, desde que ninguém ficasse comentando nada nem pegasse filho pra ser obrigado casar na igreja ou na cadeia ou ter

que fugir pra outro lugar. Mas era impossível não se comentar nada numa cidade de interior, principalmente escândalos de sexo. E todo mundo comentava tudo, dava notícia sobre todo mundo, sabia da vida de todo mundo.

O visitante do Rio, por exemplo, chegou na cidade com a mulher e foi imediatamente fuzilado por 70% de olhos. O visitante ficou na casa dos sogros e a mulher não gostava que ele saísse sozinho pra rua. E ele, afinal, também não tinha nada pra fazer na rua, não conhecia ninguém, só conhecia os sogros e os cunhados, e a cervejinha ele bebia em casa mesmo, antes do almoço e da janta.

Também olhavam muito pro casal do Rio porque o visitante era branco e a mulher preta, por isso ficavam comentando por trás, as amigas cochichando umas com as outras, um pouco excitadas de curiosidade, embora sempre dando a impressão de que não estavam vendo nada e de que não eram. racistas, em hipótese alguma.

A verdade é que não se tinha muito pra ver também não, mesmo numa cidade com poucos homens. O visitante excitava a imaginação porque morava no Rio, mas já era um senhor de 55 anos, careca, magro e alto, óculos e um pouco corcunda. De modo que o visitante talvez provocasse apenas curiosidade: um senhor branco de 55 anos casado com uma mulher preta de 28. O que agravava o problema era que a mulher tinha 28 anos mas parecia ter menos, já que era expansiva, contrastando com o marido, que era caladão, embora não fosse de cara fechada. De qualquer modo, o visitante do Rio era uma presença diferente ali na cidade.

...

A casa era grande e bonita, estilo tradicional, acabamento fino. O pai comprou o terreno e construiu a casa com tremendo sacrifício, mas conseguiu, ficou cheio de dívidas mas valeu a pena, pois agora, com a aposentadoria, já podia respirar aliviado, e os filhos mais velhos também ajudavam bastante, já que todos trabalhavam. O pai se aposentara mas continuava trabalhando, não havia razão alguma para parar de trabalhar. Se parasse, como iria preencher o tempo? Ficar sem fazer nada não podia, tinha 65 anos

mas não era inútil. E, afinal, o pai estava bem de saúde e não ia ficar parado, ele que deu um duro a vida toda, acostumado a lutar sempre.

Na frente da casa havia um muro que contornava todo o terreno, um muro com um jardim cheio de flores de todo tipo, principalmente rosas pequenas, e que quase tapavam o muro todo ali na frente da casa. A mãe cuidava muito bem das plantas junto com as duas empregadas, tinha mãos ótimas para plantar, o que ela plantava ficava bonito. Um portão de ferro dava acesso à casa, que ficava um pouco mais afastada do jardim. E havia um alpendre bastante convidativo, com mesas e cadeiras com almofadas, e que mais parecia um jardim de inverno, de tão ornamentado. Pelas laterais da casa ia-se para o terreiro, através de um aleia formada por ciprestes. E havia várias árvores e plantas no terreiro, tudo bem ordenado e ajeitado pelo empregado que, uma vez por semana, limpava aquilo tudo.

Embaixo de uma grande mangueira a mãe mandou colocar uma mesa grande, fixa, com cadeiras móveis, pra quando fizesse calor e alguém quisesse almoçar ali ou os genros e noras preferissem beber ali sua cerveja e cachaça. Se bem que a família não aprovava esse negócio de bebida, como também não aprovava palavrões. Não era nada de religião, pois não praticavam nenhuma, era costume mesmo. Como os genros bebiam, a mãe resolveu ceder, afinal era só de vez em quando, principalmente natal e fim de ano, então mandou colocar a mesa e as cadeiras, que serviam também para um joguinho qualquer de cartas, víspera, dominó, qualquer coisa, era só pra passar o tempo brincando e papeando. No terreiro havia também jambo, goiaba, uva, pera, laranja, mexerica e abacate. E tinha a "casinha", que eram quatro quartos conjugados servindo para guardar bicicletas, roupas velhas, roupas pra lavadeira, máquina de lavar roupa, máquina de costura e uma porção de outras bugigangas, além de quatro guarda roupas. E havia também a casinha dos três cachorros, que eram cuidados pelo filho de 19 anos que, depois de terminar o tiro de guerra, voltou a trabalhar no banco.

Como a cidade ficava num morro, a casa tinha dois andares na parte de trás, sendo que o andar de baixo servia de porão, mas o

pai mandou fazer também uma sala espaçosa e colocou ali uma mesa de sinuca, o pai gostava de se distrair com sinuca, o visitante do Rio também jogava muitas vezes, ainda era bom de taco, e o jogo fazia o tempo passar mais depressa. No andar de cima, a casa era grande e bem dividida, com 12 cômodos. Logo na entrada, uma pequena sala de espera e, ao lado direito, uma sala maior com som, televisão colorida e piano. Ao lado esquerdo, uma sala grande de visitas, só usada em ocasiões especiais. Um corredor como que dividia a casa. Do lado esquerdo do corredor havia dois bons quartos de solteiro separados, mais outros dois quartos conjugados. Do lado direito, uma sala grande para refeições, embora todo mundo preferisse a outra sala perto da cozinha e que servia como copa, embora o espaço na cozinha também desse pras refeições. Ao lado da copa, outra sala grande, usada como despensa onde também havia uma mesa rústica e uma máquina de costura, a empregada preferia passar a roupa ali. Por último, um grande banheiro, com chuveiro e também com banheira, que quase ninguém usava. Por toda a casa, lustres da melhor qualidade e tapetes bem conservados. Aliás, tudo ali era da melhor qualidade. O piso ainda era de tábua, bem encerado. Casa grande, como se vê, mas sempre limpa. Da cozinha descia-se por uma escada de cimento até o terreiro.

...

Era uma pessoa autoritária e pensava que a única verdade que interessava só ela é que sabia, por isso se enchia de pompa até no modo de andar, olhando os outros com menosprezo, assim, do alto, como se estivesse num trono e exigisse que seus súditos a adorassem. Não costumava ouvir os outros, já que se considerava acima de todos, principalmente acima da família toda. Era professora universitária, ganhava bem porque trabalhava o dia inteiro, até de noite. Profissional competente. O pai então se orgulhava muito da filha, pois a filha ganhava um bom dinheiro, e o pai dava muita importância a pessoas que ganhavam um bom dinheiro. Talvez essa atitude do pai fosse porque ele sempre



lutara muito na vida pra criar os nove filhos com seu trabalho no cartório. Por mais dinheiro que tivesse, os filhos eram muitos e davam despesa.

A filha não deixava por menos, guardava dinheiro pra depois gastar em viagens e roupas, ela gostava de comprar roupas, de andar elegante e na moda, de frequentar lugares sofisticados. Gostava que todo mundo a tratasse com deferências, que a cortejassem, e que em hipótese alguma a aborrecessem. Como professora, adotava o antigo lema do magister dixit, quer dizer: ela falava, e os outros tinham que escutá-la com atenção como se fossem alunos e, portanto, ignorantes. Mas ela não prestava atenção no assunto alheio, pois era o tipo de coisa que não lhe interessava. Seu mundo mental era o mundo da escola, como esses especialistas que só conhecem a própria especialidade, mais nada. Isso explicava porque ela não entendia assuntos que não estivessem relacionados com sua atividade de professora, mesmo as informações às vezes mais corriqueiras. No fundo, a visão dela era estreita porque não incluía a visão dos outros, procedendo como se fosse superior a todos, não admitindo que outros a contestassem. E junto da família, ela até se sentia com muito mais razão, pois os pais não tinham lá grande instrução e os irmãos maiores estariam no mesmo nível dela, embora ela sempre se considerasse mais importante que todos pois, afinal, era inteligente.

A mãe tinha pouco estudo, acabou ficando apenas dona de casa, mas o pai gostava muito de ler e era um sujeito que se interessava por determinados assuntos, embora também fosse de pouco diálogo, um sujeito assim mais interiorizado, e que considerava sua visão de mundo como correta, e que também não gostava de ser contestado, muito menos pelos filhos. Não tinha tempo para ouvir os outros, pois se considerava a autoridade maior da casa, já que era o chefe da família, aquele que garantia a subsistência da família. Em questão de amor, casamento e filhos, era tão quadrado quanto a mãe. E tanto o pai quanto a mãe não eram de conversar muito um com o outro, viviam seus mundos paralelos, os filhos crescidos. Mas como o pai era uma pessoa de boa paz, apesar de algumas crises de nervosismo, então deixava a mulher falando e preferia ouvir a

conversa dos filhos, sem se intrometer muito, pois ninguém estava interessado em ouvi-lo. Depois também, trabalhava o dia inteiro, só descansando sábado e domingo, de modo que ficava pouco tempo em casa. O trabalho no cartório até que lhe servia de remédio, um modo de estar com o tempo sempre ocupado, sem pensar em outros problemas, o que não deixava de ser sadio. O que impressionava mal nele e na mãe é que não eram pessoas assim que procurassem agradar os filhos e fazer carinho, não, eles não eram disso, apenas procuravam alimentar e vestir os filhos para que nada de material lhes faltasse, mas não eram assim de conversar, abraçar, brincar, rir, nada disso, não tinham tempo nem disposição. Não havia demonstração de afetividade entre eles, embora não se detestassem, lógico que não, até gostavam de estar sempre juntos, mesmo que discutissem muito, como aliás acontece com tantas famílias ou em quase todas. Eram ríspidos uns com os outros, embora no fundo se gostassem, e rissem muito nas raras vezes em que estavam de bom humor e brincando, ou quando faziam pose para fotos. Afinal, família é coisa que ninguém pode escolher, não é isso? Amizade ainda se escolhe, mas família é uma coisa imposta, já vem feita, a convivência nunca é pacífica.

...

Os irmãos tinham temperamentos diferentes, coisa que costuma acontecer principalmente em famílias com muitos filhos. A filha mais velha tinha 38 anos, a mais nova estava com 14, e tinha um rapaz também com 16 e outro com 19. O visitante do Rio era casado com uma delas, de 28 anos. Uma outra casada morava na cidade mesmo e tinha dois filhos. Outra morava na capital, onde o marido era professor de educação física. Também moravam na capital o filho engenheiro e a filha secretária. O engenheiro era casado com uma sueca naturalizada. Várias vezes por ano se encontravam na cidadezinha do interior com os pais, que tinham aquela casa bem boa, com terreno e tudo, e uma garagem que dava para guardar o carro do filho mais velho e o carro do pai. Uma coisa era certa: por mais atritos que houvesse entre eles, mesmo assim sempre

estavam se encontrando na casa dos pais pois, afinal, era a família deles, nasceram ali, e atritos acontecem em toda família, sem exceção. Outra coisa certa: por mais que discutissem, se diziam amigos, e sentiam falta na presença um do outro, por isso estavam sempre se encontrando ali na cidadezinha, gostavam disso.

...

Você não precisa nem ficar admirado se qualquer dia receber a notícia da morte dela, ela está desenganada, com câncer. Tá separada do marido bastante tempo, mas só tem um ano que o marido saiu de casa. Os filhos já estão todos casados. Você se lembra quando eles iam lá em casa com a filharada toda? Ele conversava muito com você, se lembra?

- O Álvaro está bem, continua com aquela barba até hoje. Perguntou por você. Convidou a gente pra dar um pulo na casa dele.

- Quem perguntou por você também foi o Ernani, lembra dele? Morava na mesma rua onde a gente morava lá em Ouro Fino. Era ele, o Fernando e nós. Ernani trabalha em São Paulo, casou com uma preta também.

- Quem me chamou um dia na rua foi o Fernando, primo nosso. Primeiro ele gritou seu nome, não respondi, então ele me chamou. Se não era Luis, tinha que ser o Zé, todos os dois carecas do mesmo jeito, né?

- O Chiquinho teve uma morte feia, coitado! Muito tempo que não vivia bem com a mulher, bebia muito. Os filhos todos casados também, uns moravam em Ouro Fino mesmo, outros em Brasília e São Paulo. Chiquinho bebeu demais e ficou caído no passeio. Como estava fazendo muito frio, morreu congelado. Deve ser duro o cara dopado de bebida e morrendo de frio.

- Ele não sabe conversar com os filhos, não sabe falar. Vai ficando quieto e guardando a raiva dentro dele, então chega uma hora ele explode e avança nos filhos. Um dia, dois filhos dele (um casal) chegaram às duas da madrugada em casa, ele não disse nada, mas avançou nos dois na base de socos, agora os dois não conversam mais com o pai e vão sair de casa. Também, com a educação que ele

teve, coitado! Agora, os filhos é que são as vítimas!

- Igualzinho a mãe, que casou depressa porque já estava grávida. A garota casa agora em outubro e também está grávida. O noivo dela é gente boa, de família rica. Ela tem vergonha dos pais porque os pais são pobres e o apartamento em que moram é mal acabado. Ela é cheia de frescurinhas, entende? Sabe que é uma das mais bonitas da casa dela, então esnoba. Coisa de adolescente!

- Não posso reclamar, ganho bem. SÓ pra despesas desse carro aqui recebo bom dinheiro da firma. Aquele outro apartamento onde eu morava, lembra dele? Aquele tá alugado. Esse aqui onde a gente mora já comprei e paguei tudo. Tou em dia com tudo. Tá vendo aqui? É poupança pra mulher e pras três filhas. Com a loja que abri, tive um lucro tremendo, vendi minha parte e vou comprar outra loja. Verdade mesmo: onde eu mexo, só dá lucro. Trabalho bem.

- Ele é muito preocupado, ficou mostrando aqueles exames que fez pra todo mundo. Já está com o cabelo todo branco, viu? E ainda é novo, tem uns 40 anos. Cara preocupado pra burro! A filhinha dele nasceu mongoloide, então ele culpava a mulher, depois viu que ele também poderia ter culpa, daí a preocupação dele com os exames que fez. De qualquer modo, deve ser bem triste ter uma filha assim, né mesmo? E a garota é bonitinha, muito risonha, continua fazendo tratamento especial.

- Tem disso não, ela vai cortar o cabelo dela do jeito que ela quiser, dizia Terezinha. Ficar com o cabelo desse jeito envelhece a pessoa. E você não tem que gostar não, essa é boa! Quer que sua mulher fique com essa aparência de mais velha? A pessoa tem que se cuidar. Ainda mais a gente que já passou dos 40!

- Sempre que ela vem nessas reuniões aqui na casa da vó, com todo mundo junto, ela sempre volta chorosa, sente muita saudade de todo mundo. À medida que a gente envelhece, a gente vai ficando mais sentimental, com nostalgia.

- O pessoal de sua casa é muito carinhoso. Estão sempre se abraçando, se beijando, rindo, brincando. Não é como lá em casa, que tem gente carrancuda e emburrada, que discute muito e quase nunca se abraça nem se beija. E sua sobrinha, aquela mais nova,

acho linda ela, uma das mais bonitas. Sua irmã também acho muito bonita e charmosa.

- Você precisa vir mais vezes aqui, mamãe precisa de você, sente falta, gosta de ver os filhos todos juntos, fica satisfeita.

- Gosto de ver meus filhos todos juntos assim, todo mundo conversando alegres, bem de saúde, rindo, brincando. Às vezes é tanta gente que até me deixa exausta.

- Aquele lá não sai de Viçosa de jeito nenhum. Ficou ele e os dois maiores, eu só trouxe a Fabiana. Eu venho mesmo deu uma folga e eu venho pra cá ver minha mãe, não quero nem saber.

- Nem parece! Porque os dois ainda são novos. Se bem que esse negócio de coração está dando cada vez mais em pessoas novas. Porque eles também estão na faixa dos 40 anos, não? Um teve um negócio aí acho que é dilatação no coração. Outro bebeu demais e passou mal, ele bebe muito. Bem faz o Zé que não bebe mais nada de álcool, só falta agora parar de fumar. Zé tá magro, peso bom pra altura dele.

- Sua família é muito amorosa. Vocês se abraçam e se beijam muito, todo mundo brincando e se divertindo, a gente não vê um brigando com o outro, a não ser essas coisinhas à toa. Mas não fica ninguém com cara amarrada igual lá em casa.

- Não adoto filho por isso, porque depois a criança cresce e vem dizer na cara da gente que não é nosso filho, que não tem de dar satisfação a ninguém, que isso mais aquilo.

- Você precisa ver como tratam bem a mamãe, sempre procuram, perguntam por ela, convidam pra passear. Mamãe está com 77 anos, então não aguenta sair muito. Mas, sempre que pode, ela dá uma saidinha. Tem uma igreja aqui perto que ela frequenta, ela gosta de rezar.

...

- Mulher velha é que nem cheque sem fundo, ninguém aceita. O garoto falou isso pra mãe porque estava puto da vida com ela, que não queria dar dinheiro pra ele ir ao cinema. Mas a mãe nem ligou, deixou por isso mesmo. O garoto tinha 15 anos, alto para a idade

(o pai dele também era alto) e já pensava em "namoro" com as priminhas, quer dizer, ele apostava com os amigos que era capaz de abraçar qualquer menina daquelas que ele conhecia. Como acontece nessa idade, era presunçoso e arrogante, e achava que os coroados não entendiam nada, só atrapalhavam, deviam ir todos pro asilo. O irmão dele era um pouco diferente, cara mais tranquilo, apenas um ano mais velho, e já usava um bigodinho ralo. Os dois, a mãe e o pai, a avó, e os tios eram todos mineiros, os primos também. A mãe dos dois garotos era extrovertida, como o pai. Tanto o pai quanto a mãe viviam segundo a moral mineira, ensinada pela família católica, que morava em Belo Horizonte, no bairro Saudade.

- Essas modernices todas dessas mulheres peladas no palco isso eu não aprovo não. Cruz! Que indecência! Não precisa ficar se exibindo desse jeito! Falta de pudor! Deus me livre!

Achavam muita graça quando ela ficava escandalizada desse jeito.

- Ô mãe, a senhora não vai me dar a porra desse dinheiro, não?

- Vê se dobra essa língua hem, rapaz! vê como é que fala com sua mãe!

O rapaz ficou resmungando num canto, xingando baixinho e chutando qualquer coisa no chão.

- Mas eu tenho que ver esse filme, mãe! É só hoje que vai passar. E amanhã a gente já vai embora pra Viçosa, né?

A mãe ficou pensando no caso do filho, enquanto conversava com a avó do garoto. O tio aproveitou e chamou os dois garotos lá pra fora no quintal, começou a contar anedotas de papagaio, Joãozinho, essas besteiras. De vez em quando, o garoto mais novo e que ficava enchendo o saco da mãe o tempo todo vinha na sala e gritava:

- Ô mãe, não vai soltar o dinheiro não?

O outro garoto ficava rindo e provocando o irmão, pois tinha dinheiro pra ir ao cinema e o irmão não tinha.

- Me empresta que depois minha mãe te paga.

- Não paga nunca!

A mãe riu.

...

Tomava conta da mãe de 78 anos. Estava desempregado, ou seja: tinha ocupação própria. Tinha também um emprego à vista em São João Del Rei, mas desistiu, preferiu ficar em Belo Horizonte com a mãe. Tinha problemas, como todos os animais. Cara extrovertido. Óculos pra miopia. Careca.

Os cuidados que tinha com a filha, cuidado com os tarados da cidade, com os estupros. O marido bebia o dia inteiro. Os dois filhos homens já estavam grandes, mais de 18 anos. Casamento ali era mais por formalidade.

A situação dela, difícil, praticamente separada do marido, que só vinha do interior pra receber o dinheiro do aluguel. A filha rebelde (puta da vida), 13 anos apenas, revoltada contra a separação dos pais. O jeito era se tratar com um psicólogo: um papo sempre ajuda.

Chorava quando via filmes na televisão. Como eu, que chorava quando ouvia as novelas que minhas irmãs escutavam no rádio, isso há uns 50 anos.

Ela, prendas domésticas. Ele, bancário, 20 anos de banco. Trabalhando sempre. A filha moça também já trabalhava. O cara era tarado com música, colecionava discos antigos.

A mãe (ou vó, dependendo do ângulo): entregando tudo nas mãos de Deus, como sempre. Já com dificuldade para ouvir.

Uns financeiramente bem de vida, outros levando a vida como Deus manda e o Diabo gosta.

Aqueles dois com a filha doente.

Netos e sobrinhos já casados, com filhos, aglomerados em Belo Horizonte mesmo.

Minha mulher e eu: todas as famílias tinham problemas, sem exceção. E não havia fuga possível. Nem retorno.

Saiu do emprego porque andou dando alguns golpes no banco onde trabalhava com o pai. O garoto não era ruim, os pais é que nunca tiveram educação.

Ao fundo, a cidade de Belo Horizonte, que cresceu muito nas

últimas décadas e onde ele passou 15 anos devidamente agitados, mudando-se depois para o Rio, onde ficou até os 82 anos de idade, quando morreu de cansaço.



## MÃE DE MISERICÓRDIA

Naquele tempo, quando a mãe fazia chantagem sentimental contra o filho, ela falava em preocupações, amor, proteção, carinho etc.

- Quer matar sua mãe de contrariedades, quer?

(e você, minha mãe, quer sufocar seu filho de aborrecimentos, quer?)

- Espere sua mãe morrer primeiro, meu filho!

(e se a mãe demorar muito pra morrer? por mais que ele quisesse explicar, a mãe era velha, sempre viveu tradicionalmente e jamais poderia entender que estava era sufocando o filho, um processo que veio desde o berço)

-Nós dois vivemos muito bem, apesar de um pensar diferente do outro.

(a mãe fazia essa comparação entre ela e o filho e, em sua bem aventurança, não era capaz de pensar que a relação do filho com outra mulher era diferente)

- Sua mãe tem ciúmes de você.

(a mãe era teoricamente a favor do casamento, não que fosse a favor, mas é que todo mundo acabava assim, mas a mãe não gostava que a moça se aproximasse do filho, porque a mãe não se deu lá muito bem com o casamento dela embora, como católica, tenha sofrido calada os sete filhos que o marido fez nela antes de morrer de câncer aos 43 anos de idade)

- Eu sempre faço o que acho certo e você deve sabe que este seu modo de se comportar não está direito.

(no fundo, a mãe sempre se julgava como critério de verdade e não compreendia, por exemplo, as músicas da juventude, a vida livre antes do casamento)

- Eu não obriguei ninguém ser padre ou freira, vocês estudaram em colégio religioso porque quiseram.

(nunca na vida a mãe havia falado sobre sexo com as filhas e então, quando Rosária foi casar, ela veio conversar com Renato pra saber, porque o irmão era o único com quem ela poderia conversar

sobre essas coisas)

- Ela nunca falou bem de casamento nem comentava nada sobre sexo, reclamavam as irmãs.

- Entregava tudo nas mãos de Deus, como ela mesmo dizia. (mas, de qualquer modo, podia-se desculpar um pouco a mãe, pois a mãe estava com 68 anos de idade e fora educada num tempo em que tudo era proibido, quando corpo de mulher era um atentado ao pudor, o sexo só sendo tolerado porque não havia meios de viver sem sexo e, afinal, até os filhos têm nascido diretamente do sexo, apesar das experiências de laboratório e da inseminação artificial)

- Você quer alguma coisa, meu filho? Tem leite na geladeira. Você não vai comer banana? Tem laranja na geladeira. Você não gosta de repolho? Mas está uma delícia. Quer um cafezinho? Pode ficar sentado que eu pego pra você. Suas camisas estão lavadinhas, eu coloquei no guarda-roupa. Toma um copo de leite.

(quanto mais o filho se isolava da mãe, mais a mãe procurava conquistá-lo com favores, e esses favores o filho usava como quem explora o amor leitoso da mãe porque, afinal, foi a mãe que pôs ele no mundo e, se ele tinha de aguentar o mundo, por outro lado o mundo também teria de aguentá-lo)

- Eu fiquei acordada te esperando.

(depois a mãe viu que o filho nem ligava pra isso e até ficava bravo, com a cara fechada, então a mãe não ficava mais esperando acordada mas, com aquela tendência pessimista que herdou de seu pai Estevão, ela ficava pensando em desastres e, se a filha solteira é que custava pra chegar, a mãe pensava em alguma calamidade de sexo, virgindade)

- Onde você foi?

- Senhora quer mesmo saber?

(não, a mãe não queria saber porque tinha certeza de que, se perguntasse de novo, o filho diria, e ela não queria saber certas coisas, preferia fechar os olhos pra certos assuntos, porque a mãe foi criada e educada assim, com os olhos fechados)

- Se você sair de casa, eu tenho um ataque e posso morrer, dizia a mãe de Lecy.

(e Lecy acabou se casando com um cara pra se ver livre da família dela, mas Lecy desquitou logo e foi embora pros Estados Unidos, e a mãe de Lecy não teve ataque nenhum)

- Os filhos não entendem o esforço que a gente faz por eles, lutando a vida toda só por eles, sem receber nada em troca, a não ser incompreensões.

(e as mães não queriam que os filhos se livrassem delas e vivessem vida própria, mas ainda olhavam os filhos como dependentes, talvez unidos por um cordão umbilical puramente imaginário)

- A gente sofre sofre.

(e a mãe sofria não tanto por causa do filho, mas por causa dela mesma, como se o filho ainda estivesse no ventre da mãe e precisasse de cuidados especiais)

- Você tá acordado até agora? Não vai dormir não?

- A gente educa os filhos com as melhores intenções e com o maior amor, se mata por causa dos filhos e eles não reconhecem nada.

(como sempre, a mãe falava em boas intenções e, como sempre, o inferno estava cheio de boas intenções, mas a mãe não entendia essas coisas)

- O egoísmo dos filhos é muito doloroso.

(e, como todo mundo, a mãe só pensava no egoísmo dos filhos mas nunca pensava no egoísmo dos pais, assim como todo mundo pensava ingenuamente nos males do divórcio mas nunca pensava nos males profundos que a família provocava com suas taras, pois a família era sempre olhada como instituição intocável e principalmente como um mito)

- Os filhos de hoje não respeitam mais os pais.

(a mãe não pensava que, antes de serem respeitados, os pais precisavam ser respeitáveis e, além do mais, se os filhos deviam respeitar os pais, do mesmo modo os pais deveriam respeitar os filhos)

Pior do que chantagem sentimental, a mãe do amigo era o que chamam de castradora. Quando o amigo nasceu, ele foi rejeitado, o irmão do amigo é que era o bom, o inteligente, o que sabia viver.

E o amigo cresceu com esse sentimento de rejeição e por isso rarissimamente falava na mãe dele e só falava no pai, que era bom mas que de certo modo vivia sob a escravidão sentimental da mulher. A mãe do amigo era: castradora, dominadora, prepotente.

- Ele não serve pra nada, nunca vai fazer coisa alguma que preste na vida, praguejava a mãe.

E o amigo procurava realizar-se em alguma coisa para (inconscientemente) mostrar à mãe que ele não era nada disso do que ela falava. A mãe castrava o filho, como milhares de outras mães leitosas e bem-aventuradas, e todo mundo achava isso natural, quer dizer, a família continuaria sendo sagrada e intocável, enquanto o filho teria que dar um duro desgraçado para se livrar desse sentimento de castração e dessa educação que tão tranquilamente os pais enfiam nos filhos.

- Eu sei que você e sua mulher não têm religião, meu filho, mas o menino não podia ficar sem ser batizado.

- E a senhora ainda tem coragem de chamar isso de respeito à opinião dos outros?

- Mas o menino não podia ficar assim, meu filho!

- P O R R A!

(a santa ingenuidade da mãe era tão empedernida e grosseira que o filho teve vontade de gritar de raiva, não tanto por causa da água salgada que jogaram em cima do menino, mas porque não respeitavam a opinião e a descrença dos outros, só respeitavam a opinião dos crentes, e por isso o filho, a mulher e o menino foram para Nova Iorque e não voltaram nunca mais pro Brasil, nem mesmo quando souberam que a mãe estava agonizando)

- No fundo no fundo você acredita em Deus.

-Ninguém acredita no fundo!

(a mãe era o exemplo máximo da matrona piedosa, com tapa nos olhos desde que nasceu, vivendo como múmia, nunca duvidando de nada que o padre ou que o papa falasse)

- São José sempre me ajudou muito. Sou devota de São José. Se não fosse São José, não sei o que seria de mim.

(o filho olhava pra mãe sem saber se sentia raiva ou piedade, porque o filho não conseguia desprezar a mãe mas, de qualquer

modo, o filho às vezes chegava a ficar com nojo da mãe, o comportamento católico da mãe, a chantagem cristã da mãe, aquela figura estereotipada de mãe, pedindo amor não por causa do amor mas por causa das normas sociais e religiosas)

- Mulher não presta mesmo!

(embora não fosse viado, o rapaz não tolerava as mulheres porque não tolerava a mãe, porque a mãe sempre fora possessiva e, de tanto querer proteger o filho, acabou alimentando o ódio no filho, um Ódio que explodiria alguns anos depois, e por isso o rapaz trepava nas mulheres como quem dá descarga na privada, trepava nas mulheres e xingava as mulheres de putas, sem vergonhas, debiloides, bestas, dependentes, infantis)

- Você só ganha 300 por mês?

-Minha mãe ganha mais de mil!

(e se era verdade que o filho não procurava emprego mas o emprego é que o procurava, conforme acontecia sempre, também era verdade que o filho não tinha nenhum escrúpulo de explorar o dinheiro da mãe, isto é, aproveitava o dinheiro da mãe para poder viver comodamente, ter cama e comida sem fazer muita força)

- Posso ler o que você escreveu? perguntou a mãe de 68 anos de idade e que só gostava de livros piedosos.

- Meu livro é impróprio para menores! Depois também, tem uma porção de porra e buceta nele, e a senhora não gosta disso.

(e a mãe já não ficava espantada com esse tipo de linguagem do filho, mas olhava de lado com desconfiança e levava a coisa mais na base da brincadeira, como se o filho estivesse apenas brincando e não estivesse pensando realmente em porra e buceta porque, até mesmo em vez de falar cu, a mãe costumava falar curanchim e, desse modo, outras palavras inocentes e bobas como bum-bum, pirolito, mamá, xixi, cocô)

- Não foi a senhora que me pariu? Então. Me aguenta agora.

(e o problema não era xingar a mãe, mas era aquele modo de sentir que, se não fosse esta mãe, eu não seria este filho, porque a mãe não tinha culpa de nada, mas o filho também não tinha culpa de ser filho dela, e ninguém tinha culpa de ter nascido e de continuar vivendo ou se arrastando até o fim)

- Tem pão aí no armário. Pera aí que eu pego a manteiga na geladeira pra você. Tou esquentando um pouco o leite pra você. Um minutinho só.

(e, como sempre, a preocupação da mãe era servir bem o filho, mostrar pro filho que ele precisava da mãe pra tomar conta dele e que, sem ela, o filho passaria muito aperto pra se arrumar na vida)

- A Ione esteve aqui te procurando.

(a mãe falava secamente na Ione, não porque ela fosse preta, mas porque Ione sempre procurava o filho pra meter com ele, e a mãe até já havia dito que tolerava os dois vivendo juntos, mas que fossem como companheiros de verdade e não desse jeito que os dois faziam porque, se fosse desse jeito, a mãe não queria nem que Ione viesse no apartamento, sozinha com o filho lá no quarto, horas e horas sozinhos os dois, não tá direito assim)

- Ela não quer ir morar com as minhas irmãs de jeito nenhum.

(e então o amigo procurava um quarto de pensão pra morar no centro da cidade, mas a mãe colocava obstáculos, dizia que o quarto não prestava, e então o amigo perguntou delicadamente pra mãe se ela pensava que ele era filhinho da mamãe e só podia viver grudado na saia dela)

- Você de uma fugidinha ontem, hem!

(a mãe estava tão acostumada com o filho dentro do quarto que, quando o filho saía, ela achava estranho e, por sua vez, sempre que a mãe fazia esse tipo de comentário, o filho sentia uma coisa esquisita dentro dele, uma vontade de xingar e de pedir a todo mundo que ninguém se intrometesse na vida dele, absolutamente ninguém)

- Vem jantar, meu filho!

(a mãe sempre ia chamar o filho no quarto e, ao mesmo tempo em que gostava de ser chamado no quarto pra jantar, o filho achava ruim quando qualquer pessoa abria a porta do quarto para interrompê-lo, e a mãe só chamava pra jantar porque o filho trabalhava em jornal e quase sempre almoçava fora de hora, por isso o filho chegava pra almoçar e encontrava o prato feito no fogão)

- Ele nem desconfia de nada. A Maria Lize também não precisava ficar em cima dele lá no sofá igual ela fica.

(e a mãe ficava com a cara emburrada, porque a filha ficava quase que deitada em cima do namorado e, além disso, bem ali perto da mãe que cruzava os braços afundada na poltrona e com a televisão ligada até esperar o namorado da filha ir embora, o que geralmente acontecia às 23h30 mais ou menos)

- Você devia conversar com sua irmã sobre esse namoro dela com o Lamartine.

(e Renato não podia falar nada com a irmã nem podia convencer a mãe de nada, pois Renato não tinha moral pra isso, e se fosse o caso Renato falaria é pra irmã e o namorado irem meter em algum lugar em vez de ficarem se esfregando sem nenhum resultado prático)

- A gente ensina uma coisa e os filhos fazem outra.

(e a mãe pensava em carinho e ternura, mas o que a mãe procurava era escravizar os filhos a poder de sentimentos, e por isso interiormente a mãe sofria muito, porque os filhos não sentiam a mesma coisa que ela e também não pensavam como ela, a mãe era católica e os filhos apenas levavam a vida, para não falar de Renato, que era ateu)

- vão tomar um cafezinho?

(e a mãe não estava convidando o filho pra tomar café, mas o que a mãe queria era ter o filho na sala de visitas para, desse modo, haver aquela impressão de que o filho era uma espécie de homem da casa, que impunha respeito e moral, coisa que Renato absolutamente não endossava)

- Tem futebol no Canal 2, quer ver não?

(e o filho ficava sem saber por que a mãe tinha essa mania de sempre lhe informar as mínimas coisas, ou talvez pudesse ser prevenção do filho contra a mãe, porque muitas vezes a presença da mãe incomodava profundamente o filho, pois o pensamento do filho estava bilhões de anos-luz da mãe que o pariu)

- Dei uma mancada hoje: esqueci de te chamar às 8 horas.

- A senhora e a Benvinda almoçaram na casa da Maria Lúcia?  
(era a primeira vez que Renato ouvia a mãe empregar uma gíria,

porque a mãe falou em mancada e o filho achou engraçado a mãe falar desse jeito, não tinha costume de ouvir a mãe falar assim, porque a mãe fora professora durante uns 30 anos e costumou ensinar alunos a falar certo e, aliás, a própria letra de Benedita era bonita e bem escrita, e a letra de Benedita nunca mudou desde que Renato se conhecia por gente)

- Não vai levantar hoje não?

(a mãe sempre chamava o filho pra ir ao dentista, porque o filho não conseguia levantar sozinho e então a mãe era como uma espécie de despertador mas, mesmo assim, o filho ainda não levantava na hora certa e tinha mania de chegar atrasado)

- Você foi no consulado americano?

(e a mãe nunca deixou passar uma ocasião sem demonstrar que estava realmente interessada nos negócios particulares do filho e, se o filho achava ruim com tantas interferências, no entanto ficava intimamente satisfeito por saber que uma pessoa cuidava dele, mesmo quando ele estava avacalhado com a vida)

- Toma remédio que passa a dor de garganta, meu filho.

(e o filho então pensava que é que o pobre remédio podia fazer pela garganta dele, já que a garganta estava inchada, doía na hora de engolir alguma coisa, e a mãe já havia dito pra ele ir ao médico pro médico ver o que era e dar um remédio, e assim o filho poderia ficar livre desse incômodo, porque a coisa na garganta não chegava a ser dor, embora aborrecesse bastante)

- De quem que é o telegrama que você recebeu?

- Como é que ficou o negócio da bolsa pras Estados Unidos? Por que não veio almoçar?

- Melhorou da garganta?

- Espera aí que eu esquento seu prato.

(e a mãe nunca interrompia a ladainha e sempre dava a entender que o filho era um sujeito muito importante pra ela, porque a mãe raramente percebia o que estava acontecendo no íntimo do filho e então o filho já nem mesmo ficava carrancudo, mas sentia que lá por dentro havia todo um processo de chateação que, como a verdade, nunca poderia ser comunicada a ninguém e, se o filho não podia comunicar nada a ninguém, ele se sentia mais



isolado, mais deprimido)

- Qualquer dia desses Jesus te pega!

(embora soubesse que o filho era ateu, mesmo assim a mãe não gostava de pensar no caso e por isso preferia pensar que, no fundo no fundo, o filho ainda acreditava em alguma coisa de religião, e o filho então sentia uma piedade muito grande pela mãe e achava esquisito ver como as pessoas acreditavam em abstrações celestiais, pensando depois como todas essas ideias ingênuas e loucas arrasavam e avacalhavam a vida de tantos pobres coitados e, pior ainda, as mães estavam mais do que convencidas de que fizeram o melhor, jamais calculando o mal que essas ideias representavam)

Era assim, a mãe sempre fazendo chantagem sentimental contra o filho, e constantemente falando em preocupações, amor, proteção, carinho etc. Foi há muito tempo, quando o filho morava numa toca, em Minas.

## E COMO OS HOMENS FELIZES NÃO TÊM HISTÓRIA...

Acostumada à companhia de um marido protetor, os meses seguintes à separação foram como de luto pra Lucinha, coitada!

- Não fazia nada, ficava trancada dentro de casa, sem vontade, chorando com pena de mim mesma. Um vexame.

Não fui eu que disse que nossos corpos nus pertencem a não sei quem, tava escrito lá no muro da escola, no Lido.

Homens e mulheres vêm comendo. Eu até acho que está mudando, não acha não? Lógico! Ninguém pode negar a importância do movimento dos quadris e de tantos outros movimentos que realmente. Afinal, como é que se pode pensar esse mundo sem mulheres e homens (pensar esse mundo sem seres humanos)? Regininha (rainha pequena). Acendeu o fósforo et fiat lux.

As cobras. Lagartixas. Como é mesmo que chama aquele bichinho... Cobras. Aquele bichinho. que fica dentro da barriguinha das criancinhas pobres do nordeste? Lombriga (ou lumbriga?) Não, é rato. Preá.

Coitada! De repente, assim sem mais nem menos, ela se viu sozinha, nunca havia trabalhado, sorte que não tinha filho, sorte mesmo é que era jovem: mulher de 28 anos é jovem? Pra mim é, eu tenho 50! Sorte mesmo é que, além de jovem, era boa pra cacete e, como se não bastasse, era inteligente, formada em psicologia na PUC.

- Não é toda hora que alguém lhe oferece

- Hem?

Fazendo gestos "obscenos" com as mãos, Zaguinha foi logo dizendo:

- Aqui, ó meu! Não vem que não tem.

Mas ninguém deu a mínima

Para se ter uma ideia de como a vida está cara, o salário cada vez mais achatado, o poder aquisitivo baixo, a inflação, a recessão, o FMI, os políticos, os militares, o saco de gatos, incluindo todos os presidentes de todas as épocas

Som bem em cima aqui do apartamento

Quer dizer: quanto mais caro, menos o pessoal compra, menos come Severino Bulhões Leitão Neto Lima do Carmo Carvalho Figueiredo e mucho ruido mucho

Adeus, mamãe! Adeus, filho!

Quando olhava o fulano de frente, tinha a mania de coçar o nariz, olhando a cara do fulano como se estivesse adivinhando o pensamento do fulano, ficava parado olhando o fulano durante alguns segundos, e o olho não dizia nada, morteiro e direto no fulano. Lucinha viu o olho dele pela última vez, nunca mais viu nem estava interessada, no começo foi ruim mas agora ela já estava até com um namorado. (Ela já estava até com um companheiro.)

- Bota o Caetano aí, bota!

- Bota o Velô aí pra ele, meu!

Olho de peixe morto, eu hem! Marca a gente, esse negócio de ficar brincando com o sentimento da gente, magoa, é difícil o relacionamento não?

E agora música pra escola de samba se alguém na avenida é mais feliz que eu será que eu serei o dono dessa festa? contra o mau olhado eu carrego o meu é hoje o dia da alegria e a tristeza diga lá espelho meu na passarela do samba

Pronto, começou a sacanagem!

drac myng bak rusn wsg thon lerfa cela mu canto sonos dunga pezinho can drup crac asn sens zep tum - na cidade toda

Quando olhava pra ela punha a mão no saco ostensivamente e olhava direto a saliência ali no meio das pernas dela ali onde fica a buceta ela geralmente ficava encabulada com a grossura do cara e caía fora será que homem não pensa em outra coisa? Punha a mão no saco ostensivamente e a porra até parece que escorria pela boca. Vacilou, eu como mesmo! Mas onde é que fica o sentimento? perguntou Regininha. E dizer que você chegou a se interessar por esse troglodita hem!

No começo é duro. Principalmente se o carro também é duro. Mas com o tempo você pode se considerar apto para atropelar alguém, crianças e adolescentes de preferência. A idade não importa muito aqui no caso, qualquer idade serve, embora a gente saiba que reflexo de coroa ou de velho já não funciona tão bem. A

mulher dirige bem. O homem ou mata ou briga e xinga muito culhões do caralho esses nomes.

- Inês começou no mesmo dia que eu.

- Hem?

- Inês começou no mesmo dia que eu.

- Ah sei.

- Mulher do Ernani, se lembra? Psicóloga também. Gente boa. Dois filhos.

Mesmo precisando de reparos, Leninha é a melhor do Botafogo, ali perto pelo lado do Humaitá, 50 km por hora e não queria nem saber, tinha classe, bom gosto, era só mesmo dar uma recauchutadazinha.

- Será que homem tem alma ou é apenas escroto?

Zaguinha não achou graça nenhuma. Nasceu no sul de Minas, em Ouro Fino, tida como terra de mulheres fogosas. É que às vezes Regininha ficava até com ódio de homem, não que não gostasse, mas é que esses homens são estúpidos e infantis demais, imaturos. Não é à toa que estão todos atrás de uma mãe que além de ser mãe ainda dê pra eles na base do amor (que além de ser mãe ainda dê pra eles).

- Como é que se pode ter um bom relacionamento com gente desse tipo? Pra não falar dessa multidão toda aí que está virando bicha, está se assumindo abertamente. Os homens estão virando bicha e, entre os que sobram, a gente não encontra um decente. Como é que fica?

Lucinha pede a palavra - mas não fala nada. Então, por que pediu? Se pediu é porque quer, não? Não precisava ter vergonha, todo mundo é assim, é a coisa mais natural de mundo.

Reveste-se de grande importância, como dizia o senador. Ninguém sabia exatamente a propósito do quê o senador estava falando, imbuído como sempre pelo mesmo espírito de luta. Já pensou o senador num bar dizendo que se reveste de grande importância?

Na Rússia continua faltando liberdade e vodca, assim como nos Estados Unidos, mas eu não tenho convicções políticas, só me interesse por música, a quinta de Beethoven, por exemplo, a

patética de Tchaikovsky, o Samuel Barber, Debussy, Charles Yves. Na Rússia sem dúvida existem muitos talentos - o mundo não está cheio de exilados russos? Mas o que importa é tentar penetrar no sentimento humano de um modo ou de outro, ver se dá para as pessoas perceberem alguma coisa ou tudo, percebe? Ou uma boa parte da coisa, pelo menos.

- Pra falar a verdade, até parece que já costumei viver sozinha. O desgraçado do Flávio pelo menos me deixou o apartamento, teve essa consideração. Porque não dá mais morar com papai e mamãe. Gosto deles, mas cada um no seu canto.

- E o Dudu que, além de não deixar nada, ainda me obrigou ficar com nosso filho? A figura sumiu, deve ter saído do país. Homem realmente é muito irresponsável.

- A gente se acostuma com tudo, essa é a verdade.

- Acostumar acostuma, mas ainda pretendo encontrar um homem que me compreenda, que me dê valor, que a gente viva bem, entende?

(Que a gente viva.)

Ninguém ia se separar por um motivo tão fútil (ninguém ia). Regininha não era nenhuma miss, nem Lucinha, mas era bem feita de corpo (pra cacete) e não era feia, pelo contrário, tinha até uma beleza diferente, uma cor diferente (no verão), meio branquela (no inverno), tinha 1,65m e se achava alta - segundo os padrões brasileiros, acentuava ela. Lucinha tinha 1,68m. Estudou, formou-se e se casou com um galã de cinema mudo, mas o galã achava que só uma pessoa é pouco, queria uma plateia maior, aquelas garotas todas em torno dele, a satisfação dele por ser o alvo principal das atenções das garotas, rindo aquele risinho delas de débeis mentais filhinhas de papai. Como é que ele ia se contentar só com Regininha? O diminutivo no nome é porque, afinal, era pessoa amiga e meiga (principalmente). Absolutamente não era o caso de se pensar (em quê exatamente?) Regininha preferia não pensar, não valia a pena, era muito complicado. A vida não continua? E não é esse o jeito mais prático? Pô! Psicóloga é a Inês, não eu!

Pensava em tudo sim, só não era muito de ficar fixada em coisas passadas. Passou passou, não existe mais. Igual quando a gente se cura de uma doença, fica bom e não precisa mais pensar na

doença que teve. Danilo, quem sabe? Eu, por enquanto, não sei de nada. Será que ele emagreceu depois do tratamento?

Por motivos de ordem pessoal. Tu manja como é isso, não? Principalmente entre essas autoridades que a gente chama de altas. Altas transações. Corrupção generalizada, como diria a oposição. E nós povão assistindo tudo aqui debaixo e tomando na cabeça o tempo todo. Como se não bastassem os problemas pessoais. Aquele vasto mundo do poeta, te lembra? Aquele negócio de enfiar a cabeça no mundo, ou enfiar o mundo na cabeça. Uma pedra no meio do caminho, pô! Nas minhas retinas tão fatigadas.

A Suely? Conheço. Não é aquela que não raspa o cabelo do sovaco?

Tinha um corpo balofo, celulite, mais de 30 anos, meio vesga e com o olho esquerdo roxo de olheira como se tivesse levado uma porrada do cliente e, além do mais, a voz parecia taquara rachada. Encostava a periquita ali no buteco do Acácio e ficava papeando com as piranhas colegas dela, bebericando. Não tinha nada que fazer no barraco lá no morro, então vinha fazer no buteco, passar o tempo, comentar sacanagem.

Esse negócio de educação é foda, não dá pra frequentar esse tipo de gente. Não me julgo melhor não, em absoluto, apenas fui "educado" diferente e não dá mais pra ficar aturando esses caras que foram "educados" diferente, não tenho saco, na verdade quero mesmo e distância dessa tropa, estou muito além deles. Tenho culpa se pude estudar, me formar, se sou inteligente (a ponto de ser esquisito), se tenho emprego e dinheiro, apartamento que tou comprando, um carrinho popular, mulher professora? (Tenho culpa se pude?)

Mulher professora, cor marrom. Homem jornalista, cor morena.

Diferença de idade: 10 anos. Sinais particulares: não os têm.

Close: esse inenarrável monumento, carioca cena (com toda a profundidade de um pires, com todo o horizonte de uma ameba). Formoso erro da natureza, como dizia a freirinha.

A criança aloirada, olhos verdes, rindo - o criolinho encarapinhado, olhos castanhos, rindo. Tudo, menos inocente (olhos verdes, olhos castanhos).

Lucinha suspira fundo e exclama na base da nostalgia: até que não seria nada mal ter um baby! Tamos ai! foi logo dizendo o sacana do Zaguinha.

Contra quem mesmo?

Apartamento simples, três quartos, sala, copa, dependências, sem grande luxo mas tudo limpinho e arrumado, as duas sempre foram muito organizadas, cuidadosas. Negócio agora é ir à luta, né? Todo mundo vai. Uma ficou com o apartamento do marido, outra arrumou um apartamento pra ela e o filho.

O modo como te olham quando ficam sabendo que você é separada ou viúva! (O modo como chupam todo o caldo da laranja e jogam o bagaço fora!) Homem não presta mesmo. Ô raça!

a que fez jus, dissertando sobre importações brasileiras, políticas de controle e determinantes da demanda. O cara (machão) ficou puto quando soube que ela defendeu uma tese, se sentiu humilhado.

Mônica era realmente muito bonita e muito jovem (25 anos, carioca), mas alcoólatra e viciada em drogas, uma pena. Dava mais que g linha (não tenho nada contra as galinhas nem contra Mônica) e se algum dia casasse seria só por dinheiro. Aliás, ela quase sempre estava na companhia de homens ricos, coroas de preferência, fazendo programas, ganhando a vida desse modo (ganhava bem). Sinceramente não sei até quando ela vai ter energia para continuar nessa base. Também confesso que já tive vontade de fazer umas boas sacanagens com ela, mas não adianta nem pensar, sou coroa mas sou assalariado e, pra dizer a verdade, fico até intimidado diante de pessoas que já tiveram muitas experiências, como Mônica. Já fui até cumprimentado por ela, beijei o rosto dela e só isso, era mesmo muito bonita e muito boa a desgraçada. Te cuida, minha querida! Ela riu, como se estivesse inconsciente das drogas que tomava. A gente nunca sabe o que a pessoa guarda dentro de si e não revela, não é isso? (A gente nunca sabe. A gente não vai saber nunca.) O que a pessoa dentro de si não revela. Close.

Por enquanto fico aqui esperando ela me telefonar, ela falou que telefonaria às 12h30. Depois tomo um banho, leio alguma coisa e espero a hora do jogo entre Brasil e Uruguai. Depois saio pra

beber umas (cerveja e limãozinho), janto, vejo uma merda qualquer na televisão e deito, tenho que levantar cedo no outro dia.

aquele deslumbramento todo (na cara de operação plástica borrada de pintura) só porque era primeira dama e, como tal, tinha que demonstrar bom relacionamento com o marido e com o cabeleireiro.

por 400 milhões de latino-americanos

Como dizia o poeta, a beleza das fêmeas está no modo de julgar de todos os machos - a beleza dos machos está no modo de julgar de todas as fêmeas.

- Nossa! A gente até fica arrepiada ouvindo um negócio desse, brincou Regininha (rainha pequena).

- Arrepiada e molhada, acrescentou Zaguinha, mineiro adotado pelo Rio.

Esse cara realmente é escroto, não é capaz de manter a conversa em certo nível (- só na horizontal!) não suporta cinco minutos de conversa inteligente, é muito pra cabeça dele, só pensa em besteira, e o pior é que tudo o que ele vomita é manjado. Tudo bem, vamos conversar sobre sexo, mas não é só isso que existe, não é só o animal que conta. E o sentimento? Qualquer mulher gosta de qualquer homem, mas não precisa ser grosso, detesto grossura. E, afinal, cacete entre as pernas não é privilégio, todo homem tem.

Sexista, repressivo, machista, autoritário, filho-da-puta. É isso mesmo. Mineiro chega a ser pior que carioca.

E eu tenho culpa? Não foram as mulheres que me educaram desse modo?

Não é bem assim não, meu querido, o buraco é mais embaixo.

Não quero nem saber!

Diabo! Será que Zaguinha gosta mesmo de mulher ou tem mais é raiva delas? Ele não sabe tratar mulher nenhuma com um mínimo de decência. Machucar um gado, misturar as urinas, útero, ovários, tudo sempre na base da avacalhação, como se mulher fosse débil mental só porque é mulher. (Tratada como se fosse.)

preparando-se todos para o que estão chamando de hora x, quando explodir a guerra nuclear - a apoteose da estupidez humana - a fragilidade do ser humano de que falava o médico Pedro Vana



recentemente falecido (a fragilidade nuclear, física, mental, total). Sim, mas abrigar onde, se não há como? (Não há.) Porra! A gente passa a vida toda tentando se proteger. Troço mais besta! (A vida toda.)

Lucinha continuava com sua vidinha rotineira, trabalho, estudo, namoro, uma praiazinha, cinema, sair com os amigos, alguma viagem pelo país, tudo bem, não podia reclamar, não era adolescente nem coroa. (Regininha continuava com sua vidinha rotineira, Inês, Suely, Mônica, tudo bem, não podiam reclamar, não eram adolescentes nem coroas.) E pensar que os meses seguintes à separação foram como de luto pra Lucinha, coitada!

## TROUXINHAS DE MACONHA

Guto e João chegaram no buteco ali da esquina pra "beber umas e e outras" ou, conforme diziam os amigos, pra "beber todas". Foram muito aplaudidos quando entraram, pois tinham bom papo e animavam bastante o ambiente, os dois com apenas 25 anos cada um e muito bons de gogó mesmo. Guto era pouco mais escuro que João, gostavam de andar e farrear juntos, aliviar as ideias com a turma do buteco. Estavam ali numa boa, assistindo televisão que o seu Mané português sempre ligava pra atrair freguês. Uma televisãozinha meio micha mas que quebrava o galho. Gente boa esses seu Mané! Pra falar a verdade, nunca ninguém soube o nome do portuga, todo mundo sempre chamava o cara de Mané e o português não ligava, aceitava a brincadeira, sujeito fino, ficava na dele, servindo a turma, ouvindo aquele papo todo que não acabava nunca. Todo mundo ali numa boa, aproveitando a noite de sexta feira, fim de mês, dinheirinho mais fácil no bolso, todo mundo satisfeito, rindo, bebendo, tudo na mais santa paz. De repente, me aparecem 10 PMS e vão entrando no buteco na maior moral.

- Olhaí, cambada, quero documento de todo mundo. Todo mundo bem quietinho.

A freguesia foi toda revistada, mas estava todo mundo legal, carteira de trabalho, identidade, esse papo. Seu Mané quis intervir a favor da rapaziada, conhecia todos eles, podia defender a turma.

-E cala essa boca aí, seu português, que ninguém pediu tua opinião.

- Mas isso não é justo!

- Não é justo não?

E os caras da polícia começaram a quebrar mesinhas, cadeiras, copos, garrafas, engradados, enquanto o mais forte deles, um crioulo alto e barrigudo, encostou seu Mané num canto e apertava a garganta do coitado.

- Então, seu português, onde é que tá a maconha?

Com a voz rouca e meio sumida, o português explicou que o buteco dele era direito, não tinha dessas muambas, ele não admitia, tudo ali era limpo. Nas a polícia não queria nem saber, queria era dar o flagra, não podiam sair dali sem fazer nada, as mãos abanando.

- Ô seu guarda, o Mané aí é gente boa, trabalhador, amigo. Ninguém tá fazendo nada. É todo mundo de paz.

- A é?

E o crioulo investiu contra Guto e João, que queriam limpar a barra do coitado do português, já que a turma estava toda calada, com medo dos home.

- Quero ver de novo o documento fajuto de vocês dois que eu não vi direito. Não não. Quero carteira de trabalho.

- Mas a gente não tá com emprego fixo, carteira não tá assinada, a gente faz uns biscates por aí.

- Logo vi. Olha aqui, meu. Só maconheiro é que não tem emprego fixo, meu camaradinho. Quem não tem profissão é maconheiro. Bem que eu tava achando qualquer coisa esquisita nessa carteira.

- Mas a gente não mexe com droga nenhuma não, seu guarda. Todo mundo aí tá de prova.

É o que a gente vai averiguar.

Depois de zonear completamente o buteco, os policiais levaram Guto e João pra fora do bar, empurrando, dando soco na cara, cutucando com cassetete. Pegaram os dois e levaram para um matagal nas proximidades. Então os companheiros do buteco ouviram dois tiros. Logo chegaram de novo os policiais muito tranquilos dizendo que os dois rapazes tentaram fugir e queriam atirar neles, estavam armados, por isso os policiais foram obrigados a atirar nos rapazes, foi acidente de trabalho, vocês entendem, legítima defesa, resistência seguida de mortes, é isso aí. Disseram mesmo assim, solenes: "Revidamos uma agressão injusta. E temos testemunhas. Só não falamos os nomes dessas testemunhas para evitar represálias."

- Mas o Guto e o João nunca andaram armados! disse seu Mané.

- Eles estavam armados sim, reagiu de novo o crioulo com

raiva, e ninguém pode duvidar da palavra de um policial. Autoridade tem que ser respeitada! Vocês pensam o quê? Açam que esse país é terra de comunista e depravado?

- Mas como é que os dois sozinhos iam ser bestas de enfrentar 10 homens da polícia?

- Não é da sua conta, português. Vende aí sua cachaça sossegado pros fudidos desses seus fregueses e vê se cala a boca senão a gente fecha essa sua birosca na marra, tás entendendo? E tu pode até morrer com a boca cheia de formiga.

Seu Mané achou melhor calar a boca, já tinha ido longe demais e teve sorte de não ter acontecido nada com ele. Bem que a mulher vivia pedindo pra ele mudar de ramo ou de bairro, mas ele gostava do buteco, já estava acostumado com a freguesia do lugar, 20 anos que ele tinha aquele buteco ali, só nos últimos anos é que a situação estava ficando perigosa. Quando não era ladrão e assassino, era a polícia.

Mas Bento viu o que os PMs fizeram com Guto e João. Bento estava escondido no mato com medo da polícia. Cara que é preto e pobre tem que ter medo da polícia.

- O crioulo mirou na nuca do Guto e atirou. Guto virou o olho, ficou até meio branco e cambaleou. A bala saiu junto do olho esquerdo. Enquanto isso, outro PM deu um tiro bem no coração do João. Eu não tive coragem de fazer nada. Fiquei lá, parado, tremendo. Mas, por favor, não fala que eu vi não senão me matam também, né?

Bento viu tudo de perto, mas muita gente ouviu os tiros, todo mundo que estava no buteco ou por perto ouviu.

- A gente só ouviu os tiros, mas não viu nada. Também, se a gente tivesse visto alguma coisa a gente fazia que nem o Bento, a gente não dizia nada, que ninguém tá querendo morrer não, ninguém aqui é otário.

Às vezes também a pessoa confunde o som, mas no buteco estavam todo mundo antenado no Guto e no João, esperando eles voltarem logo, depois de receberem só um corretivo. Então ninguém podia duvidar, foi tiro mesmo.

O crioulo que ficava berrando com todo mundo era manjado em

certas áreas, muita gente conhecia a fama dele. Na época que havia mais repressão política, ele ficou conhecido porque andava sempre com uma maleta com os objetos que ele usava em tortura, como tacos de bilhar serrados, máquinas de choque, essa muamba. Uns conheciam o cara como o crioulo da maleta, outros diziam que o nome de guerra dele era Kleber.

Anatole era muito amigo do crioulo, os dois se entendiam. Mulata alto e forte, seus 30 anos, gostava de uma roupa esporte, tinha proteção do crioulo pra traficar. Pois mataram o Anatole e deixaram o presunto lá no km 16 da Avenida das Américas, numa estradinha de terra batida. Anatole estava algemado, foi arrancado do porta-malas do carro e fuzilado: 10 tiros no rosto, 10 nas pernas, 20 no peito e 10 na barriga, um desperdício de munição. Quando soube do massacre, o crioulo não disse nada, mas prometeu vingança, tinha cobertura pra vingar a morte do amigo.

Nem Guto nem João nunca tiveram nada com a polícia, estavam com a ficha limpa, porra! E ninguém podia provar que na casa deles a polícia pegou uma balança, um pacote com seis quilos de maconha e 5 mil em dólar, a polícia errou, porque a casa não era deles, mas do velho Tonho e de sua mulher Das Neves, que também foram acusados de traficar maconha na Baixada. Pô! Os dois velhinhos não sabiam de nada, apenas guardaram aquele bagulho na casa deles, dois garotos pediram pra guardar, os velhinhos não iam abrir os embrulhos pra verificar o que era, não ficava bem.

Bento não gostava nem de ver polícia por perto, mesmo que fosse gente boa. Bento só tinha 20 anos, então os home achavam que ele também era maconheiro, viciado, traficante, tudo, então ele fugia dos home, eu hem! Pior é que achavam que quem foge é porque tem culpa. Bento fugia era porque tinha medo!

- Sabe como é, seu Mané? Tou aí numa boa, não tou afim de curtir baseado nenhum. Só porque meu pai é bêbado e minha velha é lavadeira só por isso eu sou viciado, pô? Tenho culpa de ser pobre, de não poder ir na escola? Não tenho instrução, então tenho que me virar, não tenho?

Seu Mané sempre defendia a turminha ali da redondeza, conhecia a garotada desde pequena. Se faziam alguma coisa contra a

lei, garantia ele, não era ali no buteco que faziam, porque ali todo mundo se comportava direitinho, seu Mané até dava muito conselho pra rapaziada, e a rapaziada tratava bem seu Mané. Não havia motivo pra polícia abusar de ninguém, todo mundo ali era de bem, só de vez em quando saíam umas briguinhas e discussões bestas por causa da cara cheia de cachaça. Mas tudo acabava sempre em harmonia, como Deus manda.

- Tá lembrado do Jaribe, seu Mané?

- Claro que estou, Bento. Bom garoto. Mas meio esquentado, hem?

- É outro que mataram. Ele também tava só com 20 anos. A polícia pegou o coitado dentro da casa dele, de madrugada, levaram ele pra rua e meteram fogo. Disseram que ele tinha roubado e violentado duas estudantes que voltavam da escola. Mas foi engano, a polícia confundiu o Jaribe com um tal de Zé Kiler. Mas aí não adiantava mais porque o Jaribe tava mortinho mesmo, todo furado. Por isso é que fujo de farda. E se me confundem com alguém? Se não vão com a minha cara? Quem que vai se importar com mais um crioulo morto? Até explicar que formiguinha não é elefante, já me foderam.

- Tá certo, Bentinho, tá certo. Todo cuidado é pouco.

- Já pensou se, antes de matar, eles ficarem torturando a gente? Cago de medo. Cago mesmo, seu Mané.

- Te lembra do Adãozinho?

- Lembro. Morreu também, né?

É. Foi encontrado morto com cinco tiros lá na Estrada do Macacu, sabe onde? Adãozinho tava lá no bar dele, chegaram três homens, pegaram o cara e mataram. Esse mundo tá muito é doidão mesmo, pô! Acha não, seu Mané?

Da pesada mesmo era o Gerardão, traficante de cocaína, esteve algumas vezes no buteco do seu Mané, que logo desconfiou do papo do malandro e botou pra fora, ia estragar a turma. Seu Mané tinha moral. Tem gente falando que Gerardão é que dedurou o Guto e o João, que não queriam saber de droga, por isso foram executados. O que a polícia fez no buteco foi só encenação pra acabar pegando os dois. Dizem que o que a polícia lucra com vício não é moleza, aquele jogo sujo danado. É o que dizem, né? Gerardão foi preso

quando almoçava com a mulher e o filho em Copacabana, num restaurante desses de bacano.

- Se o cara quer tapear, ele mistura a erva com alfafa ou bosta mesmo e vende pros trouxas, cada hora inventam uma. Já vi nego comprando quilo de maconha por mil, e hoje é muito mais caro, lógico!

Tem a concorrência de uma porção de outras drogas. Tou nem aí, tenho nada com isso, cada um e que sabe de si. Na zona sul um fulaninho entregou mil por um saco, pô! Na Baixada consegue até por 500. Vejo essa muamba toda, mas continuo na minha. Tou certo, seu Mané?

- Tá certo, Bentinho!

Então me descola mais uma, bem JJ.

- Jóia Jóia?

- Não. Jeladinha Jeladinha!

Seu Mané olha de lado e deixa estar.

- Chega perto de mim um vendedor de pipoca, cachorro quente, amendoim, já fico cabreiro, manerando.

A verdade é que se a polícia não tinha prova, inventava, tinha que arrumar culpado. Era tanta coisa que inventavam só pra desculpar a morte do Guto e do João, dois caras limpos mas que, de repente, a polícia diz que eram sujos, não é possível, a turma conhecia os dois. Desde quando podiam ser sócios logo do Fantasia, um traficante desgraçado que foi preso com uma trouxinha de maconha, 2 mil em dólar e um tresoitão? Nunquinhas! Ninguém nunca nem ouviu falar nessa figura.

- Fantasia e Dentinho, esses dois fulaninhos são desconhecidos aqui pra nós. E não é que a polícia ainda queria provar que o buteco do seu Mané era boca de fumo? Mas provar como? Tanto que não puderam fazer nada, só ameaçaram, quebraram, essas coisas.

- Corda sempre arrebenta pro lado do mais fraco, seu Bentinho.

Por isso seu Mané preferiu continuar calado, na dele. E não adiantava reclamar, porque ninguém ia resolver nada mesmo. Por acaso, polícia vai matar polícia igual fez com o Guto e o João?

Polícia tá com a lei, tá por cima, tem recurso, põe medo.

Maneco também foi outro que deu uma de besta e entrou bem: em plena luz do dia, aquele sol de rachar, e lá estava ele com um rifle de todo tamanho na mão e uma banca com trouxinhas de maconha. Não deu outra. Alcaguetado. Aparece a polícia e o negão corre, mas não consegue escapar e vai preso, por sorte só levou um tiro na perna. Maneco era tido como grande traficante, vai ver que era. A polícia disse desse jeito mesmo, na entrevista aqui no jornal: "Maneco é um indivíduo dotado de alto grau de periculosidade, que age com dolo intenso, com uma personalidade voltada para uma vida à margem da lei."

- Senhor sabe quê que é dolo, seu Mané?

Seu Mané fez que não ouviu, Bento desconversou.

- Conheço esses caras todos de nome sabe, seu Mané? Me interesse pelo assunto! Gosto de saber o que tá acontecendo.

- Entendo, seu Bentinho.

Não sei se foi sorte só ter levado um tiro na perna, porque na prisão Maneco levou choques elétricos, pauladas, chutes, telefone, tentativa de afogamento em tonéis de água e obrigado a comer bosta, já pensou? Mesmo assim, não entregou ninguém. Quando contou as torturas, o juiz disse que ia averiguar mas que era mais a favor da polícia do que do bandido.

- Não sei se o senhor ficou sabendo, mas uma vez já entrei numa fria também. Teve uma batida aí, com tiroteio e tudo, e a polícia levou todo mundo, eu no meio, não queriam nem ver meus documentos. Na delegacia fui torturado, me colocaram no pau de arara e me deram choque elétrico. Depois ainda fui obrigado a assinar a confissão de que já fumei maconha e vendia pros amigos. Depois me mandaram embora, sem explicação nenhuma. Por isso é que vivo cabreiro, não quero nem ver polícia de perto.

Fazer o quê! Até o caseiro Jacinto, o cara mais pacífico do mundo, até ele foi acusado de pertencer a um grupo de traficantes de drogas, só porque foi morto a tiros por dois mulatos. Jacinto saiu de casa pra levar as duas filhas no colégio e foi morto. Meses atrás ele tinha sido preso por causa de bebedeira, mas foi solto um dia depois porque não havia nada contra ele. Como é que



um cara desse pode ser traficante? Me conta! Cara esforçado, ótimo jardineiro, bom. marido. Não dá pra acreditar! Não dá mesmo!

Bento gostava de dizer que entendia das coisas, mesmo que não entendesse de assunto nenhum, se interessava por tudo só pra dar a impressão de que estava por dentro. Coitado! Nunca teve estudo, mas era vivo e inteligente, e se virava por aí, enfrentava qualquer serviço. Falou em ganhar alguns trocados era com ele mesmo. Pau pra toda obra, como dizia seu Mané. E bebia pouco, sabia beber, não era igual o pai. Com os trocados que recebia, ajudava a mãe cuidar dos cinco irmãos menores. O barraco onde moravam não era dos piores, dava pra ajeitar o esqueleto. Ele só ficava invocado quando o pai chegava em casa e queria bater na mãe e nos garotos. Teve um dia que o pai estava agredindo a mãe com socos e tapas no rosto, e com puxões de cabelo. A mãe, que não era nenhuma besta, também avançou no pai e unhou o rosto dele todinho. Bento não aguentava aquilo: com uma raiva dos diabos deu uma porrada na fuça do pai que saiu rolando pela porta do barraco até lá perto do abacateiro. E ainda disse que, se encontrasse de novo o pai bêbado e violento, moía a cara dele de pancada. Não admitia, de forma alguma, que batesse na mãe e nos garotos. Aí o pai amansou. Porque Bento era de paz, mas podia virar fera se provocassem, se bem que a provocação tinha que ser grande, como essa do pai batendo na mãe, aí ele não aguentava mesmo. Sorte a do Guto e do João, que não tinham pai.

Guto e João eram praticamente como dois irmãos, se conheciam desde que nasceram, sempre foram amigos e até costumavam namorar juntos. Ultimamente estavam namorando duas irmãs ali mesmo do bairro, empregadinhas domésticas, gente de confiança, trabalhadeira, bonitinhas as duas, gêmeas: Dinorá tinha uma pinta escura na testa, era o que a distinguia da Viviane.

Pode ser que seja sorte da pessoa não ter pai, mas no caso do Guto e do João não foi sorte, pois o pai do Guto era um cara muito bacana, segundo contavam. Como João nunca conheceu o pai nem nunca falaram nele, então era tratado como filho na casa do Guto, e seu Josué nem distinguia um do outro, tratava os dois igual. Josué era pedreiro, a mãe de João biscateava por aí, e a mãe do Guto, dona

Arlete, era doméstica, não teve mais filho porque não podia, vai ver que é por isso que o João acabou ficando como filho deles. João quase não via a mãe, mas dona Maria dos Anjos gostava que ele ficasse com o Guto. João dizia que tinha uns quatro irmãos, mas não conhecia nenhum, estavam todos espalhados por aí, a mãe não tinha condição de sustentar os filhos, então distribuiu as crianças. Seu Josué tinha 53 anos quando foi morto por dois garotos, que já eram traficantes. Os dois garotos eram conhecidos, mas acabaram matando seu Josué com medo que ele desse o serviço pra polícia. Logo o seu Josué, que não falava nada de ninguém, mesmo quando desaprovava o comportamento dos outros!

Um dos garotos a polícia pegou, e o chefe de segurança da penitenciária, um tal de Barbosa, disse assim mesmo pra ele: "Você deu sorte de não ter sido apanhado por mim, se eu te apanhasse tu não estaria vivo agora. Tu sabe como é que eu faço, e agora vai ser muito pior." E a verdade é que ninguém nunca mais soube do garoto, o cara evaporou.

Quem ajudou muito o Guto e o João depois da morte de seu Josué foi Carlão, tio deles por afinidade, gente boa. Morou uns 15 anos em São Paulo, quando soube da morte do Josué veio pro Rio pra fazer alguma coisa. Carlão tinha conhecidos no Rio também, que ajudaram a quebrar o galho. Afinal, como pintor de paredes ganhava pouco. Mas juntando um dinheirinho aqui, outro ali, ia-se vivendo.

Bacalhau também aparecia de vez em quando, diziam que era primo do Bento, mas não era não, e Bento ficava puto com essa brincadeira porque Bacalhau era da pesada, pelo menos a polícia andava atrás dele, dizia que ele era mau elemento e ladrão de carro, já foi preso várias vezes. Dona Ada, mãe do Bacalhau, é que era boa gente, coitada! Ela sabe que o filho faz das suas, mas não acredita que ele seja assassino como andam dizendo, isso não. Foi colega de escola do Guto e do João, no pouco tempo que estudaram. Mas nunca foram muito chegados, cada um num canto, se cumprimentavam e pronto, o papo michava. Não era por nada não, apenas não se davam. Bento trabalhou com Bacalhau em negócio de cervejaria, não tinha nada contra o cara, e dona Ada disse que o filho tava até de casamento marcado: roubou sim por influência de

maus amigos, mas não matou ninguém. E eu nem quero que ele apareça, diz dona Ada, porque tem PM por aí ameaçando matar ele.

- Logo que o Bacalhau nasceu, a gente morava num prédio da Barata Ribeiro, meu marido era porteiro. Mas depois mandaram a gente embora e com o dinheiro que a gente recebeu a gente conseguiu um barraco na Rocinha. Depois a gente andou por aí, Parada de Lucas, onde fosse mais barato. Hoje eu tou aí, nessa casinha com 10 pessoas, todo mundo amontoado e comendo mal. Bacalhau parou de estudar porque tinha de trabalhar, todo mundo que podia tinha de trabalhar. Depois da cervejaria, trabalhou uns anos numa metalúrgica em Caxias, depois em supermercado. E ele não tinha nem 19 anos. Como é que um garoto desse pode matar alguém?

Teve até gente dizendo que os home confundiram o Guto e o João com dois traficantes. Confundiram, mas tudo ficou por isso mesmo, né? Como se o Guto e o João fossem marginais mesmo. É sempre assim. A PM chega, vê os presuntos e não sente nenhuma surpresa, olha a coisa no natural, estão cansados de ver aquilo. Na Baixada funciona deste modo: a PM faz o que quer, decide quem é santo e quem é trabalhador, quem deve viver e quem deve morrer. E a vida continua!

Os home viram lá os dois garotos entre 18 e 20 anos de idade, encontrados mortos, com marcas de queimaduras de cigarro e charuto pelo corpo, um tiro de escopeta na cabeça e outro no lado esquerdo do peito, em cima do coração. Os dois estavam com as mãos amarradas pra trás, com fios coloridos de náilon. Ficou tudo por isso mesmo, lógico! É sempre assim.

Como é que fica então? Como é que não fica? Será que não tem justiça nesse mundo? Tenho saudade do Guto e do João, pô! Turminha legal tava ali. Não me conformo, não mesmo. Sem eles não tem mais graça.

## CÂMARA-OLHO

caneta esferográfica (5)

copinho para colocar as canetas esferográficas

mesa (era da cozinha e servia para passar roupa mas eu aproveitei no meu quarto)

toalha (de plástico, azul, em cima da mesa)

faca (que ganhei da Maria Tereza e que serve para cortar papéis)

cadernetinha (de endereços)

chaveiro (com quatro chaves: da porta da cozinha, da porta da sala, do escritório de uma firma falida e da sala do jornal onde trabalho)

pegador de papel (onde está escrito em letras douradas: AMANHÃ)

lata de lixo (à direita do olho, onde ficam as persianas do quarto)

óculos (claros para a noite, escuros para o dia)

caixa de fósforo (fiat lux)

cigarro (Hollywood, Cia. de Cigarros Souza Cruz que não é do seu Souza nem do seu Cruz mas da Tobacco Company)

carteiras (de jornalista, de identidade e CPF)

um larousse de poche

um merriam-webster pocket dictionary

conta da luz: 63, 47 a pagar (vencimento a 23/03/96)

um calendário pequeno (gentilmente oferecido pela Cia. Melhoramentos de São Paulo)

uma tesourinha (provisoriamente na mesa, porque o lugar dela é na gaveta do guarda-roupa; ela está na mesa porque tem faltado cigarro e dinheiro e então eu seguro os tocos de cigarro com a tesourinha pra não me queimar o dedo e pra aproveitar os tocos de cigarro até o finzinho)

uma chave de fenda pequena (acho que o nome é chave de fenda mesmo)

um cartãozinho (pra marcar o dia de ir ao dentista, que

cobrou 700 pro tratamento dos dentes, mais os 300 que já paguei ao outro dentista que me tratou os três canais, fica tudo em um mil)

uma cadeira (antiga, preta, mas com o estofado azul novo) uma cadeira de balanço (do tempo em que meu pai era vivo) o relógio é Cyma (comprei faz tempo)

uma cama (do tipo antigo, mas com colchão de mola, que provavelmente será trocado ainda este ano por um colchão ortopédico)

colcha, chenil e travesseiro de espuma com a fronha uma radiola (que comprei sete anos atrás, quando Terezinha do Menino Jesus se casou com Antônio Rubinho)

fichários (3) em cima da radiola

estantes (3) - quando tiver dinheiro, preciso comprar estantes novas, mais funcionais

uma cadeira (antiga, preta, mas com o estofado azul novo, entre uma estante e o guarda-roupa)

um cobertor e uma toalha de banho (em cima da cadeira)

um guarda-roupa (do tempo em que meu pai era vivo, uma foto de Bertrand Russell pregada no guarda-roupa, que tem três gavetas: na primeira tem lenços, meias, escova de dente, material pra barba, uma caixinha com botões; na segunda tem materiais de escritório; na terceira, a maior, tem cuecas, camisas pra frio, calção de banho; dentro do guarda-roupa, no cabide, tem oito camisas esporte, quatro ternos, três calças, um paletó avulso, um cachecol, cópias de três livros, rascunho de dois livros, papel rascunho, 50 CDs e quatro gravatas)

máquina de escrever (em cima do guarda-roupa)

um espanador e uma guarda-chuva (pendurados do lado de fora do guarda-roupa)

a parede é cor de rosa (Rosa)

o interruptor é preto

a porta do quarto é avermelhada

o chão é de tacos (encerados periodicamente avermelhada do que a porta)

a televisão não é no quarto, está na sala de visitas (até hoje ninguém pensou em televisão a cores, porque as cores

acentuadas aqui em casa são roxo, vermelho e amarelo)

o apartamento tem cinco camas, três guarda-roupas, um conjunto de sofá-cama, os móveis da sala, banheiro (chuveiro, privada e pia), um berço no quarto de Benedita, uma penteadeira no quarto da Maria Lice, geladeira na sala, cozinha (equipada), banheiro de empregada, varal e empregada (sem falar nas outras coisas propositadamente esquecidas, porque não gosto de minúcias...), a campainha da porta

peças que moram no apartamento 202 da Rua da Bahia 478, por ordem decrescente: Benedita (a mãe, ou vó, conforme o ângulo), Renato (o filho), Maria Lice (a filha), Maria do Carmo (a empregada)

não há baratas (porque o apartamento é de dedetizado) mas, no quarto de Renato, aparecem pernilongas de vez em quando

#### NA GAVETA:

Associação Cristã De Moços de Belo Horizonte, Brasil. RENATO DE PAIVA BUENO é sócio desta ACM sob nº H.76 - COTISTA na categoria de s/ participante. Data de entrada 07.12.70.

Ministério do Trabalho e Previdência Social. Departamento Nacional de Mão de Obra. Carteira Profissional.

talão de cheque 547121 a 547130 do Banco Comércio Industrial de Minas Gerais (conta nº 81635)

orçamento (do dentista)

gominha, clips e botão

envelopes (7)

anotações bibliográficas sobre conto

borracha

gilete

num pedacinho de papel: 2 fotos 3x4 5,00 Irene Carteira de Jornalista

contas de luz (3) de janeiro, fevereiro e março, já pagas

cartas (3) de Barcelona (na terceira carta estava escrito assim: "Apreciado señor, por correo aparte le remito los dos ejemplares de su obra XYZ, que concursó al Premio Biblioteca

Breve. Atentamente, Roser Llorca")

30 curativos transparentes com tiro-tri-cina

chaves (3)

isqueiro estragado

folha de pagamento de julho de 91 a fevereiro de 92

aviso de protesto

10 destes cupons dão direito a um disco grátis (tinha quatro cupons)

caixinha com clips

#### NO LIXO:

papéis rasgados e amassados

maços de cigarro vazios (3) e amassados

suplementos literários (2) dobrados

um Correio do Livro dobrado

caixa de fósforo (2)

paus de fósforo, cinzas e tocos de cigarro jogados do cinzeiro

um pedacinho de papel rascunho onde está escrito Renato de Paiva Bueno e porra

uma lâmpada queimada, de 60 watts, da General

quatro cadernos (com anotações de filosofia) rasgados

#### ALGUNS LIVROS CONSULTADOS

Ulisses, James Joyce

U.S.A., John dos Passos

Morte na Família, James Agee

Três Tristes Tigres, G. Cabrera Infante (SE PROHIBE A LOS MATERIALISTAS ESTACIONARSE EN LO ABSOLUTO)

O Pirlampo na Cidade, Donald Harington

O Cão de Hitler, Gunter Grass

O Som e a Fúria, William Faulkner

Rayuela, Julio Cortazar

Orlando, Virginia Woolf

La Route des Flandres, Claude Simon  
Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa (Nonada. Travessia.)  
A Morte de Artemio Cruz, Carlos Fuentes  
Contraponto, Aldous Huxley (Tradução de Érico Veríssimo)  
A Lua Vem da Ásia, Campos de Carvalho  
Lugar Público, José Agrippino de Paula  
Trópico do Capricórnio, Henry Miller  
Quarteto de Alexandria, Lawrence Durrell  
Cantos de Maldoror, Lautréamont  
Paradiso, José Lezama Lima  
Três Vidas, Gertrud Stein (Melanctha, principalmente  
Melanctha, que morreu tísica e sozinha)

#### ALGUNS DISCOS OUVIDOS

A Sagração da Primavera, Stravinsky  
Valsa, Ravel  
Imagine, John Lennon  
Concerto para Orquestra, Bela Bartok  
Abbey Road, Beatles  
Construção, Chico Buarque  
Caetano Veloso, Caetano Veloso  
Marquis de Sade, Lalo Shifrin  
Sinfonia nº 5, Prokofieff  
Quadros de uma Exposição, Mussorgsky (orquestração de Ravel)  
Clube da Esquina, Milton Nascimento  
Transa, Caetano Veloso

#### ALGUNS FILMES ASSISTIDOS

A Chinesa, Godard  
O Processo, Orson Welles  
Sem Destino, Peter Fonda  
O Ano Passado em Marienbad, Resnais  
Hiroshima, Meu Amor, Resnais  
Viridiana, Buñuel



Oito e Meio, Felini  
Acossado, Godard  
Macunaima, Joaquim Pedro  
O Eclipse, Antonioni  
O Silêncio, Bergman  
Deus e o Diabo na Terra do Sol, Glauber Rocha  
O Pequeno Grande Homem, Arthur Pen  
O Conformista, Mario Bellochio

#### ALGUNS PONTOS SENSÍVEIS

Ou haverá uma transição gradual da nossa sociedade humana biológica a uma sociedade de autômatos; ou seremos muito brevemente controlados pelos autômatos que tivermos construído; ou nossa sociedade humana será eliminada (se se atrasar indevidamente) por autômatos inteligentes extraterrestres; ou seremos ajudados, supervisionados e controlados por inteligências exteriores mecanizadas. (Reger A. Mac Gowan)

Quienes dicen que el arte no debe propagar doctrinas suelen referirse a doctrinas contrarias a las suyas. (Jorge Luis Borges)

O aspecto mais importante da questão reside em saber se os interesses comerciais e políticos tornam impossível para o homem moderno proteger a sua atmosfera e os seus próprios sentidos. (Charles Lindbergh)

Uma criança nascida agora no ano 2000 tem uma boa chance de nunca morrer. (Jacques Bergier)

nosso sentimento pueril e primitivo de possuir a verdade. (Patrick Ravignat)

O pensamento é o reflexo de uma corrente elétrica ou é o gerador, propriamente dito, dessa corrente elétrica? É um impulso nervoso ou uma substância química em solução nos 85% de água da massa cerebral? (Camille Delio)

Contentamento é uma palavra desconhecida da vida; também é uma palavra desconhecida do homem. (Loren Eiseley)

### ALGUNS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

Vários negros tentaram incendiar um edifício em pleno centro da cidade, matando 11 pessoas.

Um helicóptero tentou matar um franco atirador que estava instalado no terraço de um edifício. Quando mais tarde a polícia chegou ao local, encontrou somente um cadáver: o do jovem Mark, que aprendeu a odiar os brancos quando esteve na Marinha.

Em Grandim, pequena localidade do Missouri, o diretor do banco local apresentou-se perante o caixa pagador para entregá-lhe uma valise com dinheiro. Bastões de dinamites lhe impediram a passagem. Ele foi obrigado a entregar a valise. "Eles têm minha mulher e minha filha em seu poder", explicou o homem desesperado. A polícia encontrou, mais tarde, os cadáveres do gerente do banco, de sua esposa e de sua filha, crivados de balas.

Sete membros de uma seita secreta muçulmana foram descobertos e mortos em uma casa de um bairro elegante de Washington. Cinco eram meninos, dos quais quatro deles foram afogados no banheiro.

Quatro negros foram surpreendidos assaltando uma loja de armas e artigos esportivos em um dos bairros mais pobres do Brooklyn, subúrbio de Nova Iorque. No tiroteio um policial foi morto ao mesmo tempo em que quatro negros conseguiram refugiar-se em um armazém, levando com eles 12 reféns, dois dos quais foram libertados mais tarde. Os quatro negros, protegidos pela presença de 10 reféns e com forte armamento, ficaram rodeados por 500 policiais.

### ALGUMAS OPINIÕES SOBRE O AUTOR

E tive prazer em observar uma coisa (não é troca de confetes): como você escreve ágil, seguro e certo! Prosa da melhor, faiscando no jornal. É caso de parabéns, não simplesmente por aniversário, mas por talento.

Diria que você foi realmente o mais completo, o mais denso, o mais profundo, o mais irmão. Você viu tudo, você foi ao fundo das coisas. Você lúcido. Você fraterno. Você bom. De uma bondade firme, dura, simples, limpa. Admiro tua sinceridade, o tom honesto

e direto, a preocupação filosófica, um realismo desinibido e viril.

Você é um dos poucos críticos que anda dizendo o que pensa.

Tenho muita curiosidade por este seu livro. Incrível que você não tenha sido editado ainda. Esbarrar com essas necessidades de ordem material envergonha a todos nós: Admiro o que você vem produzindo, coisa séria.

Minha opinião a seu respeito está formada: você é dos bons valores novos das letras brasileiras, já deixou de ser promessa, é autor a ser editado, sem nenhuma dúvida.

De qualquer modo verifica-se que você está a par do que há de novo na literatura contemporânea.

Acha que não adianta querer me defender ou dizer que concordo com a maioria das coisas que você falou, ou que aceito e tudo o mais. Me fez bem.

Me disseram que você é gênio: é verdade mesmo ou é só gozação do pessoal?

#### MEUS AGRADECIMENTOS

a John Lennon, pelo fato de ter existido e ter feito o que fez;

a Henry Miller, pelos livros que escreveu pra mim e pela vida que assumiu (através dele descobri meu cosmodemoníacosexualintimismo);

a Bertrand Russell, o maior exemplar de ser humano encontrado no rosto da terra (entre outros grandes exemplares);

a Sócrates e a Hieronymus Bosch;

a Picasso;

a Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Husserl, Sartre, Camus, Simone de Beauvoir;

a Einstein;

a Bach, Brahms e Beethoven;

a Debussy e Ravel;

a Antonio Carlos Brasileiro Jobim e Dorival Caymi;

a Millôr Fernandes;

a Clarice Lispector, por causa daquela frase que ela escreveu: você é o amor que eu tenho por você;

a Guimarães Rosa, por causa daquela frase que ele escreveu: Deus é grande, o mato é maior;

a mim mesmo, por não ser outro (não tem jeito de ser outro);

a Darwin e Teilhard Chardin;

à antimatéria dos russos;

ao cartesianismo francês, ao pragmatismo norte-americano, e à esculhambação brasileira;

ao Seminário Menor de Pouso Alegre e ao Seminário Maior de Mariana, que me encaminharam para o ateísmo;

a todos os ateus, e ao paganismo das pessoas religiosas;

às mulheres: ao corpo das mulheres, aos pensamentos das mulheres, aos prazeres que vem das mulheres, ao rosto bonito das mulheres, à presença das mulheres, enfim, às mulheres (desde o dedão do pé até os cabelos da cabeça de cima);

aos meus amigos, e aos meus inimigos políticos;

ao povo brasileiro (o que é o povo brasileiro? o que é o povo?);

a você, prezado leitor, que é a razão do nosso "sucesso";

a Sérgio Sant'Anna, pelas cartas que me escreveu e por todas as coisas que me disse na presença da mulher dele, solidária;

a todas as pessoas que escreveram alguma coisa em algum lugar e cujo comportamento veio enriquecer minha vida de contemplativo;

a todas as revistas nacionais e estrangeiras, a todos os livros nacionais e estrangeiros, a tudo;

à música (acima de tudo, à música)

a todos os ladrões e a todos os plágios (porque, se o poeta é um mentiroso, o ficcionista é um ladrão).

## TÚNEL

Não sei quantos decibéis suporta o ouvido humano mas sei que, apesar de todo aquele barulho concentrado e sem saída, algumas vezes ele chegava a gostar do túnel, mesmo levando-se em conta o abafamento e a impossibilidade de uma pessoa comunicar-se com outra, podia-se apenas gritar, assoviar forte ou qualquer outro ruído parecido com barulho de carros, ônibus e buzina. E a sensação era de que, por mais depressa que andasse, o túnel como que se alongava, e o único gesto que ele podia fazer era caminhar ou correr: mas não corria porque outras pessoas poderiam ver e caçoar desse coroa de 50 anos correndo de medo de um túnel - e, afinal, caminhar era a única distração possível, caminhar pensando em outras coisas, esquecendo que estava ali dentro daquele túnel comprido e barulhento. O engraçado é que ele poderia perfeitamente evitar o túnel e ir por outra rua e, no entanto, acabava sempre entrando ali, naquele formato de igreja gótica, as luzes acanhadas, parecendo catacumba. Era difícil chegar ao fim daquilo, principalmente em tempo de calor: quando olhava a próxima virada, ele via que ainda restava um bom trecho para andar, sempre faltava um pouco. Com o tempo, o teto ficava todo sujo, completamente preto, então os empregados da prefeitura limpavam tudo para que os faróis dos carros se refletissem no ladrilho do teto e o teto, por sua vez, devolvesse aos carros o brilho dos faróis e das luzes. Sempre que se enfiava em situações dessas, pensava naquele mundo estranho de Kafka, pois gostava muito dos livros de Kafka. Então, para não sentir a pressão do barulho nos ouvidos, principalmente quando passavam caminhões enormes roncando feito doidos, então ele abaixava a cabeça, não apertava os olhos, apressava mais o passo e procurava pensar em outra coisa, num submarino verde amarelo, por exemplo, num elevador com porta pantográfica enguiçada ou numa sessão de cinema hermeticamente fechada. Mas em sua cabeça, como que martelando a cada fração de segundos, ele dizia mais para si mesmo: entrei pelo túnel de novo. Acontece que, quando estava fora de perigo, nunca pensou que pudesse existir aquele tipo de túnel

na Barata Ribeiro, não era possível. Mas não tinha jeito de duvidar, as luzes estavam ali, outras pessoas caminhavam aparentemente despreocupadas, e nada do túnel acabar. Olhou para o próprio corpo e sabia que estava andando na direção certa, não tinha jeito de errar, o caminho era um só. Tanto é que, apenas de brincadeira e instintivamente, ficou roçando a mão na grade que protegia e separava os pedestres dos carros. Retirou logo a mão porque a grade estava suja e áspera: limpavam o teto e os lados, mas as grades ficavam cada vez mais pretas e enferrujadas. Quando chovia muito, como agora, havia infiltração no túnel, a água umedecia as paredes e apareciam poças d'água em vários lugares. Já estava caminhando uns 20 minutos e ainda não sentira cansaço, somente apreensão. E se desse jeito de parar um carro daqueles? Não, assim não, já dera muito vexame na vida. Depois também, os carros nem dariam importância ao que estava acontecendo com ele e com os outros. O problema dos carros e dos pedestres era unicamente atravessar aquilo e sair logo dali, ver a luz naturalíssima do sol abafada pelas nuvens, sentir outras ruas se cruzando e levando a direções diferentes, segundo as conveniências de cada um.

Ali no túnel não havia muita escolha, era uma direção única para frente: as pessoas tinham a vantagem de dirigir-se pra lá ou pra cá, para o começo ou para o fim do túnel. Porque, quanto aos carros, eles tinham mão única, só podiam ir para o fim e por isso é que chegavam a fazer mais de 100 quilômetros: qualquer defeito num daqueles carros e e aconteceriam acidentes em série, um carro arrebatando o outro. Uns caçoavam dizendo que essa fobia de querer sair logo do túnel era problema freudiano, coisa de útero materno: o túnel parecia útero materno e ninguém queria ficar fechado no útero para sempre, mesmo não se sabendo o que havia fora do útero. Eram simples interpretações, pois o povo da cidade tinha mania de explicar tudo, inventando razões para cada acontecimento, insistindo que a função do túnel, assim como do útero, era expelir coisas e pessoas, por isso todo mundo andava depressa e ficava apreensivo. Uma apreensão que aumentava à medida que o tempo ia passando. A apreensão realmente aumentava, como

pôde ser constatado pelos médicos da cidade, mas também não era possível adivinhar essa apreensão no rosto dos pedestres, a coisa estava bem escondida no íntimo de cada um, apesar do riso sem graça e dos gritos histéricos dos meninos que passavam correndo e caçoando. O túnel não apenas abafava, mas parecia com ar envenenado, ainda não se sabia direito. De qualquer modo, já se falava até mesmo em condenar o túnel proibindo o tráfego por ali. Além do mais, todas as pessoas que conseguiam sair do túnel ficavam com respiração viciada e tossiam muito. Pior é que praticamente toda a população da cidade já passara por ali - a população que conseguira sair do túnel. Porque os desaparecidos eram muitos e ninguém sabia explicar: as pessoas entravam no túnel e, simplesmente, ninguém mais dava notícia delas. É claro que muitos podem ter desaparecido em outros lugares, mas acontece que os desaparecidos no túnel eram fatos diários. Os jornais pediam providências, mas as autoridades falavam que tudo era imaginação boba do povo: como é que um túnel como aquele pode fazer uma pessoa desaparecer? E a coisa continuou como estava, e aos poucos o povo foi evitando passar por ali. Outra coisa engraçada é que só os pedestres desapareciam, com os carros e Ônibus nunca acontecia nada. E com as autoridades também não acontecia nada, só as pessoas comuns é que desapareciam. Era como se o túnel fosse aristocrata, só castigando os pobres. Porque era assim mesmo: quanto mais pobre, mais fácil era desaparecer. E acontece que o Morro do Pavão, sob o qual passava o túnel, era uma das favelas mais faladas da cidade: em um mês, a população da favela diminuiu 50%, todos desaparecidos no túnel, pelo menos é o que todo mundo garantia.

Com isso as autoridades ficavam mais silenciosas ainda, pois o túnel estava era resolvendo um sério problema, e sem a necessária interferência de ninguém. Desse modo, os comentários eram os mais sérios ou extravagantes, uns riam, outros calavam, e a maioria simplesmente abanava os ombros dizendo que não tinha nada a ver com aquilo. Ele continuava caminhando, sem saber o que os outros pensavam e já não percebendo direito se era dia ou noite ali dentro do túnel, perdera um pouco a noção do tempo, meio

zozinho. Mas caminhava, os carros passavam, outras pessoas andavam por ali, esbarravam nele e um suor esquisito descia da testa. O suor parecia pastoso, não parecia com água, o suor veio descendo devagar e ficou grudado nas sobrancelhas, doendo. Até para piscar era difícil, como se o corpo todo estivesse emplastado, a camisa grudada, a calça molhada como se tivesse saído de uma praia bem oleosa. No entanto, a única coisa em que ele pensava era que, mais cedo ou mais tarde, não sabia quando, ele chegaria ao fim do túnel e estaria tudo terminado para sempre. Ele esperava isso, sabia que isso teria que acontecer pra todo mundo e não só pra ele. Afinal, se a gente caminha, é sempre em alguma direção, a gente sempre chega em algum lugar. À medida que andava, procurava se convencer de que tudo acabaria bem, tudo teria que acabar bem, ele já entrara outras vezes no túnel e não acontecera nada, por que logo hoje haveria de acontecer alguma coisa? Como poderia acontecer alguma coisa justamente agora, quando ele chegara aos 40 anos de idade e ficara apaixonado pela primeira vez na vida? Seria muita coincidência, muito azar.

Começou então andar mais depressa e ofegante. Aos poucos as luzes estavam ficando mais fracas, o farol dos carros também enfraquecia. Então, pra não se afobar nem se desesperar por nada, ficou brincando com as sombras do túnel, pedindo a Kafka que o tirasse daquele castelo - como se Kafka fosse um Deus, coitado! Depois, vendo que nada acontecia, abanou a cabeça e engoliu a saliva seca. E ficou rindo um riso constrangido e rouco.



## MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Neuza reconheceu seu carro roubado e não teve dúvida, perseguiu a menor com a ajuda de uma radiopatrulha e prenderam a garota. No banco direito da frente do carro tava lá uma trouxinha de maconha.

- Eu não sabia que o carro era roubado, dizia garota chorando, um colega meu que me emprestou.

- Que colega?

- Um tal de Sérgio, que eu conheci ali no Bobis.

- Um tal de Sérgio né?

Sérgio tinha 25 anos e já fora preso por ter atropelado o PM Artur. Por que então a garota estaria em companhia dele?

- Mas, meu Deus, eu fiz tudo pra não atropelar o homem, juro. Desviei o Ônibus e, por infelicidade, bati em outro que entrava na pista seletiva. Não é à toa que sempre que passava por aqui na Avenida Brasil eu tinha um pressentimento: um dia vai acontecer um acidente feio. Onde se viu pista seletiva para ônibus, de mão dupla e com saída em curva?

O pânico foi geral. Pessoas feridas, gritando, atiradas no chão, enquanto alguns tentavam avisar que tinha gente imprensada entre os ônibus. O corpo de Sílvio, por exemplo, só foi removido depois que o caminhão reboque separou os ônibus.

Mas como é que Soninha ia saber que Sérgio tinha maconha no carro e que o carro era roubado? E se essa garota já fosse uma boa piranhuda hem? Estivesse dando uma de inocente, como sempre fazem? (Fazendo assim uma cara de inocência e sofrimento, desse modo como os garotos de rua pedem dinheiro pra ajudar em casa.) Pode ser menor, mas não quer dizer que seja besta. Nunca se sabe.

- A situação está nebulosa, é preciso agir com prudência, alertava Azedo, o empresário.

Se estava nebulosa pros empresários, como estaria pros maconheiros e biscateiros, por exemplo? E pra turma do salário mínimo?

- A culpa é do Neto, aquele gordo safado!

Roberto teve úlcera nervosa reaberta e não se aguenta de pé sem calmantes.

- Quem depende de emprego pra sustentar a família está emocionalmente desequilibrado. Quem tem empréstimo em banco então, já nem atende telefone.

Caribé está com a filha doente, endividado, títulos protestados, nome no SPC. Sente muita dor de cabeça, fuma demais, também não passa sem remédios.

- Tenho até vergonha dos telefonemas de cobrança. Tou numa situação crítica com os colegas que foram meus avalistas. Tou ficando até meio doido. O que vou fazer? Sumir com a família? Dar um tiro na cabeça?

Ana sente-se profissionalmente arrasada.

- Não estou nada bem. É como se fosse um pesadelo.

Ângela vive angustiada com a possibilidade de seu nome ir para o SPC, seu desemprego atrapalha até no casamento.

Não posso mais nem me dar ao luxo de fazer compras do mês no supermercado. A situação é terrível. Parece que a gente vai se afundando e sem esperança.

Ronaldo anda muito nervoso, não sabe como comprar o berço e o enxoval do primeiro filho que está pra nascer, essas preocupações de pequeno burguês.

- E o diabo é que estou sem crédito, pois estou praticamente desempregado. Não tenho mais cabeça pra decidir o que fazer. Não dá.

Os ônibus chegaram logo às primeiras horas da manhã. Lá dentro da fábrica o pessoal foi retirado e obrigado a formar uma fila. Dois guardas identificavam as pessoas pelos crachás e conferiam seus nomes com a lista que carregavam. Os que estivessem na relação eram separados, assim como se separam os bois que vão para o matadouro, entende?

Se recusava a entrar no sistema entorno do qual o mundo inteiro está organizado.

Foi desse modo que a empresa tratou os empregados. E a gente lá, olhando, impotente diante das autoridades que nos mandavam embora. Mas fazer o quê?

- Você me desculpa, garota, mas tu é menor, não podia dirigir carro nem ter amigo maconheiro como esse tal de Sérgio. Situação pra ti não tá boa não. Sorte sua é ser de menor, porque senão ia ficar pior ainda.

No verão o clima é esse mesmo, não adianta nem se queixar. Quem mora no Rio já sabe. Ontem, o relógio digital marcava 43 graus ao meio dia lá no centro. E a turma dos bairros entrava nos sorvetes e refrigerantes, era o jeito, já que essa macacada parece que não sabe que também existe água! Mar manso, temperatura da água a 25°. Muita gente na água, juventude principalmente. Praias, piscinas, parques e jardins lotados, e no ar certa irritação por causa do calor. E os bombeiros saindo para apagar fogo no mato.

- Calor desgraçado, porra!

Alexandre, Janete e Mané não eram os únicos que estavam no bar não, senhor, tinha mais um casal e mais um homem. Jiló lembra do dia em que viu Alexandre porque jogou na placa do carro dele e ganhou no bicho. Micharia, mas ganhou. Alexandre chegou de carro com a mulher e um casal. Parecia gente fina, educada, com dinheiro.

No verão, em dezembro principalmente, aumentam os casos de conjuntivite, o ambiente acima de 37° fica ideal para os germes causadores da doença, por isso é preciso tomar cuidado.

- Mas me diz aqui, ô doutor,

O estado dela é grave sim, mas a esperança é grande, os amigos querem saber como é que Clara está passando.

- Poxa, Tânia, tu até que é legal. Recebe 500 por mês de pensão e ainda fica numa boa, sem bronca, na esportiva. É demais! Só ti mesmo.

Pequena, magrinha, tinha um jeito bacana de rir, agora vai à luta, gosta da vida, não quer mais depender de ex-marido. Também, com 23 anos quem é que não gosta da vida? Eu, por exemplo, tenho 20 e não gosto, até agora só me aconteceu coisa ruim na minha vida, e fica parecendo que eu até já vivi demais.

No começo foi tudo bem, conversa vai, conversa vem, ela e Carlos começaram a se encontrar, namoraram, noivaram e casaram,

aquele entusiasmo todo. Ficaram dois anos juntos, depois se separaram, não dava mais. Carlos estava interessado em Cristina, fazer o quê! Paquerador, mulhereço. E Tânia desconfiou do safado. Tinha de desconfiar, não tinha?

- Perdi tudo, reclamava Hortênsia: meu companheiro de 30 anos e pai de minhas três filhas. Perdi minha filha e a cunhada de meu marido. Perdi amigos. E a democracia enlouqueceu.

Moravam no velho barraco de madeira: Maria, sua mãe Joana, o marido Elias e os quatro filhos menores Rute e Daniel, Davi e Jonas, homenagem à Bíblia. Um dos lugares mais pobres que já vi na minha vida. Maria era da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, depois saiu da igreja porque não tinha mais dinheiro pra doar pros pastores.

- Aí comecei sentindo alguma coisa estranha, uma espécie de força maligna que me empurrava para a prática do pecado. Fui dominada por essa força, e não adiantou tentar afastar o espírito maligno lendo trechos do Antigo Testamento, não adiantou mesmo, o espírito do mal foi mais forte do que eu. Apanhei uma barra de ferro e fiz o serviço completo.

Mãe de quatro filhos e separada do marido. E Denise fica muito animada por encontrar tanta gente que tem os mesmos problemas que ela.

- Vamos dançar? convida ela brincalhona.

- A Cláudia aqui é minha amiga.

- Oi!

- Oi!

Morena, vestido vermelho, rindo, fumando, gesticulando. Cláudia ficou nove anos casada, está separada há oito.

- Casamento, nunca mais! Me enganei redondamente. Achei que casamento era um negócio legal, que nada. Minha geração foi criada pra casamento durar a vida toda, sabe? Uma enganação! Pior é que meu marido acabou se casando com minha melhor amiga, vê se pode. Parece novela, né? O que eu quero agora é viver.

- A mulher paulista tem mais poder aquisitivo, esnoba Janete, sai mais sozinha, se arruma melhor. Vocês aqui no Rio parece que ficam inibidas de sair sozinhas, acham que separar do marido é um

fracasso. Eu não. Fui casada durante 11 anos e pronto, acabou, tudo bem, valeu a experiência.

Deveriam ter liberdade de escolher a morte.

Espelhos refletem ângulos dos frequentadores. A boate é elegante. Cadeiras confortáveis, ar condicionado, boas bebidas. Muita descontração. Música estridente, é preciso gritar pra ser ouvido de perto. Esbarrões, convites pra dançar, sorrisos, olhares, encontros. Perdão! Todo mundo procurando se divertir, ou se esquecer, ou se dopar, tanto faz. Desculpa!

O que eu vejo, diz Janete, é muita mulher frustrada aos 30 ou 40 anos, procurando príncipes encantados que nunca vão encontrar.

Elegante, com um conjunto de saia e blusa amarelo estampado com pequenas flores, sandália de salto alto, anéis de pedras e brincos de grandes flores. Rosto bonito, grandes olhos castanhos, um sorriso aberto, apesar do cansaço.

- Criança foi feita pra brincar, tá bem? E nas brincadeiras ela pode ser orientada para desenvolver alguma atividade de que goste, mas sem grande preocupação nesse sentido. O fundamental é deixar a criança brincar e conviver com sua família - se tiver família, lógico!

- Estão falando de mim? pergunta Soninha ríspida, na base da ignorância, como se quisesse agredir os caras. Sou menor mas não sou criança não!

- Fica quietinha aí, fica!

o sexo, todo mundo se assumindo, a permissividade, o cara dizendo que é muito arejado mas comportando-se de modo quadrado, a aids, as drogas

Depois das sessões de tortura - quatro dias na cadeira do dragão, nu, recebendo choques elétricos - foi levado para uma cela solitária minúscula, de onde ouvia ruídos fortíssimos.

Ao fundo do palco armado nos jardins de palácio, uma rosa vermelha, simbolo socialista. A multidão saudava o governador. Brizola, Brizola. Chega de sofrer, o povo no poder. Um dois três, quatro cinco mil, queremos o Brizola, presidente do Brasil. (Se quiserem, em vez de Brizola podem colocar Marcelo, Maia, Chico, qualquer nome, não faz diferença.)

No caso de Clara, já não havia mais nenhuma esperança. Irremediavelmente condenada, como diziam os médicos, lavando as mãos. Com os olhos fechados, sob gazes. Como se estivesse dormindo. Serena. Muito bonita. Todos os dias os cabelos dela são penteados. Tratada com muito carinho. Com a aparência tão normal que é difícil acreditar que esteja condenada à morte.

Trabalhava a semana inteira ou, mais precisamente, de segunda à quinta.

- O que acontece é uma deterioração lenta das funções vitais, entende? O coração vai enfraquecendo e a pressão arterial não se mantém mais através de medicamentos vasopressores. A pressão então cai e, a partir do momento em que atinge níveis muito baixos, a função real desaparece. Daí em diante estamos com uma paciente que só poderá viver algumas horas.

O pai, metalúrgico, sai antes das 5 horas da manhã, toma duas conduções para São Bernardo. O irmão também gasta duas passagens para chegar na Barra Funda, bairro próximo da zona norte. E outro irmão está desempregado.

- As forças militares estão a serviço do capitalismo, contra todo projeto de libertação que apareça no Brasil e na América Latina, diz Balduino. Todos os golpes militares foram realizados pelos Estados Unidos com a desculpa de anticomunismo.

Soninha, por seu lado, esbravejava:

- E eu, por acaso, tenho culpa de ter 16 anos, tenho? A turma não perdoava mesmo.

Muitas vezes, quando saía na rua, xingavam o cara de bicha, maconheiro. E ela era apenas bicha assumida, mas sem querer ofender ninguém com isso. Era bicha e pronto, não tinha obrigação nenhuma de gostar de mulher. Desde quando é crime ser bicha? Preconceito mais besta! Pois é isso. Estamos aí no século 21 e ainda se briga por causa de pederastia, quer dizer, a tropa toda continua quadradíssima, em que pesem as exceções, as minorias.

Ele gostava de citar Genet:

- Sou pederasta, todo mundo sabe. O que é um pederasta? Um homem para quem, antes de mais nada, todo o sexo feminino, a metade da humanidade, não existe.

- Além disso, sou um homem que, por sua própria natureza, se marcha do mundo, se recusa a entrar no sistema em torno do qual o mundo inteiro está organizado.

Foi tudo muito rápido. Em 10 minutos já estavam todos presos no avião, sem saber que voo era, para onde iam.

No fundo do palco, uma rosa vermelha estilizada.

Motoristas de táxi no Rio: uma classe achatada que nem gato encurralado. (Cecílio)

A ilusão da cidade grande, o sul maravilha!

Quando estava na lanchonete, no centro da cidade, um desconhecido veio conversar com Pedro, assim sem mais nem menos. Logo depois veio outro e ele foi obrigado a entrar num carro.

- Você ainda é jovem e tem que se cuidar, tá bem? E não adianta esse papo de liberdade de imprensa. Vocês jornalistas querem tumultuar, subverter tudo.

- E você, Raul, o que vai ser quando crescer? Vai ser médico?

- Não, vou ser polícia.

- Mas que isso, garoto! Essa não! Escolhe outra profissão.

- Vou ser namorado da Marina!

Dona Matilde vizinha do 4º andar, aptº 403. Yvone e Luis moram no 401. Dona Matilde nasceu em Portugal, está com 80 anos e mora sozinha, de vez em quando uns parentes vêm visitá-la. Simpática, cabelos brancos, magra, óculos escuros, não pode ver televisão por causa do problema nos olhos, então ouve muito rádio.

- Se eu sumir, pode ficar sossegada que não morri não, fui visitar meus netos, dizia ela rindo pra Yvone.

Gostava muito de conversar com Yvone.

- Cachorro, sujo. Que belo final você teve, hem! Agora não vai mais assaltar ninguém.

Armados de paus, pedras, foices e facas, homens, mulheres e crianças lincharam Zé Roberto e Pestana, assaltantes, arrombadores, violentadores de mulheres e crianças. Os dois corpos ficaram com as marcas de espancamento e facadas, estavam deformados, estirados no meio da rua, olhados pelos curiosos, farejados por animais.

E não adianta inventar consolações, não funciona.

- A violência no município do Rio, explicava o secretário, Pessoas com doenças sem cura, que tenham pleno domínio da consciência, deveriam ter liberdade de escolher a morte, rejeitando métodos artificiais de manutenção da vida. Quê que você acha?

Permanece em coma profundo. A pressão arterial está sendo mantida com o auxílio de medicamentos. Mantêm-se preservadas as funções cardíaca e renal.

- Não lamento nada, sério mesmo.

- Ah, não brinca!

Mas não precisa ficar preocupada não.

- Deixa comigo. Conheço todo mundo.

- Vou esperar pelo menos uns quatro anos pra pensar nisso.

- Vamos passar bastante tempo longe um do outro.

- A verdade é que não sei o que será da minha vida daqui um ano, por exemplo.

Quê que você acha?

Durante a maior parte do jogo ele foi um mero expectador, não participava de nada. Fez poucas defesas em chutes fáceis. Falhou num lance em que Vítor foi obrigado a salvar em cima da linha. Mas falha todo mundo comete.

- O sinal era meu. O outro vinha em alta velocidade, atravessou o sinal e bateu forte.

- Mentira. O sinal estava aberto pra mim.

- Não estava não, senhor.

- Então, só se houve defeito na sinalização.

Oliveira, 29, de insuficiência cardíaca. Macedo, 35, de embolia pulmonar. Fonseca, 39, de insuficiência cardíaca. Ribeiro, 46, de câncer. Vasconcelos, 48, de enfarte. Santos, 54, de edema pulmonar. Silva, 60, de enfarte. Carvalho, 68, de parada respiratória. Marques, 73, de insuficiência respiratória. Vieira, 81, de parada cardiorrespiratória. Costa, 81, de enfarte. Monteiro, 82, de insuficiência respiratória. Bueno, 69, de câncer na próstata.

Os pais vão até mandar celebrar missa em ação de graças pelo filho que ainda está vivo e que pensavam estar soterrado. Já



pensou o choque que levaram? O filho precisou telefonar pra todo mundo avisando que não estava morto, não dessa vez.

Trabalhava a semana inteira  
a estupidez humana,

ou, mais precisamente, de segunda a quinta, portanto tinha toda razão de reclamar da vida de casada, com marido desempregado e não muito bom de cabeça, a sorte que não tinham filhos. Pior que chegava na sexta feira precisava limpar a casa, fazer certas arrumações, então a folga de sexta não adiantava nada. No sábado e no domingo que era melhor, podia ir à praia com o marido ou pegar um cineminha, se o dinheiro desse. Mas ecoo o marido não saía de casa pra nada, ela também ficava a maior parte do tempo dentro do apartamento conjugado, vendo televisão, fazendo croché, preparando a comida, limpando a cozinha. Isso é que é vida? pensava ela. O marido não queria nem saber, ficava lendo num canto do apartamento ou ia beber umas cervejinhas no buteco. Era a única coisa que o desgraçado fazia, ler e beber, a mulher que se fodesse. Mas se foder com quem?

- E agora, o quê que vai ser de nós?.

Você ouve e não sabe se ri ou se vai vomitar.

A verdade é que o cara não tinha onde cair morto e ainda assim se dizia muito vivo, vê se pode! Esses cariocas têm um papo que vou te contar, contam uma vantagem que dá gosto, sabem de tudo, falam de tudo, têm certeza de tudo.

- Pedimos pelo amor de Deus que não fizessem isso, esperassem pelo menos a gente arranjar outro lugar pra ficar, mas eles não ouviram e foram quebrando tudo enquanto a polícia assistia, dizendo que se a gente não saísse ia preso.

Sebastiana mora no casebre com a filha Tereza mais a neta de três anos. Era tudo o que tinham.

- Foram chegando e quebrando tudo.

A filha Tereza mais a neta de três anos.

- Mas vida na porra dessa cidade não é assim mesmo? desabafou Soninha. Quê que eu tenho a ver com tudo o que está acontecendo, pô? Tenho culpa? Meu pai, minha mãe, o país, o mundo, foda-se. Quero viver minha vida numa boa, sem ninguém me enchendo o saco

toda hora, dizendo o que devo fazer, o que posso fazer, porra! Quero paz, tá me entendendo?

Quando nasceu ela media 25 centímetros, podia-se pegá-la com uma mão sem fazer esforço. Os braços eram do tamanho de um dedo de adulto e durante certo tempo pesava apenas meio quilo. Pelo menos era essa a estória que contavam, talvez pra chatear a garota. Os pais muito religiosos, a mãe passa o dia inteiro lendo e citando a Bíblia, protestantes têm mania de Bíblia, só crentes. Como cresceu e viveu normalmente, ninguém sabe explicar direito. Miúda, mas taí dando bronca no mundo.

É certo que a vida estava dura, mas acontece que sem ele é pior. A gente se conhecia havia 15 anos e, pronto, acabou. E eu fiquei aqui sozinha, dois filhos pra criar. Não briguei, não adiantaria. Não vou receber dinheiro nenhum dele, ele está desempregado há muito tempo, foi lá pra casa da mãe, viúva aposentada que sustenta o irmão dele, que também está desempregado. Não sei se vou aguentar essa vida de descasada. É duro. E não adianta inventar consolações, não funciona. Culpa de quem? Da nossa geração de mulheres liberadas, que dizem que encaram tudo filosoficamente, casando e descasando a toda hora? Casamento não é eterno! Mas quem disse que é? Se a gente gosta de uma besta, a gente quer ele pra vida toda. E os filhos? Vão ficar desajustados?

A gente nem ao menos sabe pra quê que está vivendo.

E com essa idade de 35 anos, o que vou fazer? Como é que a gente faz pra tirar um homem da cabeça hem? Estou desnorteada!

Há sempre uma mulher atrás de cada idiota. Há sempre um idiota atrás de cada mulher.

Sérgio pretendia fazer o que todos fazem, casar, trabalhar, cuidar da família, dos filhos. Sempre se acaba nisso, né? Só que ainda não deu, achava Soninha careta, mais doida que ele. Acha que precisavam ficar mais velhos, mais acomodados, sei lá. Ela não se assume, pô! Disse que era minha colega. Mas que colega? Já encontrei milhões de vezes com essa garota, transei com ela numa boa, até gosto dela, ela também gamou comigo.

Não queria que o filho crescesse sem a presença do pai como

acontecera com ele: o que acontece de ruim pra gente a gente não quer que aconteça pro filho da gente, não é isso? Já pensou que casal mais doido Soninha e eu? Maconheiro. Essa polícia é muito da engraçada. Se o cara é novo, falam que é maconheiro. Se é novo e preto, então tá fodido! Sei lá de onde me apareceu essa maconha, não sou de maconha, não mesmo, gosto mais é de um somzão e muita velocidade. Tenho cara de otário, tenho?

- É isso aí. Na verdade, a gente agora não passa de marmiteiro, vende força de trabalho a qualquer preço. Tá ruim, meu irmão! A gente veio de uma classe média que sonhou com o paraíso, não é engraçado? Agora, tamos aí desse jeito. Pra sobreviver, a gente faz o que pode até como camelô, propagandista de rua, vendendo perfume, corte e costura, vendendo camarão na zona sul. Sou jornalista, aquele ali é engenheiro e o outro é técnico de administração. Tem professor, físico, assistente social, atriz, a turma toda desempregada, todo mundo na luta. É foda! Situação não tá nada boa não. Não sei como é que vai ficar.

De vez em quando dava uma de garotinha inocente, fazendo poses de meiguice e ternura. Os olhos castanhos e sobrancelhas escuras, sorriso de quem se prepara para a foto, corpo mais branco que moreno, ia pouco à praia e, quando ia, ficava embaixo da sombrinha. Como era nova e bonitinha, o rosto realmente dava um ar de inocência e tranquilidade. Mas era só mexer com ela que se transformava em fera. Ferinha, como dizia Sérgio.

- Você ouve e não sabe se ri ou se vai vomitar, depende do estômago de cada um, explicava Neuzinha roqueira.

Andava pelas ruas ali de Copacabana, que era onde morava, e não sabia o que ia acontecer, como ia acontecer, se ia acontecer alguma coisa, tudo aleatório, entende? Podia acontecer uma porção de coisas, mas não sabia exatamente o quê. Como também podia não acontecer nada. A única coisa certa era ela andando ali por Copacabana, vendo as coisas acontecendo enquanto ela passava. Preferia ficar mais ali do lado do Leme, Soninha morava na Gustavo Sampaio, a turminha era legal, pra ela tudo era Copacabana.

Ouviu Berio, que fez pensar em Maller.

Logo após o nascimento, os médicos desligaram os aparelhos de

respiração artificial e a mãe morreu. Era a única notícia que sabia da mãe, e o estranho era que nunca perguntara nada pro pai, com quem vivera pouquíssimo tempo. Vivia na casa de uma tia solteira, que nunca enchia muito o saco, dava liberdade e não ficava vigiando nem cobrando. Coroa bacana.

Continua em coma profundo, sem sinais de atividade cerebral, respiração controlada por aparelho, pressão arterial mantida com auxílio de medicamentos, funções cardíaca e renal preservadas. Coitada! É cada coisa que acontece na vida de uma pessoa que a gente nem sabe pra quê que está vivendo.

É que, por incrível que pareça, a morte acontece na vida de todas as pessoas, por isso

Vestida de branco, coberta de rosas, tranquila como se estivesse apenas dormindo, quase sorridente. Alguns choram, outros riem de tristeza, a histeria é geral. Chovem pétalas de flores. Uma multidão de rostos e mãos. Brigas, empurrões, gritarias. Era a última vez que viam Clara.

A morte acontece na vida de todas as pessoas, por incrível que pareça.

- Agora eu pergunto: com mulher e três filhos menores passando privações, sem material pra estudar, com quatro meses de aluguel vencidos e ameaça de despejo, com contas para pagar, como é que eu fico?

Soninha e Sérgio prometeram se comportar. Quer dizer: queriam era ficar livres daqueles coroas que só sabiam fazer perguntas e dar conselhos, pô! A mãe e o pai de Soninha deram escândalo, a mãe queria obrigar a filha a ler a Bíblia todinha só de castigo. Sérgio não tinha problema: além de maior, sabia conversar com a tia.

- Você precisa fazer alguma coisa na vida, garoto!

Foi a única coisa que a tia disse.

- Sou novo, tenho muito tempo pela frente.

- Você que pensa! disse a mãe de Soninha.

- Fica fria! Mulher tem que dar samba!

E a multidão aplaudia, vaiava, gritava, atrapalhando os bombeiros que procuravam tirar o homem lá de cima da árvore e que

queria suicidar porque estava desempregado, veio tentar a vida no Rio.

- Tira esse palhaço daí!

- Vai dar macaco hoje!

- Vai cair do galho!

Estavam todos revoltados com o estupro sofrido por uma aluna no banheiro do colégio. Ainda bem que Soninha saíra do colégio, saíra não, mandaram embora, era muito irrequieta, fazia perguntas demais, as professoras não gostavam. Já houve estupros por lá. Às vezes nem é estupro, às vezes as garotas dão pro cara e dizem que foram estupradas. Às vezes elas é que estupram o cara. Pelo menos Soninha não estudava mais nesses lugares, tá a fim de pegar uma faculdade mais tarde, ela e o Sérgio, têm tempo.

Menor de idade é foda. A gente fica acorrentada, não pode fazer nada, é propriedade dos pais. Não tem emprego, não tem dinheiro, não tem nada. Os pais ali na marcação. O Sérgio anda comigo e os caretas dizem que ele está me desencaminhando, que eu não sou mais virgem, que dou pra todo mundo. Gente mais besta!

Chegaram de repente, avançaram nas mercadorias que nem mosca no mel. Em sua maioria eram favelados, gente com fome, desempregados, mas tinha também muita gente "boa" no meio. Quando tentou pegar o cara, levou uma lata de óleo nas costas. Na rua, avançaram contra os ônibus, jogavam pedras e davam socos e pontapés nos carros.

- Meu modelo é a Fernanda Torres, dizia Soninha.

- Mas Fernanda Torres se comporta bem diferente de você, retrucava o quadrado do pai, que preferia Fernanda Montenegro por ser madura e responsável.

- Tou falando que sou branca igual ela. Também tenho jeito pra artista, só que não fui aproveitada ainda, ninguém me notou.

O pai ri, a mãe balança a cabeça reprovando e Soninha pensa alto:

- Devia era acabar com a raça desses velhos. Trancar todo mundo no asilo.

E sai da sala pisando duro.

Os olhos fundos, morteiros, sobancelhas pretas, rosto

chupado e magro, barba por fazer, um ar de tristeza e desânimo nos olhos, careca, camisa escura, olhando de frente como quem está se lamentando, abatido, profundamente melancólico: 25/9/96.

- É ele sim, doutor, não tenho dúvida.

- Foi pelo prazer de matar que ele fuzilou o Negão.

- Eu vi tudo. Nem sei como é que o operário não morreu ali mesmo, naquele momento.

Profundamente melancólico, um ar de tristeza e desânimo nos olhos.

- Carne? SÓ aos domingos. E olhe lá! Durante a semana é só ovo. Frutas a gente não compra nunca. Dá inveja a gente ver passar as donas com carro cheio de coisas. A gente trabalha, mas o dinheiro não dá, é muito pouco.

As unhas arrancadas, espancado, com longos interrogatórios. Uma pequena máquina servia para choques elétricos. O pau de arara estava sujo de sangue. Os pulsos e as pernas estavam com marcas. O barril cheio de água suja, bom pra afogar. Socos e pontapés em todo o corpo. Ficou pendurado durante quatro horas, bateram de pau, deram soco, e ainda tentaram afogá-lo.

Se for mesmo verdade, diz o delegado, abro inquérito imediatamente.

Ele então riu assim bem na cara do delegado.

Quanto a Isabel, foi colocada nua dentro do barril cheio de água. Os choques elétricos faziam bater os dentes. Aplicaram no tornozelo dela um torniquete de ferro, que era apertado por um parafuso e que causava muita dor. Foi espancada nas costas e no peito com um pau envolto numa toalha molhada. E a base de tapas, foi obrigada a trepar com o policial de plantão em cima de uma mesa, a maior sacanagem, enquanto outros cinco policiais assistiam tudo.

Ainda bem que o delegado prometeu abrir inquérito imediatamente.

- Imediatamente! dizia com o dedo apontado pro teto.

É ou não é pra ficar com trauma?

S.B.J., por exemplo, foi detido a primeira vez quando tinha 12 anos de idade. A partir de então esteve várias vezes recolhido:

no Instituto Padre Severino, de onde sempre fugia.

Chegou bem cedo no sindicato. Ficou sentado nas escadas, pensativo, triste, cabisbaixo, do jeito que estava havia alguns meses, desde que ficou desempregado. Andou pelo 10º andar, pediu um café pra dona Dulce e abriu a grande janela do plenário, que era lugar de lazer dos trabalhadores, a TV ligada. Do 10º andar dá pra ver o relógio da Central, a torre de uma igreja e o Cristo no morro. Sozinho no plenário, pulou lá de cima. Da janela podia-se ver sua camisa clara e a calça marrom. O resto era uma poça vermelha de sangue.

- Sérgio! ela gritou.

- O quê.

- Será que vão continuar me enchendo o saco só porque sou menor?

- Esquece, Soninha, esquece. É só a gente não ficar aí na bobeira, manja?

- Você gosta de mim?

- Essa agora!

Poderiam chamar-se Evelina, Roberto, Mário, Mônica, Regina, Beatriz, tanto faz, tanto fez. (Somos Todos Algarismos, de Manoel Lobato.)

- Tem época que fico desanimada, angustiada, me iludindo, pensando que vou encontrar um grande amor em festas, esses acontecimentos sociais, sabe? Fico chateada com meus 30 anos. Balzaquiana, né? Pior que nas festas a gente não encontra nada, tudo ali é superficial, a gente não sabe quem são as pessoas, e as pessoas não sabem quem a gente é.

Na mesa do bar, Roberto, de terno e gravata, toma uma dose de uísque, independente, não tem horário para nada, não tem que dar satisfações a ninguém. As mulheres, principalmente, falavam em ter filhos, casamento. Os homens podiam pensar, mas não costumavam tocar no assunto.

Ana, 19 anos, simples, comunicativa, muito querida. Tinha muitos admiradores, mas nenhum namorado especial. Não vou dizer que era virgem porque seria ridículo. Tinha planos de casar e ter muitos filhos. Todo mundo tem, não?

- Aqui nesse hospital então só atendido quem cai ou morre na porta.

Sérgio já estava com 25 anos completos e fora preso por ter atropelado o PM Artur. Qualquer dia eu atropelo e a mãe dele!

Soninha media apenas 25 centímetros quando nasceu, podia-se pegá-la com uma mão sem fazer esforço. Os braços eram do tamanho de um dedo de adulto e durante certo tempo pesava apenas meio quilo. Pelo me nos era essa estória que contavam, talvez pra chatear a garota. Come cresceu e viveu normalmente, ninguém sabe explicar direito. Miúda, 16 anos, mas taí dando bronca no mundo.

Futuramente (quanto mais tarde, melhor) Sérgio pretendia fazer o que todas as pessoas fazem, casar, trabalhar, cuidar da família, dos filhos. Sempre se acaba nisso, né? É isso, sempre se acaba.

Soninha tinha olhos castanhos e sobrancelhas escuras, sorriso de quem se prepara para a foto, corpo mais branco que moreno, ia pouco à praia, gostava da Fernanda Torres. Como era nova e bonitinha, o rosto realmente dava um ar de inocência e tranquilidade. Apesar dos esporros.

Sérgio não tinha problema: além de maior, sabia conversar com a tia.

Ainda bem que Soninha saíra daquele colégio, saíra não, mandaram embora, era muito irrequieta, fazia perguntas demais, as professoras não gostavam. Tá a fim de pegar uma faculdade mais tarde, ela e o Sérgio.

Por exemplo: a Terra e o Universo.

O resto era uma poça vermelha de sangue.



## TANGO ARGENTINO

Começou mostrando as diferenças entre Pancetti e Haendel, entre o que entendia por falso e verdadeiro. Um outono, depois um inverno. Vivendo uma mistura de Madona, Prince, Amadeus, coisa que só mesmo o pessoal da moda entende.

- Só mesmo o pessoal da moda é que entende, sabe como?

Uma ferida sangrando bem do lado esquerdo do peito, a mão esquerda ensanguentada sustentando a ferida, com toda aquela solenidade saltitante de música aquática. Com a transpiração de sempre. Amizades bem coloridas. Ou mesmo, na base do preto & branco. Mas sempre ao som de Haendel. À noite, então, o Rio fica mais escuro, apesar das luzes. De tudo um pouco, com as pessoas e os acontecimentos do momento.

Esse carioca de alma brasileira - esse mineiro de alma carioca - no chamado "palco da vida".

Com o pé esquerdo pelo mundo a cultura em disco CD fita (preciso trocar a agulha do meu som, preciso trocar o som) no chamado "berço da ribalta". Ou, se for o caso, "um mar de luzes". Caetano, Chico. Principalmente Caetano. Principalmente Chico.

Vem o genial e põe o pé no Brasil (no palco) saudando a plateia ali presente, não tira o cigarro da boca nem pra tocar, a barbichinha já meio branca no queixo, boné tipo Milton Nascimento, um anel de todo tamanho no minguinho da mão esquerda, rosto redondo, olhos brilhando. Be ou have. No litoral baiano são minúsculas.

Eles pintam, eu (não) pinto. Se bem que os namorados produzem melhor, dizem os namorados. Assim como os casados vivem mais.

- Não são coisas assim tão difíceis de dizer, entende como? perguntou ele mais com os gestos do que com as palavras. Ele falava mais com os gestos, feito italiano. Estavam doidos mesmo era pra fazer um corredor cultural ali na Rocinha.

- Na Rocinha? ele perguntou espantado. Agora, o espanto vinha mais dos olhos arregalados do que das palavras.

Atendendo a inúmeros pedidos ele não cantou nada. desafinado

pra cacete, voz de taquara rachada.

Ao piano, Nelson Freire. Logo depois, Artur Moreira Lima. Manhã, tarde e noite. Sempre assim. De segunda a domingo.

Uma mulher, um homem, uma noite, um amanhecer, uma cidade, uma estrela, tudo o que vi - bonito mas cansativo.

As músicas mais ouvidas: Madona, Century, Double, Dire Straits, Rolling Stones, Elton John. Quer dizer: estou proibido de ou vir rádio. E mesmo quando tocam música brasileira, tocam sempre as mesmas, sempre as mesmas, sempre, as mesmas, tocam sempre, as, mesmas, tocam, as, sempre, ritmo universal, quer dizer, universo norte-americano, bang bang Líbia Nicarágua bang big, sempre, as, mesmas, tocam, as, bang, big, e sempre assim, as, mesmas, big, som universal, bang.

No intervalo, uma sinfonia de Beethoven, com Karajan. (Ou uma bachiana de Vila-Lobos. Ou qualquer coisa de Carlos Gomes, contanto que não seja ópera italiana.) No intervalo, algumas peças de Marlos Nobre (nobilíssimo).

Lógico que no divã é diferente. No Hotel Meridien também é diferente, muito mais elegante. Mas mesmo em real, tão caro. E eu agora moro longe: na Barra, não, não é na Barra, é em Jacarepaguá mesmo ou, mais precisamente, num lugar chamado Camarim, quase grudado no Riocentro, é só atravessar a estrada e está no Riocentro, a gente fala que é Barra porque dá menos vexame, sabe como? 8325, bloco 5, aptº 807, quando puder aparece, é longe do centro né? De qualquer modo fica o convite, ou solidariedade, como dizia Jêsus de Almeida Rocha, jornalista que é escritor, poeta e músico, alma mineira, de Diamantina.

Lançamentos da semana: eu sei que vou te amar, a história oficial, cotton club, pic-nic na montanha misteriosa, o beijo da mulher aranha, golpe de tiras, ir voltar, mulher nota 1000, os ladrões do amanhecer, carmen de godard, agnes de deus, entre dois amores, marcas do destino. Como se vê, nenhuma pornô.

A próxima atração. Como se fosse programa do Chacrinha, aquele besteiro todo, se lembra? Peças infantis. De vez em quando olhava da janela do escritório: o nundo continuava no mesmo lugar de sempre, e o cometa tinha ido embora, sob vaias, o estádio todo

vaiando a seleção.

- Demora tanto pra aparecer, ela comentava, e depois ainda me faz um papel desse, não dá pra ser visto nem de avião.

Marcha fúnebre, mas bem fúnebre mesmo, cono se o cadáver estivesse presente e fedendo. Não precisa ser Beethoven nem qualquer outro surdinho, basta que seja cadáver e que feda, pra que os humanos sintam o que eles humanos são, do que são feitos, para onde vão.

- Tudo o que é fúnebre esclarece alguma coisa, não acha não?

- Se não esclarece, pelo menos fede, né? Já é alguma coisa. Incomoda.

O hábito (ou o nome que se queira dar a isso) veio do Japão, conforme explicam os entendidos. Marcha fúnebre de Beethoven. E tomou conta das boates do Rio e São Paulo, sendo que o Rio foi uma das pioneiras a introduzir o karaokê em suas programações. Marcha fúnebre ou em fuga tipo Bach, mas é de Beethoven, um cara bem tocante. Pode ser acompanhado de música ao vivo ou gravada, o solo fica por conta do freguês. Como o Rio é uma cidade que brinca muito nas 11 posições do campo, então falam também em kariokê. (Infame!) O Rio é uma cidade descontraída, que ri muito, mas nos muitos momentos em que para de rir ela sai por aí trucidando todo mundo com a maior descontração. Já a marcha fúnebre é mais tocante porque é fúnebre, e tudo o que é fúnebre mexe com as entranhas da gente, nã acha não?

- Pelo menos fede, né? Incomoda.

No karaokê cada cidadão tem a oportunidade de se exteriorizar, de mostrar seus "dotes artísticos", e será sempre aplaudido, porque as próprias risadas são um aplauso, senti isso na própria carne, como teria dito Beethoven a Goethe enquanto compunha a marcha fúnebre. Enquanto Beethoven compunha a marcha fúnebre, Goethe se inclinava subserviente diante do rei e escrevia suas afinidades eletivas.

- Aliás, o fúnebre e o triste sempre me tocaram muito de perto, disse ele fungando.

- Você um sentimental deslavado, chorão, lacrimajante. Se bebe uma cervejinha então, só falta soluçar.

Mas a música me desestrutura e me desarma.

- Então tá.

Com essa onda, karaokê pra tudo quanto canto, mas não tem importância, igual febre, vem e logo passa, até aparecer outra febre. Por sinal que uma coisa interessante no ser humano justamente isto: entediar-se. Por isso ele tem que ficar inventando sempre, pra dibrar o tédio. No divã de um psicanalista, por exemplo: não tem mais divã e os psicanalistas estão desacreditados. Faço análise há 15 anos mas é só porque sou amigo do meu analista e gosto de bater papo com ele, não é porque preciso, sempre que viajo levo ele comigo porque gosto de ficar perto de um grande amigo como ele e não porque eu seja dependente do meu analista, em absoluto. Aposto que você também gosta de bater papo com um grande amigo, não gosta? Pois é isso. Não tem nada de fixação não. A não ser que você chame amizade de fixação. No karaokê, por exemplo, não tem nada disso: é chegar e engolir o microfone, depois paga o prejuízo na saída.

Sinfonia nº 3, eroica, de Beethoven.

Karaokê Manga Rosa, Karaokê do Vogue, Canja. Pra não falar nessas gafieiras todas, nesses shows sem pecado mas também sem (pre)-juízo, oba oba, todas essas casas noturnas (os nossos apartamentos estritamente familiares), Ângela, Cauby, Silvio Caldas (quem diria!), let it be, people, Calígola, danceterias, exposição, vídeo. Os nativos da terra se divertem (se entediam). Bobby McFerrin, por exemplo, B. B. King, todos os dois criolos, The Smiths, o que é bom para a matriz entra goela abaixo da colônia, oba oba, pra frente Brasil, vamo lá macacada.

Sabe duma coisa? Tenho um modo muito esquisito de mostrar que estou deprimido e triste. Quando escrevi uma peça chamada Nostalgia, publicada num suplemento literário de Minas, eu estava melancólico, mas a peça era mais seca e isenta do que melancólica. Agora, não sei. Esse meu modo de lamentar realmente é estranho, você tem razão de me chamar sentimental, chorão. Só não posso esquecer é que às 2 horas tenho de telefonar pra Yvone Rocha, perguntar quando é que ela volta, se está tudo bem lá na casa dos pais dela, eu aqui fico triste quando estou sozinho, é sempre bom

a gente dividir preocupações, saber que pode contar com uma pessoa apesar de tudo (assim como um paciente pode contar com o médico). Sou assim desde pequeno. Chorão. Grudava na saia de minha mãe e chorava. Hoje não choro mais, quer dizer, tenho estilo diferente pra chorar, pra chamar atenção, pra me proteger, as lágrimas caem mais pra dentro que pra fora, por isso não dá pra ver. Pode ser a idade também. Velho é sempre mais meloso, babão.

- Mas eu não tenho culpa de ter 50 anos. Desculpa! Minha mãe não tem culpa de ter 82. Nem você tem culpa de ter apenas 20 e ser assim tão bonita e atraente.

Os olhos verdes, como se estivessem mostrando a distância entre ela e eu. A boca semiaberta. Sobrancelhas perfeitas. Pequeno brinco azul na orelha esquerda, como pérola. O olhar dela direto, não como se estivesse interrogando, mas apenas com aquela tranquilidade de quem observa um objeto à sua frente, sem maior reação do que essa. O objeto ali na frente dela era eu. E o rosto dela, apesar de tão bonito, era indecifrável, não revelava qualquer sentimento, tipo esfinge. Se ela falasse qualquer coisa, talvez quebrasse o encanto. Mas ela não dizia nada, apenas me fitava, aquela distância nos olhos tão verdes e tão parados.

Clínica e cirurgia dos olhos. Tudo o que se pode aproveitar dessa cidade tão maravilhosa, big bang bang, inclusive o caminho do desequilíbrio. A garotinha de olhos arregalados segurava a maçã com as duas mãos, olhando como se fosse ser fotografada, toda aquela curiosidade nos olhos. A beleza do cenário.

Me apresento: Renato de Paiva Bueno, 50 anos (50 ou 60, tanto faz), jornalista com veleidades literárias, casado, de férias matrimoniais no momento, sem filhos (você me castrou, dizia a mulher), nascido em Ouro Fino, sul de Minas Gerais, tendo vindo de Belo Horizonte para o Rio em 1º de fevereiro de 1973. Não tem sinais particulares nem nunca participou de um karaokê, não achava graça e tinha vergonha, preferia mulher pelada na praia, ou cervejinha nos fins de semana. Também detestava tanto Clinton quanto Kadafi, além de: Hitler, Pinochet, Mussolini, Thatcher, Stalin, Komeini, ditaduras, dogmas, racismos e rock brasileiro. Acima de tudo, amava a si mesmo assim como ninguém até hoje se

amou. (Questão de gost não se discute!) Em compensação, detestava tudo. Inclusive, apenas se suportava satisfatoriamente, e isso se confundia com amor. Mas não era amor. Amor era essa reação que ele sentia diante dos outros, feito febre.

Que tal se a gente tocasse um tango argentino?

## NOSTALGIA

O conto (ou romance, sei lá) começava deste modo: naquele tempo as pessoas usavam terno e gravata. Até mesmo as pessoas tidas e assumidas como rebeldes e anarquistas vestiam terno e gravata, principalmente quando iam a algum coquetel ou a algum encontro literário-etílico. Os escritores, principalmente, usavam terno e gravata, aquele lenquinho (ou lenção) no bolso do paletó, roupas largas tipo bombachas, suspensórios, cabelos curtos muito bem cortados e emplastados. Os escritores se encontravam e falavam sobre literatura, às vezes sobre mulher, às vezes sobre qualquer outro assunto do momento. Porque havia também os saraus literários, sempre de terno e gravata. E não havia televisão nem viagens espaciais nem nuvem radioativa. Os escritores apresentavam suas produções mais recentes, discutiam o mundo e a literatura e ainda eram jovens de 30 a 40 anos, conforme se podia ver pelo rosto, que ainda não estava enrugado. Esses escritores vinham principalmente de Minas: moravam em Minas ou vinham todos pro Rio, deslumbrados (dizia-se) com o mar e com o contraste entre a brancura deles e a mentalidade bronzeada dos cariocas. Tiravam muitas fotos de escritores de terno e gravata naquele tempo: escritores bebendo e conversando, se cumprimentando, numa viagem a Paris com a torre Eiffel ao fundo, na janela da casa ou do apartamento, com as colegas escritoras, num álbum de família, rindo, passeando de bonde ou fazendo pose numa cidade histórica. Tudo com aquele ar antigo, ultrapassado e sempre nostálgico, naturalmente por causa da distância entre um tempo mais antigo e outro mais recente - essa distância entre as modernidades de cada tempo. As fotos desses homens de terno e gravata eram não apenas instantâneas, mas fixas como o nada - era até um modo de rebelar-se contra os estragos que o tempo fazia no corpo e em tudo o mais. Com o passar dos anos os homens foram tirando o paletó e a gravata, substituindo saraus por bares ou butecos, mas o desgaste do tempo era rigorosamente igual, a nostalgia vinha com a mesma intensidade. A verdade é que não se podia, em hipótese alguma,

ficar ruminando fotos antigas - se possível, não olhar nem mesmo pro espelho. Naquele tempo, todos esses escritores existiam. No entanto, como não existe mais aquele tempo, os escritores de terno e gravata também já não existem. Ou se ainda estão vivos, não são mais daquele tempo e, para agravar, estão deslocados do tempo atual, não pertenceu nem ao passado nem ao presente, muito menos ao futuro. Mas, em última análise, vive-se hoje da mesmíssima forma, em que pese a ameaça nuclear, por exemplo, com quem se procura conviver pacificamente, assim como se procura morrer dignamente com câncer, de preferência no cérebro.



## ÁLBUM

O garoto devia ter um ou, no máximo, dois anos de idade. Sentado numa pequena mesa redonda, segurava um boneco preto, de pano, como se estivesse com medo de que alguém tirasse o boneco das mãos dele. A roupa era branca, e uma gravatinha preta, de pano. O garoto era gordo, todo fofo. Cabelos compridos bem pretos, um cacho no meio. Estava sério, olhando pra mãe que brincava com ele à distância. Olhos castanhos, sobrancelhas escuras, ligeiramente vesgo do olho direito, a boca meio torcida pra direita. Os olhos, como sempre, eram de criança que ainda não entendia o que os adultos pretendiam com ele ali, esperando que fizessem alguma coisa. Olhos de quem simplesmente aguarda os acontecimentos mesmo não sabendo o que era aguardar e o que eram acontecimentos.

A casa era grande, bem bonita para os padrões da época numa cidade do interior. A cidade ficava num morro: lá em cima a igreja matriz se sobressaía sobre as casas que não chegavam a mais de três andares. Uns 30 mil habitantes mais ou menos. Dois padres, dois cinemas, um campo de futebol.

No portão da casa a mãe vigiava os sete filhos pequenos que brincavam no passeio ou na rua mesmo. Estão todos mais ou menos sujos porque brincam na terra, inclusive a empregadinha preta, que cuida dos menores. Quando há alguma comemoração, a mãe veste muito bem os filhos. Ali estão os três maiores: Rosária cheira uma flor, Luis olha uma outra flor admirado e José simplesmente olha pra frente na direção da mãe. Todos os três estão vestidos de branco. Depois, José tira a roupa, veste outra e vai brincar. Luis não desgruda da saia da mãe, Rosária é menos enjoada.

Passados alguns anos (ou muitos anos), Luis e José ficam com o rosto diferente, nesse sentido em que um adolescente de 16 anos não é mais uma criança de dois. Os olhos, por exemplo, ficaram diferentes. Quando fizeram a primeira comunhão, tanto Luis quanto José ainda mostravam os olhos assim num misto de espanto, ingenuidade e inconsciência, atitude mesmo própria de quem está

com oito anos de idade. Mais tarde, porém, já na adolescência e com o pai morto há mais de 10 anos, os olhos eram de surpresa e expectativa, e alguma revolta. Pelo menos, isso tudo era verdade no que se referia a Luis, que era um garoto introvertido, ao contrário de seu irmão José, que era brincalhão. Por essa época, Luis já estudava em colégio interno.

Antes de entrar para o colégio interno e antes de completar 10 anos de idade, Luis se despedira dos irmãos na cidade do interior.

Apenas José e Rosária não estavam, mas os outros estavam: as gêmeas Alice e Benvinda, mais Terezinha e a caçula Lucinha. Naquela época, Luis vestia um terno mal ajeitado no corpo - ele nunca foi muito amigo de roupas - gravata azul fora de lugar, cabelos curtos. Numa outra oportunidade, alguns anos mais tarde, a mãe conseguiu reunir todos os filhos, exatamente quando Luis saíra de colégio interno, aos 20 anos de idade, e mudara de Ouro Fino, no sul de Minas, para Belo Horizonte, a capital de estado.

Luis ficara estudando em colégio interno dos 10 aos 20 anos de idade, primeiro mocidade de Pouso Alegre, depois na cidade de Mariana. O colégio em Pouso Alegre era parecido com hospital, com exceção da casa de campo, que ficava numa fazenda chamada Faisqueira, onde também havia um lago que servia para nadar e um campo de, futebol preparado pelos próprios alunos. O colégio em Mariana parecia hotel, bem espaçoso e com um pátio também grande, e um terreno cheio de árvores e frutas. Nos dois colégios Luis participara de vários esportes, além de estudar muito. Seleção de futebol, seleção de vôlei, seleção de basquete, natação, bolinha de gude, escalar morros, andar apressado na estrada, alguma ginástica. O tempo até que passava depressa, não se podia negar. Mas, de qualquer modo, não era agradável viver fechado em colégio durante tantos anos.

Morar em Belo Horizonte era mais interessante do que viver no colégio interno. Por sinal que, no começo, Luis até estranhou a liberdade que tinha para fazer o que quisesse, tendo até cometido muitas extravagâncias, ou pelo menos fazendo essas coisas que ainda no havia experimentado: ficar bêbado e passar mal, fumar

dois maços de cigarro por dia, frequentar a zona e trabalhar em banco. Não se deve esquecer que essas extravagâncias aconteceram principalmente entre os 20 e 30 anos de idade, porque depois Luis até parou de fumar, saiu do banco e foi trabalhar em jornal, primeiro em Belo Horizonte, depois no Rio.

Por causa das extravagâncias Luis ficou na base dos 50 kg, medindo 1,75m: usava roupas até rasgadas ou remendadas, óculos escuros, barba sempre por fazer, sem falar na careca cada vez mais acentuada. Não era sem motivo que colegas e amigos o chamavam de caveirinha. Depois que parou de fumar, caveirinha começou a engordar de tanto beber e chegou quase a 90 kg, depois foi moderando a bebida, fazendo exercícios, correndo; chegando finalmente aos 72 kg.

Em Belo Horizonte Luis fez muitos amigos tanto no banco quanto na faculdade onde estudou jornalismo e letras, e também no jornal. Na turma havia bons jornalistas (como o próprio Luis), professores, dois escritores e um artista plástico. Régis e Lula eram escritores, Mário era artista plástico, Zé Mauro era jornalista (como a maioria, aliás) e Múcio era professor na faculdade. Mulheres eram apenas as duas estudantes universitárias Tê e Paulinha, espécies de musas da turma.

Luis conheceu Yvone na faculdade mesmo, e mais intimamente em Betim, onde ela morava numa república de moças que, juntamente com seus respectivos namorados, promoviam excelentes bacanais nos fins de semana, mas sem provocar maiores escândalos, porque tudo era bem organizado, com pessoas de várias idades, dos 25 aos 50.

No Rio, e já com mais de 37 anos de idade, os olhos de Luis começavam a ficar não propriamente desesperados, mas como que cansados, desiludidos, tristes, melancólicos, ou qualquer coisa parecida. Ainda mais que a rotatividade em empregos era muito grande, sem falar que o país nada tinha a ver com democracia - e a censura era coisa que o magoava profundamente, pois era bastante sensível a esses problemas políticos, econômicos, sociais. Já se podia dizer que o rosto dele, além de triste, era carrancudo, o que chegava a espantar certas pessoas, principalmente garotas. Ele, afinal, não era uma pessoa que se podia chamar de educada,

embora não fosse ríspido, em absoluto - até certo ponto, sabia manter as aparências, como bom mineiro.

Apesar das neuroses, Luis gostava de praia, de nadar, de andar, de correr. Primeiro morou no Leme, depois mudou-se para a Barra, a praia sempre por perto. Isso não deixava de ser um modo de contrabalançar as neuroses: dele, dos outros e da cidade. Seja como for, era agradável ficar na praia tomando sol e cerveja, contemplando aquelas garotas com seus biquínis sumaríssimos, como se nada mais existisse a não ser praia, cerveja e garotas sumaríssimas - e a mulher dele sempre de lado, já que não tinha nada contra a própria mulher, 10 anos mais nova do que ele, também nascida no sul de Minas, em Santa Rita. Depois da praia, uma excelente ducha fria, o corpo aos poucos pegando aquela cor bronzeada, de fazer inveja.

De vez em quando Luis visitava a mãe e os irmãos em Belo Horizonte e os sogros no sul de Minas. Eram dias interessantes porque a única coisa que se fazia era comer, beber e dormir, como um animal sadio que arrotava logo no primeiro copo de cerveja. Santa Rita era lugar tranquilo, cidade pequena, casa grande, nenhuma preocupação - a única preocupação era voltar logo pro Rio. Também ficava poucos dias em Belo Horizonte, geralmente num fim de semana ou aproveitando um feriado. A casa da mãe era sossegada porque ficava no bairro da Saudade, fora do centro: visitava a mãe e os irmãos e voltava logo pro Rio.

Depois de viver 10 anos com Yvone, Luis resolveu se casar no civil, para garantir os patrimônios, conforme observou a mulher. Não se casou no religioso porque era ateu e porque Yvone não praticava nenhuma seita, apenas o pai era racionalista cristão. A mãe de Luis era beata. Compraram um apartamento na Barra e um carro, e ganhavam a vida como assalariados. Sem filhos.

O que Luis mais sentia - um sentimento que se agravava ultimamente - que gostaria de ser escritor. Lia muito, então andou tentando escrever alguma coisa, mas não saía nada, por mais que insistisse. Criava estórias e situações na cabeça dele, mas não conseguia transmitir isso no papel, era uma incapacidade total. Vendo que o esforço do homem não adiantava nada mesmo, a mulher

disse: desiste. A mulher tinha razão: com quase 60 anos e desenganado, pra que insistir? Desistiu.

## CIDADE

Os homens sobrecarregados do interior chegavam de trem e a cidade crescia nas árvores dos bairros. Num canto ou no outro, dois trilhos paralelos. As pessoas nasciam devagarinho e construíam prédios de agasalho, todos reunidos em casa e reunidos na cidade como ponto de referência. Na época Renato tinha 30 anos e tinha sobrenome e foi batizado e usava roupas leves por causa do clima. A indiferença da cidade era modo de participar. Naquele tempo havia asfalto para pavimentar as ruas de gente, os bares davam paletó e gravata, havia o parque para os visitantes do interior e a Camponesa para os visitantes do interior e o zoológico para os visitantes do interior. Os prédios estavam prontos mas vazios, embora os homens subissem e descessem de elevador. Os olhos erguidos viam fumaça e azul. Na esquina os moços bebiam garrafas de formicida e cobiçavam a perna das moças. Sempre com o copo furado na mão e o cigarro na boca, seguiam as meças que usavam os olhos de convite. Sentados na mesa do bar conversavam sobre coisas indiferentes, porque o relógio de parede batia horas depois da meia noite. Entravam no carro e escondiam o carro num lugar escuro. Um corpo misturava-se no outro, depois as partes comentariam as fraquezas e o tédio comum post prandium. Na mesma hora, milhões de habitantes repetiam o mesmo gesto, moralizando, atacando. Mas os machos procediam sempre do mesmo jeito e pelo mesmo caminho, a imaginação segregava gestos especiais e cuspiam-se bílis na Praça das Liberdades. O modo de caçar e catar pulgas era o mesmo, o moço desabotoava o sutiã da mocinha, a mão procurando a buceta cabeluda e as pernas da moça fingindo não entender mas abrindo depois de algum tempo para dar ideia de estar sendo forçada.

A boca sugava o bico dos seios e a cabeça da moça encostava na poltrona, os olhos fechados, as mãos desalinhando os cabelos do moço e apertando o rosto do moço contra os seios, o nariz respira mais forte e o corpo amolece, o vestido farfalha na almofada, o pinto retesa, as mãos forçando a calcinha pra baixo, e a buceta da

moça abocanha o membro e morde o membro que jorra esperma de presente. Depois o silêncio feito de respiração menos forte e os amigos saem galopando ou o carro engole o asfalto enquanto a moça abotoa as braguilhas do moço, põe o sutiã a calcinha, e encosta a cabeça nos ombros do farol que treme nas árvores e no apito dos guardas. A cidade não comenta mas, de vez em quando, em setembro principalmente, prédios incendeiam, o mormaço engravida os olhos e a mão ampara o corpo no asilo dos velhos. Havia, naquele tempo, horário de trabalho e diversão, e só os pobres não tinham horário, mas também não tinham o resto, nem a técnica da gravidez, a barriga inchando, o filho dando chute dentro da barriga. Os cinemas escureciam de duas em duas horas, as boates usavam luz indireta para desfigurar o rosto. A luz era artificial. Um círculo que girasse e girasse sempre, repetindo movimentos. A salvação estava em alguns cacoetes, pensavam que o macaco era único por causa dos cacoetes. A cidade fermentava bolo de aniversário, tinha alguns anos de vida apesar de sua pré-história ou por isso mesmo. Carneiros e ovelhas se confundiam nos livros, a cidade era culta porque agasalhava 100% de monstros sagrados e medíocres. O progresso da cidade vinha do exterior e o progresso da cidade era inútil como a esperança dos que repetem. Hoje era agora, a cidade sente Renato e reconhece a falta de importância, mas Renato se retrai com medo de não ser importante, então mistura-se no meio dos amigos e sofre humanidade como se humanidade fosse remédio.

As barbatanas cortavam a água e os olhos descobriram o vidro da janela como se estivessem no fundo do mar. As ondas, instáveis dentro dos prédios, como que avançavam em língua de cobra mas não alcançando sequer os banhistas que olhavam para o céu nublado. Gritos surgiam no tempo frio, a miniatura do caixão na concha da praia. Os homens se olhavam, como se a condição humana estivesse em olhar a condição humana e a pessoa saboreando a palavra condição como se espremesse o barro saindo dos ossos. Agora, isto aqui, Reinaldo tinha certeza mas era como se a certeza não bastasse para tranquilizar. Os homens viviam, era uma coisa imensa, maior que a imaginação da coisa. Você não vai morrer tão cedo, diziam, você é moço. E ele acreditava na própria mocidade,

como quem se desequilibra. Se houvesse apoio, haveria equilíbrio de saturação. Pensava no corpo cheio de feridas mas que as roupas escondiam, como os óculos escuros escondiam melancolia, porque melancolia era palavra bonita. Reinaldo era mais amanhã do que hoje, apesar das teorias. As teorias eram defesa, não que a preocupação fosse defender-se do monstro, mas desde pequeno ensinaram ler escrever duvidar, e o temperamento eram as queimaduras que até hoje exibia no corpo. O mundo dividia-se em estrelas, a luz ainda não chegara à Terra, e os cogumelos saltavam do Verso como criança pobre soltando papagaio. Se uma pessoa se aproximasse muito da outra, mudaram o ponto dos ônibus para facilitar o uso dos sapatos. Acreditava na morte da mãe, como quem nasce. Os profetas cumpriam a trajetória costumeira, um corpo atraía o outro, e a tristeza de Reinaldo era sentar os olhos na mesa da refeição enquanto dois mundos giravam em torno da cabeça. Colocar o mundo na cabeça deixava louco, colocar a cabeça dentro do mundo era viável mas doía. Havia tudo pensado, e o caminho que se percorre, dando a impressão de que as árvores corriam e o vento suavizava o rosto. Acreditava também na morte das crianças, porque a morte das crianças era o modo esquisito de encontrar felicidade no anterior. Lia-se como quem bebe, mas devagar, muito devagar. Os lábios umedecidos e com forma de lábios, tocava-se no corpo e o vinho descia, como se o tempo estivesse no vinho e na embriaguês. Quando Reinaldo olhou Beatriz daquele jeito, ela chorou. A mulher de pernas abertas para a janela do hospital e aquela coisa saindo aos poucos, mole e suja. Reinaldo olhou o rosto de Beatriz como quem vê criança. O rosto de Reinaldo dá náusea, os lábios tortos e as rugas no rosto. Não olhava Beatriz, via criança ou feto, as pernas arregaçadas da mulher e a barriga redonda, o cigarro ajudava a morte e a morte vinha no tempo e o retrato de São Jorge na Lua. A criança berrava depois dos tapas, o berrinho de pulmão arejado de asfalto e irradiação atômica, com a graça de Deus e a proteção do Divino Espírito Santo. A criança nascia, garantindo felicidade mais no brilho de uma estrela ainda não vista do que, por exemplo, no satélite artificial. O rosto do leproso era o rosto dos outros, o amor era a reação que os outros provocavam em



mim, Reinaldo estava tão sozinho quanto é possível uma pessoa estar sozinha. Misturar-se noutra pessoa era difícil como nascer de novo. A barriga da irmã contava os dias, e o aniversário de Benedita seria na sexta feira, o planeta ria dos hominhos, a Terra tinha complexo de inferioridade. O vácuo não era, embora apontassem. Todos na mesa comiam e bebiam, o alto-falante enche o ar de música, eu sou inteiramente eu e isso, no fundo, não importa. Viver por si mesmo era fazer o que todos faziam. A barba comprida e os cabelos penteados com a mão, olhos vermelhos de pensar mundo e homens, roupas amarrotadas, sapatos sujos de poeira e bolso menos vazio que Reinaldo. Bebe umas e não sente os outros perto, os amigos comentam a crise e a democracia nos livros, falam de amor como se falassem de assunto particular, Reinaldo vomita e pede desculpas e limpa a boca com o lenço, os olhos sumidos e o rosto branco, o sapato pisando no vômito e escorregando, e a cabeça cai, o rosto molhado:

- Eu nasci, minha mãe, e a senhora pensou que fosse uma grande coisa!

## A SITUAÇÃO EM QUE QUE NOS ENCONTRAMOS

Para Renato era diferente ter morado uns 10 anos no Leme e depois mudar-se para longe da zona sul e do centro, para um lugar chamado Camorim, fim da Barra e começo de Jacarepaguá, perto do Riocentro. Aliás era apenas isso, era diferente. Aliás, tudo era diferente, desde a distância com o centro até o comportamento das pessoas, uma mistura grande de vários níveis. Não não. Não se trata de esnobar ou qualquer coisa parecida com elitismo. Os níveis eram realmente variados. Você não está necessariamente falando mal de ninguém se disser que na Avenida Sernambetiba costumam morar pessoas com mais poder aquisitivo. Assim também, no condomínio onde Renato viera morar junto com a mulher Regina, havia desde pessoas remediadas, classe média baixa, como pessoas de pouco poder aquisitivo, que moravam antes em favela. Era tão baixo o poder aquisitivo dessas pessoas que, depois de juntar muitos parentes para compor uma renda familiar mínima, exigida pelo antigo BNH, essas pessoas vinham morar no condomínio apenas com mulher e filhos e não conseguiam pagar as prestações, que eram mínimas, por isso ficavam inadimplentes e eram executadas pelo banco ou por quem de direito. De modo que estou apenas constatando um fato, do mesmo modo como posso constatar que o Brasil é um país de muitos pobres e miseráveis e de poucos e grandes ricos. Estou justificado? Pois bem.

Como aconteceu com muita gente (acredito), Renato sentiu a diferença de ambiente, embora ficasse satisfeito com o silêncio, que era maior. Porque no Leme e em toda zona sul não há silêncio, os carros e ônibus infernizam tudo - as pessoas também infernizam, porque são muitas e anônimas. Isso não quer dizer que Renato não gostava do Leme, sempre gostou daquela República. Mas, depois dos primeiros impactos, viu que era preferível morar no Camarim, no condomínio, sem falar que o apartamento era próprio, não tinha mais esse negócio de pagar aluguel e ficar à mercê de proprietários. Conforme se diz por aí, no começo é novidade, depois a gente se acostuma até com a distância. Sendo que Renato

não tinha mais condições financeiras de morar no Leme. Acrescentasse que a paisagem do centro até Camarim, passando por Copacabana, Ipanema, Leblon, São Conrado e Barra, é coisa bonita de se ver, com muito mar, montanhas e verde. Me desculpem, mas é bem mais bonito que zona norte. E Renato gostava de apreciar esse tipo de paisagem, era meio poeta, tinha até veleidades literárias, de vez em quando escrevia algumas histórias: escrevia e guardava na gaveta, tinha medo de mostrar pras outros e se decepcionar. Era um cara retraído, tímido, desajeitado para as coisas práticas, como um estranho no mundo. Um sujeito acomodado. Ou inútil, como a mulher às vezes xingava.

Seja como for, além dos ônibus, Renato e Regina podiam contar com um carrinho que haviam comprado em Santa Rita, no sul de Minas, onde moravam os pais de Regina e alguns irmãos e cunhados. Regina nasceu em Santa Rita mesmo, Renato em Ouro Fino, uma cidade pertinho da outra. Ela agora com 40 anos, ele com 50. Ela professora, ele jornalista. A mãe, alguns sobrinhos, irmãos e cunhados de Renato moravam em Belo Horizonte, lugar onde por sinal Renato viveu 15 anos, tendo mudado pro Rio em 73. Quando não estava desempregado, trabalhava ou em jornal ou em um biscate qualquer. Aliás, uma coisa que ele sentia bastante era isto: não ter estabilidade no emprego, o que causava também instabilidade emocional e outros probleminhas de relacionamento. Mas isso acontece na vida de todo mundo, não é mesmo? E Renato não se considerava nenhum ser excepcional, apesar de suas veleidades literárias, artísticas, intelectuais. E tinha medos, como todo animal.

A verdade é que, estranhando ou não o novo ambiente e as novas companhias, Renato foi se familiarizando com tudo até com rapidez.

Não se podia viver num condomínio rico, então o negócio era morar onde fosse possível. Primário, não? Renato e Regina se mudaram em janeiro de 85, quando o condomínio começou a ser habitado, por obra e graça do finado BNH, através do Inocoop, uma cooperativa dos bancários dos bancários, mas aberta a qualquer profissão. Para ser mais exato, Renato e Regina chegaram no

condomínio dia 26 de janeiro de 1985, 3 horas da tarde, uma chuva tremenda, o carro deles patinando no asfalto (a porra desses carros não gosta de chuva), o pior dia para se fazer mudança, sem dúvida. De qualquer modo, um dia histórico, pelo menos para Renato e Regina, dois pequenos burgueses que agora tinham casa própria e até carro e que ainda sonhavam ganhar sozinhos na loto, pra completar a festa. Ele branco, ela marronzinha. Por sinal que uma coisa que intrigou bastante Renato foi perceber como havia no condomínio uma grande mistura de casais café com leite, pretos e brancos se misturando bastante, embora o número de casais brancos ainda continuasse maioria. Mas nada é perfeito, fazer o quê!

Outra coisa que intrigou bastante Renato foi ver como até crianças frequentavam a pizzaria e o buteco, no Centro Comercial, com a maior tranquilidade, quer dizer: estavam lá os marmanjos tomando cerveja e cachaça, e algumas crianças também davam umas bicadinhas na cerveja dos pais. Esses pais davam cerveja até pra criança de colo, e achavam bonito aquilo, riam da cara que os garotinhos faziam. Era o tipo de coisa que não acontecia na zona sul, onde a fiscalização era mais rigorosa. Pelo menos, Renato nunca viu esse tipo de coisa acontecer na zona sul.

Renato e Regina moravam no bloco 5 da primeira etapa, apartamento 807. O nome do edifício era Panorama: por coincidência, era ali do apartamento que Renato via as coisas, tinha uma visão mais abrangente não só do condomínio como do próprio mundo. Ou será que Renato estava delirando? De fato, ele costumava delirar, mas era para que as pessoas percebessem melhor as coisas, entende como? Delirar para que a coisa fosse percebida, notada. De qualquer modo, a tendência de Renato era mais para dramatizar coisas e pessoas, e para dramatizar a si mesmo. Por isso as histórias que ele inventava beiravam o dramalhão. Está certo: ele dramatizava mas, acima de tudo, procurava ver como as pessoas se comportavam, o que falavam, como agiam e reagiam. E, principalmente, como é que ele Renato se via no meio daquilo tudo, o que estava fazendo ali, afinal.

Renato e Regina não tinham filhos, não queriam. 15 anos de casados. Primeiro moraram na Rua Sá Ferreira, época em que Regina

dava aulas em Juiz de Fora e passava apenas os fins de semana com Renato, que trabalhava no O Jornal, falecido de velhice em 1974. Aí depois eles mudaram para o Leme, bairro que os moradores chamavam de República Livre e onde dava muito turista e onde varias hotéis acolhiam a estrangeirada que vinha deixar seus dólares no país. Depois do Leme vieram para Camarim, fim da Barra e começo de Jacarepaguá, conforme já tive oportunidade de dizer. Moravam no Camarim havia cinco anos. Dali do Camarim só saíam mesmo pra Sernambetiba, comentava Regina. Ao que Neuza retrucou rindo: ah, mas que fantasia! Neuza morava na Praça Seca, também era professora e colega de Regina: o trio se completava com a presença de Bárbara, também professora e com apelido de Peninha, posto por Neuza. As três discutiam não apenas os problemas do magistério, mas esses problemas todos do mundo, tanto assim que Renato podia participar da conversa e falar até de coisas como jornalismo e literatura. Conversava-se sobre tudo, inclusive economia e política.

A região onde Renato morava no momento estava incluída na chamada Baixada de Jacarepaguá. Era bonita a baixada, não se podia negar: cheia de montanhas ao fundo (cadeia de montanhas, como costumavam dizer), junto com aquela planície toda. Do condomínio Renato podia ver três montanhas menores que, conjugadas, formavam uma águia de braços abertos - era como se a águia estivesse vigiando o condomínio, vigiando aquela região ali do Camarim, também conhecida como Riocentro. (Vigiando ou preparando o bote?)

O condomínio tinha duas etapas, cada uma com oito blocos de edifícios, bem distribuídos no terreno, que era espaçoso, principalmente se considerarmos que se tratava de construções tipo do falecido BNH (ou coisa que o valha) para classe remediada. Cada edifício com 13 andares e cada andar com oito apartamentos. Cada apartamento com a média de cinco pessoas. Havia apartamentos com um, dois ou três quartos, todos dentro de um mesmo estilo, de um mesmo padrão, de um mesmo acabamento, quer dizer, tudo modesto, ficando a desejar. Não chegava a ser apartamento pequeno feito quitinete, mas era acanhado, apesar de razoável para o nível das pessoas que viviam ali. Ou seja: as pessoas ali só tinham dinheiro

para viver em apartamentos desse tipo, com pagamento facilitado, prestações baixas. E olha que estava bem, muito melhor que apartamento conjugado na zona sul, por exemplo. Mas mesmo com essa pobreza toda, Serjão, um dos donos da pizzaria, não sabia como é que a turma ainda bebia tanto chope se não pagava direito nem a prestação nem o condomínio. Quer dizer: a turma (não todos evidentemente) bebia o dinheiro todo e ficava endividada, esperando pra ver o que a Caixa Econômica ia fazer com eles, se ia despejar ou entrar em novo acordo. Os caras se arriscavam, junto com a família toda. Pra falar a verdade, só do bloco 5, onde Renato e Regina moravam, já se mudaram muitos: naturalmente, nenhum deles diz que foi despejado, ninguém diz, nem Renato diria, se acontecesse com ele, ninguém quer dar vexame, lógico! Se o cara saiu dali, sempre dá a impressão de que saiu desta pra melhor.

A sala de cada apartamento era a parte maior. E o banheiro era a parte menor, só uma pessoa se movimentava ali, com duas o negócio já complicava. No começo as pessoas até estranharam o tamanho do banheiro (pia, privada e box com ducha), mas todo mundo se ajeitava, já que se vivia desse nodo mesmo, ajeitando-se. Quanto ao quarto de dormir, dava pra colocar uma cama de casal ou duas de solteiro, e até mesmo beliche, dependendo do número de filhos e parentes do casal. O apartamento de Bete, por exemplo, é assim: ela, a irmã casada com duas filhas e o marido, mais a mãe e uma tia. No apartamento de dona Rita era ela, o marido, uma filha pequena e quatro adolescentes. Como se vê, fica bem apertado. Diziam: onde cabem três, cabem seis. Pois é!

A cozinha, também pequena, dava para acomodar pia, fogão, tanque, máquina de lavar roupa, secador e geladeira, devidamente espremidos cada um no seu canto. Mas ainda sobrava espaço pra se caminhar e para ajeitar essas coisinhas úteis como lixo, flor, pequeno armário e objetos de praia, vassoura e espanador, coisas assim, pequenas mas indispensáveis.

Renato e Regina moravam num apartamento de dois quartos, sendo que um deles foi transformado em escritório, com a estante de livros ocupando todo o quarto, mais a mesa de escrever, com seis gavetas, embutida na estante. Na sala, mesa redonda com

quatro cadeiras de vime e uma pequena estante que, além de livros da escola de Regina enfeites, acomodavam também televisão, CDs e fitas. Perto da janela, o som em cima de um pequeno móvel rústico preto, com dois alto-falantes. Perto do corredor, uma estante menor, também rústica preta. E o sofá-cama. Tudo bem proporcional e bem dividido ali na sala, pois Renato e Regina eram pessoas organizadas, limpas, e não tinham filhos pra bagunçar o apartamento.

O condomínio tinha quatro entradas, duas para cada etapa. As duas entradas da primeira etapa eram feitas pela Estrada dos Bandeirantes, na altura do número 8325. (Essa Estrada dos Bandeirantes tinha número que ia além de 20 mil, bem grande, começava na Taquara e ia até o Recreio que, por sinal, tinha o nome completo de Recreio dos Bandeirantes, quer dizer, era tudo Bandeirantes.) E as duas estradas da segunda etapa eram feitas pela Estrada do Rio Caçambê, na altura do número 510. Chamavam o condomínio de espigão porque eram os únicos prédios altos por ali - o outro condomínio vizinho, com quatro andares cada bloco, era chamado de espiguinho.

No caso do telefone, o condomínio esperava que a Companhia arrumasse telefones particulares pra turma. Enquanto se esperava, a Companhia instalou cinco orelhões distribuídos pelo condomínio e que constantemente davam defeitos - pra não dizer que os moradores também não cuidavam devidamente dos coitados dos orelhões, até explodiram uma bomba num deles, morte súbita. Mas já era alguma coisa, não se podia negar.

Sem qualquer discriminação de minha parte, devo dizer que esses orelhões eram usados principalmente por 90% das mulheres, mesmo considerando-se feriados, sábados e domingos, quando os homens, pelo menos em tese, poderiam competir com elas porque tinham o dia inteiro livre. Pelo que via, Renato só poderia concluir que as mulheres ali eram taradas não apenas com homens nas também com telefone. (Só ali ou em toda parte?) Ou tudo não passara de mera impressão de Renato? Não, não passaria. Renato fez uma pesquisa de campo antes de concluir: as mulheres realmente gostavam mais de telefone e não eram de se preocupar com os que

ficavam esperando na fila: todo aquele papo sobre namorados, filhos, empregadas, doenças.

Sou eu a Isaura. Me chama o Tarcísio, quero falar com ele. Mas não pode como? Fala que sou eu. Sou namorada dele. Saiu pra rua? Mas a senhora não sabe por que ele não veio ontem aqui em casa? Fiquei esperando. Senhora diz então que eu espero ele hoje: não veio ontem, vem hoje. Renato ouviu o nome dela e do namorado porque estava perto, era o terceiro da fila. Isaura fazia tudo pro namorado atender o telefone, mas Tarcísio não queria nada, mandou a mãe dar uma desculpa qualquer, dizer que ele não podia aparecer por isso mais aquilo. E a coitada da Isaura insistindo. Isaurona: bons peitos, boas coxas, carne fresca, morena, alta, dadivosa. Cada um faz o que pode, né?

Os principais vizinhos do condomínio eram o Riocentro e o terreno de Rock in Rio, que os locutores de TV e rádio chamavam de Ró-quin-Rio, acentuando bem as sílabas, e onde aconteciam shows internacionais de rock, quando havia dinheiro pra isso. Vizinhos um pouquinho mais distantes eram o Barrashoping, Casashoping e Carrefour, uns 20 minutos de carro. Cinemas e teatros no Barrashoping e no Casashoping. (Mais tarde o Barrashoping cresceria, aumentando o número de cinemas, e nasceria também o Via Parque Shopping e outros menos dotados, embora sem nunca perder a pose.) E mais perto estava o Autódromo, onde todo ano se realizava a primeira corrida (abertura) da Fórmula 1, que mais tarde se mudou para São Paulo. Na época, Renato se interessava principalmente por Ayrton Sena e Nelson Piquet, não só por serem brasileiros mas porque eram realmente muito bons, torcia por eles. Mas entre Piquet e Sena, ficava com Sena. Até a morte. Mas Renato só via as corridas pela televisão, e assim mesmo aos pedaços. Pra falar a verdade, até futebol ele só via na televisão, havia muito que não enfrentava mais o Maracanã nem campo nenhum. Idade, temperamento, saco, certo desinteresse, violências: muitos podem ser os motivos. Afinal, Renato vivia e sentia o mundo todo a partir de seus 50 anos de idade, não havia outro modo.

- Pois é isso. A gente fica encurralado aqui nesse fim de mundo!



Não era bem assim, pensava Renato. Não havia tantos ônibus (proporcionalmente) quanto na zona sul, é certo, mas já dava pra se movimentar, embora ainda pudesse melhorar muito, é lógico! O chato era ficar esperando ônibus durante 30 ou 60 minutos, por exemplo, quando não acontecia pior. O frescão (quase nunca com ar condicionado!) demorava bastante e estava sempre cheio, e carregava passageiros em pé: saía da Taquara e ia até o Castelo, no Terminal Menezes Cortes, pela zona sul. É muito útil, apesar de tudo, pois do centro Renato pode tomar apenas um ônibus, que o deixa na entrada do condomínio, uma hora de viagem mais ou menos. De carro ele também leva uma hora, quando há muito movimento. Quando há menos movimento, o carro leva uns 40 minutos pra chegar em casa. Não não, Renato não se considera grande motorista, apenas faz o carro funcionar como qualquer idiota faz, anda na base de 80 a 100 km, quando é possível desenvolver isso. Se fosse doido e mais novo, certamente chegaria em casa em 30 minutos - mas ele não era imbecil a esse ponto, não queria morrer e tinha medo, e já sofrera um desastre.

- Mal com ele, pior sem ele.

- Pode ser engraçado mas é isso mesmo. Como é que se pode trabalhar sem ônibus? E quando há greve de ônibus então, aí é que a gente sente mais o drama.

Pior do que o frescão só mesmo o 706, um ônibus circular que vai do Alvorada a Curicica: o máximo de ônibus que colocam nessa linha são três - quando quebra um, já viu o que acontece, não?

- Qualquer dia ainda vão acabar quebrando esses ônibus.

Pelo menos, a linha já fora várias vezes ameaçada. É que o 706 deixava realmente qualquer um irritado: a turma lá esperando, estalando a língua de impaciência e suspirando alto pra mostrar a irritação. O ônibus chegava no Alvorada e de lá se podia tomar um ônibus pro centro: Renato costumava pegar o 175 ou o 179. De vez em quando também pegava o 269, que passava ali mesmo na Estrada dos Bandeirantes e que ia até o Menezes Cortes através da zona norte. Mas o pessoal podia pegar também outros ônibus que passavam na Estrada dos Bandeirantes, em frente ao condomínio: ônibus que iam para Cascadura (757, 747) ou pro Recreio (748, 749). A verdade

é que a situação não estava tão complicada, mas a turma reclamava assim mesmo. Tem que reclamar, né? Afinal, sabe-se lá o que é depender de ônibus pra ir e voltar do trabalho todo dia? Não é apenas ginástica, é um tremendo exercício de paciência e resignação, ou simplesmente uma loucura, uma fatalidade. Massacrante! diz o crioulo. (Dizem que tem gente que gosta!) E a maioria esmagadora vive desse modo, pingentes a vida toda. E parece que o povão tem mais paciência do que se pensa, pois raramente sai quebrando tudo por aí. Porque, diante de uma situação dessas em que nos encontramos, toda semana era pra ter um quebra geral. Mas não. A turma até que se comporta, acredita que será recompensada no céu, porra! Trabalho serve mesmo é de ópio, cacete!

No Leme, de onde viera, Renato morou num prédio construído havia 40 anos. Ali no bairro não tinha maiores problemas de condução e também não tinha no prédio esse problema de superlotação de crianças e adolescentes, esses animais fisicamente admiráveis mas mentalmente deploráveis, pelo menos na visão de um coroa frustrado de 50 anos, como era o caso de Renato, 1,75m de altura, 72kg, curso superior, óculos pra presbiopia, careca e corcunda. O prédio no Leme só tinha apartamentos conjugados, por isso havia poucas crianças nesse prédio. Burgueses com filhos não moram em apartamento conjugado, que é mínimo até pra casal sem filho. Não é ruim não, observava Regina, aquilo lá deixa qualquer uma histérica. E Regina realmente ficava histérica morando naquilo, Renato não tanto: antes de morar ali, Renato já era neurótico. Regina pergunta pra Dorothy, irmã dela: o que o Renato quer dizer me chamando de histérica? E Dorothy, sempre muito direta, fuzila: quer dizer que você estava histérica, uai! Dorothy também nascera no sul de Minas, mas morava em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, professora universitária.

Ao sair do Leme para Camorim, a situação mudou completamente. Se no prédio do Leme havia poucas crianças e adolescentes, no bloco 5 do condomínio em Camorim havia muitas crianças e muitos adolescentes, o que incomodava coroas como Renato, que tanto prezava o silêncio, a limpeza e a organização. Eram crianças e

adolescentes de todas as idades, que costumavam ficar coçando o saquinho ou a pererequinha o dia inteiro - crianças brincando, adolescentes papeando ou dando gritos estridentes, como se estivessem possessos ou no cio. Criança não fazer nada, tudo bem. Mas os adolescentes não tinham qualquer ocupação: não eram ricos, obviamente, mas mesmo assim se comportavam como filhinhos de papai e mamãe.

No começo a criançada como que estranhou o prédio: teriam todas elas vindo do mato? Se não vieram, por que estranhar? Ficavam o tempo todo "passeando" de elevador, ou aglomerados na portaria do prédio, excitados pela novidade. Com o tempo foram se acostumando com aqueles progressos da ciência, tipo elevador e porteiro eletrônico, e deixando cada bloco em paz. Se bem que procediam sempre como crianças e adolescentes não muito educados, em que pesem as exceções. De modo geral procediam desse jeito mesmo como crianças e adolescentes procedem, inquietos, barulhentos, mal vestidos, donos da festa, senhores do mundo. Segundo Renato, procediam como quaisquer crianças e adolescentes: aparentemente mais sujos e avacalhados que os garotos ricos, mas isso apenas porque os ricos podiam fazer as sujeiras deles que tinham dinheiro e pagavam alguém pra limpar rapidinho, sendo que os pobres, além de sujos, tinham que suportar as próprias sujeiras. Se bem que a impressão de Renato é que brasileiro gosta mesmo é de viver no chiqueiro, basta olhar as cidades, e isso atinge todas as classes indistintamente, todas as idades. Não temos tradição de civilidade, pensava Renato. Pra ficar só na cidade, claro!

O Centro Comercial, logo na entrada do condomínio, pela Entrada dos Bandeirantes, tinha dois andares, forma retangular. E ostentava em letras seu nome completo: Centro Comercial Riocentro. Servia para socorrer o pessoal em certas oportunidades, porque a verdade é que muitas vezes não se encontrava nada pra comprar, faltava tudo, pelo menos no começo. Bem. A padaria pelo menos era ponto obrigatório e costumava ter principalmente pão e leite. E na pizzaria sempre se encontrava pizza (lógico!) e chope. E no buteco sempre se encontrava bebidas, lógico! Já no minimercado, no

aviário, na vendinha, a coisa se complicava. Sendo assim, o jeito era recorrer ao Carrefour ou ao Free Way, que ficavam na Avenida das Américas. O Free Way tinha Ônibus especial da empresa, que levava e trazia a turma às terças e sextas feiras, saindo pontualmente do condomínio às 9 da manhã e voltando às 11. Realmente, a pontualidade do ônibus era incrível, parecia coisa de inglês. E todo mundo chegava na hora, senão perdia o ônibus. Renato e Regina preferiam ir de carro no Carrefour, era mais espaçoso, e bonito também, grande estacionamento.

Seja como for, ali no Centro Comercial do condomínio havia algumas lojas com que se podia contar, conforme eu disse linhas atrás. A Parada Obrigatória, por exemplo, era a padaria, onde a turma se abastecia principalmente de pão com bromato e leite com coliformes fecais, todo dia aquela fila pra comprar. Padaria arrumadinha, não era das piores. Com os donos antigos era ruim e suja, com os novos donos melhorou bastante. Logo depois tinha o buteco, que também melhorou muito com os novos donos. Além das bebidas e salgadinhos, servia almoço. Cerveja só pra viagem. No balcão ou nas mesas, só chope. Tudo caro e sempre subindo de preço, já que se vivia no Brasil da sacanagem, numa democracia de merda, para usar a expressão de Renato quando ficava com raiva e estava falando sobre política e sobre políticos. Uma raça de safados, dizia ele.

No minimercado vendia-se pouco porque as mercadorias também eram poucas, e mais caras, era mais negócio comprar mesmo no Carrefour. Pouca oferta, pouca procura. A loja de aves e ovos, chamada Aviário, vendia razoavelmente ovos mais caros e galinhas vivas ou esquartejadas na hora. Com o tempo o Aviário fechou, o dono vendeu o apartamento dele e caiu fora. Na peixaria, só peixe e muito mosquito. Na Drogaria Sorata quase sempre se conseguia o que se precisava, a não ser que o produto estivesse em falta em toda a cidade. Na papelaria tinha quase tudo o que se encontra numa papelaria modesta, aquelas bugigangas todas, inclusive fichas de telefone e bolas de pingue-pongue. Brunos, o depósito de bebidas, vendia toda espécie de álcool, e também refrigerantes, tudo só pra viagem: negocinho bem organizado por dois sócios

educados, mais dois empregados, que também entregavam a mercadoria a domicílio.

Na vendinha, especializada em frutas e legumes, não se encontrava quase nada que prestasse, e o dono ainda enfrentava a concorrência da feirinha permanente ao lado do Centro Comercial. Diziam até que o dono da vendinha foi que mandou queimar a barraca do Pelé, porque Pelé também vendia frutas e legumes e hortigranjeiros em geral. Mas ali na feirinha, ao lado do Centro Comercial, além do Pelé tinha um trailer que vendia cachorro quente e caldo de cana, pra não falar na grande barraca do casal de gordinhos que também vendia de tudo, ajudado pelas duas filhas adolescentes. E ainda havia mais duas barracas pequenas. Tinha que queimar aquele Mercado persa todo então, se fosse o caso, não? Mas o caso foi esquecido, Pelé montou outra barraca e continuou vendendo suas mercadorias, a turma do condomínio gostava dele, era gente boa, recebeu solidariedade. Tudo bem, Pelé? Ele balançava a cabeça dizendo que sim, enquanto guardava um pacote de notas no bolso da jaqueta branca.

Quanto ao açougueiro, coitado, veio a crise no abastecimento de carne e ele ficou fechado muito tempo, depois reabriu as portas - carnes mais caras do que em supermercado, lógico! Você queria o quê! Na imobiliária, fazia-se de tudo: vendia-se, comprava-se, passava-se, alugava-se. Mas um dos grandes caras ali do Centro Comercial era Serjão, cunhado do Serjinho, donos da pizzaria, bem movimentada, grudada com outro buteco cuja especialidade era pastel, bicha e muita bagunça. De bebida a pizzaria só vendia chope.

No andar de cima misturavam-se dentista, médico, academia de ginástica, lavanderia, armarinho, consertos em geral. Só a academia ocupava um espaço bem grande. Regina fazia ginástica lá, Renato fazia uma ou duas vezes por semana (quando fazia) e corria nos outros dias (quando corria), sempre de manhã. Levantava às cinco da manhã, dava a primeira cagada e mijada do dia e se preparava para a corrida. Coroa conservado.

Cemitério dos Santos. Era assim que os alunos chamavam a escola Hemetério dos Santos. É forçoso reconhecer que o nome do

fulano realmente não era comum, por isso os alunos achavam engraçado. Todo mundo já nasce ridicularizando tudo, não é assim? A outra escola, que ficava dentro do condomínio, chamava-se Finlândia. Os garotos fantasiados de camisa (ou blusa) branca e calça (ou saia) azul marinho, sapatos pretos, parecendo andorinhas, aquela agitação toda, cada um mais amarrotado que o outro.

Apesar de grandinhas, Bia e Carolina não frequentavam escola, problema lá da mãe delas, Lúcia, separada do marido, que queria levar as filhas. Lúcia era costureira, fazia alguns trabalhos pra Regina, trabalhava bem, gostava de um papo, tinha loja no segundo andar do Centro Comercial. Moravam no bloco 8, 13º andar. Bia, a filha menorzinha, só pedia as coisas de modo indireto. Ela nunca dizia: quero água. Ela dizia: estou com sede. Viu o vidro de mel na prateleira e perguntou pra Regina: é mel? Regina disse: você quer? Ela disse que sim com a cabeça. Regina colocou um pouco de mel no pratinho pra ela e pra irmã. Depois de tomar o mel, Bia disse pra Regina: mel dá uma sede! Aí Regina foi buscar água pra ela. Também quero, disse Carolina.

A banca de jornal de seu Carlos não era das melhores, mas também não era das piores. Afinal, Renato e Regina só compravam jornal na banca, revistas compravam em outro lugar porque ali demorava pra chegar. Banca dessas bem comuns, ali no pátio onde ficava o Centro Comercial, embaixo de uma árvore grande que o condomínio herdou junto com o terreno. Numa das duas entradas havia também outras três grandes árvores herdadas, para não falar na árvore que ficava em frente ao buteco. Margeando a entrada, o pequeno rio do Camarim atravessava todo o lado esquerdo do condomínio e desembocava na lagoa de Jacarepaguá. Houve um ano, acredito que em 86, que choveu demais em dezembro, o riozinho transbordou e alagou o condomínio. Mas quando chove muito, a cidade toda fica alagada, né? Lembra como é que fica a Avenida Brasil, por exemplo? Jardim Botânico? E Ipanema e Leblon, com água, vento e areia? Tudo vira lagoa. E nessas ocasiões falta luz.

Ameaçou chuva e trovoadas, falta luz até na Barra. A Light sempre se desculpa: são as árvores que caem nos fios, são os fios

que não aguentam o vento, é o vento que sopra muito forte, é a frente fria que chegou.

A quadra pra futebol de salão e vôlei até que era razoável e servia também pra outras brincadeiras inocentes como andar de bicicleta e patinar. Os professores de educação física das duas escolas do condomínio costumavam usar a quadra para dar suas aulas. Antes de começar a correr, Renato fazia ali umas ginásticas que serviam de aquecimento, depois começava a correr pela estrada, ia até o autódromo e voltava, já pensou chegar até a Avenida Alvorada e voltar? Ainda precisa treinar mais e, principalmente, com mais regularidade.

Aos sábados tinha feira dentro do condomínio: não muitas mercadorias, nem muitas nem variadas, pois o consumidor ali era pobre. A feira tinha o essencial. O trivial, conforme dizia Ângela, do 9º andar, casada com Álvaro. Renato e Regina sempre acharam que havia pouca gente comprando, pelo menos no horário que eles iam, lá pelas 10 horas, depois do café da manhã. Afinal, são 16 blocos com 13 andares cada um, mais de 6 mil consumidores morando ali. Onde é que estava esse povo todo? O dinheiro é pouco e a mercadoria cara? O custo de vida cada vez mais alto? Bem. Se havia muita gente que não pagava nem condomínio, como é que ia ter dinheiro pra comprar comida? Dinheiro pra cerveja e cachaça era sagrado, comida era secundário. Mas hoje em dia tem que se tomar menos cerveja e cachaça, o preço sobe toda hora.

No carnaval era diferente, dava-se um jeito, tudo era farra. O carnaval ali era diferente da zona sul, lá do Leme e Copacabana onde Renato morou. Zona sul era, acima de tudo, carnaval pra turista, inclusive com suas bandas (Banda de Ipanema, a mais famosa), suas bichas e piranhas, em que pese a ameaça da aids. No Camorim e no condomínio a festa tinha coisas que nunca Renato viu na zona sul. O Clóvis, por exemplo, também chamado Bate-Bola, reunia a garotada vestida de cores berrantes, cabeça também tapada com máscara tipo Ku-Klux-Kan e batendo com força uma bola no chão amarrada por barbante, correndo atrás dos outros garotos e assustando principalmente crianças de colo e outros menores de cinco anos. A turminha se divertia bastante com esse tipo de

carnaval, aquele calor desgraçado e os garotos vestidos de Clóvis. Seja como for, era um brinquedo barato, já que podia ser aproveitado em outros carnavais - igual enfeite de presépio, que se guarda de ano para ano. Todo ano a mesma coisa. Mas as grandes e pequenas festas são sempre do mesmo jeito, não é isso? No carnaval se dança, pula-se e bebe-se, no natal enche a cara de vinho e de peru, na páscoa tem indigestão de chocolate e 7 de setembro se desfila. Etc etc etc. Todo ano sempre do mesmo jeito. É desse modo que os antropoides se divertem, é isso, faz parte do jogo.

Em frente ao Centro Comercial a prefeitura às vezes instalava um palanque: vinham alguns músicos pagos pela prefeitura e tocavam músicas de carnaval pra turma do condomínio dançar no domingo, segunda e terça. Ou então promoviam bailes infantis na quadra de esporte ou ali mesmo no Centro Comunitário. Se algum quisesse agitação maior, teria que ir na Curicica, por exemplo, ou no Tanque, na Taquara, lugares assim mais próximos do condomínio. Ou então, se for o caso, enfrentar centro e zona sul ou até lugares como Barra e Recreio.

É óbvio que nesses dias de carnaval o melhor pretexto era pra encher solenemente a cara (se é que precisa de pretexto e de solenidade) e ficar batucando em tudo quanto é canto. Parece que, de repente, todo crioulo se revela compositor (crioulo, branco, amarelo, vermelho, qualquer cor). A turma ficava ali no buteco perto da padaria e agitava bastante, todos bem descontraídos. Enquanto isso, pais e mães enfeitavam seus filhotes, que passeavam pelo condomínio e pelo Centro Comercial como se estivessem desfilando na Avenida Atlântica ou mesmo, na Marquês de Sapucaí! O que importava, acima de tudo, eram os vários dias feriados que tinham pela frente. Quem não havia viajado, farreava como podia. Renato e Regina preferiam aproveitar a praia bem cedo, horário em que encontravam foliões sonolentos, amarrotados e borrados que chegavam da farra e dormiam nos ônibus.

Por sinal que praia era igual em qualquer lugar do Rio, desde o Leme até o Recreio, a bagunça era rigorosamente igual, a mesma sujeira, o mesmo comportamento. (Pra não falar nem de Flamengo nem



de Botafogo, que Renato nunca frequentou.) Havia, no entanto, algumas diferenças mínimas, às vezes significativas. Por exemplo: do Leme ao Leblon (8km) era uma cachorrada (de elite) que não acabava nunca, pelo contrário, o problema se agravava cada vez mais, era merda de cachorro no passeio e na areia, essa porra toda que madames, garotões e garotas promoviam. Já na Avenida Sernambetiba (17km), que era lugar menos habitado, quase não se via cachorro e, portanto, não se tropeçava em merda de cachorro, e isso era significativo. Aquela multidão de barracas e trailers distribuídos em toda a orla, cada um com um nome: Peteleko, Cyro's, Sol e Suor, Catavento, Macanudo, O Gordo, Kiko's Bar, Grego's, Banda da Barra. Etc etc etc. (Mais tarde os trailers seriam substituídos por quiosques padronizados.) Renato e Regina costumavam ficar ali no Chega Mais, perto do Sereia. Chegavam cedo, lá pelas 7 da manhã, e saíam lá pelo meio dia. Iam aos sábados e domingos, e feriados. O ventinho sempre tocando o corpo, cooperando pra aliviar o calor.

A Sernambetiba era uma espécie de Avenida Atlântica menos arrumada. Mais tarde, com a urbanização, ficou praticamente igual, mas sem prédio grudado um no outro, mantendo certa distância. Mas, do jeito que estava, já era agradável, apesar da sujeira que os banhistas faziam. Em tempo de calor, a praia ficava tão ou mais lotada do que na Atlântica, aquela invasão de carros que estacionavam onde pudessem ou não pudessem, o negócio era encostar o carro onde desse e cair na praia.

No capítulo que se refere às mulheres (e me refiro às mulheres do condomínio onde Renato e Regina moram), as casadas principalmente ficavam todo dia conversando à toa na entrada do prédio, sentadas nos quatro bancos de madeira que o síndico mandou colocar. Falavam sobre filhos, sobre o marido e sobre outras fofocas caseiras do condomínio, não saíam disso. Mas sobre o que mais essas coitadas poderiam falar? (Coitada aqui é sinônimo de pobre de espírito.) Na verdade, a escolaridade da maioria era mínima, pra não falar em exceções. Havia até professores no prédio, mas professor também chega a ser de uma ignorância franciscana: ignorantes e mal pagos. Não todas, evidentemente,

pois Renato achava que sua mulher Regina não era ignorante, embora ele Renato se considerasse mais estudioso. Sabia mais coisas de livros, conforme Regina gostava de dizer ao referir-se ao marido.

Ela dizia: primeiro me apaixonei pelo que você me dizia, depois então me apaixonei por você. E estamos aí, resistindo até hoje, ela acrescentava suspirando. De qualquer modo, Renato não era de falar em exceções, porque as exceções, afinal, não fazem a regra, como se sabe.

Em cada prédio (cada bloco) as mulheres desciam de seus apartamentos, que eram pequenos, para conversar na área de lazer. Dentro daquela vidinha tradicionalíssima, o marido saía pra trabalhar (quando não estava desempregado) e as mulheres cuidavam do apartamento e dos filhos, não se esquecendo de levar em conta as mulheres que também trabalhavam fora e que ainda tinham de fazer uma tremenda ginástica pra cuidar do apartamento, do marido e dos filhos. Porque os maridos, apesar de terem melhorado nesses últimos anos, ainda ajudavam pouco em casa, deixavam quase tudo por conta da mulher e, pior ainda, achavam isso naturalíssimo. Quando ajudavam, achavam que estavam fazendo um grande favor à mulher e não uma obrigação normal, como trabalhar fora, por exemplo.

As mulheres (pra não falar agora nos homens) certamente ficavam ressentidas com a falta de lugares pra divertir, não tinha nada ali por perto, só o buteco e a pizzaria, se é que se podia chamar aquilo de divertimento. O que Rita queria, por exemplo, não era apenas bar, mas um cineminha ali por perto, um clube com piscina e baile, e se tipo de coisa. Os homens até que se divertiam no buteco ou jogando uma peladinha na quadra ou em campo maior, de grama. Mas as mulheres reclamavam do que fazer no domingo: um motivo a mais pra ficar conversando sem parar. Pra ir no Barrashoping, por exemplo, tinha que gastar mais do que se podia, e tinha que ficar plantada no ponto esperando ônibus pra ir e voltar: se nos dias comuns o ônibus demorava, já pensou sábado e domingo?

Mas a maioria não era muito nem de cinema nem de teatro, passavam muito bem sem isso, assim como passavam muito bem sem

livros, e apenas uma turminha comprava jornais. O jeito mesmo era praia no verão (e o verão no Rio, diga-se de passagem, dura quase o ano todo). Pra não falar nas novelas na televisão, que ninguém perdia. Largavam a criançada e a adolescentada ali na praia do Recreio, que era pra onde ia o condomínio quase todo, a julgar pelo que Renato e Regina ouviam da turma, e a julgar pelo ônibus que pegavam: a turma pegava o 749 lotadíssimo e se mandava pra praia, Renato nem queria saber como é que a porra do ônibus não virava nas curvas de tão cheio, aquela macacada toda com o pescoço e o braço pra fora da janela e batendo samba ou uma merda qualquer na lataria do ônibus. "Se essa porra não virar/ olê olê olá/ eu chego lá." Outros, em menor número, pegavam o 706 e iam até o Alvorada, de lá iam a pé até Sernambetiba. Uma farra.

Aliás, não sei se o que importava realmente era a praia ou a farra que se fazia pra ir e voltar - ou as duas coisas importavam do mesmo modo. Afinal, deve-se lembrar que a maioria dos moradores não tinha carro - não tinha quase nada, por sinal. Mesmo assim, viviam rindo os bem-aventurados. Talvez fosse mais saudável viver desse jeito, fodido e rindo, sei lá. Não sei se o pessoal da miséria absoluta também ri desse modo. Ou talvez seja eu, que presto mais atenção nos miseráveis que riem e não vejo direito os miseráveis que não conseguem nem rir.

- Tu não é muito amigo do povão não, né?

- Não quero é a desgraça de ninguém, entende? Mas não sinto afinidade nenhuma com muitos caras. Pessoalmente nada tenho a ver com eles, pois estou num mundo e eles em outro. E se há coisa que prezo bastante, eu que sempre fui pequeno burguês, é um mínimo de civilidade e educação, e muita higiene, sou muito sensível a esse tipo de coisa. E acontece que não vejo nada disso nessa tropa toda, nesse povo que os esquerdistas endeusam tanto. É um problema de diferença de sensibilidade, sabe como? A maioria desses caras é de uma grossura elefantina. E não estou falando em culpa e muito menos em inferioridade, mas em circunstâncias. Fico perto deles pra saber com que tipo de mundo estou lidando e também porque nem todos são assim. Têm caras aqui mesmo no condomínio, como a Isabel e o Benigno, por exemplo que moram no bloco 6, gente boa, sem

frescura, os dois mineiros, pode-se bater um bom papo com eles. Têm outros bons também: o Márcio, o Léo, o Álvaro e a Ângela, e a própria Bete. Quer dizer: ainda bem que nem todo mundo é grosso. E nem minha mulher nem eu somos grossos, acho que não, apesar de minha carranca. E tem também a turma do buteco, com quem a gente bate um papo encharcado de chope e cachaça.

A verdade é que a gente pode considerar o condomínio como uma espécie assim de microcosmo (e me perdoem o palavrão), os tipos de pessoas são os mais variados, as cores, os cacoetes, as crenças. A maioria era católica (praticante ou não) e havia bom número de protestantes, como a Kátia, por exemplo, que mudou pra Curicica, logo ali perto, junto com o marido dela, o Jeferson (Jefinho para os íntimos). Uma vez Kátia até ofereceu a Renato uma Bíblia, mas ele disse que já tinha duas, uma em latim e espanhol, outra em português e hebraico. Ela não insistiu. Casal simpático a Kátia e o Jeferson, com duas filhas muito bonitinhas, Monique e Letícia.

Deixa eu dizer só mais um palavrão: o condomínio era assim uma espécie de caleidoscópio, todas aquelas combinações de imagens de cores variadas. Tudo cor de preto ou remediado, evidentemente. Tinha até a maluca do 11º andar, do bloco 7 da segunda etapa: ficava berrando na janela feito uma condenada, a voz estridente. E a garotada ainda mexia com ela. Mas ela só berrava mesmo quando estava no apartamento. Com quem será que essa fulana mora? Mora sozinha? Paga prestação e condomínio certinho? A fulana é nova, seus 30 anos ou pouco mais, cabelos loiros compridos e coxas celulitosas - ela estava sempre ou de minissaia ou de biquíni, pronta para a praia, e calça comprida no inverno.

Como já tive oportunidade de observar, havia no condomínio pessoas que vieram da favela, ou seja, com menor poder aquisitivo e que por isso mesmo estavam sendo executados pela Caixa Econômica Federal por causa da inadimplência. É bom porque assim vai limpando a área, dizia Mário, o síndico. Havia no condomínio jornalistas, bancários, professores, metalúrgicos, donos de táxi, biscateiros e, obviamente, as donas de casa (de várias idades) que fofocavam bastante e que criavam seus filhos de um modo ou de outro, inclusive na base do berro e da porrada. Quanto aos homens,

preferiam fofocar ou num buteco ou num outro canto qualquer, como já foi dito, e também dentro do próprio apartamento, junto com os amigos mais chegados. A fofoca era livre e barata, ao alcance de todos, portanto.

Diante de tudo o que venho dizendo, dá pra perceber que as diferenças de educação eram acentuadas, coisa que as pessoas menos grossas sentiam e até comentavam. Estava tudo misturado: desde botocudos até gente fina. (Renato e Regina se consideravam finos.) Um cara que não está lá muito habituado a uma higiene certamente contrasta com uma pessoa limpa, roupas limpas, cheiroso (cheiro de limpeza), tudo arrumado, mesmo sem qualquer esnobação, no mesmo sentido como São Conrado contrasta com a Rocinha, ou como Renato, que se considera evoluído, contrasta com um bem aventureiro. Me refiro aqui a qualquer idade e a qualquer estilo de moda: o negócio é ser limpo, ter esse hábito e, acima de tudo, ter condições pra isso. O contraste então chocava essas pessoas que a gente poderia chamar de mais educadas e civilizadas e que tinham na cabeça mais coisas além de cabelos ou boné. (Renato era careca, mas não tinha nada contra o cabelo de ninguém, nem contra o boné, muito menos despeito, apenas gostaria também de ter cabelo, só isso. Era careca e pronto, fazer o quê? Era ser humano e pronto, fazer o quê?) De qualquer modo, também era contrastante um coroa de 50 anos, por exemplo, ter que conviver com adolescentes ou ter que suportá-los. Obviamente, os adolescentes também tinham que suportar a arrogância e prepotência dos coroas.

Mas o que mais excitava Renato era a quadradice do comportamento humano, aquela coisa tão certinha e tão bitolada, todo mundo acreditando em deuses, família, filhos, emprego, dinheiro, essa porra toda que o sistema endossava e que a carneirada aplaudia de pé (Esmagadora maioria conservadora, como diria um cientista social de direita.) Todo mundo vivendo em função de família e emprego - quando se aposentavam e os filhos cresciam, era aquele vazio. Como empregar o tempo todo à disposição? Pois o condomínio, como um microcosmo (perdão!), apenas refletia a mesma quadradice de todo o país e de todo o mundo, pobre sendo tão quadrado e sujeito à corrupção quanto rico,

só que rico dava a impressão de ser mais evoluído, mas era só impressão. Se o rico, por exemplo, pode comer todas as mulheres do mundo, isso absolutamente não quer dizer que ele seja mais evoluído, quer apenas dizer que ele tem condições de comer todas as mulheres do mundo, nada mais que isso. Assim também acontece com a mulher rica, que pode dar pra todos os homens do mundo e que nem por isso é mais evoluída. Se bem que no condomínio não havia ricos, nenhum rico seria tão excêntrico a ponto de morar num lugar daquele, só pobres, remediados, classe média como Renato e Regina, como Carlinhos, dona Lecy, a tropa toda. Seja como for, morar naquele condomínio foi o máximo que Renato e Regina conseguiram na vida. Digo até o momento porque Renato sempre sonhava ganhar na loteria e comprar um apartamento melhor, de preferência ali por perto da Sernambetiba. Se muitos já ganharam na loteria, eu também posso, né? pensava ele. Impossível não é, consolava-se. Nem sequer improvável. Era apenas uma questão de paciência.

Mas a quadradice da turma realmente deixava Renato emputecido. Apenas um pequeno exemplo: as pessoas não falavam mulher, mas es- posa, já que mulher tinha conotação de sacanagem, de piranha. Até pessoas tidas como mais arejadas perguntavam não pela mulher da gente, mas pela esposa. Porra! Esposa é o cacete! E além disso, ou talvez por isso, não costumavam apresentar a esposa deles pra ninguém. Estavam lá marido e mulher conversando com a gente e em hora nenhuma o cara apresenta a distinta dele, como se ela nada tivesse a ver com o papo. É comum esses caras que se reúnem e as mulheres ficam num canto e eles em outro, como se mulher não pudesse participar de conversa de homem e só pudesse fofocar sobre fraldas, cocô de neném e vestido, entre outros assuntos mais profundos.

Também achavam estranho um casal não ter filhos, principalmente casal mais idoso. É que viviam todos em função de marido e filhos, por isso achavam que todo mundo devia proceder desse modo, ingênuos e primárias que eram, primatas, ou apenas pobres coitados. Do mesmo modo, achavam que todo mundo devia ter uma religião, de preferência a católica. Tudo isso excitava Renato, que não se considerava melhor do que ninguém ali no

condomínio e em nenhum outro lugar, era apenas um sujeito diferente - e ser diferente não significa ser melhor. Renato era exatamente isto: diferente da carneirada, e como pessoa diferente é que olhava o mundo e olhava tudo o que se passava diante dele e dentro dele. Desse modo, não podia dizer que suas neuroses, por exemplo, eram melhores que a alienação da maioria - e embora não quisesse ser um cara alienado, ou um sujeito que apenas vegeta. Era realmente um escritor, ou tinha essa veleidade, um escritor frustrado, como tantos inéditos por aí. Tinha certeza de que escrevia melhor do que muita gente, mas não queria apenas editar por editar, como acontece com tantos, queria era ser bem editado e bem distribuído, e também bem consumido. Pelo que conhecia de literatura brasileira e mundial, achava que poderia se sair bem. Afinal, se posso ganhar na loto, por que não posso também publicar um livro? sonhava ele. Mesmo sabendo-se que seus textos não haviam, até o momento, sensibilizado nem editoras nem concursos literários?

Sendo assim, como podia Renato conversar mais demoradamente com as pessoas? Conversar sobre o que, se os conhecimentos da turma não eram lá muito grandes, se os assuntos eram reduzidos? SÓ fazendo como no buteco: a gente chega, toma cachaça e chope, e vai conversando sobre mulher, futebol, tempo, a profissão de cada um e, de vez em quando, sobre política - sobre artes em geral, absolutamente nada. Também, Renato é obrigado a reconhecer que, se ele enfrenta um buteco, não é pra falar sobre artes, ali não é o lugar mais adequado, negócio no buteco é beber, espantar mosquito e barata, e respirar mijo. Num restaurante, talvez. Mas em buteco, nunca. O jeito era ficar conversando com os livros, masturbando pensamentos e sonhos, como sempre fez.

Bom mesmo era a criançada, que não se importava com nada, apenas com eles mesmos: era só comer, dormir, ir à escola e brincar, o resto os pais que resolvam. Pra eles tudo era novidade. Como aquele casal de cachorros que costumava passear pelo condomínio: o cachorrão preto e branco, e a cadelinha marrom. Cachorro não deixava nenhum concorrente chegar perto da cadelinha. Na hora do cio, o cachorrão trepava na sua cadelinha e, como

sempre, os dois ficavam lá grudados um no outro, com aquela cara de quem não fez nada, não está nem aí. A garotada é que vibrava: ficavam apreciando a foda do casal, comentando, jogando pedras, rindo muito e correndo de um lado pro outro. Evidentemente, nenhum deles estava em condições de pensar que o cachorrão-pai-deles fazia a mesma coisa na cadelinha-mãe-deles, só que pai e mãe não ficavam grudados como o casal de cachorros nem faziam "essas coisas" em público, não era costume. Afinal, a criançada também não estava nem aí, queria era se divertir. Estavam certíssimos. Uma hora era o cachorrão, outra hora era qualquer outra coisa. Renato, por seu lado, ficava observando tudo e todos, que era a coisa que mais fazia na vida, deste modo: a vida passava, e Renato olhava descaradamente, sugando tudo com os olhos, de preferência em câmara lenta. Era um profissional.



ESTADO DE ESPÍRITO

Segundo movimento do  
Concerto Para Piano e Orquestra  
em sol maior, de Ravel

Segundo movimento do  
Concerto Para Piano e Orquestra  
em sol maior, de Ravel

Segundo movimento do  
Concerto Para Piano e Orquestra  
em sol maior, de Ravel

## RAPSÓDIA INTERROMPIDA

Mamãe sempre me achou bonito, coitada! ela não tinha autocrítica e, com a idade, seu estado se agravou. Além do mais, era mãe como qualquer outra e, pior ainda, católica, e portanto desenganada, dessas que nunca duvidou da religião, já que era monolítica de nascença. Deus sabe o que faz, rezava ela. Por isso nunca acreditou que o filho fosse ateu, ele que estudou 10 anos em seminário e que até então vivera tão perto de Deus e tão longe do Diabo. Você saiu do seminário por causa de mulher? Não não, foi por causa de filosofia, por causa das provas da existência de Deus, que não me provavam nada, aumentando assim meu sentimento de culpa. Tem raiva de padre? Deveria ter? respondia eu. Coitado do filho que, durante algum tempo, se achou realmente bonito, como num retrato aos cinco anos de idade, encostado na mãe, no passeio da casa deles em Ouro Fino, sul de Minas. Vendo então que a tese de beleza era insustentável, o filho preferiu achar que tinha charme, não essa simpatia que vem da pessoa, mas a curiosidade de compreender que era um careca inteligente, desse modo como sua namoradina japonesa, nascida em Jacutinga, lhe dizia: eu gosto das pessoas que sabem das coisas. Depois que a namoradina japonesa se tornou mulher, ela não tocou mais no assunto para não agravar a situação, embora continuasse a admirar a inteligência do marido com o mesmo empenho com que uma gueixa dança, coitada! O marido estudou muito e lia todos os assuntos, até ficou presbítero e neurótico, com períodos de depressão principalmente às segundas feiras, por isso a mulher lhe perguntava deste modo inofensivo: existe finalidade na vida? SÓ existe vida, respondia Sócrates, um amigo que também nascera em Minas, em Alfenas, irmão de Platão, autor de Mitologias, livro de 782 páginas que defendia a supremacia da mente sobre o corpo. Não confundir com Plutão, que era o nome do cachorro de Sócrates, que também tinha uma gata siamesa chamada Ática. Como se considerava pensador tropical e, portanto, amante da natureza e apreciador de garotas de fio dental na praia, além de cerveja, e abominasse filosofia de gabinete e

outras masturbações desse tipo, a mulher absorvia a inteligência do marido por osmose, paciente e obstinada como dizem ser a oriental, sem falar em tudo aquilo que ela já sabia bem antes de se encontrarem na faculdade, onde ele fazia letras e ela psicologia, embora preferisse nutricionismo, pois gostava de cozinhar e de cuidar de uma horta, como seus pais ainda faziam em Jacutinga. Gostava também de contar piadas de brasileiro tanto quanto o marido, como quando Sócrates chamava sua mulher Xantipa de veneno de cobra ou, então, cicuta de pobre. Xantipa nem ligava porque sua cabeça era oca e o corpo esquelético. O que ela gostava mesmo era de desencaminhar garotinhos e depois pôr a culpa no marido, que reagia calado, mesmo quando a polícia vinha interrogá-lo sobre sua vida conjugal. Como é que posso ter vida conjugal com isso aí? Preferia dialogar com seus alunos adolescentes, a quem estimava com carinho especial por uma questão de estética e a quem atendia em qualquer situação e hora. O belo está acima da moral, justificava-se Sócrates. Mas nenhum garotinho acusou nem ele nem a mulher, que aproveitava a impunidade para continuar perturbando o marido, coitado! O gordo Sócrates e a esquelética Xantipa. Incompatibilidade mental e física. Ah essas mulheres de hoje! suspirava ele, lembrando seus tempos de infância quando brincava de professor com sua amiguinha Alópece.

Por que no manda essa mulher embora? Ela volta, respondia o Sócrates resignado. Manda embora de novo ou então cai fora você. Pra onde? A japonesinha ria pondo a mão esquerda na boca como se quisesse esconder o riso, mas o que brilhava mesmo eram seus olhos puxados e o modo como chamava o marido de Bem, ou então de Luz, ou Ludus, o que não deixava de ser sintomático. Você agora é muito mais bonito do que quando criança, e muito mais interessante. E o espelho caçoava: mais bonito? mais inteligente? Que falta de autocrítica, minha querida!

Não gosto que você brinque comigo desse jeito. Tudo bem, nada de brigas. Nem vou contar piada de japonês porque sei que você não gosta, você só gosta de brasileiro, não é isso? Mamãe também não gostava de brigas, nem de piadas, nem de palavrões, e pedia pra eu ter cuidado com os moleques da rua, tinha medo de que me

desviassem de Deus, que para ela era a única coisa que prestava na vida, a única certeza. Sem Deus, seria uma tragédia. Minha mãe era branca como leite, nunca foi à praia, e tinha pavor de sexo, não tocava no assunto, só o marido é que tocava nela duas vezes por semana, sempre de noite, no escuro, nunca aos domingos porque eram dias sagrados. Meu pai era marrom e viveu enterrado no fórum, em seu cartório do 3º ofício, de onde saía pra fazer filhos, teve 13, sete com a primeira mulher e seis com mamãe, entre os quais filhos de mamãe estavam Rosária, José, Terezinha do Menino Jesus e Francisca de Assis. Eu saí moreno de cabelos lisos, antes de ficar todo careca, aos 31 anos. Meu pai, meus dois irmãos e meus cinco tios eram todos carecas também. Mas a japonesinha gostava de careca foi a única vez na vida que vi uma pessoa elogiar careca, por isso achei estranho, mesmo quando ela argumentava que há coisas muito mais interessantes na vida a sacana. Ela dizia mesmo que eu ficava cada vez mais bonito à medida que os anos passavam, e isso também me soava muito estranho. Ela estaria me chamando de vinho tinto, que quanto mais velho melhor, segundo garantiam os enólogos? Ou estaria se referindo à minha vida interior que, segundo ela, era riquíssima e intrigante? Por acaso, estaria ela me encarando como cobaia de estimação? Mas como compreender uma japonesinha psicóloga nascida em Minas e que nunca teve interesse de morar em São Paulo e que só gostava de chopinho com fritas? O que me conforta, dizia ela, é que você não tem preconceito, pelo menos nunca demonstrou, só precisaria cultivar algumas ilusões. Estranho uma japonesa se chamar Mônica e o pai Agostinho, nascido em Hipona, interior paulista. Mas meu pai não me pôs nome de Ludovicus e eu acabei gostando, também porque gosto do latim, e embora minha mãe preferisse São Luis Gonzaga? Ludovicus Eiras. Mônica Tagasta. Casados no civil com comunhão de bens, embora os dois só tivessem o apartamento onde moravam, mais o salário mínimo de cada um. Além de japonesa, era morena e, pra minha surpresa, tinha boa bunda e ótimos seios, além de coxas excelentes. Ela com 1,70m, eu com 1,75m. Ela com 35 anos, eu com 45. Estranha mesmo essa garota! Vai ver que foi por isso que gostei tanto dela. Sempre a chamo pelo nome porque ela gosta, e eu também gosto do

nome dela, até mesmo do sobrenome. Admirava o budismo, mas não acreditava que a vida fosse apenas sofrimento, em absoluto, nem estava interessada em eliminar o desejo, mas em fazer com que tudo funcionasse a nosso favor, sem esquecer os outros naturalmente. Nunca teve religião, e o marido era ateu. O modo correto de viver, dizia ela, e conviver, de preferência com um mínimo de civilidade, um mínimo de atritos, convivência pacífica portanto. Como acontece com a gente. Nirvana pra mim é a conquista da felicidade, entende? Dentro daquele espírita de Aristóteles, primo de Sócrates: quem pensa muda, quem não pensa adere. Aristóteles publicara apenas um livro na vida, Dr. Walter, romance sobre as utopias do mundo, enfocando principalmente filosofia, religião e política, com incursão nas artes. Romance-ensaio, como ele mesmo chamava, onde também discutia o que se passa no cérebro de cada ser humano, o que há no íntimo de cada um que nunca se transfere a outro, o comportamento de uma pessoa e dos grupos humanos, a solidão de espírito, e também certas utopias como companheirismo, fraternidade. Se tivesse um filho, poria nome nele de Gautama. Mas nós não estamos interessados em filhos, não é mesmo? Ainda mais com nome de Gautama retrucava o marido. Parece marca de refrigerante! A japonesinha ria quando desaprovava o marido, balançando a cabeça e estalando a língua várias vezes. Sócrates-Platão-Aristóteles parece a formação do meio de campo do time de futebol da Grécia! E o meio de campo, como se sabe, é a parte fundamental da jogada, pois é ele que prepara o gol para o atacante finalizar. Se bem que as afinidades entre a japonesinha e o marido eram muito mais acentuadas que as divergências, apesar dos olhos diferentes, o que não impedia alguns incautos de chamarem os dois de irmãos. Só se estiverem pensando em incesto, só pode. Mas não podia porque se gostavam muito mais do que irmãos, além de fazerem coisas que irmãos não costumam fazer como, por exemplo, um viver tão grudado no outro como siameses, ou se entregar de corpo e alma como macacos no cio. Porque o marido, apesar de introvertido, nunca deixou dúvidas de que estava apaixonado. E a mulher, que era extrovertida apesar de japonesa, falava nisso muitas vezes, ou ficava contemplativa, como se

estivesse venerando Buda, coitada! SÓ Deus merece ser venerado e adorado, esclarecia mamãe balançando a cabeça para confirmar. Deus é o único amor verdadeiro, dizia ela com as mãos postas e os olhos míopes, óculos com lentes grossas e aros pretos. Mamãe não era fanática, mas falava pausado, como se estivesse pregando, procurando convencer mais a si mesma do que aos outros. Achava que tudo na terra deve ser visto como transitório e, portanto, sem valor, já que valor verdadeiro só mesmo no céu. Sinceramente, mas acho que ela gostava tanto de Deus que nunca chegou a gostar nem mesmo do próprio marido, que morreu de câncer aos 45 anos, com extrema-unção dada pelo padre Hélito, seu amigo de infância, ambos nascidos em Cambuí. Aliás, humor era coisa que meu pai e minha mãe nunca tiveram, coitados! Cada um mais solene que o outro, convencidos de que estavam com a verdade.

Verdade com V maiúsculo, dizia mamãe levantando o dedo indicador para o teto da casa. Já a Japonesinha acreditava que amor é eterno enquanto dura, mesmo que dure apenas uma fração de segundo; dizendo desse modo porque gostava de ler poesia brasileira, e detestasse haicai, assim como detestava também comida japonesa. Conhecia todas as capitais do Brasil e nunca se interessou em conhecer o Japão, mas gostava de alguns filmes japoneses, principalmente Kurosawa, e tinha pavor de terremotos. O amor da japonesinha era estranho mesmo, mas ela e o marido se entendiam, embora também soubessem se desentender quando ficavam em silêncio, como se estivessem em coma. Silêncio ensurdecador, dizia Sócrates, que gostava de brincar com palavras, brincadeira que o título de seu livro chamava ironicamente de Monólogos, inclusive quando chamava a mãe dele de Maiêutica, que era apenas uma enfermeira conceituada, e responsável ainda por muitos partos na cidade, embora o nome dela fosse Ágora, casada com Sofronisco, escultor pouco conhecido no país mas muito respeitado em Minas, principalmente na Belo Horizonte do começo do século 20. Os dois nunca saíram de Alfenas, em Minas. Sócrates era tarado com a mãe, coitado! mas no bom sentido, e nunca foi capaz de se relacionar direito com outra mulher, sendo que Xantipa servia apenas de decoração. Um caso sem solução, diagnosticava dr. Górgias,

psicanalista especializado em Édipo e que também tivera problemas com Jocasta, sua mãe de criação, que nem por isso deixava de ser mãe como qualquer outra. Casalzinho estranho aquele! Sócrates nada tinha a ver com Xantipa. Mas os opostos se atraem. Não, no caso deles os opostos se chocavam. Por que então um se aproximou do outro, poderia me dizer? Talvez um problema elétrico qualquer, positivo e negativo, se atraindo e se repelindo, os dois precisando desses choques pra sobreviver, explicação é que não falta, ainda mais no caso de Sócrates, que confessava: só sei que nada sei a respeito de Xantipa, aliás nada sei a respeito de nada nem de ninguém, o que não me impede de tentar compreender, supondo-se que seja possível conhecer o ser humano e cada um conhecer a si mesmo. Vocês pensadores são muito complicados, dizia a japonesinha rindo, esquecem que também existe vida além do pensamento, ou aquém, tanto faz. Quer pensar na vida e no universo, tudo perfeito. Mas tem que beber um chopinho também, não? Não se trata de viver primeiro e filosofar depois, mas de filosofar sem esquecer de viver, não atrofiar nem um dado nem outro, entende? Não é a resposta que interessa, retrucava Sócrates, mas a pergunta. E que tal umas fritas? perguntava a japonesinha, que admirava também o humor de Machado de Assis, a quem chamava de querido mulato, e com quem aprendeu a suportar com paciência a cólica do próximo, já que ela era uma pessoa prática. Ainda bem que você não tem preconceito, dizia o marido, pelo menos nunca demonstrou, senão eu pensaria que estivesse xingando o escritor. Mamãe não, mamãe só lia livros religiosos e que fossem aprovados pelos padres, assim como só votava naqueles políticos que os padres indicavam. Era tão fixada em religião que às vezes até parecia retardada, coitada! Muito bem intencionada, mas com horizonte de ameba, como gostava de dizer a japonesinha quando se referia aos bem aventurados, não se esquecendo de que o inferno está cheio de boas intenções, conforme garantiam os teólogos. A japonesinha e o marido eram vistos como inteligentes porque estudavam muito e; mesmo nunca tendo ido ao Japão nem pra procurar emprego, ela conhecia tudo sobre o país também por causa das verdadeiras aulas que recebeu de seus avós que, por sinal, só

conheciam o Brasil de nome, por isso mantinham correspondência com a neta querida e tão ausente, e que só viam através de retrato e de filme. A japonesinha e o marido se interessavam por budismo e cristianismo, Japão e Brasil, oriente e ocidente, Vila-Lobos e Marlos Nobre, eu e os outros, terra e universo, entre muitos assuntos, sem falar no infinito, lá onde não há princípio nem fim, lá onde as coisas simplesmente são o que são e não são como a gente acha que devem ser. Segundo a japonesinha, existem dois fatos fundamentais: ser e deixar de ser. Quer dizer: ser e transformar-se em outro ser. Acentuando-se a insignificância do ser humano diante do universo, diante do tempo que deixa tudo superado, e sob outra forma, inclusive sob a forma de nada. Ela e o marido pensavam assim, nessa vidinha de cada um e de todos, em toda essa fugacidade, mas encarando a situação com estoicismo, já que se tratava de um estado de fato, sem regresso. Mamãe não, mamãe não pensava, os outros é que pensavam por ela, mamãe acatava tudo e, ainda por cima, agradecia. Tinha o deus dela, era devota de São José e São Francisco de Assis, e esperava que o filho fosse se encontrar com ela na eternidade, coitada! Era o último lugar para onde o filho iria, pois o filho era um homem do presente, ele e a japonesinha, que sempre acentuava esse tempo individual e coletivo, sendo que pra ela eternidade era apenas uma questão de intensidade. Que seja eterno enquanto dure, recitava ela, que considerava a poesia brasileira como a melhor do mundo e que até se achava uma poeta frustrada. Não seja por isso, consolava o marido, eu gostaria de ser um grande pensador, e sou apenas um diletante. Quer dizer: eu gostaria de contaminar pelo menos um milhão de pessoas, e mal consigo contaminar você. A japonesinha abanava a cabeça desaprovando, e os dois acabavam rindo um do outro por causa dessa crise de sinceridade. Mas geralmente não costumavam se lamentar, nem mesmo quando liam Jeremias, apenas ficavam enternecidos com a arte das carpideiras que, se não eram poetas, pelo menos se mostravam exímias fingidoras. Mamãe não, mamãe nunca leu poesia nem ficção, atividades que ela chamava de profanas, por isso merecedoras de desprezo, já que só a palavra de Deus interessava.



A palavra de Deus e a vida dos santos, sem esquecer o exemplo dos padres. Mamãe às vezes parecia protestante pregando a Bíblia, embora sem aquele fanatismo dos crentes, que chegavam até a agredir as pessoas. Se não provocassem, ficava quieta no seu canto mas, se falassem contra Deus, reagia firme, embora nunca tenha pensado em matar alguém por causa de crenças diferentes. E rezava sempre pelos pecadores, acreditava na recuperação do ser humano, já que eram todos filhos de Deus. Sua mãe tem o melhor espírito cristão que conheço, confessava padre Melito. Espírito de contradição, retrucava Sócrates, que era tão persuasivo quanto um pistoleiro que saca a arma mais rápido. É que, mesmo quando o marido estava morrendo, ela não permitiu que Anito o visitasse porque era um espírita a quem atribuíam curas miraculosas, sendo que a mulher só admitia milagre através dos padres, que eram os ministros de Deus na terra e, portanto, acima de qualquer suspeita. Melhor morrer em paz com Deus e com os padres da igreja do que depender de espírita, confessava ela fazendo o sinal da cruz e olhando para o teto da casa, como que a confirmar a aprovação de Deus, que sempre sabe o que faz, e que não erra nunca. Meu marido morreu como verdadeiro católico, enfatizava ela. Não empinava os seios porque já estavam murchos, mas levantava a cabeça e arrebitava o nariz a modo de quem é dono de verdades absolutas e, portanto, menospreza os que não tiveram a mesma sorte, se julga superior. Em absoluto, dizia a japonesinha rindo, imitando Sócrates. Não estou rindo de sua mãe não, apenas discordo do que ela pensa. Do que ela não pensa, fuzilava Sócrates. Também gosto de minha mãe, só que o comportamento dela me avariou o saco, só isso, agora não ligo mais. A verdade é que cada um tem o direito de acreditar na merda que quiser, podendo até transformar a merda em dogma. Se sou ateu, nem por isso vou odiar os crentes, também porque seria desperdiçar energia. Afinal, somos todos animais da mesma espécie, não? Filhos não de Deus nem do Diabo, mas da natureza, do universo. Sorte da japonesinha, cujos pais nunca interferiram na descrença dela, respeitaram o modo dela ser, por isso ainda hoje eram amigos, apesar de cerimoniosos, coitados! Os avós, por exemplo, insistiam em Buda, mas a japonesinha

preferia falar sobre fraternidade, que era uma linda teoria divulgada pelos franceses, só que teoria sem prática não salva ninguém, embora sensibilize os ficcionistas, que são admiráveis como criadores. E ficção serve mesmo é pra deixar a pessoa desligada feito esquizofrênico, achando que vida é sinônimo de palavra, cada um mergulhado em seu gueto. Eu mergulhada em você e você mergulhado em mim, brincava a japonesinha com os olhos brilhando e os lábios carnudos, sem batom. Você vai chegar aos 100 anos vibrando com a vida, caçoava o marido. Enquanto estiver vibrando em você, tudo bem. Mamãe não, em absoluto, mamãe

HENRYK GÓRECKI

SYMPHONY N° 3

DAWN UPSHAW, soprano

LONDON SINFONIETTA

DAVID ZINMAN, conductor

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Letícia, garota de três anos, morreu ao ser atirada pela mãe do 4º andar. Lúcia, a mãe, também se jogou pela janela e foi internada em estado grave.

Cinco rapazes da classe média alta de Brasília jogaram um líquido inflamável e atearam fogo num índio da tribo pataxó, que dormia num ponto de ônibus. Tempos depois, outros rapazes queimaram um mendigo. E outros e mais outros continuaram sendo queimados. Os rapazes disseram que só estavam brincando. E, afinal, as vítimas eram apenas mendigos.

Em Tóquio, adolescente japonês, que preferia matar rãs e gatos, resolveu também decapitar um estudante de 11 anos e mutilar seu corpo.

46 camponeses indígenas, em sua maioria mulheres e crianças, foram massacrados em Chiapas, no México, por grupos paramilitares.

Brasil, recordista mundial com 50 mil mortes por ano em desastres de automóveis: no Oriente Médio, caminhões-bomba de terroristas não fazem tantas vítimas em tão pouco tempo.

Mortas a tiros quatro pessoas que dormiam sob a marquise de uma loja, em Madureira.

Pelo menos 40 crianças com idade entre 5 e 14 anos, a maioria garotas do bairro pobre de Raval, em Barcelona, eram exploradas sexualmente, em vários casos com o conhecimento dos pais, que se beneficiavam financeiramente da situação. Por sinal que a pedofilia bastante praticada na Europa, pra não falar de outros países, mais cotados, ou menos cotados, mas todos implicados, todos civilizados.

Em Londres, câmaras instaladas em hospitais registraram cenas de torturas em crianças, praticadas pelos próprios pais, que consideravam essas cenas como meros acidentes domésticos.

No Brasil a região sudeste é a campeã em abusos sexuais contra crianças, principalmente contra garotas. Os abusos e estupros acontecem muito mais em casa do que na rua, pois em família quase nada se sabe.

93 pessoas foram mortas a golpes de foice e outras ferramentas agrícolas por fundamentalistas muçulmanos, num povoado próximo à Bugara, a 25km ao sul de Argel.

Por causa de sua guerra santa, fundamentalistas muçulmanos do Grupo Islâmico Armado dizimaram a aldeia de Suhan, ao sul de Argel, matando 64 pessoas e raptando 17 mulheres.

29 pessoas, em sua maioria crianças, foram degoladas ou queimadas vivas em ataques atribuídos a grupos islâmicos, em duas aldeias de Hatatba, no oeste da Argélia.

Terror volta a degolar na Argélia. Nova chacina na Argélia. Extremistas massacram 120 pessoas na Argélia. Radicalismo islâmico, contraterror, repressão, população armada.

Nas proximidades de Argel: terroristas muçulmanos trucidam 200 civis num subúrbio da capital, no segundo pior ataque em seis anos de carnificina. Etc etc etc.

Suicidas fundamentalistas do Hamas explodem duas bombas num mercado no centro de Jerusalém, matando 13 israelenses e deixando 157 feridos. (Mais uma carnificina em Jerusalém. Etc etc etc.)

Durante anos, médicos e enfermeiros franceses aplicavam sangue contaminado em seus pacientes, provocando aids.

Estados Unidos condenam homenagem a Che Guevara, mas não mencionam o embargo econômico contra Cuba nem o comércio com a ditadura sanguinária da China que, afinal, tem mais de 1 bilhão de consumidores, que é o que realmente interessa ao Deus Capital.

De 1935 a 1976 a Suécia esterilizou sistematicamente 60 mil homens e mulheres considerados inferiores, com a finalidade de proteger a pureza da raça nórdica, ou por motivos sociais. O que também aconteceu na Suíça e na Áustria, todos preocupados com a degradação genética. (A Albânia mantinha campos de concentração para gays e lésbicas)

De 1944 a 1994 o Departamento de Defesa dos estados Unidos patrocinou 2400 estudos que usavam civis e militares como cobaias, incluindo crianças: todos receberam tratamento radiativo experimental.

Estados Unidos: um dos maiores produtores de minas do mundo, por isso são contra o tratado que prevê a eliminação dessas minas,

que fazem 26 milhões de vítimas por ano, uma pessoa mutilada a cada 20 minutos. São 90 milhões de minas, enterradas em 64 países.

Para suportar os rigores do forno de coque, trabalhadores em siderúrgica têm que ser fortes, pretos e burros, de acordo com a anedota: fortes para aguentar o trabalho pesados, pretos porque essa não seria uma ocupação de brancos, e burros porque são incapazes de arranjar coisa melhor para fazer na vida.

Crianças se cortam nas culturas de sisal da Bahia, são intoxicadas nas carvoarias do Mato Grosso do Sul e se ferem na colheita de cana de açúcar em Pernambuco.

Favelas margeando a Linha Vermelha; mendigos que moram em frente ao aeroporto Santos Dumont; a sujeira nos arredores da rodoviária Novo Rio; o aspecto lamentável da estação Leopoldina; os engarrafamentos na Avenida Brasil; a aparência sombria do Cais do Porto. Etc etc etc.

840 milhões de pessoas passam fome no mundo, mais de 1 bilhão vive com menos de 1 dólar por dia, 1 bilhão não dispõe de água potável. E 1 bilhão que realmente é analfabeta. Segundo a ONU. E o mundo todo arrotando democracia, com a consciência tranquila, como sempre.

30 milhões de norte americanos passam fome, e mais de 25 milhões dependem de entidades de amparo para obter assistência alimentícia de emergência. Isso, no país mais rico e poderoso do mundo.

Timor Leste, onde Suharto e família dizimaram 1/3 da população, num dos maiores genocídios da história.

são 22 milhões de refugiados por causa de guerras e conflitos civis: Afeganistão, Angola, Bósnia, Burundi, Birmânia, Colômbia, Iraque, Ruanda, Sudão. (Cerca de 800 mil mortos foi o resultado do maior massacre ocorrido em Ruanda até hoje.)

No campo de concentração próximo à Pisa, carcereiros do exército americano mantiveram Ezra Pound nu, dentro de uma jaula cercada de arame farpado, exposto ao sol e à chuva, sem qualquer serviço sanitário, porque o escritor apoiou o fascismo de Mussolini, sendo por isso considerado traidor da pátria e tratado como tal.

Prostituição de garotas menores de idade. Adolescentes infratores. Máfia. Tráfico. Drogados, viciados. Dogmas, teocracias, fanatismos. Campos de concentração. Ditaduras militares de esquerda ou de direita, tudo merda. Rota 66, de Caco Barcellos. Fundamentalismos étnicos e religiosos, a violação dos direitos humanos, as ameaças ao estado de direito. Terror massacra turistas no Egito. Homens e robôs e clones. Amor e ódio (a distância entre teoria e prática, como se uma nada tivesse a ver com a outra). Liberdade e escravidão. Indivíduo e coletividade. Os eleitos e os condenados. Judeus, negros. Minorias, racismos, preconceitos. Milhões de judeus massacrados pelos nazistas. Israelenses contra palestinos, oriente versus ocidente. Irlanda do Norte, Líbano, Sudão. Movimentos nazistas ontem hoje, sempre. Nazismo, comunismo. Xenofobia. Sadismo, masoquismo. Muita fome, muita miséria.

Por exemplo: fome absoluta na Coreia do Norte. Fome e seca no nordeste brasileiro (a indústria da seca). Ilhas de prosperidade cercadas por um mar de pobreza e por um oceano de miséria, como dizia Renato Pompeu. Entre 18 e 20 milhões de menores de 15 anos trabalham na América Latina, a maioria em agricultura. A industrialização da Inglaterra, feita com a exploração das crianças. O mercado de órgãos humanos. A engenharia genética, a biotecnologia. Empresa suíça de cosméticos compra embriões humanos, considerados a melhor matéria prima para cosméticos. A maioria de pobres, a minoria de ricos, como sempre. A plutocracia. A puta que pariu. Capitalismo, sinônimo de imperialismo e concentração de renda: os donos do poder e do lucro contra o resto do mundo, tudo muito bem manipulado, e a liberdade igualdade fraternidade que se fodam, como sempre se foderam.

Globalização, por exemplo: em última análise, países mais ricos se unem para saquear o que os mais pobres tiverem de aproveitável, o resto do mercado que se foda. O sistema financeiro internacional, tido como um fantasma do capitalismo globalizado.

Globalização (financeiro-econômica): exploração pura e simples a favor dos capitais especulativos (o que interessa não é o cidadão, mas a especulação). Maior concentração de renda e,

portanto, ricos mais ricos e pobres mais pobres (pobres sendo tratados como simples peças descartáveis). Predomínio das grandes corporações e, portanto, liberdade global e total para as multinacionais. Ditadura pura e simples, portanto, e não apenas no aspecto financeiro-econômico, mas afetando tudo, toda a cultura mundial.

O mundo dividido em duas castas: um terço da humanidade viverá com todo conforto e progresso passíveis, produzirá e consumirá tudo de que necessita. Os dois terços restantes dos seres humanos serão supérfluos. Não importa se vegetarão na mais esqualida miséria e sem futuro, meros escravos da camada dominante. Para isso, os donos do mundo aboliram a soberania dos estados-nações, anularam as fronteiras e seguem apenas a meta do lucro a qualquer preço, antiético ou não. (Leo Gilson Ribeiro, em Caros Amigos, de janeiro de 98, falando sobre o livro A Armadilha da Globalização, escrito por Hans-Peter Martin e Harald Schumann.)

Milhões de miseráveis, mesmo nos Estados Unidos, mesmo no Japão, o que dirá na Índia e na África. Quênia, por exemplo: país rico com população pobre. Brasil, cobaia dos ricos e poderosos, que sugam as riquezas do país, com a cumplicidade dos nativos. O dinheiro sujo dos bancos suíços, a eficiência dos negócios (todo fim justificando qualquer meio, como sempre). Dinheiro, a Deusa Cadela - o Deus Consumo, o Deus Comércio. Os bancos suíços, Mônaco, Andorra, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, onde a "ética" é o dinheiro. A tristeza e o espanto nos olhos de um negro doente esquelético, como numa foto de Sebastião Salgado. O desespero da garota nua atacada pelo napalm e correndo de braços abertos e boca escancarada pra lugar nenhum, o rosto aterrorizado. Violência de toda espécie, para todos os gostos, em todas as épocas. Dores e tristezas e doenças de todos os tipos. câncer e aids, por exemplo: 30 milhões com aids no mundo todo. Crimes contra a natureza, despejo de mercúrio em rios e lagos, alimentos contaminados, poluição geral. Aquecimento das águas do Oceano Pacífico provocando reviravolta no clima da Terra. Estados Unidos: um dos maiores poluidores do planeta, contribuindo com 27% das emissões que afetam a camada de ozônio, por meio de combustíveis fósseis,



agravando o efeito estufa. Estupros em todas as classes sociais, inclusive nas religiões, nas filosofias, nas ciências. Torturados e torturadores, sob os mais diversos motivos. Execução sumária dos tupac-amaros no Peru. Homens, animais. Razão, instinto. O cérebro humano, esse desconhecido . Matanças na Colômbia. Assassínatos de todos os estilos, como na Chacina de Vigário Geral, como nos espancamentos de Diadema e da Cidade de Deus, como em Carandiru, Corumbiara, Candelária, Eldorado dos Carajás. Os 69 doentes mortos, por contaminação, na clínica de doenças renais do Caruaru, sem que se aponte nenhum culpado, como sempre. Para não falar de Hitler e Stalin, de Salazar Franco, nem mesmo de imperadores como Nero. Pra não falar nas duas guerras mundiais, e nas guerrilhas de hoje, e na Guernica de sempre. Burundi. Ruanda. Sérvios da Bósnia. Angola, Zaire. Para não falar de Hiroshima, nem de Vietnã. Para não falar nas matanças religiosas em toda a história, nas inquietações. Noite de São Bartolomeu, por exemplo, quando os católicos trucidaram 30 mil protestantes calvinistas. 85 milhões de pessoas também foram mortas por ditaduras comunistas no mundo todo. Escândalo dos precatórios, dos anões, das empreiteiras, de Collor, de PC Farias, etc etc etc. Todas essas medidas e pacotes econômicos, que só agravam os problemas: cruzado 1, cruzado 2, Collor 1, Collor 2, real 1, real 2. Grandes merdas, como diria o excelentíssimo Rubem Fonseca. A putaria generalizada dos políticos, com sua jogatina de interesses pessoais (no mundo todo e não apenas no Brasil). Por exemplo: a briga por aposentadorias especialíssimas e por privilégios e gordos salários para senadores, deputados, juizes, o resto da população que se foda com salário mínimo, como sempre se fodeu. Rebeldes românticos, achando que vão mudar o país na base da porrada, assim: sai uma ditadura, vem outra; sai um liberalismo, vem outro. (Sai a juventude, vem a velhice.) Esperança, a última que morre, mas que também morre. E a miséria continua. Cinismo, como sinônimo de realismo. Presente, como sinônimo de futuro. E a impunidade, essa gangrena. E a estupidez humana, imbatível. E você ainda chora?